UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA

Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais

Benilde Socreppa Schultz

São Paulo
2007

BENILDE SOCREPPA SCHULTZ

Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Área de concentração em Língua Italiana, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profª. Drª. Paola Giustina Baccin

São Paulo
2007

BENILDE SOCREPPA SCHULTZ

Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Área de concentração em Língua Italiana, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre.

Banca examinadora:

_____

Profa. Dra. Paola Giustina Baccin (orientadora)

_____

Profa. Dra. Cláudia Zavaglia

_____

Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa

São Paulo - dezembro 2007

A meu pai, Sérgio Sebastião Socreppa, que me ensinou que a maior riqueza do ser humano é o saber; à minha mãe, Helena Tambosi, exemplo de mãe e mulher, cuja coragem me serviu de exemplo. À memória de ambos, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

> L'amicizia consiste tutta in quel reciproco legame delle anime. E per questo essa è un istituto morale, il cui significato e valore sta nella realtà del disinteresse nell'uno e nell'altro, nel sentirsi sollevati sull' utilitarismo.
> (Benedetto Croce)

Ao Senhor Deus Todo Poderoso, sem o qual nada somos e a quem tudo devemos.

Ao meu marido Gil César, companheiro de toda uma vida, pelo amor e dedicação nestes 33 anos de convivência.

Aos meus filhos, Gil César Junior, Graziella e Luis Felipe, pelas alegrias dadas ao meu coração de mãe.

À minha filha do coração, Karine Marielly, por todo o estímulo e apoio que me ofereceu e por estar sempre por perto nas horas em que precisei.

Aos meus irmãos, Dimas Vinício, Parísio José, Celina (*in memoriam*), Salete, Domício Sérgio, Áurea, Lúcio Flávio, Edésio, por todas as alegrias e dificuldades que passamos juntos.

À minha orientadora, Paola Giustina Baccin, pela orientação precisa e firme, sem a qual seria impossível o desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Olga Alejandra Mordente, por ter-me recebido e acolhido no programa de pós-graduação.

À professora Maria Aparecida Barbosa, exemplo de verdadeira Mestra, de quem gostaria de ser eternamente discípula.

A professora Ieda Maria Alves, pela ajuda e sugestões durante a banca de qualificação.

À equipe do programa de Pós-graduação em Língua Italiana, pela concessão da bolsa na Itália, pelo incentivo e apoio.

Aos colegas da Unioeste, pela amizade.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos.

“Vocábulos amados... Brilham como pedras coloridas, saltam como peixes de prata, são espuma, fio, metal, orvalho... Agarro-as no vôo, quando vão zumbindo, e capturo-as, limpo-as, aparo-as, preparo-me diante do prato, sinto-as cristalinas, vibrantes, ebúrneas, vegetais, oleosas, como frutas, como algas, como ágatas, como azeitonas... E então as revolvo, agito-as, trituro-as, adorno-as, liberto-as... Tudo está na palavra... Uma idéia inteira muda porque uma palavra mudou de lugar ou porque se sentou como uma rainha dentro de uma frase que não a esperava e que lhe obedeceu... Têm sombra, transparência, peso, plumas, pêlos, têm tudo o que se lhes foi agregado de tanto vagar pelo rio, de tanto transmigrar de pátria, de tanto ser raízes... São antiqüíssimas e recentíssimas. Vivem no féretro escondido e na flor apenas desabrochada... (Pablo Neruda, *Confesso que vivi*)

RESUMO

A influência estrangeira no léxico de uma língua é um processo consueto a todas elas, sendo que essas intervenções podem ser totalmente assimiladas de forma a fazer parte integrante da língua ou não. A Língua Italiana, pela sua configuração histórico-geográfica absorveu consideravelmente influências estrangeiras, sobretudo das nações circunvizinhas. O influxo do português é documentado em dicionários de língua geral italianos e o arrolamento dessas unidades lexicais permite visualizar momentos diferentes: o período das grandes navegações, no qual estrangeirismos do português europeu foram incorporados ao léxico da Língua Italiana e estrangeirismos do português brasileiro, presentes nas obras dos viajantes naturalistas enriqueceram o léxico italiano com nomes de animais e plantas exóticos. Atualmente, a globalização permite que um sem número de neologismos de origem portuguesa circule na mídia italiana. O arrolamento e uma análise lingüística e cultural dessas unidades léxicas e neologismos constitui o objetivo principal dessa dissertação.

Palavras-chave: empréstimos, estrangeirismos, portuguesismos, brasileirismos, língua italiana, dicionários italianos.

ABSTRACT

L'influsso straniero nel lessico di una lingua è un processo che riguarda solitamente tutte, essendo che queste intervenzioni possono essere interamente assorbite in modo da integrarsi o no alla lingua. La lingua italiana per la sua configurazione storico-geografica ha assorbito considerevolmente gli influssi delle lingue straniere, soprattutto delle nazioni circondanti. L'influenza del portoghese è attestabile nei dizionari di lingua italiani e l'arruolamento di queste unità lessicali ci permette di rendere visibile momenti diversi: il periodo delle grandi navigazioni, in cui i forestierismi del portoghese europeo sono stati incorporati al lessico della lingua italiana e i forestierismi del portoghese brasiliano nelle opere dei viaggiatori hanno arricchito il lessico italiano con nomi di animali e piante esotici. Presentemente, la globalizzazione permette che un gran numero di neologismi di origine brasiliana possano essere reperiti nei mass media italiani. Elencare ed esaminare, da un punto di vista linguistico e culturale, le unità lessicali e i neologismi che appaiono nei mass-media, costituiscono i principali obiettivi di questa tesi.

Parole chiavi: prestiti, forestierismi, lusismi, brasilianismi, lingua italiana, dizionari italiani.

SUMÁRIO

RESUMO 07
ABSTRACT 08

I – INTRODUÇÃO 11

II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 16
2.1 As ciências do léxico 17
2.1.1 Lexicologia, Lexicografia e Terminografia: princípios básicos 18
2.1.2 A palavra sob uma perspectiva histórica 21
2.1.3 Níveis de atualização x tipos de obras 24
2.1.4 A palavra como unidade lexical 26
2.2 Processos de inovação lexical 27
2.2.1 Neologia e Neologismos 28
2.2.2 Neologia por empréstimo: emprestar para fortalecer 33
2.2.3 Derivados: empréstimos ou não? 40
2.2.4 Fases do empréstimos 42
2.2.5 Classificação dos empréstimos 44
2.2.6 Adaptação e integração dos empréstimos 45
2.3Unidades lexicais portuguesas: conceituação e delimitação dos portuguesismos e brasileirismos 51

III - MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA 55
3.1 Metodologia de investigação 56
3.2 Estabelecimento do *corpus*: 56
3.3 Coleta das atestações das unidades lexicais portuguesas 58
3.4 Levantamento dos dados: tabelas e fichas lexicográficas 62
3.4.1 Ficha lexicológica não preenchida 64
3.4.2 Fichas lexicológicas preenchidas 65
3.5 Procedimentos para análise dos dados recolhidos 66
3.6 Relação das siglas utilizadas no texto 70

IV - COLABORAÇÃO DO PORTUGUÊS NO LÉXICO DA LÍNGUA ITALIANA 71
4.1. Empréstimos lingüísticos: uma conseqüência natural na formação das línguas 72
4.1.1 Português e italiano: uma origem comum 73
4.1.2 Pequeno histórico da língua portuguesa 74
4.1.3 A tradição dicionarística na Itália e no Brasil 77
4.1.4 Contribuição das navegações no léxico português e italiano 90
4.1.5 Viajantes naturalistas italianos no Brasil 98
4.1.6 Contribuição da língua tupi na formação do português brasileiro 103
4.1.7 Contribuição das línguas africanas na formação do português brasileiro 107

V - ANÁLISE DOS DADOS: ASPECTOS RELEVANTES 109
5.1 Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua Italiana – tabela I 110
5.2 Organização dos brasileirismos e portuguesismos – tabela II 119
5.3 Classificação dos empréstimos em áreas semânticas 132
5.4 Adaptação dos empréstimos 137
5.4.1 Adaptação fonética 137
5.4.2 Adaptação morfológica 139
5.4.3 Adaptação gráfica 140
5.4.4 Adaptação semântica 141
5.5 Considerações sobre os brasileirismos e portuguesismos incorporados pela língua italiana 144
5.6 Neologismos circulantes na mídia italiana 148

VI CONCLUSÕES FINAIS 156

VII BIBLIOGRAFIA 160

VIII ANEXOS 167

I – INTRODUÇÃO

"Le lingue non possono esser semplici, ma conviene che sieno miste con le altre lingue". (Machiavelli) [1]

[1] "As línguas não podem ser simples, convém que sejam enriquecidas com elementos de outras línguas.". Todas as traduções ao longo desse trabalho são de nossa responsabilidade.

Machiavelli, além de eminente filósofo, escreveu um pequeno tratado de lingüística, o *Discorso intorno alla lingua*,[2] no qual faz algumas considerações a respeito da língua florentina. Depreendeu que uma língua não pode ser rígida e medíocre, mas que deve ter a flexibilidade de misturar-se com outras. Ao longo da história, todas as línguas, independentemente de razões próprias, sempre sofreram influências de outros povos, resultado do desenrolar histórico e da interação individual e social. Citando Vendryès, "l'histoire de toute langue est une succession d'accidentes, mais d'accidentes collectifs"[3] (apud. SILVA NETO, 1952:13). Cada fase histórica de uma língua acrescenta novas criações, que são os sinais do tempo presente e vivido. A influência estrangeira no léxico é um processo imanente a todas as línguas e essas intervenções podem ser totalmente assimiladas de forma a fazer parte integrante da língua. Porém muitos empréstimos, mesmo dicionarizados, permanecem desconhecidos do usuário comum por tratar-se de vocábulos de áreas de especialidade, restritos ao âmbito técnico e científico, ou mesmo porque caíram em desuso, tornaram-se arcaicos.

A Língua Italiana (LI), pela sua configuração histórico-geográfica, absorveu influências consideráveis no seu vocabulário: seja pelo contato com as nações circunvizinhas, seja pela intensa afluência de estrangeiros em seu território. Em razão disso, seu léxico é rico de empréstimos lingüísticos já integrados à língua. Dentre os países que mais deixaram sua marca no italiano podemos destacar Espanha e França, em vista da proximidade geográfica e dos fatos históricos que ligaram essas nações à Itália.

O português deixou uma pequena contribuição na LI, que se inicia com as grandes navegações, quando Portugal, como senhor dos mares, entra em contato com outras culturas e com elas mantém um florescente comércio. As relações com a Índia e povos orientais iniciam-se nos séculos XVI e XVII e inauguram um processo de empréstimos vocabulares no

---

[2] In: <http://www.filosofico.net/nicmachlinhgital7843.htm>. Acesso em 10. jan. 2005.
[3] "a história de toda língua é uma sucessão de acidentes, mas de acidentes coletivos."

português. Dentre as línguas que mais contribuíram, destacam-se o hindi, o tâmil**,** o malaiala e, sobretudo o sânscrito (Ferreira, 2002:192), não deixando de incluir o chinês e o japonês.

O descobrimento do Novo Mundo não só alargou as fronteiras, como também colaborou para a inserção de culturas alimentares até então desconhecidas na Europa quinhentista. Paralelamente ao alargamento do mundo, iniciou-se a importação de uma série de novas designações, através de neologismos semânticos, para nomear as coisas e realidades vindas da América, sobretudo as denominações da flora e da fauna (Folena, 1991:101). Ao justificar a anexação dos estrangeirismos no seu dicionário, Petrocchi (1889:VIII) comenta que "si trattava di nomi venuti di fuori con la cosa e adottati dal nostro popolo; è stato mio obbligo registrarli, dichiarando a chi appartenevano."[4]

No intercâmbio existente entre as línguas, pode-se fazer um paralelo com Baccin (2003:110), que elabora os conceitos de *parole in valigia* e *parole in commercio*, e separa em dois momentos a influência da língua italiana na língua portuguesa falada no Brasil. O primeiro momento acontece quando os imigrantes italianos, junto com seus pertences, introduziram por intermédio da língua oral, unidades lexicais que inovaram o nosso léxico, especialmente na área da gastronomia, as quais incorporaram-se de tal forma ao português que não são mais sentidas como estrangeiras. O segundo momento refere-se às unidades lexicais italianas introduzidas a partir dos anos noventa, por meio da língua escrita encontrada em embalagens, revistas, jornais italianos e na Internet.

Verifica-se, atualmente, uma situação inversa. Há muitos interesses comerciais e culturais na direção Brasil-Itália que contribuem para a difusão do português na Itália de hoje. Destacamos: a intensa procura por cidadania italiana por parte de descendentes de imigrantes, a venda de jogadores brasileiros para clubes italianos, a presença de telenovelas nacionais na televisão italiana e outros fatores que contribuem para a inclusão de neologismos do

[4] "Tratava-se de nomes vindos de fora com a coisa, e adotados pelo nosso povo; foi minha obrigação registrá-los e declarando a qual língua pertenciam."

Português Brasileiro (PB) na mídia eletrônica e nos meios de comunicação italianos. Nos últimos anos, muitas unidades lexicais foram lexicalizadas: *caipiroska, telenovellare, churrascaria, favela* etc. e outras estão em fase de difusão neológica. Observando os neologismos que circulam nos meios de comunicação italianos, notamos que são restritos a conceitos específicos, geralmente ligados ao 'ser brasileiro', à nossa cultura. Podemos constatar com Barbosa (1981:78) que o sistema lingüístico está em "permanente nascer de signos" e que "a renovação lexical não se dá de maneira caótica, mas a dinâmica do enriquecimento do léxico é suscetível de um controle, quanto à tipologia, ou quanto ao processo que permite o aparecimento de uma nova unidade em seu inventário".

Como objetivo deste trabalho, verificaremos quais as unidades lexicais da Língua Portuguesa (LP) foram incorporadas ao léxico da LI, distinguindo-as entre brasileirismos e portuguesismos. Para complementar, faremos um estudo dos neologismos que circulam atualmente nos meios de comunicação italianos. Traçamos, a seguir, a estruturação da dissertação, explanando brevemente as várias etapas percorridas para alcançar os objetivos que nos propusemos:

Fundamentação teórica – iniciamos com uma breve exposição sobre as Ciências do Léxico e da relação natural existente entre os três ramos do saber: a lexicologia, lexicografia e terminologia. Analisamos alguns pressupostos teóricos que servem de base para o estudo do léxico. A seguir, verificamos os processos de inovação lexical, compreendente os neologismos e empréstimos lingüísticos.

Métodos técnicas e procedimentos de pesquisa – explicamos a metodologia abordada neste trabalho, a pesquisa para a coleta das unidades lexicais registradas nos dicionários italianos e como organizamos a análise dos dados.

Colaboração do português no léxico da Língua Italiana – apresentamos neste capítulo um percurso histórico da evolução e interação entre as duas línguas, italiana e

portuguesa. Enriquecemos este capítulo justificando a contribuição das grandes navegações e dos viajantes naturalistas italianos na inserção de vocábulos do português na LI.

Análise dos dados: aspectos relevantes – organizamos as ocorrências das unidades lexicais portuguesas verificadas no *corpus*, a devida separação em portuguesismos e brasileirismos, após o qual nos detemos no exame dos principais processos de adaptação porque passaram os empréstimos, desde a sua atestação na LI, até a sua incorporação definitiva nos dicionários de língua. Para complementar, discorremos sobre os neologismos na imprensa italiana.

Conclusão: comentamos as conclusões a que chegamos ao finalizar este trabalho.

Bibliografia: obras que nortearam essa pesquisa.

Anexos: apresentamos as ocorrências verificadas nos dicionários do *corpus*, bem como as atestações dessas ocorrências.

II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

"Una parola è morta quando è detta, dicono alcuni. Io dico che appena comincia a vivere quel giorno[5]. (Emily Dickinson)

[5] "Uma palavra morre quando é pronunciada, dizem alguns. Eu digo que só começa a viver nesse dia."

2.1 As ciências do léxico

Diz-se, habitualmente, que o homem distingue-se dos animais pelo ato da fala. Os animais conseguem exteriorizar alguns atos por meio de sinais ou ações, tais como demonstrar cólera, medo, prazer ao latir, ganir etc., mas, são apenas atos comportamentais, influenciados pela situação em que se encontram. Não é um ato comunicativo expresso por uma linguagem onde o intelecto é acionado; é tão somente, a manifestação mecânica de uma situação circunstancial. No homem, essa manifestação se realiza através de um ato pensado e racional. Para Herder, (1995:112) foi somente quando o homem chegou à condição de refletir livremente que se criou a linguagem. Mattoso Câmara Jr. (1977:15) explica-nos que "para haver linguagem é preciso uma atividade mental tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada". Cassirer (19--:42) acrescenta que a linguagem é o instrumento através do qual o homem transmite a sua perspectiva espiritual do mundo e explicita o seu modo de ver e representá-lo. A linguagem, portanto, não é somente um instrumento que serve para troca de experiências entre os falantes, mas também o mecanismo utilizado na construção da representação do seu mundo interior e exterior. Esta representação do mundo se concretiza através da fala, que é a realização do ato individual pelo qual o indivíduo interage (Benveniste, 1994:96).

Para expressar-se, o homem utiliza-se dos elementos lingüísticos de seu grupo, o qual está inserido em uma estrutura maior, o léxico da sua língua. O léxico de uma língua natural é um conjunto ilimitado de palavras que, em algum momento, foi utilizada em um ato de fala. **Léxico**, para Alves (1994:89) "é o conjunto estruturado de todas as unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia". O léxico de uma língua é maleável, modifica-se segundo as necessidades, aumenta quando cria novas denominações, diminui quando as unidades lexicais não utilizadas são postas à parte e tornam-se arcaicas. Em uma

perspectiva comunicativa, Vilela (1995:13) o define como "o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam-se entre si".

Observando do ponto de vista sincrônico, Baccin (2003:103) considera o léxico como repositório da memória de um povo e de suas expectativas futuras: "um conjunto em grande movimento, formado pelo seu passado (herança lingüística) e projetado em função de suas necessidades futuras (neologismos)".

Por sua natureza intrínseca, o léxico de uma língua, como conjunto de todas as unidades lexicais existentes, é praticamente impossível de ser compreendido e assimilado, pois, além das unidades dicionarizadas, existem muitas outras que são usadas por grupos sociais específicos, portanto, praticamente incontáveis.

Por sua abrangência, o estudo do léxico não se limita apenas ao exame isolado de um ramo do saber, envolve conjuntamente três ciências distintas: a lexicologia a lexicografia, e a terminologia. A lexicologia estuda o léxico das línguas naturais e dela depende a lexicografia, que fundamenta as técnicas para a elaboração de dicionários e o estudo das obras lexicográficas. Estreitamente ligada às duas primeiras, a terminografia ocupa-se de uma área específica, a terminologia, que é o estudo do termo nas áreas de especialidade.

2.1.1 Lexicologia, Lexicografia e Terminografia: princípios básicos

No estudo da **Lexicologia**, examinam-se os componentes de base de uma língua através de uma análise sistemática das relações de significados das palavras e o mundo conceptual. Lexicologia é definida tradicionalmente como "o estudo científico do léxico" (Greimas, 1979:256), mas a lexicologia comporta outras especificidades. Para Adamo (1999:1), a lexicologia focaliza não só o estudo das unidades lexicais que formam o léxico de uma língua, mas inclui também a análise do significado dos lexemas e as relações de

combinações que os unem como unidades constitutivas do patrimônio lexical da língua. Acrescenta que a lexicologia pressupõe o estudo das alterações sincrônicas e diacrônicas, incluindo os mecanismos de formação e derivação de palavras novas, as variações morfológicas, sintáticas e fonológicas. Para completar, sublinha a importância de uma acepção específica da Lexicografia que é "o estudo dos princípios e métodos de elaboração das obras lexicográficas" e confirma, assim, a interdependência da Lexicologia e Lexicografia na elaboração de dicionários.

A **Lexicografia,** portanto, surge como resposta à necessidade de organizar os processos de descrição e normatização do léxico das línguas. Greimas (*op.cit.* p. 255) define Lexicografia como "um domínio da lingüística aplicada que visa à elaboração de dicionários". Como ciência, propõe-se a estabelecer as regras de compilação de uma múltipla tipologia de dicionários: de língua, terminológico, etimológico, bilíngüe ou glossários de especialidade.

A tradição lexicográfica inicia-se com a invenção da imprensa no século XVI, sendo que os primeiros dicionários eram bilíngües, latim-vernáculo. Com a valorização das línguas vernáculas e a interação entre os povos, o latim foi por elas substituído (Biderman, 2003:54). O primeiro vocabulário monolíngüe de uma língua românica é o *Vocabolario degli Accademici della Crusca* de 1612, que organizou a sua macroestrutura baseada no léxico dos expoentes da literatura italiana: Dante, Petrarca e Bocaccio e em escritores menores. Os lexicógrafos da Crusca privilegiaram nas entradas o léxico culto e literário, dando relevo, sobretudo, aos grecismos e aos latinismos, não dando muita relevância aos empréstimos.

Na nossa pesquisa não nos ocuparemos de terminografia e terminologia. Porém, muitas unidades lexicais que ocorrem no *corpus* são consideradas termos de áreas de especialidade, portanto, achamos conveniente conceituar a Terminologia.

A **Terminologia** origina-se da necessidade de se organizar de modo sistemático o conhecimento técnico-científico, até então armazenado aleatoriamente em dicionários de

línguas ou em compêndios de ciências. A definição de terminologia é de caráter polissêmico, pois comporta, segundo Cabré (1993:82), pelo menos três conceitos básicos:

> 1) conjunto de princípios e bases conceituais que regem o estudo dos termos;
> 2) conjunto de diretrizes utilizadas no trabalho metodológico;
> 3) conjunto de termos de uma área de especialidade.

A Terminologia firmou-se como ciência a partir de Wüster, que instituiu a Teoria Geral da Terminologia (TGT), na qual define os fundamentos e metodologias de trabalho. Para o engenheiro austríaco, o conceito sempre precede à expressão e deve haver univocidade entre o conceito e o termo que o designa, não cabendo ambigüidades. Cabré (1999:120) entende que a terminologia tem um sentido mais amplo e formulou a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), onde o termo é visto como uma unidade poliédrica com suas características lingüísticas, comunicativas, pragmáticas e cognitivas. Portanto, toda unidade terminológica é sujeita a uma função comunicativa e como tal apresenta processos de sinonímia e polissemia. Essa estreita ligação com a lexicologia permite à terminologia denominar os conceitos nas línguas de especialidade, estruturar o léxico de natureza técnico-científica, designar os termos técnicos.

O crescente número de termos técnicos e científicos requer uma particular atenção na sua sistematização e na elaboração da definição terminográfica, portanto, pode-se falar também em **Terminografia**, conjunto de conhecimentos teóricos, que visam à constituição de dicionários técnico-científicos. Estes abrangem o universo de termos ou vocábulos das áreas de especialidade, além de outros dicionários especializados que privilegiem o uso de expressões idiomáticas, de provérbios, de sinônimos, de antônimos etc. Os dicionários terminográficos, também denominados vocabulários de línguas de especialidade, obedecem a critérios na elaboração da macro e microestruturas que se assemelham aos de língua geral. À

diferença destes, as definições são do tipo conceitual, pois estabelecem parâmetros precisos e limitam a definição ao seu campo de referência. Para Cunha (2005:41), "quanto mais específico for um vocábulo, menor será o seu campo semântico e conseqüentemente a sua carga sêmica". Assim, pode-se perceber a maior ou menor carga sêmica de um vocábulo pela definição. Nos dicionários de língua geral a definição é sempre mais complexa e completa, pois define a palavra em nível de sistema e nos vocabulários de especialidade, mais restrita, pois se ocupa das palavras em nível de norma.

2.1.2 A palavra sob uma perspectiva histórica

A palavra é uma das unidades fundamentais para o estudo da lingüística, e vemos que, historicamente, sempre ocupou um lugar de destaque na discussão dos maiores pensadores da humanidade. A começar pelos clássicos: Platão (427-347 a.C) na sua obra *Crátilo,* mostra o ponto de vista dos seus personagens que argumentam sobre a necessidade de definir os requisitos que o nome de uma determinada coisa deve ter. Para o personagem Crátilo, que fundamenta a teoria naturalista, as palavras possuem um sentido certo e imutável. Hermógenes contrapõe dizendo que o nome é a característica essencial da coisa e é criado segundo convenções estabelecidas pelo homem. O personagem Sócrates, porta voz das idéias de Platão, argumenta que o discurso é de natureza falsa e verdadeira ao mesmo tempo: saber o nome das coisas não significa ter acesso à verdade, mas um instrumento que possibilita a percepção do conhecimento e um recurso no aperfeiçoamento do intelecto.

Na Bíblia, o nascimento da palavra acontece no livro Gênesis (cap.2, 20), quando o Criador incumbe ao homem nomear as coisas da terra, as aves e animais. Mais adiante, no mito de Babel (cap.11,5-9), que até hoje atrai a imaginação das pessoas, a palavra se torna

estranha e incompreensível para o povo de Deus, dando origem a novas línguas (e novas palavras).

Na Alta Idade Média, Santo Agostinho no *De doctrina christiana,* analisa o que são signos e palavras, pois segundo este doutor da Igreja, "Signum est enim res, praeter speciem quam ingerit sensibus, aliud aliquid ex se faciens in cogitationen venire".[6]

O século XIX viu o nascer da lingüística histórica, baseada, sobretudo na comparação entre as línguas. Valendo-se do exame da estrutura interna da palavra os comparatistas isolavam os elementos formativos, comparando-os em diferentes línguas, com o intuito de estabelecer a relação genética entre as línguas, em uma espécie de etimologia aplicada (Basílio, 2004:71). A palavra é sempre o instrumento principal de análise.

No início do século XX, Saussure (1995:22) introduz uma nova maneira de pensar a palavra. Propõe a distinção entre *langue* e *parole*, onde a primeira é vista como uma entidade social, um depósito codificado de signos lingüísticos (aspecto formal e social). A segunda é de valor subjetivo em que a palavra é manifestação pessoal do falante (aspecto concreto e individual). Ao dissociar a palavra da língua, imprime-se a ela um caráter lingüístico, estabelecendo a possibilidade de estudá-la isoladamente, em todos os seus elementos estruturais, e um caráter comunicativo, passível de ser analisado em todas as suas funções no plano do discurso.

Nos meados do século passado, Coseriu (1980:122-125) amplia a concepção dicotômica proposta por Saussure e concebe na língua três níveis de análise: **sistema** (fatos virtuais), **norma** (fatos lingüísticos) e **fala** (fatos individuais). Para o autor, o sistema é uma entidade abstrata e ilimitada que contém "todas as possibilidades da língua", inclusive aquelas ainda não concretizadas, mas que, virtualmente, de acordo com as "oposições distintivas" e

---

[6]" Um signo é algo que, além e acima da impressão que causa nos sentidos, traz à mente alguma outra coisa como conseqüência." In:
< http://www.sant-agostino.it/latino/dottrina_cristiana/dottrina_cristiana_2_libro.htm>

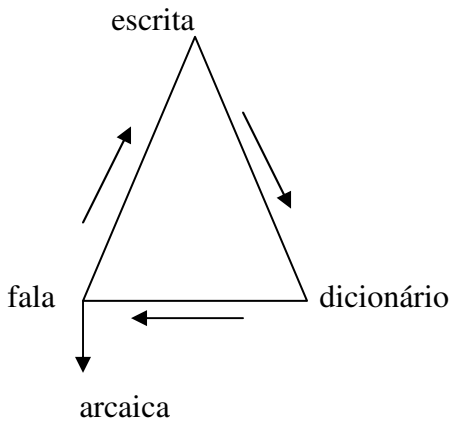
“regras de combinação do sistema” seriam realizáveis. O sistema é sob esse aspecto um complexo de liberdades amplo e irrestrito, já que permite realizações infinitas na língua ou, como precisa o lingüista romeno, de “tudo o que na língua é possível”.

Enquanto o sistema contém todos os elementos essenciais e indispensáveis que formam as oposições funcionais, a norma é a realização coletiva e socialmente estabelecida do sistema, contendo tudo o que é “tradicional, comum e constante, ainda que não necessariamente funcional”. Como representa a condição de descrição da língua (e não nos referimos à gramática), a norma é essencialmente reguladora, pois abrange a soma dos elementos funcionais e as constantes de realizações de uma língua aceitas pela comunidade lingüística. As estruturas da norma são fixadas pela comunidade lingüística, considerando os usos que o falante faz da língua, e “abrange fatos lingüísticos efetivamente realizados”, encerrando em si o que existe ou já existiu na língua em um determinado momento, como entidade histórica. Representa o primeiro nível de abstração.

Coseriu concebe a fala como a realização efetiva e concreta do sistema, pois o falante no ato da fala realiza inconscientemente as funções do sistema, as constantes da norma (tendo ou não conhecimento delas) e engloba-os nos elementos circunstanciais do seu falar. A fala é assim fator determinante, pois é somente por e através dela que é possível a sua realização no sistema.

A tripartição do lingüista romeno consente uma ampla percepção dos diferentes níveis de abordagem lexicográfica e terminológica, permitindo uma visão clara e melhor compreensão do tratamento e processamento das unidades lexicais, dos vocabulários e das terminologias de linguagens de especialidade. Os sistemas lingüísticos enquanto sistemas são organizados sobre a oposição dos elementos e enquanto sistema só pode ser transmitido através do falar concreto. A unidade dicionarizada, considerando o modelo coseriano,

percorre um caminho: da fase de instalação, onde é aceita pela comunidade, passa pela normatização da escrita e se instala no sistema, dicionarizada:

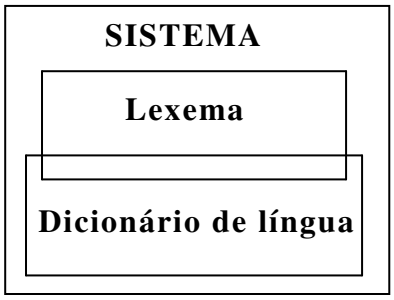


Uma vez dicionarizada continua a fazer parte do vocabulário do falante, ou cai no esquecimento, tornando-se arcaica. No *corpus* estudado encontramos a unidade lexical *cocco,* usual entre os falantes italianos, e *caravellone* considerada arcaica. Ambas entraram para a LI no período das grandes navegações, mas apenas a primeira se integrou definitivamente no vocabulário do falante enquanto a segunda, apesar de lematizada, está em desuso.

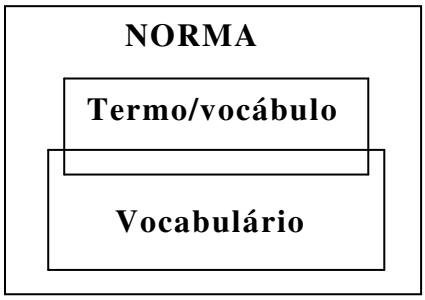
2.1.3 Níveis de atualização x tipos de obra

A unidade lingüística padrão do sistema é o **lexema,** o qual como já afirmamos, acumula a trajetória lingüística, cultural e histórica de uma comunidade. O **sistema** comporta o universo dos lexemas (virtuais e realizados) que em um dado momento são efetivados no sistema lingüístico pelos **dicionários**. Estes contêm "os conjuntos de unidades lexicais de uma língua, em todas as suas acepções e contextos" (Barbosa, 1995:24).

Partindo das observações das lingüistas podemos sistematizá-los da seguinte maneira:



Em nível de **norma** situam-se os vocabulários técnico-científicos e especializados, os quais abrangem universos de discursos específicos. A unidade lingüística padrão é o **termo** (Cabré) ou **vocábulo** (Muller).



No terceiro nível situa-se a **fala**, cuja unidade padrão é a **palavra** contém as **palavras-ocorrência** de um determinado texto.

Barros (*op.cit*. p. 144) considera que o glossário pode ser inserido em nível da norma ou do sistema, pois não apresenta definições, apenas um elenco de unidades lexicais ou terminológicas seguidas de seus equivalentes em outras línguas. Nos três níveis de atualização da língua a unidade padrão varia, mas tem sempre por base a palavra.

2.1.4 A palavra como unidade lexical

Por **palavra** entende-se, em termos gerais, aquilo que vem especificado nos dicionários, isto é, uma manifestação oral ou escrita e que, unida a outras palavras, forma um discurso que pode ser compreendido pelo nosso interlocutor. Como elemento de investigação da lingüística é difícil chegar a um consenso em sua significação, pois tem ampla sinonímia: "palavra, palavra léxica, palavra semântica, sintagma, sintagma fixo, palavra derivada, expressão idiomática, morfema, monema, entrada lexical, item lexical, semema, arquilexema, etc." (Vilela, 1979:15). Vilela especifica bem a dificuldade de se ater a uma noção única, porque, dependendo do aspecto no qual se examina a palavra, tem-se margem a análises diversas, pois considerando o "caráter aberto do léxico, a sua mutabilidade não permite um estudo sistemático do léxico sem dificuldades"; e acrescenta mais adiante: "se a palavra é difícil de definir, a intuição dos falantes apercebe-se dela e assegura que ela existe" (*op.cit*. p.17) A análise precisa verifica-se quando ela se torna real e isso acontece no contexto discursivo.

Sem aprofundar as noções de palavra propostas por Bloomfield (1996), que institui o critério de 'forma livre mínima', ou Saussure (1995), que propõe 'manifestação livre do indivíduo', e de muitos outros autores estudados (Basílio, 2004; Mattoso Câmara Jr, 1977; Lyons, 1979), observamos que é difícil chegar a um denominador comum, devido à própria ambigüidade do termo e dos vários aspectos em que pode ser analisada.

A priori, a palavra como unidade da língua, interessa para o nosso trabalho quando considerada em relação ao sistema, como elemento componente da macroestrutura de um dicionário de língua, ou seja, o **lexema**; no nível de fala, como **palavras-ocorrência**, em textos recolhidos na internet. O uso desses termos poderá causar ambigüidade, portanto denominaremos todas as entradas dos dicionários com as quais trabalharemos de **unidade lexical,** segundo a definição de Gallison & Coste (1976)[7]:

> A unidade lexical é a unidade que diz respeito em nível de análise relativo ao léxico. O termo unidade lexical **pode recobrir várias realidades**: o lexema (unidade da língua), o vocábulo (unidade do discurso ou da parole), a lexia, a unidade lexicográfica, a palavra. (grifo nosso)

Quando não queremos um uso marcado, adotaremos apenas **palavra**.

2.2. Processos de inovação lexical

> Dovunque si formano le scienze
> o le arti o qualunque disciplina,
> quivi se ne creano i vocaboli[8].
> (Leopardi, Zibaldoni)

O léxico pressupõe a parcela dinâmica do sistema lingüístico, enquanto os signos gramaticais (fonológicos, sintáticos, morfológicos) são a parcela estática, à medida que dificilmente sofrem alterações no seu interior. O léxico está continuamente em expansão e movimento, sendo difícil acompanhar com precisão essas modificações. Na raiz dessas transformações está a permeabilidade lingüística que lhe permite inovar-se constantemente através de formações neológicas ou empréstimos de outras línguas. Martinet na apresentação

---

[7] In: < http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm>. Acesso em:30.jun.2006.
[8] "Onde se desenvolvem as ciências ou as artes ou qualquer outra disciplina, ali se criam vocábulos."

da edição italiana de *Lingue in Contatto* (Weinrich, 1974:XXXIX), diz que "uma comunidade lingüística não é nunca homogênea e talvez jamais auto-suficiente na questão do léxico" e acrescenta que "as mudanças lingüísticas se propagam como ondas através do espaço". Hoje vive-se um momento histórico *sui generis:* praticamente todas as línguas estão assimilando neologismos, em um inovar contínuo, sem precedentes. É como um novo sinal dos tempos, que vem acompanhando a era da Internet e da comunicação ultra-rápida. Mais do que nunca, vemos a introdução de novos objetos e novos conceitos, graças à capacidade inventiva nas áreas tecnológicas e científicas. Define bem Morin (2000:67) ao afirmar:

> Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo, e o mundo como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes (...) cada indivíduo consome ou recebe informações e substâncias oriundas de todo o universo.

O processo de inovação lexical ocorre em todas as línguas naturalmente, respeitando as peculiariedades do sistema. Houaiss (2001) define inovação lexical como sendo "qualquer elemento ou construção que surge numa língua e que não havia numa fase mais antiga ou na língua-mãe". Veremos nos capítulos a seguir os principais processos de inovação lexical a que uma língua está sujeita.

2.2.1 Neologia e neologismos

O termo **neologismo** é na realidade uma criação lexical, ou seja, um neologismo por composição híbrida: *neo* - do latim 'novo' + *logos* – do grego 'palavras'. O termo foi usado pela primeira vez por L.S. Mercier em 1801 (Guilbert, 1972:8), como título de seu dicionário, contudo já tinha sido mencionado em 1762, pelo Dictionnaire de l'Académie. Mercier sentiu necessidade de definir o título de seu livro e estabeleceu uma oposição entre **neologia** x **neologismo**; segundo ele, o primeiro era visto com um sentido positivo, e o segundo era um

termo negativo. No entanto, existia entre eles a mesma diferença que existe entre religião e fanatismo. Percebeu que a língua francesa no período pós-revolução estava evoluindo como em nenhum outro momento da sua história, mas que o Institut National de France não via com bons olhos essas novas lexias, pois considerava os novos termos uma ameaça ao purismo da língua francesa. Como bem disse Leopardi, em todas as áreas, científicas ou não, se criam novos vocábulos e as academias devem acompanhar essas inovações, do contrário tornar-se-ão organismos fossilizados.

Guiraud (1986:28) sustenta que ao utilizar uma palavra nova, o falante é movido por uma motivação, consciente ou não, e o seu uso maior ou menor determina a aceitabilidade. Uma vez aceita, cai no arbitrário e a motivação deixa de ser percebida, integrando-se ao léxico.

A renovação lexical, comprova Barbosa (1981:78), acontece de maneira ordenada, obedecendo a um conjunto de regras que impõem limites sobre as novas criações. Define neologia como sendo:

> o processo pelo qual a mudança lingüística provoca o aparecimento de formas de significante e significado novas – não ainda encontrados na língua ou num determinado conjunto de enunciados – ela deve ser estudada ao nível de suas conseqüências, de seus resultados, isto, é dos neologismos e ao produto *neologismo*.

O neologismo apresenta a função referencial nos discursos técnico-científicos, função essencial na linguagem, pois comunica uma informação nova. Apresenta também a função conotativa quando se refere a discursos jornalísticos, literários, humorísticos e polêmicos. Relacionado ao seu aspecto sociolingüístico, o neologismo é a resposta às necessidades criadas por uma nova situação social em que certa palavra muda o seu significante e significado para preencher as necessidades de tal momento. Segundo Barbosa (*op.cit*. p.120), algumas palavras neológicas apresentam a função simbólica de evocar uma cultura, uma ideologia ou uma filosofia dominante. Destacamos esse aspecto por considerá-lo

relevante na análise dos dados de nossa pesquisa. Palavras como *feijoada, cachaça, samba, meninos de rua*, têm como referencial o aspecto da realidade brasileira que mais empolga o estrangeiro, o modo de ser brasileiro: alegre, simpático e hospitaleiro. O signo lingüístico deste modo é o reflexo da organização social de uma sociedade, portador de características conotativas fortemente associadas ao prestígio da cultura exportadora.

Quanto à gênese neológica, constatamos que existem vários momentos importantes na criação neológica, desde o instante da sua concepção, passando pelo momento da pós-criação, o qual se refere à recepção, aceitação e inserção no vocabulário e léxico de um grupo. Assim sendo, o neologismo assume o estatuto de neologismo de língua quando, depois de criado num ato de fala, é aceito pelos interlocutores, e reempregado em outros atos de comunicação. Considera Barbosa (2001:37) que "é no ato da fala que se dá a criação neológica" e essa criação pode suceder num "ato de enunciação na linguagem oral ou escrita".

Sablayrolles (2003:224 *et seq.*) diz que não importa a sua procedência, como eles se formaram, quem os criou ou a sua duração, o importante é que os neologismos são sempre representativos da evolução de uma língua e constituem o reflexo do pensamento dos membros dessa comunidade lingüística, naquele preciso momento. Examinando a neologia no francês contemporâneo, (p.205 *et seq.*) estabelece dois processos na formação do neologismo: os processos estáveis e os processos em expansão. Nos neologismos criados a partir do primeiro, entende aqueles formados por afixação, composição, pseudo-morfemas[9], palavras-valises, derivação inversa e os empréstimos. No segundo processo inclui as siglas e truncação, a conversão[10], neologismos sintáticos e mudanças de sentidos (neologismos semânticos). O autor especifica também as áreas do saber e as esferas de atividade nos quais os neologismos ocorrem com maior freqüência. Para ele, existem áreas em que a produtividade é mais

[9] Unidades lexicais criadas a partir de radicais latinos ou gregos, utilizadas sobretudo para nomear termos de especialidade.
[10] Consiste na mudança de categoria de uma palavra, p.ex. substantivar um verbo.

freqüente e variável, existindo uma verdadeira "inflação" de novas palavras. Exemplifica na área esportiva, tanto a multiplicação de novas modalidades de esportes, quanto a produção de novos materiais que as viabilizam. Atesta que houve um aumento significativo de novas unidades lexicais: somente no esqui, foram acrescidos 500 termos entre 1900 e 1930 e mais de 600 nos anos subseqüentes. Se para cada esporte criado nos últimos anos for feita uma análise detalhada dos novas unidades lexicais, sem dúvida verificar-se-á que houve um aumento extraordinário. Sablayrolles cita novas ocorrências surgidas nas áreas da política, publicidade, sociedade, informática e nos socioletos, ressaltando que uma das características das línguas contemporâneas é a rapidez de penetração dos neologismos étnicos. No entanto, existem neologismos que possuem uma ascensão meteórica, particularmente na mídia, e logo após desaparecem. Um exemplo é 'imexível', que freqüentou os jornais por semanas e desapareceu logo em seguida. A esses neologismos, que segundo Adamo (2005:XII-XIII) surgem na mídia como cometas e logo desaparecem, chamaremos de **neologismos midiáticos**.

Em concordância com Sablayrolles (*op.cit*), Alves (1994:87 *et seq.*) explica que o estudo da neologia lexical consente analisar a evolução da sociedade que a utiliza, pois que as mudanças sociais e culturais constituem um importante instrumento de enriquecimento lexical dessa comunidade. Ressalta que muitas vezes condições adversas, tais como tendências políticas, econômicas ou culturais interferem na integração ou não do neologismo no sistema lingüístico. Acrescenta que os neologismos podem ser criados dentro da própria língua, em um processo natural obedecendo às características estruturais, ou através de unidades lexicais provenientes de outras línguas, no caso os empréstimos.

Por outro lado, Carvalho (1984:9-10) define o neologismo como "ato e fato social", e ao incorporá-los no seu vocabulário, o usuário torna-se partícipe do mundo em que vive, compartilha de seus problemas, da sua evolução científica e tecnológica. Assim sendo, o

neologismo além de ser um fato social, é também uma criação individual que, num processo de interação, fortalece o léxico da língua. Guiraud (*op.cit*. p. 41) confirma: "criamos palavras para dar nome às coisas, seja porque elas não os tenham ou seja porque os nomes que elas têm não realizam de modo eficaz a sua função."

Guilbert (1975:31) define neologia lexical como "a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, obedecendo às regras de produções existentes no sistema lexical". Estabelece um critério de classificação dos neologismos (1972:18) fundamentado na observação do funcionamento da língua:

> 1) uma língua funciona obedecendo a seu próprio código, dentro do qual são criados os atos de discurso e as formações lexicais. Tudo o que recebe de outra língua deve ser considerado de acordo com o próprio código;
>
> 2) o neologismo é um signo lingüístico que admite de um lado: o 'significante' e de outro o 'significado'. No ato da criação neológica, essas duas partes se modificam igualmente, mesmo se a mudança baseia-se somente na morfologia ou no seu significado;
>
> 3) a formação neológica se processa dentro do discurso do indivíduo que pertence a uma comunidade e sucede em uma situação específica;
>
> 4) a formação neológica resulta da combinação de elementos simples dentro da língua e do modo como se estabelece essa relação.

Acrescenta que os neologismos podem ser classificados em fonológicos, sintáticos e semânticos. Prosseguindo, afirma que todas as línguas possuem um sistema fonológico específico e que a formação neológica deve obedecer às combinatórias pré-existentes na língua (1975:61). Criações a partir de substâncias fonológicas inéditas são extremamente raras.[11] Classifica dentro da neologia fonética as formações onomatopéicas, sendo elas bastante produtivas. Podem servir de base na formação de verbos através da transformação de

[11] Em português, temos a adaptação *tchau*, do italiano *ciao*, mas mantivemos a grafia original em *cappucino* (*caputchino), *carpaccio* (*carpatchio). O nome do grupo musical *É o Tchan* é um exemplo de uma criação fonológica.

um sintagma "fazer + onomatopéia": zig-zag → ziguezaguear. O neologismo fonológico é produtivo quando utilizado na publicidade, para dar um valor conotativo à imagem acústica

Examinando os autores, *ut supra*, vimos que o neologismo é um fator preponderante no fortalecimento de uma língua e ocorre quando se tem necessidade de (re) nomear um signo novo. Signos já denominados podem sofrer alterações e dar origem a outras formações neológicas, como, por exemplo, o neologismo *figureiro*[12]. Em uma entrevista num programa de televisão, a artesã explica: "*figureiro* é aquela pessoa que faz as figurinhas de barro, que antigamente era conhecida como *santeiro*". A definição de neologismo é importante para compreendermos os mecanismos de integração dos empréstimos que serão examinados no campo dos neologismos.

2.2.2 Neologia por empréstimo: emprestar para fortalecer

Hoje, com a globalização, emprestar um vocábulo se tornou um fato corriqueiro. Observa-se um acúmulo de palavras estrangeiras na imprensa falada e escrita, na publicidade, nas novelas e em outros setores tais, como a economia, a política, a tecnologia. Basta que o empréstimo esteja vinculado a um produto de ponta, a uma marca ou mesmo a um contexto sócio-cultural estrangeiro influente para ser imediatamente aceito. Nesse verdadeiro bombardeamento de empréstimos, muitos deles possuem um percurso notório, mas de curta duração, verdadeiros modismos, enquanto outros são absorvidos de forma integral, vinculando-se completa e inerentemente à língua. Faraco (2002:33) assegura que "é um preconceito lingüístico supor que o que é percebido como estrangeirismo hoje permanecerá por muito tempo como elemento estranho e alheio à língua receptora, mantendo a sua carga alienígena." Em outras palavras são os denominados xenismos. Portanto, não se deve ver na

[12] FUXICO E ARGILA ENALTECEM O VALE DO PARAÍBA. *Pequenas Empresas, Grandes Negócios*. São Paulo. Globo: 10.set .2006. Programa de TV.

aceitação dessas unidades lexicais estrangeiras um sinal de submissão a uma determinada língua, mas sim de renovação. Exemplificando: empréstimos como *mouse*, *allegro,* apesar de possuírem equivalentes no português, permanecem na sua forma original.

Já há muito tempo, Machiavelli, no seu tratado de lingüística, o *Discorso intorno alla língua*, antevia a quase obrigação de criar novas palavras para atender às necessidades específicas de determinadas áreas, iniciando uma discussão que é retomada pelos lingüistas somente no século passado. Diz o ilustre precursor da teoria neológica:

> qualunque volta viene o nuove dottrine in una città o nuove arti, è necessario che vi venghino nuovi vocaboli, e nati in quella lingua donde quelle dottrine o quelle arti son venute; ma riducendosi, nel parlare, con i modi, con i casi, con le differenze e con gli accenti, fanno una medesima consonanza con i vocaboli di quella lingua che trovano, e così diventano suoi; perché, altrimenti, le lingue parrebbono rappezzate e non tornerebbono bene. E così i vocaboli forestieri si convertono in fiorentini, non i fiorentini in forestieri; né però diventa altro la nostra lingua che fiorentina. E di qui dipende che le lingue da principio arricchiscono, e diventono più belle essendo più copiose.[13]

Nenhuma língua é imune à influência externa e muito da sua riqueza lexical advém da capacidade de absorção e adaptação de termos recebidos de outra língua que, introduzidos ou re-adaptados ao seu patrimônio, passam a fazer parte do léxico. Na medida em que essas ocorrências se instalam, são processadas dentro das normas lingüísticas, a fim de suprir às exigências de determinados grupos sociais ou de áreas específicas.

Leopardi (1930:156) considera que não aceitar palavras estrangeiras significa isolar-se do resto do mundo. Para o poeta italiano, existem empréstimos que são necessários e insubstituíveis, pois expressam fielmente e com clareza significados não existentes na língua de chegada.

---

[13] "Toda a vez que chega uma nova doutrina ou chegam novas artes em uma cidade, é necessário que venham também novos vocábulos, nascidos naquela língua de onde vieram. Modificando-se no falar com os modos, com as diferenças e os sotaques da língua de chegada, integram-se a essa língua, porque de outro modo a língua não soaria bem e pareceria remendada. Assim os vocábulos estrangeiros se convertem em fiorentino, e o fiorentino não se torna uma língua estrangeira. Desse modo, as línguas se enriquecem, se tornam mais belas sendo mais ricas de vocábulos. "

O patrimônio lexical de uma língua, explica-nos Zolli (1995:1), enriquece-se através da formação de novas palavras mediante os elementos de que a língua já dispõe ou com a importação de palavras novas vindas de outras línguas, os empréstimos. A passagem de um empréstimo lexical de uma língua a outra acontece mais facilmente quanto mais estreitas forem as relações entre as populações. Um fator preponderante do empréstimo é a superioridade de um povo em um determinado campo. Exemplifica: a terminologia musical, artística e literária de quase todas as línguas européias é de raiz italiana, devido à superioridade italiana no campo das belas artes: *adágio, andante, mezzanino, azul tiziano, soneto, arlequim* etc.

O mesmo autor observa ainda que o prestígio cultural de uma língua pode ser medida pelo tipo de empréstimos que faz: quando as relações são comerciais, geralmente os termos designam objetos concretos, quando as relações são mais profundas, geralmente dão origem não somente a palavras abstratas, mas também verbos e adjetivos. Citando Tappolet, (apud ZOLLI, 1995:2), os empréstimos podem dividir-se em **empréstimos de necessidade e empréstimos de luxo** (ou de **moda**). Os primeiros referem-se a novos objetos, conceitos, produtos, animais desconhecidos etc., que, ao serem importados, levam junto a sua denominação: *berimbau, machete* são empréstimos incorporados à LI junto com os respectivos objetos. No caminho inverso, temos na LP *conchiglione e grano duro*. Nos empréstimos de luxo, a língua de chegada já possui um termo, mas o usuário, por achá-lo elegante, usa o importado: *churrasco*, *saudade* são empréstimos de luxo na língua italiana, que possui os dois (*barbecue, nostalgia*). Em português temos os italianismos *funghi* e *basilico*. Naturalmente que para um chefe de cozinha é mais prestigioso, do ponto de vista comercial utilizar os empréstimos italianos ao invés dos brasileiríssimos cogumelos e mangericão. Um exemplo interessante é *ruge*, empréstimo de luxo, adaptado do francês *rouge*, usado até os anos 70/80 e hoje substituído pelo também empréstimo de luxo inglês

blush. No português teríamos para substituí-lo a palavra 'carmim', sugerida pelos puristas, mas não utilizada. Para Zolli, (*op.cit.* p.3) "o gosto pelo exótico, o fascínio pela língua estrangeira" estão na base do empréstimo lingüístico .

Holtus (1989:287), comentando Zolli, diz que o uso de um ou de outro empréstimo é sempre uma escolha estilística e se realiza seja em sentido diacrônico seja em sentido sincrônico e tem como pólo:

> 1) o emprego objetivamente condicionado, ligado ao *significado*, sobretudo nas linguagens técnico-científicas;
>
> 2) o emprego estilisticamente condicionado, ligado ao *significante*, com função comunicativo-expressiva.

No último caso, a quantidade de empréstimos é sempre maior, porém mais efêmera, pois está vinculado aos modismos.

Por sua vez, Deroy (1956:21) entende que pode haver empréstimos de sons, sotaques, traços morfológicos e construções sintáticas, contudo entende que o empréstimos de palavras ou empréstimos lexicais, são os mais freqüentes. Ao emprestar uma palavra, a língua importadora apropria-se de diversas características inerentes à palavra emprestada, tais como o sentido, a pronúncia, as características morfológicas e sintáticas. Propõe (*op.cit.* p.137) que o empréstimo acontece por razões de necessidade, quando entre dois grupos sociais, um deles possui superioridade sobre o outro em determinado campo, seja intelectual seja material. Acrescenta que muitos empréstimos são feitos por esnobismo, apenas para caraterizar uma identificação maior com a lingua considerada mais 'civilizada', como sucedeu com os empréstimos do francês no período do império brasileiro. Seja por necessidade ou por esnobismo, o empréstimo vem para formular um novo conceito ou tomar lugar palavra de uma palavra já existente, e em ambos os casos, em maior ou menor grau, deixam na língua importadora a sua marca.

A consistência do sistema lingüístico, o dinamismo das línguas contribui para que os novos termos sejam absorvidos naturalmente sem danos para língua. Segundo Hjelmslev (1971:79) não existem limites para empréstimos de outras línguas, e amiúde se empresta o signo porque este já foi precedido de um produto. Esses empréstimos passam a fazer parte do patrimônio lexical da língua, o léxico.

Mattoso Câmara (1977:280), ao expor os aspectos lingüísticos e sociais do empréstimo, diz que a língua deve transigir para sobreviver e "torna-se assim uma rede de fatos léxicos, fônicos e mórficos de variadas proveniências locais".

Uma língua se enriquece continuamente, seja pela importação de palavras de outras línguas, seja criando uma nova palavra sobre uma base preexistente, segundo as regras de formação lexical. Do italiano emprestamos a palavra *macarrone*, que foi adaptada em português para macarrão. Dessa mesma base, encontramos macarronada, macarronear, macarroneiro. O fato de anexar a seu patrimônio uma palavra estrangeira significa que o falante, gostando ou não, a metabolizou no seu sistema lingüístico (Beccaria, 2006:26). E quando recebe empréstimos de outras línguas demonstra robustez e sinais de vitalidade.

Gusmani (1983:9) considera o empréstimo o efeito da interação compartilhada entre duas línguas ou mais. Empréstimo é "qualquer fenômeno de interferência ligado ao contacto e ao influxo recíproco de línguas diversas, onde por língua se entende não somente as literárias, nacionais e outras, mas também as línguas individuais, de cada falante". Acrescenta que (*op.cit.*p.13), a palavra empréstimo não define claramente o termo, pois nenhuma língua "empresta" um vocábulo à outra, apenas se limita a fornecer o modelo. Baseada no modelo, a língua de chegada cria um novo elemento e o incorpora ao seu patrimônio. Esse novo elemento se modifica, nunca é igual ao da língua de partida, portanto, não se pode falar de empréstimo em sentido *lato*. Citando Haugen (*op.cit.*p. 19), acrescenta que no empréstimo não há passagem de matéria lingüística de uma língua à outra, apenas uma imitação. No

momento do empréstimo, o falante, através de um processo de identificação aproximativa "recompõe no seu sistema lingüístico a imagem do modelo estrangeiro". No esforço de adequar a nova palavra no seu sistema lingüístico, o falante pode reproduzir sons que não existem no sistema fonético da sua língua, e organizá-los segundo o modelo estrangeiro recebido, como é o caso de *pizza*.

Baccin (*op.cit.* p.127) chega à mesma conclusão ao afirmar que

> a incorporação de palavras estrangeiras ao sistema de uma língua é uma **aquisição** ou seja, uma vez adotadas pelo novo sistema, a tendência é que o 'novo proprietário' adapte, modifique, assuma apenas uma acepção da unidade lexical. A palavra estrangeira no novo sistema cria uma história própria, paralela à história lingüística da palavra original na língua fonte.

Empréstimo, para a autora (*op.cit.*p.107), "corresponde à aquisição no âmbito de uma língua funcional, de elementos de sistemas lingüísticos ou de normas pertencentes à outra língua funcional".

Mattoso Câmara Jr. (1977:192) define empréstimo como "o conjunto de mudanças que uma língua sofre em contacto com as outras". Considera empréstimo não somente as palavras vindas de outras línguas, mas também os falares regionais com as suas transferências internas e entre camadas sociais, os empréstimos feitos às línguas literárias. Em nossa pesquisa verificamos que o empréstimo verifica-se nos seguintes casos:

1) **empréstimos entre línguas históricas:** podem ocorrer diretamente, de uma língua histórica para outra língua histórica, sem a intermediação de uma outra língua. São denominados por Carvalho como **empréstimos diretos** (1989:49). Nesse grupo situam-se, por exemplo, *saudade, serra,* que entraram diretamente do português para o italiano. Os empréstimos entre línguas históricas podem ocorrer indiretamente, com a intermediação de uma segunda língua, denominados pela autora de **empréstimos indiretos**. Nessa categoria pode-se incluir a maioria dos empréstimos portugueses na LI. São unidades lexicais emprestadas das línguas orientais, árabes, africanas que entraram para o italiano através do

português. Palavras como *betel*, *orraca*, *macaco* foram, primeiramente, incorporadas ao português e deste para o italiano.

2) **dentro da mesma língua, emprestando o mesmo vocábulo da língua geral a uma língua de especialidade, ou vice e versa.** Exemplificando: a unidade lexical italiana *tapiroide*, é um derivado proveniente do empréstimo feito pela LI do brasileirismo *tapir*, adaptado no italiano para *tapiro*. Em português não existe a formação *tapir* + *óide*. Na LI, o derivado *tapiroide* adquire uma nova significação na área médica, indica "em forma de", portanto em "forma de tapir," isto é, útero em forma alongada como a trompa do tapir.

3) **empréstimos entre dialetos, ou entre dialetos e língua geral**. Muitas unidades lexicais foram emprestadas do PB ao PE, como no caso *caipirinha*. Esse brasileirismo, inicialmente restrito ao dialeto dos escravos, se popularizou e passou a fazer parte português. Ao ser incorporado pela LI não sofreu adaptação, sendo considerado um estrangeirismo, pois não existe nessa língua a forma diminutiva *caipira* + *inha*.

Correia (2005:53) explica que o termo empréstimo é um decalque do francês *emprunt*, sendo polissêmico porque especifica:

> 1) o processo de transferência de uma unidade lexical dentro da mesma língua (empréstimo interno) ou de uma língua para outra (processo externo);
>
> 2) a unidade que resulta do processo de transferência anteriormente descrito.

Portanto, o termo empréstimo distingue o processo de importação de palavras, e o conseqüente produto em nível de língua. Na sua nomenclatura, usa para o primeiro o termo *importação de palavras* e para o segundo *palavras importadas*.

Já Guilbert (1975:90) considera os empréstimos lingüísticos um processo neológico e o define como "a introdução no interior de um determinado sistema, de segmentos lingüísticos de uma estrutura fonológica, sintática e semântica de outro sistema".

Dubois (1973:188) define de um modo sintético e claro a questão sobre quando há empréstimo lingüístico:

> Existe empréstimo lingüístico quando um falar A utiliza e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía antes. A unidade ou o traço emprestado é, por sua vez, chamado de empréstimo.

Observando as colocações dispostas acima, podemos concluir que nenhuma língua é geneticamente pura, algo que se deve proteger e defender da interferência externa, como querem alguns puristas. Mesmo vista muitas vezes com desconfiança, a neologia por empréstimo é indubitavelmente um fator importante na construção da língua e contribui para que o patrimônio de um povo se enriqueça lingüística e culturalmente.

Concluindo, o empréstimo verifica-se quando um material lingüístico estrangeiro é utilizado por outra língua. Assim, por **empréstimo**, entendemos todas as unidades lexicais estrangeiras que, adaptadas ou não, passam a fazer parte do sistema receptor, sendo dicionarizadas.

2.2.3 Derivados: empréstimos ou não?

No recolhimento das ocorrências defrontamos com uma quantidade razoável formações derivacionais de unidades lexicais portuguesas. Ficamos em dúvida se deveriam ou não ser incluídas no *corpus*. Ao procurar elementos que justificassem a anexação, deparamos com certa dificuldade, pois são poucos os autores que discutem a inclusão dos derivados como sendo empréstimos de outra língua.

Primeiramente, examinamos Gusmani (1983:10-11), que considera empréstimo autêntico somente as unidades lexicais que foram produzidas segundo o modelo estrangeiro, onde exista uma relação histórica de dependência entre os dois elementos. Quando o

empréstimo cria vida própria e produz criações autônomas, já não se pode considerar empréstimo, pois são modelados segundo as regras de criações neológicas autóctones, apesar de se originarem de bases estrangeiras. Exemplificando: a unidade lexical *banana*, no italiano produziu muitas outras criações autônomas, como *bananiero, bananicultura, bananiera, bananicolo* etc. Considera o autor que não tem sentido definir essas unidades como empréstimos, pois neste caso não se manifesta nenhum fenômeno de interferência lingüística estrangeira.

Carvalho (1989:46) vê o empréstimo adaptado como um radical vernáculo na formação de novos termos por derivação e composição. Em outra obra, a mesma autora (1984:60) afirma que formas como *surfista, warrantagem,* "são um misto (...) do inglês e do português". Nesse caso, a raiz emprestada permanece, sendo acrescida dos sufixos *–ista* e *–agem*, formadores de adjetivos, entretanto não explicita a sua condição de estrangeirismo ou não.

O derivado é um empréstimo acrescido de afixos ou compostos vernáculos, mas sua raiz permanece como um estrangeirismo: *zebr-are, zebr-ina,* o verbo e o adjetivo se formam através do acréscimo de uma desinência indígena no estrangeirismo *zebra*. Assim seria para todas as formações derivacionais originárias de um empréstimo. Na microestrutura dos três dicionários do *corpus* encontramos sempre a etimologia da palavra, seguida da formação sufixal:

> **sambista** s.f. e agg. CO [1983; der. di *samb*a con *–ista*] **1** s.m. e f. ballerino di samba / musicista specializzato nella composizione o nell'esecuzione di sambe. **2** agg. relativo al genere musicale della samba (Gradit).
>
> **sambista** [vc. port., da *samba*; 1983] **s. m.** e **f.** (**pl. m**. -i) • Chi balla, compone o canta il samba (LZ).
>
> **sambodromo** <sam-bò-dro-mo> s.m. locale pubblico, generalmente legato a una scuola di samba, destinato al ballo del popolare ritmo latino-americano. [comp. di *samba* e *–dromo*, sul modello di *ippodromo* e simili] (D/Oli).

O derivado é, desse modo, o empréstimo que sofreu alguma adaptação na língua de chegada. A unidade lexical *imbarazzare* está total e incondicionalmente integrada à língua e cultura italiana, não é vista nem sentida como estrangeira. Se olharmos por esse prisma, toda e qualquer unidade lexical adaptada, oriunda de outra língua, perderia seu *status* de empréstimo. Não poderia ser considerada pelos etimologistas e dicionaristas como um empréstimo do português, no entanto o é. O fato de sofrer integração e adaptação estruturadas na língua LI, não elimina o seu o seu caráter de empréstimo. Outros derivados são emprestados integralmente, como acontece com bahiano, garimpeiro, cangaceiro, que não sofreram adaptações, sendo que o radical –eiro inexiste na língua italiana.

Se aceitarmos a afirmação de Gusmani, estamos descartando a possibilidade dos empréstimos integrados perderem a sua condição de empréstimo. Conseqüentemente, consideraremos no nosso trabalho os derivados como empréstimos, pois são aceitos por lingüistas como unidades lexicais adaptadas ao sistema da língua de chegada.

2.2.4 Fases do empréstimo

O empréstimo passa por diversas fases até o momento de ser integrado definitivamente no sistema recebedor. Carvalho (1984:44) compreende o empréstimo como sendo um "neologismo por adoção" e que ao entrar na língua que a acolheu assume designações diversas:

> 1) denomina **peregrinismo** a fase de difusão neológica, enquanto ainda não é um empréstimo propriamente dito e é ainda sentido como estrangeiro: *conchiglione*, *grilagem;* [14]

[14] Apesar de não estar ainda dicionarizada, encontramos diversas ocorrências desta unidade lexical em documentos da internet.
< http://www.repubblica.it/2005/j/sezioni/scienza_e_tecnologia/dizionario/dizionario/dizionario.html>. Acesso em: 21.10.2006.

2) se o empréstimo permanece graficamente na sua forma estrangeira, será sempre percebido como inadequado ao sistema lingüístico, sendo, portanto, um **xenismo**: *conchiglione*, *caipirinha*;

3) o **empréstimo** é consolidado quando há interpenetração da cultura de chegada, sendo reconhecido como um elemento integrante do sistema lingüístico: *salsicha, acagiù.*

Correia (2005:54), com base na gramática tradicional portuguesa, estabelece uma distinção dicotômica entre *estrangeirismo/empréstimo*. **Estrangeirismo** indica uma unidade lexical importada que não sofreu nenhuma adaptação, por exemplo, *cappuccino, pizza, grano duro*. **Empréstimo**, segundo a autora, indica uma palavra inserida ao sistema lingüístico e que não é percebida pelo falante como de outra língua. Como empréstimo do italiano temos *brócolis*, *vendeta, pilastra*.

Explica-nos Alves (1994:72 *et seq.*) que o elemento estrangeiro, ao inserir-se no novo sistema lingüístico, é sentido como um corpo estranho e permanece gráfica e foneticamente sob forma estrangeira. É chamado então de **estrangeirismo**. Entra na composição das linguagens jornalísticas, dos vocabulários técnicos, da terminologia econômica, da publicidade, com o objetivo de dar um efeito estilístico e um valor apelativo. Segundo a autora, o estrangeirismo como forma pura, está presente, mormente nos patronímicos (Rubens *Barichello*, *Giovanna Antonieli*), nos toponímicos que incluem acidentes geográficos, nomes de cidades etc. (Nova *Trento*, *Reggio Calabria*), e em muitíssimas palavras que conservam a forma original (*paparazzo, cappuccino*). Como elemento anômalo à língua, o estrangeirismo não faz parte do sistema lingüístico do idioma. A sua integração ocorre através de adaptação fonética, gráfica, morfológica ou semântica.

Neste trabalho, denominaremos **estrangeirismo** toda unidade lexical do português que ao ser inserida na LI não sofre adaptação e permanece na sua forma originária: *caatinga*, *cachoeira*, *maracujá* etc. (Alves e Correia, *op.cit*).

Adamo (1999:2) considera que no léxico das línguas naturais existe um grande número de termos específicos, que constituem o que ele chama de "linguagem especial" ou

“setorial". Estes termos específicos estão em condições de designar todas as realidades extralingüísticas existentes na cultura e civilização de um povo. Mattoso Câmara Jr.(1977: 282) acrescenta que essa linguagem especial é “uma ramificação do idioma comum, espontaneamente processada em virtude de necessidades técnicas”. A incorporação na LI de muitas unidades lexicais relativas à denominação de plantas e animais nos dicionários da língua geral é evidente, mas constitui *de per si* um vocabulário técnico, pois são termos completamente desconhecidos do falante habitual, e o seu uso é restrito aos usuários de áreas específicas. Como afirma Cortelazzo (1994: 8):

> Per lingue speciali si intende una varietà funzionale di una lingua naturale, dipendente da un settore di conoscenze o da una sfera di attività specialistici, utilizzata nella sua interezza da un gruppo di parlanti più ristretto della totalità dei parlanti di lingua, di cui quella speciale è una varietà per soddisfare i bisogni comunicativi di quel settore specialistico.”[15]

Pode-se considerar essas unidades lexicais, como declara Mattoso Câmara Jr. (*op.cit.* p.282) “uma língua secundária à margem da língua comum”. Apesar disso, não podemos considerar esses empréstimos terminológicos da LP à LI como **neônimos**[16], apesar de terem surgido pela necessidade de denominar novos conceitos, pois estão inseridos em dicionários de língua geral.

2.2.5 Classificação dos empréstimos

O empréstimo está associado ao prestígio que uma comunidade lingüística exerce sobre a outra (Bloomfield, 1996:523 *et.seq.*). O autor classifica os empréstimos em culturais, íntimos e dialetais. **Culturais** são os empréstimos resultantes dos contatos políticos, sociais, militares e comerciais entre as nações. O empréstimo de formas lingüísticas pode ser bilateral,

---

[15] “Por língua de especialidade se concebe uma variedade funcional de uma língua natural, que depende de uma área de conhecimento ou de uma esfera de atividade especializada, utilizada por inteiro por um grupo específico de falantes muito reduzido em relação à língua geral, onde a língua de especialidade è uma variedade utilizada para satisfazer as necessidades desse grupo”.

[16] termo usado por Cabré (1993, p.446) para denominar novos vocábulos em domínios de especialidade.

mas normalmente procede em um único sentido, quando nação dominante pode ensinar mais à outra e podem atingir uma vasta área da língua. Os empréstimos **íntimos** acontecem quando existem duas línguas que convivem contemporaneamente em uma comunidade topograficamente e politicamente unificada. Nesse caso quase sempre há o domínio de uma língua sobre a outra, porém a influência é bilateral. No português brasileiro observamos os contatos com os indígenas, escravos africanos e mais tarde a imigração, que resultaram em empréstimos íntimos. Os empréstimos **dialetais** caracterizam uma forma lingüística criada através da imitação de um modelo de prestígio, de uma classe dominante, de grupos locais e acontecem entre variantes regionais, sociais ou gírias e da língua geral para a terminologia especializada ou vice-versa.

Guilbert (1975:91) classifica como empréstimo **denotativo** aquele que vem acompanhado do referente, do objeto, isto é, a introdução da palavra acompanha a "coisa" denominada. Normalmente este tipo de empréstimo está ligado às nações que exercem predominância econômica e científica sobre as outras. Ainda segundo o autor, o empréstimo **conotativo** resulta do prestígio social e cultural de uma sociedade sobre a outra. Na época imperial brasileira, era considerado chique falar francês e usar termos franceses. Muitos desses francesismos entraram a fazer parte do vocabulário usual do português. Atualmente, em relação aos empréstimos do inglês no português, observamos que, na área tecnológica, a maioria dos empréstimos são denotativos (*cable modem, access point*) enquanto vemos, também, um surgimento considerável de empréstimos conotativos na área cultural, introduzidos por músicas, filmes, comércio, seriados (*cover*, *duty free, recall*) etc.

Enquanto que a neologia consiste na criação de novas palavras, o empréstimo é um processo que ocorre dentro da neologia. Os empréstimos são signos lingüísticos que obedecem às características de formação neológica equivalente a outros signos que fazem parte do sistema lexical dessa língua (Zanon, 2003:17). Todavia, é sempre um corpo estranho

ao sistema semasiológico, tendo, portanto de obedecer a algumas regras de adaptação e integração que veremos a seguir.

2.2.6 Adaptação e integração dos empréstimos

Como elemento alógeno, o empréstimo inicialmente não faz parte do conjunto lexical da língua de chegada, sendo considerado ainda um estrangeirismo. A integração se processa por fases neológicas, que se manifestam por fenômenos fonológicos, morfológicos, gráficos e semânticos (Alves,1994; Klajn, 1972).

Gusmani (*op.cit*. p.22-26) assegura que existe uma diferença quase imperceptível nos diversos graus de adaptação e integração dos empréstimos. Excetuando os empréstimos efêmeros ou *casuals*, o empréstimo lingüístico cria uma rede de relações no interior da estrutura lingüística onde se introduz e, mesmo exigindo um período de adaptação, acaba por fazer parte do patrimônio lexical do sistema. Essa adaptação, segundo o autor, não acontece através da sistematização dos aspectos formais, mas pelo grau de intimidade do falante para com o empréstimo. Quanto mais familiar lhe parece, mais adaptado está: adaptação e integração acontecem ao mesmo tempo, mas pode acontecer que uma forma adaptada não mostre nenhuma integração formal e morfológica considerável: *polenta* e *pizza* são imitações fiéis do paradigma italiano.

Para Klajn (1972:43) a adaptação dos empréstimos sofreu modificações no decorrer dos séculos. Antigamente a palavra estrangeira era adaptada logo que entrava na língua de chegada; dificilmente um falante reconheceria na forma *rosbife* um anglicismo: *roast* (assado) + *beef* (carne de boi ou vaca). A tendência, atualmente, é a assunção da palavra original, sem modificações: *e-mail* e não *emeil* ou o decalque *correio eletrônico*. Klajn credita isso à

facilidade da transmissão da língua falada e escrita observada nos dias de hoje, à possibilidade do falante nativo conhecer outras línguas e à maior tolerância por parte do sistema receptor.

Para o autor, a **adaptação fonológica** na língua de chegada não acontece de maneira uniforme, mas através de diferentes acomodações:

1) **assimilação fonética** – que acontece através da substituição, perda, acréscimo ou redistribuição dos fonemas ou também com a mudança de acentuação. Não existe um grau absoluto de assimilação fonética, pois sempre existem variações relativas às pronúncias regionais do país importador. Exemplo: *hobby*, pode ser pronunciada com o acréscimo de um h inicial aspirado /'hɔ.bi/ ou simplesmente /'ɔ.bi/, Se o falante possui algum conhecimento da língua de partida, tentará uma aproximação fonológica maior e dirá /hob.i/ ou /hɑɪ.bi/ (inglês e americano respectivamente);

2) **influxo da grafia** – assemelha-se à assimilação fonética, com pequena variação fonética, dependendo do conhecimento do falante: por exemplo *cash*: /kasʃ/ ou também /kɛʃ/. Em português é possível as duas realizações vocais. Quem teria mais conhecimento da língua de partida diria /kæʃ/;

3) **hipercorreção** – acontece quando o falante acredita que o /sc/ italiano, acompanhado das /i/ ou /e/ corresponde a /tʃ/ no português. Por exemplo quando o italianismo *capisci* ou *capisce*[17] é pronunciado /*ca.'pi.tʃi*/ ou /*ka.'pi.tʃe*/ ao invés de /*ka.'pi.ʃi*/ ou /*kɑ.'pi.ʃe*/.

4) **contaminação** – são falsas analogias fonéticas, onde a palavra não é pronunciada como na língua de partida, nem como na língua de chegada, mas contaminada pela pronúncia de uma terceira língua. Ex. *chance* /tʃnts/ não é pronunciada como em português, /'ʃnse/, mas como no francês /ʃan's/. Esse tipo de adaptação fonética é muito raro, segundo o autor.

---

[17] Exemplificação verificada em: VIDEO SHOW. *Sobre as novelas* . São Paulo. Globo: 03.out .2007. Programa de TV.

Bloomfield (1996:473) afirma que os diferentes tratos fonéticos possuem uma conotação social e variam de grupo a grupo e de falante a falante. Acrescenta (*op.cit*. p.524) que na substituição fonética o falante substitui de forma aproximativa os sons da língua estrangeira. No português, os vários tipos de [r] são pronunciados segundo os falares regionais[18], e ao pronunciar uma palavra italiana que contenha [r], o fará de maneira parecida a sua pronúncia regional. Quando os sistemas fonéticos são parecidos ou paralelos, as diferenças fonéticas não são relevantes.

No âmbito das **adaptações morfológicas,** Klajn (1972:58) distingue a seguinte tipologia:

1) **funcional** – os substantivos assumem o gênero gramatical da língua de chegada. Raramente há mudança de categoria, como no caso de *samba*, que em português é masculino e em italiano feminino;

2) **formal** – adaptação da estrutura do vocábulo, com acréscimo de morfemas autóctones: *espaguete*. Este tipo de adaptação morfológica quase sempre inclui também adaptação fonética e gráfica;

3) **formação derivacional** e **composta** – diferentemente do item anterior, que trata da substituição ou acréscimo de um morfema, nesse caso trata-se de acrescentar novos elementos que modificam o significado ou a função lexical do vocábulo: *nhoqueira, espaguete ao sugo*.

Bloomfield (*op.cit*. p.532) explica-nos que a palavra importada está sujeita às regras gramaticais do sistema da língua que a adotou, seja na sintaxe, seja nas regras de formação derivacional e flexional. Muito raramente não obedece a esse padrão: em italiano tem-se a

[18] Existem dois fonemas /r/ em português, de "caro" e "carro". O "r" retroflexo / caipira é um alófono do primeiro, assim como o "r" aspirado / carioca é um alófono do segundo.

palavra *telenovela,* que apesar de ter as duas flexões *telenovele* e *telenovelas*, prevalece, na LI falada, a forma do plural do português.

A **adaptação gráfica**, para Klajn (*op.cit*.p.89) está exposta aos efeitos dos fatores socioculturais, em conseqüência disso, acontece somente em vocábulos muito difundidos como, por exemplo, *gol* e está intrinsecamente ligada à adaptação fonética. Consiste na troca dos morfemas estrangeiros por autóctones, identificados com base na pronúncia que adquirem em determinada posição. Assim em italiano, a unidade lexical 'carajá' é sentida como /ka.ra.ʒj'a/, portanto grafada *caragià*.

A **adaptação semântica** ocorre de maneira sutil, muitas vezes sem que o falante se aperceba, pois a nova unidade lexical perde alguns traços semânticos da língua de partida e adquire semas específicos que traduzem uma visão cultural própria (Baccin, 2003:122). Pode acontecer que haja mudança apenas em alguns semas, ou uma mudança radical em relação ao termo original. O neologismo *maracanã*, em italiano adquiriu uma conotação diversa da portuguesa, com significado de grande quantidade. Vemos essa significação em uma entrevista de Roberto Benigni, "Andavi per andare a letto: un miliardo di lucciole, sembrava lo stadio Maracana'!"[19]; no jornal O Manifesto, "eppure l'evento clou della stagione siciliana fu lo stesso capace di trasformare il «Nino Novara» di Agrigento in un Maracanà"[20] e num *blog*, "è come ercesso daastazione (…) è un sambodromo di bacilli, è un maracanà pieno di virus."[21]

Para Correia (2005:55) a adaptação semântica ocorre em diversos níveis, quando o empréstimo:

---

[19] "Estava para ir para a cama: milhões de vagalumes, parecia o Maracanã." In: www.drzap.it/O_Benigni.htm. Acesso em 22.ago.2005.

[20] "Todavia o evento *clou* da estação foi o mesmo capaz de transformar o "Nino Novara" de Agrigento em um maracanã." In: IL MANIFESTO. 6 ottobre 2004. P. 18.

[21]"é como privada de estação (...) é um sambódromo de bacilos, é um maracanã de virus." In: <http//digilander.libero.it/confratchianti/cinema_film_palomba_01.htm>. Acesso em: 22.ago.2005.

1) exibe na língua de chegada um dos significados que possuía na língua de partida: *cerrado* em português possui diversos significados, mas em italiano somente um: "formação vegetal típica";

2) exibe na língua de chegada outros significados que não possuía na língua de partida: *ananas*, em italiano também significa um tipo de granada de mão que lembra o formato da fruta;

3) apresenta um significado bastante diferente da base aloglota: *viado*, em italiano tem significado de travesti, enquanto que em português de homossexual do sexo masculino.

A autora também considera uma forma radical de adaptação semântica o **decalque**, que se caracteriza pela tradução literal da unidade lexical estrangeira. É um processo mimético que utiliza o material lingüístico já existente no sistema lexical importador, mantendo o mecanismo semântico que lhe deu origem, não havendo por parte do falante percepção do empréstimo estrangeiro: *risoto milanês, macarrão parafuso.*

Klajn (*op.cit*.p.109-110), examinando as classificações feitas por Haugen, Sandfield e Weinrich, dispõe os empréstimos semânticos em três categorias, a saber:

1) **empréstimo semântico,** que diferentemente do decalque, não cria neologismos, mas se limita a dar um novo significado a um vocábulo já existente. Por exemplo: *ciao*, que em italiano significa 'oi', 'olá' e 'até logo', e em português significa apenas 'até logo;'

2) **decalque propriamente dito** que compreende: a) homonímico, por exemplo, *pressurize* = pressurizar; b) sinonímico, p.ex. *underworld* = submundo. Nesta categoria incluem-se também os decalques aproximativos, dos quais é traduzida fielmente somente uma parte, sendo que a outra permanece como na língua de partida. Em *country music* observamos a tradução de somente uma parte da unidade lexical composta, a outra permanece na forma original: *música country.* Considerando-se um decalque propriamente dito, ter-se-ia *música caipira* ou *musica rural*;

3) **decalque livre** (*loan creations*): é a escolha, dentro das possibilidades da língua, de uma unidade lexical para designar a noção estrangeira antes da chegada do objeto. Trata-se, segundo Klajn, de uma representação gerada não mediante um modelo semântico ou

estrutural, porém através de um estímulo criativo na produção de um novo vocábulo. Coloca, como exemplo no italiano, *oleoduto,* que foi cunhado muito antes da chegada do objeto, para substituir o anglicismo *pipeline.* No PB temos *trem-bala*, decalque do japonês *Shinkansen* (literalmene *comboio-bala*),[22] para nomear trem de alta velocidade. Existe a unidade lexical *trem-bala* registrada no DH desde 1966, apesar disso não temos ainda o objeto (não existem trens-bala no Brasil).

Guilbert (1975:64) considera que a adaptação semântica difere das outras adaptações, pois não existem mudanças morfológicas ou fonológicas relevantes, mas sim a criação de uma nova unidade de significação.

2.3 Unidades lexicais portuguesas: conceituação e delimitação dos portuguesismos e brasileirismos

O português do Brasil e o português de Portugal são fundamentalmente a mesma língua, mesmo considerando-se as diferenças sintáticas, lexicais e prosódicas existentes entre dois. A língua é sempre a mesma, a LP, mas dentro dela existe uma variação de uso e de léxico muito grande. No livro *Cultura da Língua Nacional*, diz Xavier Marques que a língua falada no Brasil é a que recebemos de herança dos portugueses, com o batismo da civilização, apenas modificada pelas nossas peculiariedades glóticas (apud. NASCENTES, 2003:311).

Observando-se a história da LP no decorrer dos últimos cinco séculos nota-se que essas diferenças aumentaram consideravelmente. Lingüistas renomados, como Bagno (2001:177) postulam um português nacional ao afirmar:

[22]In: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Shinkansen>. Acesso em 22.ago.2007.

> Estamos numa etapa intermediária na história da nossa língua. Quinhentos anos atrás, ela podia ser chamada simplesmente de português. Hoje, ela pode e deve ser chamada de português brasileiro. Daqui a mais quinhentos anos, ela sem dúvida só poderá ser chamada de brasileiro.

Apesar da projeção de Bagno ser para um futuro longínquo, neste momento, não se pode falar de duas línguas, e sim de variantes da mesma língua. Essa variação ocorre não somente com o português, mas também com o inglês americano, com o francês canadense e mesmo dentro de uma mesma língua, basta observar a sua evolução histórica. O italiano de Dante não é igual ao italiano falado hoje, o português das cantigas de amigo não é igual ao português das poesias de Fernando Pessoa. Contudo, a língua permanece sempre a mesma, a Língua Portuguesa (ou italiana), marcada pelas suas variantes diatópicas, diafásicas e diastráticas.

O Português Brasileiro (PB) é o resultado da miscigenação de todas as raças e culturas que formaram o país, moldando-o e dando-lhe um colorido diverso, distanciando-o do Português Europeu (PE). A distinção que fazemos no nosso trabalho entre o PB e o PE é apenas por uma questão operacional e não para pleitear uma separação da língua, queremos apenas verificar as influências das duas variantes na LI. Ao propor essa distinção, pensamos em situar as lexias que entraram para o italiano como **brasileirismos** e **portuguesismos**. A delimitação é importante, pois que, muito das lexias portuguesas que encontramos nos dicionários italianos são brasileirismos, havendo uma contribuição importante em termos de especialidade, sobretudo nas denominações de animais, plantas, topônimos e empréstimos culturais.

O Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (DH) define brasileirismo: "em sentido lato, qualquer fato de linguagem (fonético, mórfico, sintático, lexical, palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativo do português do Brasil."

No Novo Dicionário da Língua Portuguesa, mais conhecido como Aurélio (DA), brasileirismo significa "palavra ou locução própria do Brasil". Refletindo nas influências que sofreu a LP em território brasileiro, empregaremos o termo **brasileirismo** para:

1) unidades lexicais que são essencialmente brasileiras, isto é, foram criadas ou aplicadas no Brasil, para designar conceitos e realidades brasileiras (*caipiroska, campo*);

2) unidades lexicais que se originaram das línguas faladas pelas nações tupi-guaranis (*acagiù, tapiro*);

3) unidades lexicais que entraram para a LP, trazidas pelos escravos e que refletem realidades brasileiras (*capoeira*, *afoxé*);

O DH define portuguesismo como "aquilo que distingue os portugueses de outros povos, característica nacional dos portugueses' (...) idiomatismos, pecularidade exclusiva da língua portuguesa, modo de falar ou escrever próprio da língua portuguesa".

Para o DA, portuguesismo é "locução ou idiotismo próprio da língua portuguesa. (...) modismo próprio da linguagem do português, lusitanismo". portanto, neste trabalho, classificaremos de **portuguesismo**:

1) unidades lexicais que já faziam parte da LP antes da descoberta do Brasil (*portoghese, caravella*);

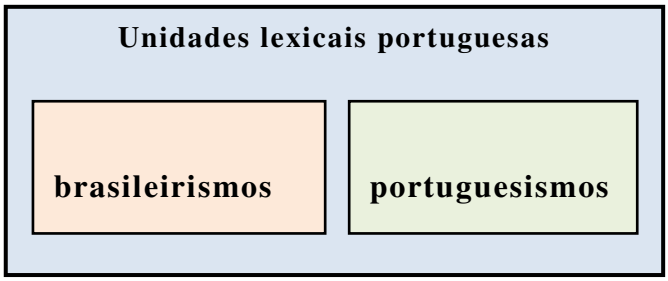
2) unidades lexicais agregadas à LI em função das grandes navegações, quando do contato com povos africanos (*banana, macaco*) árabes (*almadia*, *orraca*) e orientais (*cacatua, palanchino*);

3) unidades lexicais que especificam realidades portuguesas (*autodafé, fado*).

O DH traz, como sinônimo de portuguesismo, o termo **lusismo** "em sentido lato, qualquer fato de linguagem (fonético, morfológico, sintático, lexical, estilístico) próprio do português de Portugal.". Poderíamos utilizar no nosso trabalho o termo lusismo, para

identificar as unidades lexicais provenientes do PE, mas isso causaria ambigüidade para com o italiano, que possui esse mesmo termo para identificar as palavras oriundas da LP.

Com a intenção de facilitar a identificação das ocorrências coletadas, estabelecemos um hiperônimo, **unidades lexicais portuguesas**, que engloba os co-hipônimos, **portuguesismos** (unidades lexicais portuguesas do PE) e os **brasileirismos** (unidades lexicais portuguesas do PB). Ilustrando:



Como enfatizamos acima, esta distinção é apenas para verificar o valor numérico das duas variantes do português e entender o processo histórico de incorporação das unidades lexicais da LP ao acervo lexical da LI.

III - MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para saber das coisas que não se conhece é necessário aprender com os outros ou descobrir por conta própria. Descobrir sem procurar é difícil e raro, mas com a pesquisa se torna agradável e fácil, já que quem não sabe procurar não pode encontrar.
(Archita 428-347 a. C)

3.1 Metodologia de investigação

Organizar um método de trabalho serve para atingir um fim determinado. Um trabalho de pesquisa científica se apresenta inicialmente como um labirinto, pleno de ramificações e trilhas enganosos, todavia somente uma conduz à saída. É preciso escolher o itinerário adequado com o propósito de não desperdiçar tempo e energia desnecessários para alcançar racionalmente o objetivo desejado. Isso se consegue tendo uma percepção global do que se quer fazer e uma percepção funcional para explorar os mínimos detalhes e colher as informações que são importantes e eficazes para o desenvolvimento da pesquisa. Umberto Eco (1980:16) estabelece seis itens essenciais para a elaboração de uma atividade proposta:

1) escolher o tema da pesquisa;
2) coletar documentos necessários para fundamentar o trabalho;
3) organizar esses documentos;
4) examinar o tema com base nos documentos recolhidos;
5) escrever de modo que quem leia compreenda o que está escrito.

Acrescenta que escrever uma tese ou qualquer outro trabalho científico é aprender a organizar as próprias idéias e colocar em ordem os dados: é uma experiência metódica com o propósito de construir algo que possa servir também a outras pessoas. E foram as premissas de Eco que nortearam o desenvolvimento da nossa pesquisa.

3.2 Estabelecimento do *corpus*:

As línguas românicas durante séculos influenciaram-se mutuamente, primeiramente pela configuração geográfica e em seguida pelo relacionamento comercial e cultural existentes entre elas. A Itália, como pólo da civilização ocidental deixou marcas profundas no

léxico de quase todas as línguas do continente europeu. Muitos dos vocábulos ligados à culinária, moda, música, arquitetura têm a sua origem na LI.

Existem, no Brasil, muitos pesquisadores que produziram trabalhos sobre a influência das línguas românicas no português do Brasil. Os empréstimos da LI nos termos da culinária resultou em um glossário (Baccin, 2003), os galicismos da revista Fon-fon são enumerados por Zanon (2003). E a LP exerceu, no decorrer da sua existência, que influência exerceu em outra língua? No que diz respeito à LI, encontram-se registros de unidades lexicais portuguesas em publicações de vários lingüistas e lexicógrafos (Zolli, 1995; Migliorini, 1963; Bencini, 1993; Mini, 1994; D'Agostino, 1994) etc. Zolli (*op.cit*.p. 112) dedica algumas considerações a respeito do português. É dele a afirmação de que falta um trabalho sobre a influência do português no italiano: "una ricerca sistematica sulle parole d'origine portoghese entrate in italiano manca."[23]

Os dicionários que usamos para a composição do *corpus* são representativos da LI atual e estão disponíveis na biblioteca da FFLCH: **Grande dizionario italiano dell'uso** (Gradit), **Nuovissimo vocabulário illustrato della lingua italiana** (D/Oli) e **Lo Zingarelli. Vocabolario della lingua italiana** (LZ). Primeiramente levantamos todas as ocorrências no D/Oli e no Gradit, folheando página por página. Com o LZ a tarefa foi mais fácil, pois possuímos o CD: digitamos no instrumento de busca 'etimologia' as palavras *port., tupi, brasiliano* e automaticamente apareceram as palavras relacionadas. Todas as ocorrências que encontramos no *corpus* estão registradas em pelo menos um dos dicionários pesquisados, e apresentam as seguintes marcas de uso:

1) *dal tupi*, *dal portogh*., *voce brasiliana* (Gradit);
2) *dal port*., *di origine* ou *da una voce tupi*, *voce brasiliana di origine tupi, da una voce brasiliana,* (D/Oli);
3) *port*., *vc.port*. *di origine tupi*, *vc port.del Brasile, port.brasiliano* (LZ).

[23] "Falta uma pesquisa sistemática sobre as palavras de origem portuguesa que entraram para o italiano."

Encontramos unidades lexicais apresentadas nos dicionários do *corpus* como sendo originárias da língua tupi. Confrontadas com o **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi** (DHTP) de Cunha, verificamos que o autor concebe como brasileirismos todos os vocábulos documentados no **Vocabulário da Língua Brasílica**, redigido por jesuítas na segunda metade do século XVII. Outra obra na qual nos baseamos para considerar como brasileirismo os étimos de origem tupi, foi o **Dicionário de Tupi Antigo: língua indígena clássica do Brasil** (DTA), de Navarro. O tupi como língua falada no litoral brasileiro é confirmada por diversos autores. O aval do DHTP e e do DTA serve para fundamentar que a origem da palavra é realmente da língua do indígena do Brasil e, portanto, um brasileirismo, ainda que em determinado dicionário, a etimologia seja indicada como vinda de outra língua. Exemplificado: a unidade lexical *arapaima*, no LZ é dada como vinda do espanhol. A mesma unidade lexical no Gradit e no D/Oli é assinalada como empréstimo do tupi, através do português. Nesse contexto, consideraremos como brasileirismo, pois o DHTP e o DTA os registram como vindas do tupi.

Pesquisando os empréstimos do português na LI encontramos muitas unidades lexicais classificadas como empréstimos do espanhol ou empréstimos de outras línguas, através do tupi. Nesses casos não serão consideradas como brasileirismos, pois seria necessário uma pesquisa aprofundada para verificar a sua evolução etimológica. Apenas aventamos que o número de brasileirismos seria superior se houvesse estudos levando em conta essa possibilidade.

3.3 Coleta das atestações das unidades lexicais portuguesas

Coletadas e organizadas as ocorrências, procuramos dar uma forma que facilitasse o exame dos resultados obtidos. Primeiramente, verificamos a inclusão das unidades lexicais da

LP nos dicionários históricos italianos (1612 a 1898), na literatura dos viajantes que acompanharam as grandes navegações (1500 a 1700), nos escritos dos viajantes naturalistas (1800), nos dicionários neológicos, nos dicionários etimológicos italianos e nas publicações de lingüistas do século vinte. Esta verificação serve para determinar a data da atestação da unidade lexical e a sua dicionarização.

Para os portuguesismos, consideramos os neologismos que estão presentes nos relatórios nas viagens feitas ao Oriente e à África anterior ou imediatamente pós-descobrimento. Quanto aos brasileirismos, verificamos os neologismos que aparecem nos relatórios dos viajantes e dos naturalistas que aportaram no Brasil e que se valeram de palavras originárias da língua tupi para nomear objetos, animais e de outras realidades desconhecidas ao europeu.

Os dicionários históricos italianos que serviram para as atestações são:

1) **Vocabulario degli Accademici della Crusca**, edições 1612, 1746, 1866;

2) **Vocabulário Universale della Língua Italiana** (1845), de Antonio Enrico Mortara;

3) **Dizionario della lingua italiana** (1865), de Nicolò Tommaseo;

4) **Novo Dizionario della lingua italiana** (1887-91), de P. Petrocchi.

As obras dos viajantes que acompanharam as grandes navegações:

1) **Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento** (1991)**,** sob a organização de Ilaria Caraci e com comentários críticos de Mario Pozzi;

2) **Viaggiatori del'600** (1969), organizado por Marziano Guglielminetti;

3) **Relazione del primo viaggio attorno al mondo** (1999), de Antonio Pigafetta;

4) **Delle navigationi et viaggii** (1550-1606), de Giovanni Battista Ramusio;

5) **Il viaggio all'Indie Orientali Del Padre F. Vicenzo Maria di Santa Caterina di Siena. Procurator Gener. De' Carm. Scalzi** (1678), de Antonio Murchio;

6) **Le istorie delle Indie Orientali del P. Gio. Pietro Maffei** (1806), de Giovanni Maffei;

A coleta das atestações dos brasileirismos foi feita especificamente com os relatos dos viajantes naturalistas, em especial com a publicação organizada por Teresa Isenburg, **Viaggiatori naturalisti italiani in Brasile nell'ottocento** (1989)**,** compêndio que inclui as impressões de vários viajantes, fonte valiosa de informações lexicais. Além dos viajantes citados pela autora, enriquecemos esta parte procurando as atestações nas próprias obras dos naturalistas a que tivemos acesso. São elas:

1) **Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei. (Mbaya o guaycuru)** (1895), de Guido Boggiani;

2) **Flora Brasiliana (**1976), de Giuseppe Raddi;

3) **Memorie su alcune produzioni naturali delle conquiste che o sono poco conosciute o non sono utilizzate** (1989) e **Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen** (1788), de Domenico Vandelli;

4) **Esplorazione delle regioni equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni: frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846-47-48** (1854), de Gaetano Osculati;

Em relação aos empréstimos recentes, as atestações foram firmadas em dicionários neológicos, etimológicos e textos de lingüistas italianos publicados a partir da segunda metade do século passado. Não encontramos as atestações de todas as unidades lexicais, mas as que examinamos nos dão uma noção da maneira como foram incluídas na LI. São eles:

1) **Dizionario delle parole nuovissime e difficili,** de autoria de Gennaro Vaccaro (1960);

2) **Il neo italiano e le parole degli anni ottanta,** de Sebastiano Vassalli (1989);

3) **Dizionario di parole nuove 1964-1984**, de Manlio Cortelazzo (1986);

4) **3000 parole nuove: la neologia degli anni 1989-1990**, de Ottavio Lurati (1990);

5) **Parole degli anni novanta,** de Andréa Bencini e Eugenia Citernese (1993);

6) **Parole senza frontiere: dizionario delle parole straniere in uso nella lingua italiana**, de Guido Mini (1994);

7) **Dizionario etimológico italiano** (DEI), de Carlo Battisti (1950);

8) **Dizionario etimologico della lingua italiana** (DELI), de Manlio Cortelazzo (1988).

Destacamos também alguns autores que não produziram dicionários, mas que nomeiam em suas obras as unidades lexicais do português, situando-as no período ao qual foram anexadas à LI:

1) **Storia della lingua italiana** (1963), de Bruno Migliorini ;

2) **Storia linguistica della Italia unita** (1970), de Tullio de Mauro;

3) **Le parole straniere** *(*1995, 2ª. ed), de Paolo Zolli.

As atestações que encontramos nessas obras estão registradas em Anexo. Apesar de algumas serem citadas por mais de um autor, registraremos apenas uma, por uma questão prática. Quando houver divergência de significado entre os autores, colocaremos todas atestações. Consideramos importante situar o período aproximado em que neologismo português foi mencionado na língua escrita italiana, pois assim sabemos exatamente como entrou para a língua. A primeira atestação nem sempre coincide com o período em que foi registrada nos dicionários de língua do *corpus.*

3.4 Levantamento dos dados: tabela e fichas lexicológicas

Uma vez coletados e organizados os documentos referentes à pesquisa, procuramos dar uma forma orgânica que facilitasse o exame dos dados coligidos. Primeiramente organizamos em uma tabela todas as unidades lexicais assinaladas no *corpus*. Na **tabela I**, dispomos os dados recolhidos da seguinte maneira: coluna 1 inserimos a numeração das entradas, em seguida, na coluna 2, as entradas em ordem alfabética. Ocorre, às vezes, que a mesma entrada está registrada de maneira diversa, com duas ou mais diferentes grafias, portanto as transcrevemos utilizando a convenção "/", para distingui-las. Nas colunas seguintes, 2, 3 e 4, marcamos a presença das unidades lexicais dos dicionários do *corpus*, Gradit, D/Oli e LZ. As entradas registradas nos dicionários são indicadas com '+', as ausentes '–'. Como não há coerência etimológica entre os três dicionários italianos, as unidades lexicais designadas como etimologicamente vindas de outra língua são indicadas com'∅'. Na coluna 5, assinalamos a presença ou não da unidade lexical no DH. Na coluna 6 encontra-se a tradução correspondente em português, recolhida no DH.

Em alguns casos, a tradução pode gerar confusão, pela existência em português de mais acepções da mesma unidade lexical. Nesse caso, colocaremos entre parêntesis o significado ao qual se refere. Existem unidades lexicais que não possuem a tradução correspondente no DH, neste caso damos a tradução diretamente da definição italiana. Em alguns casos consultamos sites na internet. A **tabela I** contém as ocorrências coletadas e será apresentada da seguinte maneira:

Tabela I (cf. levantamento completo no capítulo **5.1**)

Ex.:

[1]	**Entradas**	[2]**Gradit**	[3]**LZ**	[4]**D/Oli**	[5] **DH**	[6] **Tradução**
001	Acagiu	+	+	+	+	caju/cajueiro
002	afoxé	–	+	–	+	afoxé
011	albino	∅	+	+	+	Albino
012	almadia/almaida	+	+	–	+	almadia
017	ananás/anannasso	+	+	+	+	abacaxi
054	barrigudo	∅	+	–	+	barrigudo (macaco)
074	cacciu	∅	∅	+	+	catechu/cachu (tanino)
080	caipiroska	+	–	–	–	caipiroska

Essa tabela, apesar de colocar em evidência todas as ocorrências que encontramos, não apresenta a definição nem a etimologia, dificultando o trabalho posterior. Assim sendo, seguimos a orientação da banca de qualificação e preparamos um modelo de ficha lexicológica, útil para visualizar concomitantemente a unidade lexical nos dicionários italianos e brasileiros e facilitar a análise dos dados. Compõe-se dos seguintes itens:

1. unidade lexical italiana – entrada lematizada registrada em pelo menos um dos dicionários italianos;

2. tradução – a tradução das unidades lexicais será feita observando a acepção em italiano, observando a denominação científica, quando se tratar de elementos da fauna e flora. Utilizaremos o DH como referência.

3. classificação – divisão das unidades em brasileirismos (bras.) ou portuguesismos (port.), obedecendo à etimologia e datação que possibilitem identificar a a origem da unidade lexical;

4. dicionário – rol dos dicionários italianos que fazem parte do *corpus*; dicionários italianos e dicionário de português;

5. definição – serão registradas somente as partes consideradas pertinentes à pesquisa, excluindo as informações enciclopédicas; nas definições em LP, excluiremos as acepções que não correspondam à definição italiana;

6. datação e etimologia – informações que constam da microestrutura do verbete dicionário. Achamos importante constituir um campo próprio para melhor visualização;

7. atestação em LI – atestações extraídas das obras dos viajantes e outras obras pesquisadas, que confirmem a anexação da unidade lexical na LI;

8. observações – inclusão de dados que facilitem uma futura análise;

Exemplificamos a seguir um modelo de ficha com os campos não preenchidos e logo após outras duas, devidamente completadas.

3.4.1 Ficha lexicológica não preenchida

[1]Unidade lexical italiana:		**[2] Tradução:**	**[3] Classificação:**
[4] Dicionário	**[5] Definição**	**[6] Datação/etimologia**	**[7]Atestação em LI**
Gradit			
D/Oli			
LZ			
DH			
[8] Observações: 1...			

3.4.2 Fichas lexicológicas preenchidas

Ficha nº. 1

<table>
<tr><td colspan="2">Unidade lexical italiana:
SAGU/SAGO</td><td>Tradução:
SAGU</td><td>Classificação:
Port.</td></tr>
<tr><td>Dicionário</td><td colspan="2">Definição</td><td>Datação/ etimologia</td><td>Atestação em LI</td></tr>
<tr><td>Gradit</td><td colspan="2">s.m.TS alim. Fecola estratta di varie palme e dal fusto di alcune piante delle Cicadacee, sagù.</td><td>[1813; dal portogh. sagu, av. 1522 dal mal. sîagîu]</td><td rowspan="4">“Da Sulach, circa 10 leghe a la medesima via trovassemo una isola assai grande, ne la quale si trova riso, porci, capre, galine, cochi, canne dolci, sagu, uno suo mangiare di fighi (...).” Pigafetta (Pigaf.), 1522.</td></tr>
<tr><td>D/Oli</td><td colspan="2">(o sago) sm. Fecola che si ricava dal tronco di varie palme usata soprattutto per l’estrazione di glicosio e come alimento dalle popolazioni equatoriali.</td><td>[Dal fr. sagou, port. sagu, da una voce malese]</td></tr>
<tr><td>LZ</td><td colspan="2">o (raro) sago (2) s. m. farina alimentare usata dagli indigeni delle zone equatoriali e ricavata dal midollo di parecchie specie di palme.</td><td>[dal fr. sagou, risal. al malese sagu, prob. attraverso il port. sagu; 1747]</td></tr>
<tr><td>DH</td><td colspan="2">2 ALIM fécula extraída do caule dessas plantas, que constitui alimento básico para milhões de habitantes do Extremo Oriente;</td><td>[1559 cf. FcastH. mal. sagu 'certa palmeira da Malásia; a fécula dessa palmeira utilizada como alimento']</td></tr>
<tr><td colspan="5">Observações: 1. atestação em 1522, Pigaf
2. dicionarizada somente em 1813.
3. portuguesismo, que foi por sua vez emprestado do malaiala.</td></tr>
</table>

Ficha nº. 2

Unidade lexical italiana: **ARAPAIMA**	**Tradução:** **PIRARUCU**	**Classificação:** **Bras.**

Dicionário	**Definição**	**Datação/ Etimologia**	**Atestação em LI**
Gradit	s.m.inv.TS ittiol. Grande pesce d'acqua dolce dell'America Meridionale e Centrale.	[1913; dal portogh. *arapaim*a, dal tupí *urupaima*].	Il *pirarucù* o s*udis gigas* si trova nel rio delle Amazzoni e nell' Japurà; giunge alla lunghezza di 7 a 8 piedi. cf. **Osculati** (Osc.), 1854
D/Oli	genere di pesci viventi nei fiume dell'America centr. e merid.	[lat.scient. *Arapaima*, dal port. *arapaima* voce di origine tupi]	
LZ	∅	∅	
DH	peixe osteoglossiforme da fam. dos osteoglossídeos (*Arapaima gigas*), da bacia amazônica, incluindo-se o Tocantins e o Araguaia (...)	1631 tupi *pirauru'ku* 'peixe da família dos osteoglossídeos' < *pi'ra* 'peixe' + *uru'ku* 'tintura, almagre';	

Observações: 1. brasileirismo dicionarizado em italiano cf. etimologia tupi. Osc. usa a forma brasileira *pirarucù*.

2. A entrada em italiano difere da portuguesa, possível de ser encontrada somente através do nome científico.

3.5 Procedimentos para a análise dos dados recolhidos

Organizadas as ocorrências na **tabela I** e nas fichas lexicográficas, procedemos ao trabalho de análise. Primeiramente, fizemos uma pequena exposição sobre o tratamento dado pelos três lexicógrafos às diversas unidades lexicais portuguesas nos seus dicionários. No capítulo **5.2** recolhemos as ocorrências da **tabela II**, classificado-as em **brasileirismo**s e **portuguesismos**. Esta diferenciação permite vislumbrar o período aproximado em que foram incorporados pela LI, e os fatores de sua inclusão. Examinamos a quantidade de cada um deles e a porcentagem. Em seguida investigamos as atestações de cada autor e o percurso diacrônico de alguns desses neologismos, examinando as variações gráficas e a provável

inserção em dicionários de línguas históricos. Não temos elementos suficientes para atestar, com precisão absoluta quando a unidade foi dicionarizada pela primeira vez. Trabalhamos, portanto, com uma data aproximada, pois dispomos de somente alguns dicionários históricos, não de todos os que foram publicados na Itália nos séculos XVII, XVIII e XIX. A **tabela II** é assim apresentada:

Tabela II (Cf. levantamento apresentado no capítulo **5.2**)

Ex.:

Brasileirismos	**Portuguesismos**
acagiù, afoxé, aguarà, aguti, ai-ai, aiapana, alastrim, amaranto, amazona, ananas, andiroba, ani, animiforme, aninga, ara/arara, araçá, ...	albatro, albinismo, albino, almadia, alqueire, amok, areca, auto, autodafé, bada, baiadera, baleniera, bambu, bambusaia, ...

A seguir, no capítulo **5.3** procuramos classificar as ocorrências recolhidas, em áreas semânticas:

Ex.:

1) Elementos do reino animal: albatro, amazona, animiformi, cacatua, ...;

2) Elementos do reino vegetal: acagiu, amaranto, aninga,ananas, ... ;

3 Elementos do reino mineral: favas, carbonado, zebrino, ...;

4) Elementos etnográficos e gentílicos: brasileiro, caboclos, Caraipa, ...;

5) Outros: TAP, VARIG... .

Para cada área semântica, analisamos os processos de formação dos neologismos nos documentos dos viajantes, verificando quais as características que identificam tais elementos, as variações gráficas existentes entre as diversas atestações.

A seguir, retomando as ocorrências da **tabela I**, procuramos examinar os critérios fonológicos, morfológicos, gráficos e semânticos de adaptação das unidades lexicais alógenas, bem como observamos se essas unidades seguem as mesmas características de formação apresentadas nas unidades lexicais autóctones (cf. **5.4**).

No último tópico da análise dos dados, capítulo **5.6** apresentamos algumas considerações sobre a evolução atual do PB na Itália. Para tanto reunimos um pequeno número de ocorrências, recolhidas na Internet, comprovando a existência de neologismos midiáticos do PB nos jornais, revistas online (*Corriere della Sera, Lastampa, La Repubblica, Panorama, Avvenire, Donnamoderna*) e *blogs* na Internet. Os exemplos foram elaborados seguindo os critérios apresentados por Sardinha (2004:16 *et.seq.*). Os dados foram coletados a partir de pesquisa nas páginas do *Google.it*, "páginas provenientes da Itália". Ali, foi selecionada "pesquisa avançada", obedecendo às seguintes especificações:

a) foram privilegiados os textos produzidos por falantes nativos;

b) apesar de todas as unidades lexicais constarem em um número de páginas superior a 30, foram usadas como amostragem apenas três delas;

c) a unidade lexical recolhida foi sublinhada para poder ser facilmente identificada;

d) em nota de rodapé incluiremos a referência da internet onde foi recolhida a exemplificação.

Ex.

> 1) Lugo, con Leonardo Boff, Hugo Chávez, col coordinatore dei «sem terra» brasiliani João Pedro Stédile, col Nobel per la pace Adolfo Pérez Esquivel, ha firmato il 20 aprile scorso il «manifesto delle Americhe in difesa della natura e della

diversità biologica e culturale».[24]

2) A Brasilia l'Ambasciata degli Stati Uniti è stata circondata da militanti dei Mst, il movimento dei contadini "sem terra".[25]

3) Padre Taddeo era quindi impegnato da più di quarant'anni a favore dei contadini "sem terra", tanto da avere già annunciato ai familiari la volontà di essere sepolto in Brasile.[26]

O critério para a escolha dessas unidades lexicais foi baseado no alto índice de ocorrências e por serem neologismos que refletem o interesse dos italianos pela realidade brasileira: problemas sociais ou aspectos culturais. Ao desenvolver esta parte do trabalho pretendemos refletir sobre a importância da nossa cultura na LI, analisando alguns aspectos lingüísticos e fazendo algumas reflexões de cunho sociolingüístico.

---

[24] In: <http://www.lastampa.it/redazione/cmsSezioni/esteri/200702articoli/17451girata.asp>. Acesso em 01.set.2007.

[25] In: http://www.repubblica.it/2007/03/sezioni/esteri/bush-sudamerica/bush-sudamerica/bush-sudamerica.html. Acesso em 01.set.2007.

[26] In: < http://www.radiovaticana.org/radiogiornale/ore14/2003/luglio/03_07_22.htm#brasile_missionario_italiano>. Acesso em 01.set.2007

3.6 Relação das siglas utilizadas no texto

Abrangência	Nº	Especificidade	Sigla
LÍNGUAS	**01**	Língua Italiana	**LI**
	02	Língua Portuguesa	**LP**
	03	Português Brasileiro	**PB**
	04	Portugues Europeu	**PE**
	05	Brasileirismo	**Bras.**
	06	Portuguesismo	**Port.**
DICIONÁRIOS	**07**	Lo Zingarelli	**LZ**
	08	Nuovissimo Vocabulário Illustrato della Lingua Italiana	**D/Oli**
	09	Grande Dizionario Italiano dell'Uso	**Gradit**
	10	Dizionario Etimológico Italiano	**DEI**
	11	Dizionario Etimologico della Lingua Italiana	**DELI**
	12	Vocabolario degli Accademici della Crusca (ed.1612, 1746, 1866)	**Crusca**
	13	Vocabolario universale della lingua italiana (1845)	**Mortara**
	14	Dizionario della lingua italiana (1865)	**Tommaseo**
	15	Nòvo dizionario universale della lingua italiana	**Petrocchi**
	16	Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa	**DH**
	17	Novo dicionário da Língua Portuguesa	**DA**
	18	Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi.	**DHPT**
VIAJANTES	**19**	Antonio Pigafetta	**Pigaf.**
	20	Domenico Vandelli	**Vand.**
	21	Filippo Sassetti	**Sass.**
	22	Francesco Carletti	**Carl.**
	23	Gaetano Osculati	**Osc.**
	24	Giovanni Antonio Cavassi	**Cav.**
	25	Giovanni Battista Ramusio	**Ram.**
	26	Guido Boggiani	**Bogg.**
	27	Pe. Giovanni Maffei	**Maf.**
	28	Antonio Murchio	**Murc.**
	29	Ludovico di Vartema	**Vart.**

IV - COLABORAÇÃO DO PORTUGUÊS NO LÉXICO DA LÍNGUA ITALIANA

Cantando eu vou do Oiapoque ao Chuí, ouvir a minha pátria é minha língua idolatrada, obra-prima, te faço imortal. Salve!
Poetas e compositores. Salve também os escritores, que enriqueceram a tua história. Ó, meu Brasil! Dos filhos deste solo és mãe gentil. Hoje a herança portuguesa nos conduz à estação da Luz. (Samba-enredo da Mangueria, 2007)

4.1 Empréstimos lingüísticos: uma conseqüência natural na formação das línguas

> Uma palavra caída das montanhas dos instantes desmancha todos os mares e une as terras mais distantes...
> (Cecília Meireles – Timidez)

Machiavelli, no seu tratado de lingüística *Discorso intorno alla lingua*, afirma que "non si può trovare una lingua che parli ogni cosa per sé senza aver accattato dagli altri, perché, nel conversare gli uomini di varie provincie insieme, prendono de' motti l'uno dell'altro"[27]. Para ele uma língua não é jamais auto-suficiente na questão do seu patrimônio lingüístico, depende dos empréstimos feitos. Todas as línguas no seu desenrolar histórico foram influenciadas em maior ou menor grau por outra língua. A língua inglesa é hoje uma espécie de língua franca na comunidade européia e internacional, uma notável disseminadora de empréstimos; também ela uma vez foi recebedora, basta observar o quanto possui de vocábulos latinos, germânicos e outros, recebidos da invasão do império romano, das guerras e das relações com outros povos.

A LI teve como alicerce vocabular a língua latina, e um enriquecimento lexical baseado na língua grega, com o acréscimo de termos do provençal, do francês e das línguas dos povos bárbaros. No caso do português, além do grego e latim, das línguas saxônicas e das diversas línguas românicas, temos um riquíssimo acervo de palavras vindas das línguas indígenas e africanas, sem contar das línguas orientais.

---

[27] "Não se encontra uma língua que fale de tudo somente com suas próprias palavras, sem antes ter escutado de alguém, porque, juntos ao conversar, os homens das várias províncias utilizam as palavras uns dos outros." In: http://www.filosofico.net/nicmachlinhgital7843.htm

4.1.1 – Português e italiano: uma origem comum

Quando ouvimos uma canção italiana ou alguém falando palavras em LI, soa-nos muito familiar. Isto não se deve ao fato da imigração italiana fazer parte da nossa história, ou da facilidade de comunicação via *web*, mas encontramos a explicação no estudo da lingüística diacrônica que aponta uma origem matriz entre as duas línguas.

Tanto o português quanto o italiano pertencem ao mesmo tronco familiar: são ambas advindas do indo-europeu. Este mesmo grupo se subdivide, em vários outros entre os quais os ramos helênico, báltico, germânico, céltico, indo-irânico, o itálico. A este último pertence o latim e as diversas línguas que povoaram a Itália no período pré-romano (Silva Neto, 1952:13). Do latim, originaram-se as línguas românicas, constituídas ou coabitando em nações diversas: francês, provençal, espanhol, catalão, ladino, romeno, português, italiano, sardo etc.

Entre o português e o italiano, apesar de existirem diferenças dignas de atenção na grafia e fonética, existem semelhanças de forma, de sentido e de função que possibilitam uma compreensão parcial por parte dos falantes das línguas. Ambas possuem uma porcentagem considerável do léxico cuja raiz é latina e grega, portanto não é difícil encontrar palavras com significado praticamente igual, apenas com pequenas nuanças de sentido ou pronúncia que não interferem na compreensão: casa, vírus, carro, autóctone, corda, geografia etc. Do ponto de vista morfológico, as duas línguas possuem as partes do discurso divididas em variáveis e invariáveis e subdivididas em classes gramaticais classificadas por critérios similares.

Analisando o neologismo *picanha,* presente em documentos na internet, verificamos que está em fase de adaptação e que a integração acontecerá de maneira progressiva, já que foneticamente são iguais, resguardadas as diferenças de nasalização. A adaptação gráfica ainda necessita de estabilização, todavia a tendência, hoje, é de integrar o termo original.

Examinando os exemplos coletados na imprensa escrita, observamos que o jornal *Corriere della Sera* utiliza o termo autóctone, enquanto que o falante, em um texto extraído de um *blog*, faz a adaptação gráfica segundo os parâmetros da LI:

> 1) Questa apoteosi di filetto, costolette, controfiletto, picagna (non so a cosa corrisponda in italiano ma è fantastica), (…)[28] (Corriere della Sera)
>
> 2) Troverete altri piatti «più che unici», cioè sempre riccamente guarniti (e non adatti agli inappetenti): per esempio la picanha (codone di manzo alla griglia) (...)[29] (blog)

A analogia entre as duas línguas facilita para que a integração do neologismo se processe de maneira natural, sem conflitos para a LI.

4.1.2 Pequeno histórico da língua portuguesa

> "La parola é la prima istoira delle nazioni; e per ciò i parlari plebei sono, oserei dire, gli archivi e la più ricca miniera dei documenti d' un popolo".
> (E.M. Celesta)

Ao longo de sua história, a LP acumulou lexias oriundas dos muitos povos que dominaram a região ou com os quais manteve contato, tais como: fenícios, gregos, francos, povos bárbaros e orientais.

Inicialmente, na Península Ibérica, coabitavam línguas não românicas. Já muito antes do indo-europeu havia populações autóctones, os *eberos*. Mais tarde chegaram os celtas, que conviveram tranqüilamente com a população ibera. Celtas e iberos dominaram toda a península, até os Pirineus.

---

[28]In: <http://www.corriere.it/vivimilano/a_tavola/articoli/2006/09_Settembre/27/sabor.shtml> (acesso em 31.jan.2007)
[29] In: < http://viaggi.ciao.it/San_Paolo__Opinione_439159> (acesso em 31.jan.2007)

Com o Império Romano muda o panorama, os exércitos romanos expandem o seu território em duas frentes na Península Ibérica: a Hispania Ulterior (Galícia) e Hispania Citerior (Espanha), que mais tarde são configuradas, como é hoje, com os nomes de Bética e Lusitânia. Em Portugal, no ano de 139 a.C., os exércitos romanos quebram a resistência do líder Viriato, e cumprem o domínio efetivo: cultural, político e lingüístico, apagando os traços anteriores, e romanizando e aculturando os povos ali sediados.

Os romanos procuram não alterar as configurações geográficas e sociais existentes nos territórios dominados. Silva Neto (1952:71) diz que "longe de dividir para dominar, os Romanos buscavam agrupar para administrar". Porém, sendo o latim a língua oficial, era prestigioso sabê-lo falar, pois podia ser veículo de ascensão na carreira e a possibilidade de ter a cobiçada cidadania romana. Sob essa perspectiva, mesmo não sendo reprimidos, eram manietados pela própria vontade de crescer. Foram os soldados e comerciantes os ativos propagadores da língua e da cultura romana na península ibérica.

Com a decadência do império (séc. V), começa a dialetização do latim e o apagamento da norma culta. A partir deste momento, adquire paulatinamente o seu perfil individual perante as outras línguas românicas, incluindo as hispânicas, como resultado da ação militar e política dos suevos e godos, que invadiram a região, que ali se estabeleceram. Cria-se uma desconfiguração cultural e geográfica: não mais um império, mas províncias com autonomia administrativa e política próprias. Acelera-se também a desintegração lingüística e consolidam-se diferenças regionais.

A partir do século VIII, na Península Ibérica, ocorrem as invasões árabes, que se prolongam por diversos séculos**.** A inter-ação dos árabes com os ibéricos deu como resultado o *romanço moçárabe,* traço de união entre as duas culturas: hispânica e árabe. Segundo Silva Neto, "o moçárabe é um *marginal,* participa de ambas as culturas: não custa crer que de um lado recebesse as influências do Islame e de outro exercesse, por sua vez, influência nos

costumes e na arte dos Sarracenos" (*op.cit.*p. 336). Com a guerra de Reconquista e a conseqüente expulsão dos árabes da região, liderada pela Galícia, por Castela e pelo condado de Barcelona, estabelece-se o domínio lingüístico na península: galego, português e catalão.

Em 1085, Afonso de Castela, rei de Castela, doa, junto com a mão de sua filha, a Henrique de Borgonha, o condado Portucalense, que mais tarde, em 1143, é reconhecido como reino independente e considerado o primeiro estado moderno. Descendo a Galícia, os portugueses retomam os terrenos aos mouros e desenham o mapa de Portugal, tal como é hoje. O florescer do reinado dá ensejo ao surgimento de uma poesia lírica, as cantigas de amigo e de amor, escritas em uma língua próxima ao galego, o galego-português, reconhecida como a língua apropriada para expressar sentimentos. É a canção Cantiga da Ribeirinha, dedicada a Dona Maria Paes Ribeiro, amante de Dom Sancho I, apontada como o primeiro texto em LP.

O deslocamento da capital do reino para o sul, a interferência do português culto falado na região sul, cria padrões cultos, influenciados pelo Humanismo. Mas sem dúvida foi com o Renascimento que aconteceu uma revitalização lingüística, conseqüência do retorno aos estudos de grego e latim promovidos neste período e a incorporação de um sem número de latinismos e grecismos (Ilari, 2004:226).

Neste período, Portugal inicia o seu período áureo, e como senhor dos mares e entra em contato com outras culturas, com as quais mantém um florescente comércio. As relações com a Índia e povos orientais iniciam-se nos séculos XVI e XVII, inauguram um processo de empréstimos vocabulares, dentre os quais se destacam: o hindi, o tâmil, o malaiala e, sobretudo o sânscrito (Ferreira, 2002:192).

Na interação com as tribos africanas, em um processo que começa exterior ao Brasil, a LP empresta termos referentes ao tráfico de escravos, à vida militar e do cotidiano (Bonvini, 2002:149).

É da relação com os povos orientais e africanos pré-escravatura a maior parte dos portuguesismos existentes na LI, apesar de muitos deles terem sido dicionarizados tardiamente.

4.1.3 A tradição dicionarística na Itália e no Brasil

A tradição dicionarística italiana iniciou-se com a publicação do primeiro dicionário monolíngüe, editado pela *Accademia della Crusca*, em 1612, cujos integrantes defendiam a pureza da língua florentina e a seleção dos vocábulos desse primeiro dicionário refletia o pensamento da elite intelectual.

De fato, nesta primeira edição, não consta sequer uma palavra vinda do português, mesmo aquelas já então freqüentes na época, tais como *caravella* (1336), *banana* (1591), *betel* (1508), *marmellata* (1579) etc. Essas palavras e muitas outras, correntes entre os séculos XVI e XVII, foram introduzidas na LI através da extensa literatura de viagem, produzida pelos viajantes italianos. Na introdução, os autores do *Vocabolario della Crusca* confirmam que "dos escritores estrangeiros[30], somente usamos aquelas palavras que nos parecem belas". Esse primeiro vocabulário de LI, apesar de representar uma etapa fundamental na construção do pensar lexicográfico humanístico, teve a sua seleção baseada quase que exclusivamente na língua da literatura, dando pouca importância à língua falada. Leopardi (1926:187), no *Zibaldone*, faz a seguinte observação:

> Il Vocabolario della Crusca non ha interi due terzi delle voci o significati e vari usi loro, e né pure un decimo dei modi di quegli stessi autori e libri che registra nell'indici (...) si può far ragioni che questo non contenga più d'una quarentesima parte della lingua in genere. [31].

---

[30] Pode-se nesta época considerar estrangeiro todo aquele que não era toscano.

[31] "O *Vocabolario della Crusca* não possui dois terços das entradas ou significados e seus vários usos, não possui nem mesmo um décimo das locuções desses mesmos autores e dos livros que registra no índice (...) pode-se acreditar que não contenha mais do que a quadragésima parte da língua em geral."

Apesar desta e de outras críticas ao *Vocabolario* no Zibaldone, não se pode desconsiderar a relevância desta obra para a humanidade. Para De Mauro (1963:451), representa uma inovação na construção de dicionários, seja pela quantidade de vocábulos, seja pela riqueza do paradigma informacional, especialmente pelas modificações ocorridas no paradigma definicional, não mais apresentando somente sinônimos, mas procurando dar uma definição do vocábulo da entrada. Muitos outros críticos surgiram, mas a *Accademia della Crusca*, conseguiu um vigor extraordinário que durou por mais dois séculos. Vale relembrar que a academia era uma entidade particular, portanto sem apoio do governo florentino ou de outras entidades, contando apenas com a boa vontade de seus membros.

Novas edições surgiram neste mesmo século, a segunda em 1623, também em um único volume e impressa em Veneza, como a primeira. Nela não houve modificações relevantes, nem no léxico nem na estrutura geral do dicionário. A terceira edição realizou-se em 1691, sendo publicada pela primeira vez em Florença. Apresentou alterações importantes seja quanto ao formato (três volumes mantendo o formato *in folio*) seja quanto à estrutura interna. Aumentou substancialmente o número de entradas, aumentou o número de exemplos e houve uma melhoria nas definições. Nesta edição, o dicionário da Crusca (1691), fez um salto quantitativo e qualitativo notável, consolidando o primado da academia de Florença no campo da lexicografia (Marazzini, 2002:313).

No século seguinte, surgiram duas outras edições, das quais tivemos a oportunidade de verificar *de visu* e folhear detalhadamente a edição publicada em Nápoles no ano de 1746. Pudemos sentir sob as nossas mãos a textura do papel, a beleza da capa, o acabamento primoroso dado à primeira página com o frontispício da academia e, acima de tudo, colher elementos para a nossa pesquisa. Sentimo-nos realmente emocionadas, ao tocá-lo e pensar nos homens que os elaboraram. Desta edição fizemos a filmagem da introdução. Da edição de 1612 somente vimos a cópia anastática.

No decorrer do século XVIII surgiram diversas edições: a primeira em 1729 e outras reedições em 1741/1763 (Veneza), e 1746 em Nápoles. Nessa quarta edição, foi modificado o modo de colher as atestações, extraindo o que não era considerado de fonte segura (principalmente textos manuscritos) e introduzindo alguns estrangeirismos, inclusive da LP. A edição de 1746 é constituída de seis volumes, sendo o último volume publicado somente nesta edição. Esse volume adicional é um apêndice, no qual constam os autores citados nas atestações do corpo do vocabulário, as abreviações e o acréscimo de novas entradas, porém não consta a etimologia. Da nossa língua entraram cinco unidades lexicais: *caravella*, *cocco*, *imbarazzare*, *imbarazzo*, *imbarazzato*. Como trata-se de poucas unidades, transcrevemos os verbetes desta edição:

> 1) **CARAVELLA** vasselletto molto grande che cammina velocemente. Serd.stor. 2.272 una caravella portoghese (quella è una sorta di nave rotonda, utile sì a portar carichi sì ancora a combattere) ec. diede nelle medesime galee.
>
> 2) **COCCO** specie di albero indiano che più comunemente dicesi **COCCO DELLE MALDIVE** Red. Esp. nat. 22 Avea portato nella corte di Toscana ec. alcuni pezzi di tavarcarè, che da noi è chiamato cocco delle Maldive.
>
> 3) **IMBARAZZARE** intrigare, imbrogliare . Lat. implicare, intrincare. Tac. Dav. 13.175. Intrigare, imbrogliare. Era a Tiridate vergogna non la soccorrere; e pericolo in quei luoghi aspri imbarazzare cavalleria.
>
> 4) **IMBARAZZO** impedimento, intrigo. Lat. Impedimentum Dav. Pofst. 1.13.427. Perchè quella lingua sebben nata della latina è oggi allevata e si regge e va senza il carruccio o appoggio di quelle lettere che nonsi pronunciando più sono imbarazzo da levar via come le centine e l'armadura, quando la volta ha fatto presa.
>
> 5) **IMBARAZZATO** add. Da imbarazzare.

Os lexicógrafos da Academia não apresentam essas entradas como empréstimos, contudo para *imbarazzare*, *imbarazzo*, colocam como vindas do latim. Os dicionários etimológicos e todos os dicionários do *corpus* dão como empréstimo do português:

imbarazzare rendere difficile impacciando (imbarazare avv. Nel 1600, B. Davanzati, imbarazzare, 1640, Oudin)● prestito dal port. *embaraçar* 'allacciare, impedire col laccio' (DELI).

No ano de 1783, tomou-se a decisão de incorporar em uma só, as três academias existentes em Florença e criou-se a *Accademia Fiorentina.* Essa nova academia permaneceu inoperante e assim, em 1811, os acadêmicos se reuniram e resolveram reinstituir a *Accademia della Crusca* como academia autônoma.

No terceiro século de atividades da lexicografia italiana, a nova academia decidiu fazer um novo vocabulário, revisando o antigo *Vocabolario*, e dando prioridade à pureza da língua. Durante os anos de compilação surgiram críticas e os trabalhos se estenderam até 1843, quando foi decidido publicar o dicionário em fascículos. Todavia, o primeiro volume foi editado somente em 1863. Teve outras edições, entretanto nunca foi completado, sendo o último verbete a palavra "ozônio".[32]

A edição que pesquisamos foi a de 1866. Nela encontramos 22 palavras da LP, um aumento relevante em relação ao século anterior. São elas: *acagiù, albino, ananás, areca, baia, baleniere, bambù, banano, betel, buchero, caravella, casta, cocco, feticcio, imbarazzamento, imbarazzante, imbarazzare, imbarazzante, imbarazzato, imbarazzo, maccaco, marmellata.*

Apresentamos a entrada *caravella*, a mesma da quarta edição:

Caravella sost. femm. Nome di un vascelletto **non** molto grande, **snello e veloce, adoperato così in guerra come pel commercio**. **Spagn**. carbela, **franc**, caravelle; voci tutte derivato dal **basso greco**, xarabos, **basso latin**o carabus. Specie di schifo o palischermo. **Giambull.B. Ciriff. Calv.3,345**: Nave grosse e sottile e balonieri caracche e barche, **caravelle** e fuste, brignatini, galeazze ecc. Libro intitulato Ciriffo Calvaneo e il Povero avveduto, ecc. Composto er Luca Pulci e il resto per Bernardo Giambulllari, fiornetini. Venezia, Nicolini da Sabbio, 1535, in 4. (grifos nossos)

[32] In: <www.accademiadellacrusca.it.

Notam-se, em negrito, as inovações introduzidas como: o gênero, a definição foi melhor elaborada; a etimologia, que diz que se originou do espanhol e francês, através do grego e latim e não do português. Na microestrutura da unidade lexical *cocco*, nota-se a perda do topônimo que, anteriormente, por duas vezes foi enfatizado o uso comum de **cocco delle Maldive**.

> **Cocco** sost. masc. Sorta di palma di altissimo fusto, che cresce in Asia, in Affrica ed in America, e produce un frutto , il quale racchiude una grossa mandorla vuota in mezzo contenente un liquore bianco e dolcigno; ed è la coccos nucifera dei botanici.
> § *E per il frutto o Noce di essa pianta*. Sassetti. Lett. 249 Portavanoci ... cocchi o noci dell'India...son prima umore aquoso, poi coagulato.

O *Vocabolario della Crusca* durante esses três séculos teve muita repercussão, mas teve também muitos opositores. Marazzini (*op.cit*. p. 310) afirma que desde a primeira edição as críticas ao *Vocabolario* foram ferrenhas. Na crítica da edição de 1612, Paolo Beni pressupõe que a língua é patrimônio do povo e como tal deveria fazer parte do léxico do dicionário. Outro crítico feroz foi Alessandro Tassoni que lutou, contra o que ele considerava a "ditadura florentina sobre a língua". Censurava também o uso e abuso de latinismos nos escritos técnicos e médicos. O crítico sentia horror por tudo o que era "passatismo", arcaico, culto à tradição, o que, segundo ele, servia de empecilho à modernidade.

Como a edição de 1866 não foi completada, procuramos outro dicionário que pudesse nos dar uma idéia de todas as unidades lexicais que entraram para o italiano no século XIX. Encontramos três dicionários de porte: o *Vocabolario universale della lingua italiana* (Mortara), editado em 1845, o *Dizionario della lingua italiana* (Tommaseo) de 1865, e o *Nòvo dizionario universale della lingua italiana* (Petrocchi) de 1887.

O Tommaseo é considerado o melhor dicionário de autor do século XIX. Foi produzido longe dos santuários editoriais da lexicografia italiana de então (Firenze, Napoli, Veneza), em um lugar até então considerado à margem das manifestações literárias e

lingüísticas da Itália, em Torino[33]. O autor se preocupou em transmitir as idéias morais, civis e literárias da época, acrescentando muitos termos políticos e civis, que são registrados pela primeira vez em um dicionário de língua italiana. É do Tommaseo a incorporação no dicionário de palavras como *comunismo*, *socialismo*, *positivismo* etc. (Marazzini, *op.cit*. 387-388). Encontramos nele quarenta e seis unidades lexicais da LP registradas no nosso *corpus*.

O dicionário Petrochi registra cinqüenta e três entradas da nossa língua. A macroestrutura é organizada por uso. Dispõe em separado, em uma espécie de tabela de rodapé as unidades lexicais consideradas arcaicas.

Utilizaremos para exemplificar, o Mortara, pois apresenta maior quantidade de entradas relativas à LP. Dos empréstimos que hoje estão incorporados à LI, encotramos sessenta e duas unidades, sem contar os acidentes geográficos e topônimos brasileiros. O Mortara foi editado em Mantova, em 1845, em oito volumes, portanto, no período da pré-unificação da LI. Apresenta, em confronto com o vocabulário da Crusca, uma diversidade de entradas, muitas curiosidades, nomes geográficos de diversas partes do mundo inclusive do Brasil. Nesses, a microestrutura apresenta, apenas como informação, a área semântica a que pertence a entrada, o acidente geográfico e o país:

> ARARUAMA (geog.) lago del Brasile.
> BARRRIGA (geog.) monte del Brasile.
> CABRALIA (geog.) porto del Brasile
> GUARATUBA (geog.) Gua-ra-tù-ba. Fiume del Brasile nella provincia di Mato Grosso.
> MARASDI (geog.) antica città dell' Arabia Felice.
> MANAOSI (geog.) Ma-na-ò-si. Tribù d'Indiane del Brasile, nella Provincia del Parà (G)
> PARANÁ (geog) Pa-ra-ná. Riviera del Brasile.
> PALANDA (geog.) Pa-làn-da.Antico fiume dell'Indie (Mit.)
> TAPAXANI (geog.) Ta-pa-xà-ni. Selvaggi del Brasile

[33] No Piemonte. A língua italiana nessa região era considerada estrangeira, pois falava-se um dialeto condicionado pela forte influência do francês.

Observe-se que o lexicógrafo inseriu no corpo do seu dicionário um total de 69 palavras da LP, que constam do nosso *corpus*, na sua maioria elementos da fauna e da flora, devido certamente ao forte interesse que as ciências naturais despertaram naquele século. Além destas, encontramos entradas que hoje não estão mais dicionarizadas. Palavras que se referem à etnologia: *cafusi* (popolo del Brasile), *cararueni, botucudi* (indigeni del Brasile); à culinária: *menagio* (dal portoghese *mermelade*, de simil senso); à flora: *arapabaca* (sinonimo brasiliano della *spigelia anthelmintica* di Linneo), *araticu* (frutto di un albero), *bananiano* (genere di pianta); à fauna: *canade* (specie di mammifero brasiliano) etc.

Em Mortara, o tratamento lexicográfico dado ao verbete é mais conciso se comparado com o dicionário da Crusca. Contém um paradigma informacional amplo, onde consta a área semântica, o gênero, separação de sílaba, a etimologia da palavra e a definição. Nas entradas referentes à fauna e flora inclui o nome científico. Diferentemente da Crusca, não apresenta atestações. Em algumas entradas, o paradigma definicional inclui informações enciclopédicas. Sempre com o mesmo exemplo, vejamos como apresenta o seu verbete:

> CARAVELLA (marin) ca-ra-vel-la[*sf*] Lat. Carabus.*Vascelletto molto grande che cammina velocemente [ed è utile sia a portar carichi come a combattere] Usasi specialmente da'Portoghesi.*

O século XX, mormente a partir da segunda metade, vê aportar notáveis modificações nos dicionários, à luz de lingüistas de renome, que com base em novas teorias lingüísticas, impõem à lexicografia o *status* de ciência. Elaborar um dicionário requer conhecimentos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos e a lexicografia italiana acompanhou essa evolução, não deixando de aplicar as modernas teorias nos seus dicionários.

Dos vários dicionários editados em 1900 e até 2005, utilizaremos apenas os que serviram para o recolhimento do nosso *corpus*. Optamos por escolher três dicionários que representam a lexicografia italiana de hoje:

O primeiro deles é o *Grande Dicionário Dell' Uso* (Gradit), de Tullio de Mauro, edição de 2000. Compõe-se de seis volumes, mais um apêndice. Nesse estão inseridos os principais neologismos que entraram a fazer parte da LI após a primeira edição de 1999. O seu *corpus* é um dos mais completos e foi baseado sobre o léxico presente no *Grande dicionário della lingua italiana*, de Salvatore Battaglia (21 volumes). O Gradit é composto de duzentos e cinqüenta mil entradas e cento e trinta mil locuções e expressões idiomáticas que se encontram no interior dos verbetes. O dicionário faz uso da macroestrutura ordenada alfabeticamente. A microestrutura apresenta como novidade e apoiada em bases estatísticas, o léxico fundamental do falante da língua (FO), num total de 2.000 palavras que representam 90% do vocabulário do usuário; outras 2.500 entradas recebem a marca AU – de alto uso, que são palavras pouco freqüentes, mas conhecidas por todos e compõem 6% do léxico. Outros 4% são divididos a saber: AD – de uso elevado, palavras usadas somente por pessoas com nível de instrução superior. TS – linguagem de especialidade; nesta categoria está inserida a grande maioria das unidades lexicais da LP, são os termos utilizados por profissionais de áreas específicas; LE – uso literário; RE – uso regional; ES – estrangeirismos; BU – baixo uso; OB – arcaico (obsoleto); CO de uso comum, que faz parte do vocabulário ativo de todo o falante italiano. Neste dicionário, o verbete *caravella* vem assim definido:

> **caravella** s.f. CO [av.1336; dal portoghese *caravela*, dal lat. tardo *carabus* "carabo"] **1.** veliero portoghese e spagnolo, veloce e leggero, dei secoli XV e XVI.**2**. BU colla da falegname usata per gli assiti di tale navi.

Vemos a entrada, um portuguesismo adaptado; a definição de gênero, a categoria de uso, a datação e a etimologia. A definição é curta e explicativa. Apresenta também uma segunda acepção, de baixo uso (BU). Em outros verbetes apresenta todas as especificidades que são enunciadas pelos lexicógrafos: entrada seguida do paradigma informacional

(incluindo transcrição fonética), definicional e pragmático, isto é, ENTRADA = PI+PD+PP (Barbosa,1989:575).

O segundo é o *Nuovissimo Vocabolario Ilustrato della lingua italiana* (D/Oli), de Giacomo Devoto e Gian Carlo Oli, edição de 1997, em dois volumes, e consta de cem mil entradas. O que difere do anterior é que apresenta ilustrações, especialmente de animais e plantas exóticas, tendo assim o consultor, a possibilidade de visualizar o que ele talvez não conheça. Nos anos subseqüentes, o dicionário foi reduzido a um volume, com vistas a atingir um público maior. A unidade *caravella* no D/Oli é apresentada da seguinte maneira:

> **caravella**[1] s.f. **1.** Piccola nave a un solo ponte, con castelli a poppa e a prua, e di solito con due alberi a vele quadre e uno, a poppa, con vele latine, e bompresso con vela di civada, usata spec. dagli Spagnoli e dai Portoghesi fra i secc. XIII e XVII. **2.** Nome comune del celenterato degli Idrozoi *Physalia physalis* (v. FISALIA). [dal portoghese *caravela* e questo dal lat. tardo *carÀbus* 'barca di vimini foderata di pelle'].

D/Oli também segue as especificações lexicográficas modernas, apesar de sua definição conter muitos semas descritivos do referente, se comparada ao Gradit e ao LZ. Não apresenta a datação.

O dicionário *Lo Zingarelli. Vocabolario della Lingua Italiana*, de Nicola Zingarelli, em um volume, edição 2005, é popularmente conhecido como *Lo Zingarelli*. É o dicionário de maior circulação na Itália, em razão de seu formato compacto e considerável quantidade de entradas. Registra 134 mil entradas e 40 mil locuções e frases idiomáticas, imagens coloridas e em preto e branco. É editado também em forma reduzida, *Lo Zingarelli Minore*, que atende aos interesses dos estudantes, pois é de fácil manuseio. O LZ, desde 1994 está sendo reeditado anualmente, acompanhando passo a passo a evolução da língua, incluindo neologismos referentes ao mundo da tecnologia, da informação e principalmente do linguajar quotidiano[34]. No nosso *corpus* utilizamos a versão do LZ em CD.

---

[34] In: < http://www.panorama.it/italia/cronaca/articolo/ix1-A020001037946>

A unidade lexical **caravella** é assim colocada:

> **caravella** (**1**) [port. *caravela*, da *caravo* 'nave asiatica a vele latine', dal lat. tardo *carabu*(*m*) 'granchio', poi 'piccolo battello', dal gr. *kárabos* 'granchio marino', poi 'battello'; av. 1336] **s. F.** •Nave a vela veloce e leggera a un solo ponte con tre o quattro alberi usata spec. da Portoghesi e Spagnoli nel XV-XVI sec.

Como vemos no exemplo, o LZ segue as mesmas proposições lexicográficas dos outros dicionários, apenas com diferenças mínimas, que não alteram ou interferem no seu valor como obra.

Atualmente, a lexicologia e a lexicografia italianas vêm sendo palco de estudos de extrema consistência, notadamente quanto ao recolhimento do léxico em bancos de dados *on-line*, para serem usados posteriormente na elaboração de dicionários ou para consultas independentes. Entre eles podemos destacar *Tesoro della lingua italiana delle origine* (TLIO)[35], com a supervisão da Accademia della Crusca, que recolhe no seu interior um número aproximado de 21.458.040 palavras-ocorrências.

Outro banco de dados de extensa repercussão surgiu sob a orientação de Giovanni Adamo, presidente da "Associação Italiana para a Terminologia" (Ass.I.Term), e Valeria della Valle e tem por finalidade recolher os neologismos em um banco de dados aberto, dinâmico e acessível para publicá-los periodicamente, após uma análise sistemática do material recolhido. Os dois lingüistas já publicaram em conjunto, um primeiro volume intitulado *Neologismi quotidiani. Un dizionario a cavallo del millennio* (Leo Olsky, 2003). Nele são relacionados cerca de cinco mil neologismos correntes. Neste volume constam apenas dois neologismos que remetem ao PB: *footvolley* e *Barrrichello day*. O primeiro é apresentado como empréstimo semântico do PB, mas remete o leitor para uma palavra inglesa, apesar de constar a grafia portuguesa entre aspas (futevolei) e o segundo (apenas a personagem é brasileira)

---

[35] In: < http://www.ovi.cnr.it/>

refere-se ao dia em que Rubens Barrichello venceu a corrida de Fórmula Um em Monza. Todos os dois possuem forte conotação inglesa. Os autores, no prefácio (2003:XII-XII) justificam a utilização de neologismos midiáticos como *Barrichello day*, para que fiquem registrados na memória, apesar de saberem que sua trajetória neológica será meteórica.

O percurso da lexicografia portuguesa tem como primeira publicação de porte o *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712) de Raphael Bluteau. À semelhança do *Vocabulário della Crusca,* recolhe um abundante acervo lexical da LP, acompanhado de uma definição muitas vezes mais descritiva que definitória, pois segundo o Bluteau, é difícil entender a definição sem uma boa descrição (prólogo: 26). O rico *corpus* lexical é explicado pelo próprio Bluteau, quando considera: "todos os vocábulos são igualmente bons. As palavras são o espelho do pensamento e imagens do conceito" (prólogo: 24), como tal, as palavras representam o que a pessoa quer dizer. Entende como vocabulário universal o recolhimento de todas as unidades lexicais em uso. O verbete "caravela" no Bluteau é constituído da definição e da atestação. Também possui uma contestação de cunho marcadamente pessoal:

> CARAVELA caravela Embarcaçaõ redonda que anda com velas Latinas, & e que de ordinario leva duzentas toneladas. Auriti velis vembus. *i. MaSc*. Na Hydrografia do Padre Fournier, acho q os Portuguezes foraõ os inventores desse genero de Embarcaçaõ. Naõ sei com que razaõ alguns lhe chamaõ de Carabus, porque no livro 19, cap. I. S.Isidoro diz *Carabus parva scapha ex vimini facta quae contecta crudo corio, genius navigij praebet.*

No Brasil, o contato com as línguas indígenas e a necessidade de comunicação, com vistas à evangelização, propicia o surgimento de vocabulários bilíngües português-tupi (Séc. XVI-XVII). Para Nunes (2002:106), os bilíngües tupi-português dão início à lexicografia brasileira, em uma relação paralela a Portugal e produzem a primeira alfabetação do português em dicionário brasileiro. Enquanto que em terras lusitanas Cardoso (1562) inicia a primeira publicação de um dicionário português-latim, aqui se produz, em espaço muito

próximo, um dicionário português-tupi (1621). Portanto, a lexicografia brasileira caminha lado a lado com a portuguesa.

O primeiro dicionarista brasileiro a elaborar um dicionário monolíngüe foi Morais e Silva (1789). Embora publicada em Lisboa, sua obra teve ampla divulgação e utilização, pois ocorre simultaneamente a fatores históricos e sociais: a expulsão dos jesuítas, a obrigatoriedade do ensino do português nas escolas, o surgimento de diversas academias e a intensa afluência de brasileiros que estudavam em Portugal. O dicionário de Morais serve de marco fundamental para a produção lexicográfica brasileira, permitindo, através de seu modelo, a elaboração de dicionários específicos. Seguindo o modelo de Morais, surgem no Brasil dicionários dos mais diversos tipos: de regionalismos, como o de Coruja (1856); de brasileirismos, elaborado por Macedo Soares (1888). Existe também uma inversão nos dicionários português-tupi, que passam a ter a tradução dos termos do tupi para o português, (Nunes, *op.cit*. p.107). Referência inicial para estudos filológicos e etnológicos da língua tupi é o *Dicionário de Tupi* de Gonçalves Dias.

O século XX consolida definitivamente o saber lexicográfico brasileiro, com a produção e publicação de obras notáveis de autores ilustres: Laudelino Freire (1939-1944, obra póstuma), Caldas Aulete (1958), Antenor Nascentes (1961), Aurélio Ferreira (1975) e Antonio Houaiss (2001) entre outros.

A elaboração do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* demandou cerca de quinze anos de pesquisa. O projeto ambicionado por Houaiss de produzir um dicionário histórico e abrangente da LP, dando relevância à etimologia e atestação da palavra, aos dialetismos brasileiros e portugueses e aos empréstimos de outros idiomas, é culminada com a aceitação generalizada por parte dos usuários brasileiros e portugueses. Elaborado por uma equipe de redatores e especialistas, entre os quais diversos colaboradores de nações lusófonas, conta com aproximadamente 228.500 entradas. A apresentação da macro e da microestrutura

obedecem às normas lexicográficas exemplificadas no LZ. Assinalamos no DH a unidade lexical **caravela**, que vem assim apresentada:

> **caravela** substantivo feminino **1**Rubrica: termo de marinha. Embarcação de velas latinas, de pequeno calado, casco alteroso à popa e mais raso avante, com um a quatro mastros, utilizado nos sXV e sXVI, esp. pelos portugueses, nas viagens de descobrimento.

O DH faz parte do nosso *corpus* de estudo e será utilizado para comparar as unidades lexicais italianas e portuguesas quanto à grafia e às definições e outras confrontações que surgirão no decorrer da análise dos dados.

No Brasil, lingüistas de ponta se dedicam a estudos lexicológicos e lexicográficos, produzindo trabalhos teóricos e dicionários bilíngües, terminológicos, coletando neologismos na imprensa falada e escrita, com o intuito de traçar um panorama contínuo da evolução do PB. Entre eles podemos destacar Maria Aparecida Barbosa (lexicologia), Lídia de Almeida Barros (terminologia) e Ieda Maria Alves e Nelly Carvalho (neologia). No campo da coleta de dados, estão sendo desenvolvidos projetos sobre *corpus* do português: o Banco do Português[36], sob a coordenação de Tony Berber Sardinha da PUC/SP, com cerca de 223 milhões de palavras (tokens). Na USP, o mais importante é o projeto Comet[37], corpus multilíngüe para ensino e tradução, coordenado pela professora Stella Tagnin.

Vimos neste capítulo que o renascimento propagou o humanismo e a febre de conhecimentos espalhou-se pela Europa fazendo com que cada país publicasse o seu *thesaurus* de língua. A tradição lexicográfica começou a tomar corpo, sempre sob os auspícios das academias literárias, que zelavam pelas publicações, sobretudo pela pureza de sua língua. O dicionário de língua é, desde então, sempre uma obra de referência, de valor informativo e didático. É "um livro de referência sobre palavras. É um livro sobre a língua" diz-nos Jackson

---

[36] http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/index.htm
[37] http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/

(2002:21). Citando Lara: “representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas” (apud. BIDERMAN, 2003:53). Como tal é um recurso indispensável para consulta, um instrumento de integração entre a língua e o usuário, além de ser uma fonte inesgotável para estudos lingüísticos, semióticos e culturais.

4.1.4 Contribuição das navegações no léxico português e italiano

> "ho perduto molti sonni e ho abbreviato la mia vita di dieci anni; e tengo tutto per bene speso, perché spero venire in fama lungo secolo."[38]
> (Amerigo Vespucci)

As primeiras tentativas de navegação fora da bacia mediterrânea acontecem no século XIII, e o fator determinante para essa nova aventura é a descoberta da bússola, instrumento precioso e indispensável para se aventurar em mares desconhecidos. Na segunda metade deste mesmo século aparecem os primeiros exemplares das cartas náuticas, também essas de vasta utilidade, mesmo que no início não fossem de grande ajuda para quem se arriscasse a atravessar as fronteiras do Estreito de Gibraltar em direção ao sul. Outro ponto que contribuiu grandemente para a navegação no Atlântico foram as modificações surgidas nas embarcações. De posse de conhecimentos navegatórios resultantes do longo comércio no Mediterrâneo, e reforçados pelas constantes lutas contra os muçulmanos, os navegantes da bacia mediterrânea produziram outro tipo de nave mais sólida e mais leve, feita à base de velas triangulares, o galeão. Acrescido de melhorias consideráveis nos apetrechos náuticos, o galeão português evoluiu para a caravela, ágil e possante. (Ferro, 1974:15 *et.seq.*).

---

[38] “Perdi muitas noites de sono e abreviei pelo menos dez anos da minha vida; e creio tê-los consumido bem, porque espero tornar-me famoso ao longo dos séculos.”

Quando Portugal inicia a dominação marítima além-mar, aventura-se primeiramente pelas costas da África, tentando descobrir um caminho que o conduza às Índias Orientais. Nas costas africanas, os navegadores portugueses, aliados aos financiadores e mercadores venezianos vão à procura de metais preciosos e de escravos. O tráfico de africanos foi legitimado pelo papa Nicolau V, na bula *Dum Diversas* (1452), na qual dá a autorização para atacar e submeter todos os infiéis e pagãos e tomar posse dos seus territórios. A conquista da costa africana deu-se por etapas: 1) a travessia do Cabo Bojador, na costa do Saara Ocidental foi feita em 1434 por Gil Eanes. 2) em 1484, Diogo Cão alcança o Cabo Negro e 3) finalmente, em 1488, Bartolomeu Dias atravessa o Cabo das Tormentas, rebatizado por Dom João II como Cabo da Boa Esperança. Estava descoberto o caminho para as Índias pelo mar, que foi finalmente completado por Vasco da Gama em 1498, que chega a Calcutá na costa do Malabar. A partir daí, tanto na África como no Oriente, a presença de mercadores e evangelizadores italianos é constante (*op cit*. p.153 *et seq.*).

Com a legitimação da Igreja, os navegadores se tornam também exploradores, e vão, ao longo do caminho, formando núcleos povoados, especialmente na Índia, onde floresce um rico comércio nas cidades dominadas pelos portugueses.

A LP teve como mola propulsora de seu enriquecimento lexical o período das grandes navegações, quando o contacto com outras culturas, hábitos e a diversidade nos reinos vegetal, animal e mineral, foram preponderantes na ampliação do léxico. Anexado à LP, esse novo vocabulário foi difundido para as outras línguas através do comércio com outras nações por indivíduos que acompanhavam as expedições, como elemento trabalhador, como mercante, ou como missionário. Acompanhando os portugueses, os viajantes italianos escreviam relatórios aos seus, aos amigos, familiares, financiadores ou aos seus superiores eclesiásticos. Neles narravam as suas impressões sobre o que viam, o modo de vida, os costumes dos povos que visitavam. A literatura dos viajantes italianos é um olhar sobre o

Oriente visto através da perspectiva familiar, sempre procurando detalhes que pudessem remeter à pátria distante. Não um olhar nostálgico, mas preocupado com os laços culturais e religiosos que pudessem unir as suas culturas, para assim poder aprofundar seus conhecimentos, entender a outra civilização e favorecer o intercâmbio lingüístico. Desse modo, novas palavras são anexadas ao vocabulário do viajante italiano. Geralmente, cada nova palavra vem acompanhada de uma ampla descrição das características biofísicas ou fisiológicas do seu referente extralingüístico. É importante ressaltar que os empréstimos citados pelos viajantes italianos fazem parte das ocorrências registradas no *corpus*, e entraram para a LI com a intermediação do português. São portantos empréstimos indiretos (cf. **2.2.2**).

Como qualquer empréstimo em fase neológica, os neologismos recolhidos pelos viajantes apresentam variações de grafia. Se tomarmor a unidade lexical italiana ***betel***, vemos que grafavam de maneiras diversas. Sassetti (Caraci, 1991:900) grafa *betle* "L'erba è acuta e tira al pepe, dico il *betle*: fa buono stomaco e buono alito e conforta la testa."[39]. Vartema usa *betole* "le quale *betole*[40] sonno come folgie de melangole; le quale usano loro de continuo a mangiare"[41] (*op.cit* p.336). Carletti emprega uma forma alternativa, *betre*. "Quivi per un pezzo s'attende a masticar la foglia del *betre*, il che fanno ancora il giorno e quase sempre l'hanno in bocca."[42] (Guglielminetti, 1969:240). Em Ramusio, encontramos *betelle/bettre*: "la foglia del *betelle* o *bettre*, che tengon di continuo in bocca."[43] (1550: 312), mas também *betole*: "di non mangiar *betole***,** le quali sono come foglie di aranzi"[44] (*op.cit*.: 161).

---

[39] "A erva é penetrante e tem gosto de pimenta, falo do betel: estimula o estômago e dá bom hálito e alivia a cabeça."

[40] *Betole*, usato come femminile plurale è una forma italianizzata; le altre – *betel, betle, betre* – corrispondono alle forme portoghesi betel e betre:cfr. CARDONA, p. 173. Obs. Nos dicionários atuais consta a forma *betel.*

[41] "Os betéis parecem folhas de laranja; eles as mastigam continuamente."

[42] Aqui por algum tempo (eles) ficam a mastigar a folha do betel, o fazem todo o dia; quase sempre o tem na boca."

[43] "a folha do betel o betel que seguram continuamente na boca."

[44] "de não comer betéis, as quais são como folhas de laranja."

Somente para ilustrar, citaremos alguns dos principais cronistas italianos cujos escritos foram os divulgadores do léxico português. Exemplificaremos com uma unidade lexical coletada no interior dos seus escritos e que posteriormente veio a ser dicionarizada.

Iniciaremos com as memórias do missionário capuchinho Padre Giovanni Antonio Cavazzi, o qual recolhia informações para os superiores da ordem e para a *Propaganda Fides* (hoje Congregação para a Evangelização dos Povos). Pe. Cavazzi escreveu a *La Istorica descrizioni de' tre regni Congo, Matamba e Angola*, que mais tarde foi transcrita por Fortunato Alamandini e publicada em Bologna em 1687. Nas descrições, o missionário dá o seu testemunho sobre cenas cotidianas, cerimônias e doenças das populações locais. Além de escritor, era um excelente desenhista, acompanhando suas descrições com pinturas que são seguramente as primeiras imagens dos povos do Continente Africano feitas *in loco* por um europeu. Do seu relatório assinalamos o neologismo *bouba*: "La prima è il morbo gallico, detto *bobbe* da´Portoghesi, e corre fama che dall'America lo portassero."[45] (1969:525).

Visitando o Oriente, Ludovico de Vartema, publicou em 1510 o seu *Itinerario dallo Egypto alla India*, um documento de importância histórico-geográfico, onde descreve com precisão as técnicas de navegação, a orientação marítima através da estrela polar, a direção dos ventos, as técnicas de construção naval etc. Atingiu a Índia pela rota do Mar Vermelho e retornou por mar, pela rota de Magalhães, em 1508. Do seu *Itinerario*, registramos *almadia*: "C'è un'altra sorte de barchette piccoline chiamate *almadia* e sonno pur tutte de um pezzo." [46] (1991:338).

A tão almejada chegada às Índias, com seus falares regionais e a diversidade dos povos que ali habitavam, forneceu não somente riqueza aos navegadores portugueses, mas também a consolidação de um florescente comércio na forma de cidades e fortalezas disseminadas ao longo da costa indiana. A conseqüência natural foi o fortalecimento de uma

---

[45] "A primeira é o morbo-gálico, chamado de bouba pelos portugueses, e diz-se que o trouxeram da América."
[46] "Existe um tipo de barca pequenina chamada almadia e são todas feitas em uma só peça.".

cadeia de contatos culturais entre ocidente e oriente. Um dos mais notáveis cronistas italianos, que viveu e conheceu diversas regiões da Índia, foi Filippo Sassetti, agente de mercadores italianos no Oriente. A sua viagem foi exclusivamente para comerciar, todavia o seu perfil de humanista se sobrepõe ao de comerciante, brindando os seus amigos e financiadores com extraordinários relatos de sua vivência na Índia. Nas cartas que escreve a Baccio Valori, a Pietro Spina, a Bernardo Davanzati, a Francesco e Ferdinando de' Médici e a sua irmã Maria, põe em evidência o desejo sempre humano de se aventurar pelo desconhecido, de apreender sobre relações do homem com a natureza, na procura da essência da vida. Na sua curiosidade pelas línguas, ele foi o primeiro a notar que entre o sânscrito e o italiano existiam traços correspondentes, embora sem se aprofundar no assunto, fazendo apenas uma pequena análise lexical. A sua obra *Lettere da vari paesi*, descreve situações vividas nas Américas, nas Índias e, principalmente em Cochin, capital do Malabar, onde viveu e escreveu trinta e uma das suas cartas. Quando se preparava para retornar à Itália, morre em Goa no ano de 1588, após uma permanência de cinco anos. Trinta e cinco de suas cartas foram publicadas em 1743 na *Raccolta di Prose Fiorentine.* Em 1970, Bramante organizou e publicou todas as suas cartas, sob o título *Lettere da vari paesi* (Milano: Longanesi). Sassetti contribuiu para a divulgação de muitos empréstimos indiretos, originários do malaiala, do tâmil, do urdu e incorporados pela LI. Citou *caurim*: "A Bengala vanno di quelle chioccioline piccole che si trovano nell'isole di Maldiva; chamanle qua *caurim*, in Portogallo buzio."[47] (Caraci, 1991:928).

Avançando por mar e por terra, os portugueses chegam à China e ao Japão. Francesco Carletti é um italiano que comercia, em Cabo Verde, escravos vindos da Etiópia e os revende na América Central. Inicia a sua viagem, juntamente com seu pai em 1594 e, no intervalo de doze anos, completa a volta ao mundo, passando pelo Panamá, México, Peru, Filipinas, China, Japão e Índia. É a primeira pessoa a fazer a circunavegação do globo por

[47] "Para Bengala vão aqueles moluscos pequenos que se encontram nas ilhas Maldivas; chamam-nas aqui de caurim, em Portugal, búzios."

conta própria. Escreve *Ragionamenti del mio viaggio intorno al mondo* no seu retorno à pátria e os envia ao grão-duque de Toscana, Ferdinando de' Médici. As cartas são publicadas somente em 1701. Sua obra gozou de certo prestígio, pois, além de introduzir o cacau na Itália, descreve a maneira de preparar o chocolate sólido, que aprendeu na sua visita ao Peru. Das descrições dos países visitados, a China é descrita com forte sentimento de admiração, seja pela civilização do país, seja pela longa existência da dinastia chinesa. Dentre os muitos neologismos assinalados por ele *mandarina* (hoje lexicalizado como *mandarino*): "Ma le persone litterate parlano una lingua che si chiama *manderina*, cioè, delli uomini litterati, che tanto suona "manderino."[48] (1969:200).

De todos os relatórios, cartas e diários de bordo escritos pelos viajantes italianos, os que mais impacto tiveram na Europa, foram, sem dúvida, os que se referiam às Américas. Tudo o que se apresentava aos extasiados olhos europeus, eram maravilhas nunca antes vistas: uma flora luxuriante, uma fauna fascinante e populações indígenas, que pelas suas peculiaridades, os encantavam. Motivo de interesse e curiosidade, os índios eram descritos amplamente, em diversos relatórios, notadamente seus usos e costumes, sempre pondo em evidência a possibilidade de evangelização, que era uma das metas das navegações. Tão diversa era esta *Terra Del Verzino*[49], que muitos escritores a descreviam como um verdadeiro éden, tanta a abundância e a fartura: "Li popoli di questa tera non sonno cristiani e non adorano cosa alguna; viveno secondo lo uso de la natura e viveno centovintecinque anni e cento e quaranta."[50], escreve Antonio Pigafetta (1999:170). E mais adiante: "Questa gente se dipingono meravigliosamente tuto il corpo e il volto con foco in diverse amaniere, anco le

---

[48] "Mas as pessoas letradas falam uma língua que se chama mandarim, isto é, dos homens letrados, que soa como mandarino."

[49] ou Verzin, literalmente "terra do pau-brasil. Verzin (o), ou brasil (e) indicam variedades da espécie *Cesalpinea*, madeira de cor vermelha (DEI).

[50] "Os povos dessa terra não são cristãos e não adoram coisa alguma; vivem de acordo com a natureza e vivem cento e vinte e cinco a cento e quarenta anos."

done; sono tosi e sensa barba perché se la pelanno;"[51] (*op. cit.* p.172). Da vida de Pigafetta pouco se sabe, apenas que nasceu talvez de família nobre e que acompanhou a expedição ao redor do mundo nos anos de 1519-1522, chefiada por Fernão de Magalhães. Morto este por indígenas nas Filipinas, Pigafetta retornou à pátria junto com outros dezessete sobreviventes. Descreve a sua viagem nas *Relazioni del primo viaggio intorno al mondo*, publicada pela primeira vez, provavelmente em 1524. Tinha por hábito elaborar pequenos glossários das línguas dos povos que visitava. Registrou algumas palavras da língua falada na costa brasileira, quando da sua passagem por estas terras:

> Alcuni vocaboli de questi popoli del Verzín:
>
> *1)* al miglio – *farina*
> 2) alla farina – *hui*
> 3) a l'amo – *pinda*
> 4) al coltello – *tacse*
> *5)* al petine – *chigap*
> *6)* alla forbice – *pirame*[52]
> *7)* al sonaglio – *itanmaraca*
> 8) buono piú che bono – *tum maragathum* (*op.cit.* p.175)

A *Terra Del Verzino*, com sua rica fauna e flora ainda desconhecidas, foi descrita nas décadas sucessivas por muitos viajantes italianos. Todos eles, de uma forma ou de outra, não deixaram de incluir brasileirismos nos seus relatórios.

O opúsculo *Istantanee Brasiliane*, escrito pelo frade Dionigi Carli, na sua passagem por Pernambuco e Olinda, é particularmente expressivo. Carli tocou a costa brasileira na ida e na volta (1671) de sua viagem à África como missionário franciscano. Descreve a fauna e a flora brasileiras ainda pouco investigadas, a amenidade do clima, a colheita de coco e algodão e dedica uma parte ao sistema escravocrata que imperava no Brasil Colônia. Nesta passagem,

---

[51] "Essa gente pinta maravilhosamente todo o corpo e o rosto de vermelho em diversos modos, também as mulheres; não tem pêlos e nem barbas porque se depilam."

[52] *pirame*: en tupi *piraña* , nome de voraz e bem conhecido peixe, que passou a indicar 'tesoura', depois que os índios tiveram contato com este utensílio. Lemos Barbosa no seu Pequeno vocabulário registra como "neologismo semântico". (Nota crítica).
Gonçalves Dias no *seu Dicionário de Tupi* (1970) inclui os dois significados: tesoura e peixe. (obs. nossa)

relata as agruras da escravidão, a quantidade de escravos trazidos ao Brasil, que ele particularmente anotou, nos anos em que esteve na África. Não problematiza a escravatura do ponto de vista ético e moral, a descreve apenas com o olhar de um observador. Muitas das palavras usadas por Carli permaneceram unicamente nos seus escritos: "chiamato in quella lingua *Brasil*"; "la gente que abitavano questo paese sono detti *Tapuij* o *cabocoli*"; "scimie di diversi sorte e specie e particolarmente di quelle che chiamano *sagoini*"; "in uma barca detta *canoa*"; "una bestia chiamata *zamendoa*"; "un animaletto detto *tetusia*"**;** "animaletti chiamati daí portoghesi *bichios*"[53] (Guglielminetti,1969:610-612). Assim como os neologismos acima relacionados por Carli, outros neologismos e locuções aparecem nos relatórios dos viajantes italianos; infelizmente se perderam ao longo do caminho ou entraram para o italiano através de outra língua.

Não poderíamos deixar de citar escritores e historiadores italianos que não viajaram, mas se interessaram em compilar as memórias dos viajantes e publicá-las. Sem dúvida, o mais proeminente foi Giovanni Battista Ramusio, chanceler e ilustre humanista, que traduziu e publicou, em 1550, uma obra de inestimável valor histórico e lingüístico, *Delle Navigatione et Viaggii*. Ramusio coletou, desde as memórias de viagem de Marco Polo às cartas dos navegadores e mercadores de Portugal, Espanha e Itália.

Célebre historiador e latinista, o Pe. Giovanni Pietro Maffei foi convidado pelo rei Henrique I de Portugal, em 1579, a ir a Lisboa e Coimbra, para recolher e organizar os documentos relativos à conquista e evangelização da Índia. Servindo-se desses documentos, escreve Historiarum Indicarum, em 1588, mais tarde traduzida para o italiano por Francesco Serdonato.

---

[53] "chamado naquela língua brasil"; as pessoas que habitavam neste pais são chamados Tapuias ou caboclos"; "macacos de diversas tipos e espécies e particularmente aqueles que chamam sagüi."; "em uma barca chamada canoa"; "um animal chamado tamanduá"; "um animalzinho chamado tatu-bola"; animaizinhos chamados pelos portugueses de bichos-de-pé".

Muitos viajantes italianos percorreram as águas atrás de aventuras, de dinheiro e de fama ou simplesmente sede de saber. A obra produzida pelos viajantes italianos dos séculos XVI e XVII é muito rica e testemunha a odisséia desses heróis, muitos deles anônimos, e a ânsia de deixar impresso o que os seus olhos descortinavam. É graças a eles que podemos rever a história das descobertas geográficas e reconhecer os empréstimos portugueses citados por eles. No capítulo **5.2** elencaremos os neologismos citados nas obras dos viajantes e naturalistas italianos e que hoje fazem parte integrante da LI.

4.1.5 Viajantes naturalistas italianos no Brasil

Uma vez conhecidos todos os caminhos marítimos e redesenhados os mapas dos continentes, surge um novo desafio para os viajantes europeus: revelar o Novo Mundo novo para o resto do mundo. Nas palavras de Alexandre von Humboldt "los resultados d'este viaje son infinitamente mayores de lo que hubiera podido esperarse! Que cantidad de vegetales y de animales nuevos han sido descubiertos en este país!" (1989:61). Com conhecimentos polivalentes (antropologia, física geologia, biologia), a viagem de Humboldt pela América Central e pela América Latina durou entre 1799 e 1804. Não chegou a percorrer a Amazônia Brasileira por estar proibido de entrar Brasil acusado de espião, mas estudou cerca de sessenta mil espécies de plantas, das quais seis mil e trezentas eram desconhecidas. Na esteira de Humboldt seguiram-se Darwin e muitos outros: uma verdadeira febre naturalista tomou conta da Europa, multiplicando-se os estudiosos e conseqüentemente os museus e hortos, que recolhiam os novos espécimes coletados.

É importante mencionar neste capítulo o trabalho da pesquisadora italiana Teresa Isenburg, que através de exames minuciosos em bibliotecas e arquivos nacionais e italianos, fez um levantamento dos mais importantes naturalistas italianos e a contribuição particular de

cada um na classificação da fauna e flora brasileiras do oitocentos. Seu livro *Viaggiatori naturalisti italiani in Brasile nell' ottocento* (1989), contribui para a divulgação de um material relevante para estudos históricos, botânicos, científicos e também lexicais, como é o nosso caso.

Isenburg relata que no fim do século XVIII e início do século XIX organizam-se as vastas coleções de minerais, animais e plantas nos museus e nos hortos das cortes européias. Plantas tropicais exóticas decoram os jardins franceses e as casas dos nobres: célebres são os jardins de Malmaison, de Joséphine Beauharnais, onde floresciam flores extravagantes e desconhecidas, tais como a dália, trazida do México. A difusão e multiplicação dos hortos botânicos, no período napoleônico, são a mola propulsora no avanço dos estudos da botânica teórica e aplicada (1989:13 *et.seq.*).

Os primeiros viajantes naturalistas a aportarem no Brasil em uma expedição científica foram Spix e Von Martius (1817/1820) que, percorrendo o rio Amazonas até a nascente no Peru, coletaram e classificaram espécimes da fauna e da flora amazônica. A vinda dos naturalistas alemães abriu caminho para outros estudiosos que se embrenharam nas matas, florestas e rios com o intuito de coletar novos espécimes, recolher informações de plantas que se prestassem a usos medicinais, remeter sementes e plantas para a Europa, com o propósito de abastecer museus e hortos particulares.

A estreita ligação entre a Itália e Portugal no período pombalino permitiu que professores italianos fizessem parte dos meios acadêmicos lisboetas. Domenico Vandelli, médico e naturalista, foi convidado a Lisboa e ali permaneceu praticamente toda a sua vida. A convite do Marquês de Pombal, organizou e implantou o Jardim Botânico e o Museu de História Natural da Universidade de Coimbra. Seus tratados naturalistas difundem as idéias do amigo Lineu, o célebre criador da nomenclatura binominal e da classificação científica. Vandelli vai além da catalogação e descrição de plantas; criou modelos que visam a

conservação da natureza, da utilização racional dos recursos disponíveis. Seus ensinamentos, como professor de química e história natural, serviram de estímulo para que outros naturalistas empreendessem viagens científicas exploratórias ao Brasil, com a anuência de Portugal (Pádua, 2004:15). Diz-nos o historiador:

> Para setores da elite portuguesa, esse esforço acadêmico tinha um claro sentido econômico, já que um maior conhecimento da natureza nas ricas regiões coloniais geraria avanços produtivos, inclusive com a descoberta de técnicas que permitissem mais eficiência e menos destruição no uso dos recursos naturais. (*op.cit*. p.16).

Vandelli, na sua obra *Memória sull' agricoltura di questo Regno e delle sue Conquiste* (1789) e *Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen* (1788), descreve a flora e fauna brasileiras, sob o olhar do cientista, classificando os novos espécimes, segundo a taxonomia moderna. Plantas e animais relatados por Vandelli constam dos dicionários italianos: *curagirú, arariba, coppaiba, capivara, agutí* etc. Outras foram coletadas e catalogadas por ele, porém não foram dicionarizadas: *urucú, tamarindi, ticum, gravatá, murici, simauma, ubusû* etc, (Isenburg, *op.cit* p. 75 *et seq*.). Vandelli antevê o uso do látex, dizendo que se poderia tirar maior proveito da resina produzida pela árvore: "Dalla resina elastica, o *Caout chouc*, si potrebbe trarre maggiori vantaggi"[54] (*op.cit*. p. 81).

Seguramente Giuseppe Raddi, florentino, é considerado o maior naturalista italiano a coletar e classificar espécimes das nossas florestas. Fazia parte da comitiva que em 1817 trazia ao Brasil a arquiduquesa Leopoldina da Áustria, futura esposa do Príncipe Dom Pedro I. Nos seus oito meses de permanência no Brasil, contribuiu sobremaneira para a classificação da fauna e flora brasileiras, relacionando exemplares coletados nos arredores da cidade do Rio de Janeiro. Onde hoje existe cimento, Raddi encontrou espécies no seu habitat natural e isso, segundo Isenburg, (*op.cit*.p.22) é muito importante, pois permite 'fotografar' a cidade carioca

---

[54] "Da resina elástica, ou cauchu, se poderia tirar mais vantagens". *Caout chouc*, no DH "caucho" (*Castilloa ulei*), árvore da família das moráceas da qual se extrai um tipo de látex.

por um ângulo que hoje não existe mais. A contribuição lexical de Raddi para a divulgação da flora brasileira é importante, apesar de poucos neologismos citados por ele terem sido incluídos nos dicionários italianos. Nos seus textos encontramos *araçá, tupinambi* etc., já lexicalizados, e cita outros que ficaram limitados aos seus trabalhos, pois são termos específicos restritos ao campo semântico da biologia. Podemos supor que os nomes das frutas descritas por Raddi não foram dicionarizadas por serem desconhecidas e não terem sido comercializadas na Itália. Exemplo extraído do seu texto: "fra i numerosi frutti, che per la loro squisitezza la *Mangueira*[55] (*mangifera ind*., Lin.), *l'Atta di Pernambuco* (*annona reticulata* da Lin.) e il così detto *Fructo do Conde* (*annona squamosa*, Lin.) e alcune mirtacee, come *Jabuticabeira, Grumixameira*, ec."[56] (Raddi, 1976:54).

No fim do século XIX, o italiano Guido Boggiani, chega a leste do Rio Paraguai, na região da Serra da Bodoquena, no Mato Grosso do Sul e entra em contato com os caduveos, índios descendentes dos *Mbaya-Guaicurus*, conhecidos pelo cognome de "índios cavaleiros do Pantanal". Seu interesse não era tanto naturalístico, mas histórico e etnográfico e retrata, no livro "*Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei*" (1895), a vida e os costumes desse povo, hábil no uso do cavalo, mas também excelente na arte decorativa. Boggiani, também ele pintor, retratista e fotógrafo, colheu instantâneos da vida desse povo e os registrou, em fotografias, as quais revelam não somente a imagem, mas conseguem captar a "alma" desse povo (Santoro, 2001: 74). O artista italiano não se ateve somente na sua arte, escreveu suas impressões em um diário e compilou um pequeno vocabulário do idioma caduveo.

Selecionamos os brasileirismos encontrados no seu vocabulário:

---

[55] Consta nos dicionários do *corpus* como *mango*.

[56] "Entre os numerosos frutos, que pelo seu gosto delicioso a Manga, (mangifera de Lineu) a Condessa (*annona reticulata* de Lin.) e a chamada Fruta do Conde, (*annona squamosa* de Lin.) e algumas mirtáceas, como a *jabuticaba*, *grumixama* etc."

ara (pappagallo)
capivara (in lingua portoghese)
loro (psittacus amazonicus)
nandu (v. Struzzo)
quatí (Oosua zool.)
tanga (drapo muliebre)

Capivara, *nandu*[57] e *quati* estão grafados como no português, contudo em italiano sofreram adaptações na grafia, respectivamente: c*abipara*, *inambu* e *coati. Loro* é o único neologismo não dicionarizado.

Nos textos de Boggiani, nota-se uma crítica explicita aos donos da terra, às condições miseráveis do povo menos favorecido: "passamo il *retiro* che è formato d'un *corral* e di pochi *ranchos* assai miserabili, i quali danno un'idea abbastanza luminosa della tircheria di questo grande fra i grandi *Fazendeiros* del Brasile che possiede tanto numeroso bestiame da non poterlo contare"[58]. (Boggiani, 1895: 212). Além dessas, encontramos ainda *genipapo, urucu, melado, raspadura, churrasco*, sendo que somente churrasco está dicionarizado.

Neste capítulo vimos muitos empréstimos da LP que foram registrados pelos viajantes italianos e que foram incorporados na LI. Todavia muitos outros desapareceram, ficando apenas o seu registro nas obras desses mesmos viajantes. Seria interessante fazer o levantamento de todos esses empréstimos, o que demandaria em uma pesquisa longa e minuciosa que, todavia daria uma idéia exata do quão extenso e necessário foi a mediação do português na transmissão das realidades do mundo oriental e do mundo novo na LI.

---

[57] No DH também nas formas *inambu*, *inhambu*.

[58] "Passamos o retiro, que é formado por um curral e poucos ranchos, bastante miseráveis, os quais dão uma idéia clara da avareza deste grande entre os grandes fazendeiros do Brasil, que possui um rebanho tão numeroso de não poder contá-lo."

4.1.6 Contribuição da língua tupi na formação do português brasileiro

> Caravelas ao mar partiram por destino encontraram o Brasil...
> nos trazendo a maior riqueza, a nossa língua portuguesa.
> Se misturou com o tupi, tupinambrasileirou; mais tarde o canto do negro ecoou. Assim a língua se modificou.
> (Samba-enredo da Mangueira, 2007)

"Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram"[59]. O primeiro contato com os nativos brasileiros foi na linguagem gestual, escreve Pero Vaz de Caminha, mas não descarta a possibilidade de logo aprenderem a linguagem: "se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa...". Na realidade este desejo de Caminha não se realizou plenamente, mas o descobrimento, a colonização e a conseqüente proximidade propiciam o surgimento de uma língua intermediária, a 'língua geral' ou 'língua brasílica' (Ilari, 2004:238 *et.seq.*). Um fator preponderante na difusão desse novo falar foi o processo de mestiçagem, resultante do amancebamento da mulher índia com o português, que se mantém sempre em escala progressiva e serve de suporte para a preservação da língua geral (Edelweiss, 1969:40). Chamada por outros autores de *Língua Geral Brasílica* manteve-se ao longo da costa do Brasil, do Maranhão até a Capitania de São Vicente por aproximadamente dois séculos, até quando o Marquês de Pombal instituiu o português como língua oficial. Entretanto, malgrado a intenção do marquês, o nosso português já não era o mesmo, estava "contaminado" por elementos da língua tupi, pois "seria impossível ao colonizador dominar a nova terra, sem se apropriar da língua do nativo". (Navarro, 2006, p.XIV). Houve desse modo uma revitalização no léxico em diversas áreas: plantas, frutas, objetos e animais, flores, lugares que precisavam ser designados e foi no vocabulário tupi que o português colonizador buscou-lhes o nome, incorporando ao vocabulário cerca de 10.000 vocábulos, acomodado ao

[59] In: < http://www.igutenberg.org/500carta.html>. Acesso em 12. jun. 06.

sistema alfabético português pelos jesuítas. O enriquecimento vocabular pós-descobrimento é atestado também por Bluteau (1712:39), no prólogo do seu dicionário:

> "Pello contrario, a Lingoa Portugueza, como lingoa viva, sempre se vai enriquecendo, & ja he tão abundante, & opulenta, que em todas as materias tem riccos termos. Era antigamente a Lingoa Portugueeza tão pobre, como o foram todas as mais lingoas nos seus principios".

Abre-se uma nova perspectiva para a LP, um segundo renascimento, mas que é ao mesmo fator de divisão: a língua falada no Brasil começa a distanciar-se da língua de Portugal. A afirmação de uma identidade lingüística nacional e uma crescente distinção do PE do PB é atestada por Cândido Figueiredo (apud. OLIVEIRA, 2002, p.85) no prefácio do *Novo Dicionário da língua portuguesa,* onde considera como brasileiros os termos vindos do tupi:

> Sucede porém que o português do Brasil não é precisamente o português europeu: recebeu numerosos termos da população indígena e o tupi entrou como elemento constituinte no organismo da moderna linguagem brasileira. Ora, desde que um dicionário é destinado a todos os povos que falam o português, não pode prescindir dos termos brasílicos, que são inseparáveis da linguagem portuguesa praticada além do Atlântico.

Na introdução da edição de 1925, acrescenta que é importante a dicionarização dos termos da língua tupi, pois a classificação e definição corretas ajudam na compreensão das palavras que pertencem ao português brasileiro:

> Não é fácil definir o que seja brasileirismo – muitas são expressões faladas pelos antigos colecionadores (...) o arrolamento dos elementos de origem tupi-guarani facilita a compreensão de palavras encontradiças na linguagem do Brasil. A maioria dos brasileiros fala nomes de origem tupi-guarani e, no entanto pouca gente sabe o significado intrínseco das partes constitutivas dessas palavras. (Figueiredo, 1925, p. XIII)

Apesar da boa vontade e do interesse de Figueiredo, não podemos esquecer que a sua visão, segundo Oliveira (*op.cit.* p.97), é a do colonizador, com a oposição entre a língua de civilização (o português de Portugal) com a língua sem civilização (o português do Brasil).

Outro eminente dicionarista que trata da formação do léxico brasileiro e da dificuldade de classificar e definir os novos termos é Macedo Soares: "palavras e phrases que, originarias do Brasil, ou aqui são populares, se não encontrarão nos dicionários da Língua Portugueza, ou nelles vem com forma ou significação differente" (1889, prólogo).

Rodolfo Garcia (1943:5-6), diz que a língua tupi foi praticamente saqueada pelos sistemas lingüísticos ocidentais. Para o tupinólogo houve um percurso sinuoso até serem finalmente adotadas e dicionarizadas: "Dos livros de viagens passaram aqueles termos, mais ou menos alterados para a literatura científica, para a linguagem corrente e daí para os dicionários, incorporados ao patrimônio idiomático de cada povo" (*op.cit*.p.5). Apesar de terem sofrido adaptações gráficas, relativas à estrutura glotal dos indivíduos que as escreveram, são facilmente identificáveis na sua origem, não possibilitando nenhuma dúvida.

A defesa dos vocábulos da língua tupi, como sendo brasileiros, recebe um reforço extraordinário nas palavras de Hermann von Ihering (apud. GARCIA, 1929:2), quando diz que é necessario levar em consideração as bases da formação da nacionalidade brasileira e dar apoio ao processo de incorporação dos termos tupis no organismo da língua brasileiro-portuguesa:

> É preciso respeitar essas raízes da formação da nacionalidade brasileira e julgo que aos sábios que estudam a natureza do país compete, com todo o critério, apoiar o processo da assimilação dos termos tupis no organismo da língua brasileiro-portuguesa.

Mais recentemente Cunha, na introdução do seu dicionário, (1978:5) considera a importância dos 'empréstimos' advindos de fontes brasílicas ou afins, na formação do PB. Subentende que 'empréstimo lingüístico' é um termo não muito adequado para definir a palavra emprestada de outra língua, já que no *corpus* geral de uma língua, 90% são empréstimos. Considera também como brasileirismos todos os vocábulos documentados no *Vocabulário da Língua Brasílica*, redigido por jesuítas na segunda metade do século XVII.

A discussão sobre étimos tupis visa considerar as unidades lexicais constantes nos dicionários italianos e apresentadas como originárias do tupi, como sendo do PB, já que a sua inclusão na nossa língua é comprovada pela maioria dos tupinólogos (Gonçalves Dias, 1970; Garcia, 1929, 1943; Cunha, 1978; Navarro, 2006). Exceptuando-se algumas unidades, a maioria foi dicionarizada a partir de 1850, quando o português era já a língua oficial do Brasil, portanto não procede a atestação como sendo apenas tupi.

Os dicionários do *corpus* apresentam etimologias como vindas do tupi ou do português. O LZ apresenta a unidade *capivara* como sendo portuguesa de origem tupi:

> **capibara o capivara** [vc. **portoghese di orig. tupi**; 1803] s. m. inv. Mammifero dei Roditori simile a una cavia, con corpo tozzo, privo di coda, piedi atti al nuoto, diffuso in America del Sud (*Hydrochoerus hydrochoeris*). (grifo nosso)

Mas na unidade lexical **inambú,** apresenta como sendo apenas do tupi.

> **inàmbu** [dal **tupi** *inambú* 'pernice'; 1967] s. m. Uccello sudamericano, gregario, simile a una grossa faraona (Rinchotus rufesces). (grifo nosso)

Garcia, ao elaborar o dicionário *Exotismos franceses originários da língua tupi*, inclui um número superior a duzentas entradas, inclusive os acima citados, que nos dicionários italianos são dados como originários do espanhol. Existe controvérsia entre os próprios lexicógrafos italianos quanto à etimologia, porém são comprovadamente todos da língua tupi.

As unidades lexicais que nos dicionários do *corpus* são dadas somente como vindas do tupi, serão consideradas brasileirismos, pois, como demonstramos acima, entendemos que fazem parte da LP.

4.1.7 Contribuição das línguas africanas na formação do português brasileiro

A contribuição africana na LP deu-se em duas etapas: a primeira, menor, sucedeu concomitantemente à exploração do território africano pelas grandes navegações. A segunda, mais abrangente e duradoura, deu-se com a vinda dos escravos africanos ao nosso país.

Existem diversos trabalhos que se dedicam ao estudo da presença das línguas africanas no português. Podemos destacar Bonvini que trata, especialmente, dos termos de origem banta e aborda-os como empréstimos de um lado e, de outro, como termos já integrados ao PB. Diz-nos o autor (2002, p.149-151) que o processo de empréstimos das línguas africanas iniciou-se a partir do século XV, todavia não foi ainda possível ainda estabelecer de maneira sistemática o levantamento dos empréstimos efetuados nesse período. Faz um inventário de unidades lexicais extraídas da obra de João de Barros (1552/1563), do Dicionário Bluteau (1712) e Oliveira Cardonega (1680). O terceiro texto examinado é do padre capuchinho Giovanni Antonio Cavazzi, no qual encontram-se 349 unidades lexicais, das quais apenas 16 são atestadas no PB. Um quarto texto é de Silva Correa (1782), contém 20 termos atestados no PB. Dessa primeira etapa resultam as unidades lexicais que classificamos como portuguesismos e encontram-se dicionarizadas na língua italiana: *macaco*, *banana, zebra* etc.

O segundo momento da influência africana deu-se com o tráfico de escravos, que se iniciou no século XVI e perdurou até o século XIX. Neste período, de quatro a cinco milhões de africanos subsaarianos, aportaram no Brasil, como escravos. Vieram da região banto, que se estende do Senegal à Nigéria, e compreende cerca de trezentos grupos de línguas semelhantes, entre as quais o quicongo, o quimbundo e o umbundo. Das línguas sudanesas, do oeste da África, a que mais influência teve no PB foi o nagô ou ioruba, falado na Bahia e o quimbundo, no norte e no sul do país. De acordo com Mendonça (1933:34), este último, por mais extensa a região de abrangência, colaborou uma disseminação vocabular maior,

superando em muito os termos do ioruba. Unidades lexicais trazidas pelos escravos bantos e sudaneses, relacionadas maiormente na área de culinária e religião, estão registradas no vocabulário de Mendonça: *berimbau*, *cachaça, feitiço*, etc., que são, segundo a nossa classificação, brasileirismos.

Refletindo sobre esses empréstimos, Petter (2002:123) faz um levantamento dos dicionários que abordam a presença das línguas africanas no Brasil e de como as entradas estão ordenadas, nos dicionários etimológicos, de língua geral, dicionários especializados e registros lexicográficos.

Para os lingüistas que se dedicam aos estudos da formação do PB, os africanismos e indigenismos constituem parte integrante do português brasileiro. As suas pesquisas visam à afirmação da autonomia do PB. Petter (*op.cit.* p. 142) afirma:

> "os termos de origem africana não são mais percebidos como africanismos**,** ou seja**,** **estrangeirismos**, pois, na sua maioria, **estão totalmente integrados** ao português brasileiro: participaram da constituição do PB e **adquiriram cidadania brasileira**, formando uma parcela importante dentro da pluralidade de fontes do léxico do PB". (grifo nosso)

De acordo ao quanto exposto nos dois últimos capítulos, consideraremos os empréstimos das línguas tupis e africanas como empréstimos íntimos do PB. Foi pela intermediação do português que as unidades lexicais originárias dessas duas línguas foram incorporadas ao léxico italiano.

V - ANÁLISE DOS DADOS: ASPECTOS RELEVANTES

"Il linguaggio non nacque da suoni inarticolati o da urli bestiali, come taluni pretendono; ma le prime parole pronunziate sulla terra portarono impresso il suggello della umana ragione, l'applicabilità a molti simili."
(Nicolò Tommaseo)

5.1 Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: tabela I

A influência do português no italiano, como vimos nos capítulos anteriores, iniciou-se com os contatos dos navegantes portugueses com os comerciantes e viajantes italianos e se propagou, sobretudo, através de empréstimos denotativos (cf.**2.2.5**), quando informações sobre plantas, animais e costumes eram transmitidas por via oral e transcritas no italiano, acompanhados pelo espécime ou pelo desenho do mesmo. Ao longo dos séculos, alguns entraram a fazer parte do sistema da língua, sendo dicionarizados e outros foram posteriormente excluídos. Encontramos um total de **309** entradas, registradas nos três dicionários pesquisados. No Gradit, encontramos **265** entradas; no D/Oli, **219** entradas; no LZ, **133** entradas. Algumas entradas inexistem no português, como, por exemplo, *ceara* (látex extraído da maniçoba-do-ceará), portanto a soma de **276** entradas constantes no DH não é a mesma totalizada na LI. Abaixo, apresentamos o levantamento dos empréstimos da língua portuguesa (PE e PB) à língua italiana:

Tabela I

	Entradas	**Gradit**	**D/Oli**	**LZ**	**DH**	**Tradução**
001	acagiu	+	+	+	+	caju,cajueiro
002	afoxé	−	−	+	+	afoxé
003	aguarà	+	∅	−	+	aguará
004	aguti	+	∅	∅	+	cutia/aguti
005	ai/ai-ai	+	+	−	+	preguiça
006	aiapana	+	+	−	+	aiapana
007	alastrim	+	+	−	+	alastrim
008	albatro	∅	+	+	+	albatroz
009	albinismo	+	+	+	+	albinismo
010	albino	∅	+	+	+	albino
011	almadia	+	+	−	+	almadia
012	alqueire	+	−	−	+	alqueire
013	amaranto	+	+	−	+	amaranto

014	amazona	+	+	–	–	gênero de papagaio
015	amok	+	∅	+	–	amouco
016	ananás	+	+	+	+	abacaxi
017	andiroba	+	∅	–	+	andiroba
018	ani	+	+	–	+	anu
019	animiformi	+	–	+	+	anhuma
020	aninga	+	+	+	+	anhinga/biguatinga
021	ara	+	+	∅	+	arara
022	araçá	+	+	–	+	araçá
023	aracanga	–	+	–	+	araracanga/arara vermelha
024	araçari	+	+	–	+	araçari/tucaninho
025	arapaima	+	+	∅	+	pirarucu
026	araponga	+	+	–	+	araponga
027	ararauna	–	+	–	+	araraúna/arara-de- barriga amarela
028	arariba	+	+	–	+	araribá
029	araroba	+	+	–	+	araroba
030	areca	+	+	+	+	areca
031	arirai	+	+	–	+	ariranha
032	auto	+	∅	+	+	auto
033	autodafé	+	+	+	+	auto-de-fé
034	avocado	+	∅	∅	+	abacate
035	babaco/babassu	+	–	+	–	babaçu
036	bada	+	+	–	–	rinoceronte
037	bahiano	+	–	–	+	baiano
038	baia	∅	+	∅	+	baía
039	baiadera	+	+	+	+	bailadeira
040	bajon	+	–	–	+	baião
041	baleniera	+	+	+	+	baleeira
042	bambu	+	+	+	+	bambu
043	bambusaia	∅	+	+	+	bambuzal
044	banana	+	+	+	+	banana
045	bananeto	+	+	+	+	bananal
046	bananicolo	+	–	–	+	bananeiro/bananicultor
047	bananicultore	+	+	+	+	bananicultor
048	bananicultura	+	+	+	+	bananicultura
049	bananiera	+	+	+	–	navio de transporte de banana
050	bananivoro	+	–	–	–	comedor de bananas
051	banano	+	+	+	+	bananeira
052	baniano	+	∅	–	+	baneane
053	barbatimao	+	+	–	+	barbatimão
054	barrigudo	∅	+	–	+	barrigudo (macaco)
055	baschina	∅	∅	+	+	vasquinha
056	bateia	+	+	–	+	bateia
057	batida	+	–	+	+	batida
058	beberu	+	+	–	+	beberu
059	berimbau	+	–	+	+	berimbau
060	betel	+	+	+	+	betel
061	boato	+	∅	+	+	boato
062	bonzo	+	+	+	+	bonzo

063	bordaleira	+	+	–	+	bordaleira
064	bossa nova	+	+	+	+	bossa-nova
065	botoco	+	+	–	+	botoque
066	brasileiro	+	–	+	+	brasileiro
067	buba	+	+	–	+	bouba/buba
068	bucchero	+	–	+	–	argila especial
069	burraco	–	–	+	+	jogo de buraco
070	caapi	+	+	–	+	caapi
071	caatinga	+	+	–	+	caatinga
072	caboclos	+	+	–	+	caboclo
073	cacatua	∅	+	+	+	cacatua
074	cacciu	∅	∅	+	+	catechu/cachu (tanino)
075	cachaça	+	+	+	+	cachaça
076	cachoeira	–	+	–	+	cachoeira
077	cafuso	+	+	–	+	cafuzo
078	caingang	+	–	–	+	caingangue
079	cainca	+	+	–	+	raiz-preta
080	caipirinha	+	–	+	+	caipirinha
081	caipiroska	+	–	–	–	caipiroska
082	calào	+	+	–	+	calau
083	calerna	+	+	+	+	calerna
084	calumba	+	+	–	+	calumba/colombo
085	camará	+	+	–	+	camará
086	campos	+	+	+	+	campo
087	canada	+	+	–	+	canada
088	canga	+	+	+	+	canga
089	cangaçeiro	+	–	–	+	cangaceiro
090	cantiga/cantigas	+	+	+	+	cantiga
091	cão de agua	+	–	–	–	raça de cão
092	capibara	+	+	+	+	capivara
093	capoeira	+	–	–	+	capoeira
094	caracará	+	+	–	+	carcará
095	Caragia	+	+	–	+	Carajás
096	caragiura	+	+	–	+	carajuru/piranga
097	caragiurina	+	+	–	+	tinta carajuru
098	caraipa	+	+	–	+	caraípa
099	carambola	∅	+	∅	+	carambola
100	carandà	+	–	–	+	carandá
101	carapa	+	∅	–	+	carapa
102	carapo	+	+	–	+	carapo
103	caravella	+	+	+	+	caravela
104	caravellone	+	+	–	–	caravela grande
105	caraya	+	+	–	+	bugio-preto
106	carbonado	+	+	+	+	carbonado
107	carioca	+	+	+	+	carioca
108	carnauba	+	+	+	+	cera de carnaúba
109	caroba	+	+	–	+	caroba/carobeira
110	carobico	+	+	–	–	ácido caróbico
111	carobina	–	+	–	+	carobina
112	carrasco	+	+	–	+	carrasco/carrascão
113	cascalho	+	+	–	+	cascalho
114	casta	+	∅	+	+	casta

115	catamarano	+	∅	∅	+	catamarã
116	cauri	+	∅	∅	+	búzio/cauri/caurim
117	cavia	+	+	+	+	cobaia
118	ceara	+	+	–	–	látex de maniçoba-do-ceará
119	cearina	+	–	–	–	cera de carnaúba
120	centavo	∅	+	+	+	centavo
121	cerrado	+	+	–	+	cerrado
122	chapada	+	+	–	+	chapada
123	churrascaria	+	–	–	+	churrascaria
124	china	+	+	+	+	tinta nanquim
125	churrasco	+	–	+	+	churrasco
126	ciaccotta	+	+	–	+	chacota (dança)
127	claves	+	–	–	–	clave de rumba
128	coati	+	∅	–	+	quati
129	cobra	+	+	+	+	cobra
130	cocco	+	+	+	+	coqueiro/coco
131	coguaro	+	+	+	+	suçuarana/jaguar
132	commando	+	+	+	+	comando
133	concelhos	–	+	–	+	concelho
134	copaive/copaiba	+	∅	∅	+	copaíba
135	copra	+	+	+	+	copra
136	copraolo	+	+	–	+	copraol
137	cornac	∅	+	+	+	cornaca
138	cruzado	+	–	–	+	cruzado
139	cruzeiro	+	–	+	+	cruzeiro
140	dodo	+	+	+	+	dodó (ave)
141	eira	+	+	∅	+	eirá/ gato selvagem
142	escudo	+	+	+	+	escudo
143	fado	+	+	+	+	fado
144	fanga	+	+	–	+	fanga (medida)
145	favas	–	+	–	+	fava (termo garimpo)
146	favela	+	+	+	+	favela
147	fazenda	+	+	+	+	fazenda
148	fazendeiro	+	+	+	+	fazendeiro
149	feijoa	+	∅	+	+	goiaba-serrana
150	feijoada	+	–	+	+	feijoada
151	feticcio	+	∅	+	+	feitiço
152	fluminense	+	+	+	+	fluminense
153	gallego	+	+	+	+	galego
154	ganta	+	∅	–	–	moeda filipina
155	garimpeiro	+	–	–	+	garimpeiro
156	garopera	+	+	–	+	garoupeira
157	garoupa	+	–	–	+	garoupa
158	geral	+	–	–	–	língua geral
159	giunca	+	∅	+	+	Junco (barco)
160	guarà	+	∅	–	+	lobo-guará
161	guaraná	+	+	∅	+	guaraná
162	Guarani	∅	+	–	+	Guarani
163	guaranina	+	+	–	+	guaranina
164	guinare	∅	∅	+	+	guinar (a embarcação)
165	iaborandi	+	+	∅	+	jaborandi

166	iaborina	+	+	−	+	jaborindina
167	iacamar	+	+	−	+	jacamar/bico-de-agulha
168	iacanide	+	+	−	+	jaçanã
169	iacaranda/jacaranda	+	+	+	+	jacarandá
170	iacarandina	+	+	−	−	corante extraído do jacarandá[60]
171	igapò	+	+	−	+	igapó
172	igname	+	+	∅	+	inhame
173	imbarazzamento	+	+	+	+	embaraçamento
174	imbarazzante	+	+	+	+	embaraçoso
175	imbarazzare	+	+	+	+	embaraçar
176	imbarazzato	+	+	+	+	embaraçado
177	imbarazzo	+	+	+	+	embaraço
178	inambu	+	+	+	+	inhambu
179	inga	+	+	+	+	ingá
180	ipecacuana	+	+	+	+	ipecacuanha
181	ipecacuanico	+	+	−	−	ácido ipecacuânhico[61]
182	ipecacunina	+	+	−	−	glucosídeo extraído da ipecacuana
183	jabirù	+	∅	−	+	jaburu
184	jangada	+	+	−	+	jangada
185	jararaca	+	∅	−		jararaca
186	jararacuçu	+	+	−	+	jararacuçu
187	kraal	+	+	+	+	curral
188	labrador	∅	+	+	+	labrador
189	lambada	+	∅	+	+	lambada
190	lisbonese	+	+	+	+	lisboeta
191	lisbonina	+	+	−	−	moeda de ouro portuguesa
192	lisbonino	−	+	–	+	lisbonino/lisboeta
193	lori	∅	∅	+	+	lóris (macaco)
194	lusiade	+	+	+	+	lusíada
195	macaco	+	+	+	+	macaco
196	macao	+	+	+	+	araracanga
197	machete	+	+	∅		machete (cavaquinho)
198	macumba	+	+	+	+	macumba
199	macumbato	+	+	–	–	sob efeito da macumba
200	macuta	+	+	–	+	macuta
201	manachino	+	+	∅		manaquim/soldadinho
202	mandarino	+	+	+	+	mandarim
203	mangabeira	+	+	–	+	mangabeira
204	mangelino	+	−	–	–	unidade métrica
205	mango	∅	+	+	+	manga
206	mangusta	∅	+	∅	+	mangusto
207	mangostano	+	∅	∅	+	mangostão
208	manioca	+	+	+	+	mandioca
209	marabut	∅	∅	+	+	marabuto
210	maraca	∅	∅	+	+	maracá

[60] In: < http://www.kinghost.com.br/dicionario/jacarandina.html>. Acesso 20.mar.2006.

[61] http://www.cpatu.embrapa.br/online/circular/Cir.tec.28.pdf

211	maracaia	+	–	∅	+	maracajá/gato do mato
212	maracujá	+	+	+	+	maracujá
213	margosa	+	+	–	+	cinamomo/margosa
214	margosico	+	+	–	+	margosico
215	margosina	+	+	–	–	alcalóide extraído da margosa
216	marmellata	+	+	+	+	marmelada
217	mascavato	∅	–	+	+	açúcar mascavo
218	matamatá	+	+	+	+	matamatá
219	milreis	+	+	+	+	mil-reis
220	moco	+	+	–	+	mocó
221	monesia	+	+	–	+	monésia
222	mordescin	+	–	–		mordexim/cólera-morbo
223	morna	+	–	–	+	morna (musica)
224	mulatto	+	∅	∅	+	mulato
225	mussurana	+	+	–	+	muçurana
226	nambi-uvu	+	+	–	+	nambiuvu (doença)
227	nandiroba	+	+	–	+	nhandiroba (óleo)
228	nandù	+	∅	∅	+	nhandu/ema
229	ocuba	+	+	–	+	ucuuba (cera)
230	orraca	+	–	–	+	araque
231	paca	+	∅	+	+	paca
232	padrao	+	+	–	+	padrão
233	pagoda	+	+	+	+	pagode
234	pagodico	+	–	–	–	que tem forma de pagode
235	pagodite	+	+	–	+	agalmatólito/pagodito
236	palanchino	+	+	+	+	palanquim
237	pangaia	+	–	–	+	pangaio
238	paranco	∅	+	–	+	parau
239	pareira	+	+	–	+	uva-da-serra/parreira-brava
240	paricà	+	+	–	+	niopó (alucinógeno)
241	pataca	+	∅	–	+	pataca
242	paulista	+	+	+	+	paulista
243	pé	+	+	–	+	pé
244	peça	+	+	–	+	peça
245	pereirina	+	+	–	+	pau-pereira (alcaloide)
246	peroba	+	+	–	+	peroba
247	piassava	+	+	+	+	piaçava
248	pichurim	+	–	–	+	louro-pixurim
249	piranha/piragna	+	+	+	+	piranha
250	pitanga	∅	+	+	+	pitanga
251	pitango	+	+	–	+	bem-te-vi
252	polegada	+	+	+	+	polegada
253	porto	+	+	+	+	vinho do Porto
254	portoghese	+	+	+	+	português
255	portughesismo	+	–	–	+	portuguesismo
256	prancia	+	–	–	+	tábua (para preparo do atum)
257	rasca	+	–	–	+	rede de pescar/rasca
258	real	+	+	+	+	real
259	reco-reco	+	–	–	+	reco-reco
260	romanceiro	+	+	–	+	romanceiro

261	sagu/sago	+	+	+	+	sagu
262	samba	+	+	+	+	samba
263	sambaqui	+	+	–	+	sambaqui
264	samba rock	+	–	–	–	samba-rock
265	sambata	–	+	–	–	maratona de samba
266	sambista	+	+	+	+	sambista
267	sambódromo	–	+	–	+	sambódromo
268	sambuco	+	∅	∅	+	sambuco
269	sariga	+	∅	+	+	gambá/sariguê
270	saudade	+	+	+	+	saudade
271	seriema	+	+	–	+	seriema
272	serra	–	+	∅	+	serra
273	serradella/seradella	+	+	+	+	serradela
274	sertão	+	+	–	+	sertão
275	setubal	+	–	–	–	marca de vinho
276	surilho	+	+	–	+	zorrilho
277	surucuru	+	+	–	+	surucuru
278	tael	+	+	–	+	tael
279	tamanduá	+	+	–	+	tamanduá
280	tanagra/tangará	+	+	+	+	tangará
281	tanga	+	+	+	+	tanga
282	TAP	+	–	+	–	Trans.Aéreos Port.
283	tapioca	+	+	+	+	tapioca
284	Tapirapé	+	+	–	+	Tapirapé
285	tapiro	+	+	+	+	Tapir
286	tapiroide	+	+	–	–	colo do útero
287	Tapuia	+	+	–	+	Tapuia
288	tarefa	+	+	–	+	tarefa
289	tatu	∅	∅	+	+	tatu
290	teak	+	+	∅	+	teca
291	tegù	+	∅	–	+	teiú/lagarto
292	telenovela	+	∅	+	+	telenovela
293	telenovelistico	+	∅	–	–	telenovelístico
294	tifone	∅	+	+	+	tufão
295	tolda	+	+	+	+	tolda
296	tucano	∅	∅	+	+	tucano
297	Tupinambá	+	+	–	+	tupinambá
298	Tupinambi	∅	+	–	+	teiú (lagarto)
299	VARIG	+	–	+	–	VARIG
300	veletta	+	∅	+	+	sentinela/vela
301	veranda	+	+	+	+	varanda
302	verandato	+	–	–	+	avarandado
303	viado	+	+	+	+	veado
304	zafra	+	+	+	+	safra
305	zaire	∅	–	+	+	zaire (moeda)
306	zebra	∅	+	+	+	zebra
307	zebrare	∅	+	–	+	zebrar
308	zebrina	∅	+	–	+	zebrina
309	zebrino	∅	+	–	+	zebrino
309		**265**	**219**	**133**	**276**	

Na tabela acima, estão computados cerca de 500 anos de empréstimos lexicais do português à LI. É um número bastante baixo, se comparado com a influência do francês e do espanhol. A título de curiosidade, LZ totaliza 5093 palavras originárias do primeiro e 642 vindas do segundo.

O Gradit acolhe a maior quantidade de unidades lexicais portuguesas, pelo seu perfil de dicionário enciclopédico. Praticamente todos os empréstimos citados nesse dicionário são classificados como termos restritos ao conhecimento de falantes de áreas específicas (TS **cf. 4.1.3**), e desconhecidos do usuário comum. Poucos são de uso comum (CO): *albino, baiadeira, bahiano, caravella, casta, cavia, china, fluminense, imbarazzare, mulatto, pagoda/pagode, sambista*. São consideradas de alto uso (AU): *lisbonese, sambista, telenovela, telenovelistico, veranda, verandato*. Como estrangeirismo (ES), distingue: *bateia, batida, boato, bossa nova, brasileiro, caboclo, cachaça, caipirinha, cangaceiro, churrasco, churrascaria, claves, favela, fazenda, fazendeiro, feijoada, gallego, garimpeiro, kraal, lambada, maracujá, morna, samba-rock, TAP, VARIG, zafra*.

Exceto quatro portuguesismos, *gallego*, *kraal*, *morna* e *zafra*, os estrangeirismos são todos do português do Brasil e foram dicionarizados nos últimos decênios. Como AD, alta disponibilidade, situa *banana, cocco* e *portoghese*. Algumas unidades lexicais são apresentadas com mais de uma classificação, segundo a acepção. Exemplificando: a unidade lexical *caravella*, considerada, de uso comum, possui uma segunda acepção, marcada como de baixo uso (BU).

Observando gráfico abaixo verifica-se a incidência de uso das unidades lexicais do português na LI, de acordo com o Gradit.

Legenda:
TS – linguagem de especialidade
ES – estrangeirismos
CO – uso comum
Outros – **AD** - uso elevado; **LE** - uso literário; **BU** -baixo uso; **OB** - arcaico.

[redacted]

O dicionário D/Oli, apresenta maior divergência na etimologia. Das 309 ocorrências registradas, em 42 diverge do Gradit e do LZ sendo que em 12 delas, esses dicionários são unânimes ao afirmar a proveniência etimológica portuguesa. No entanto o D/Oli informa ser de outra língua. Confrontadas as unidades com o DEI e DELI, vimos que o D/Oli, está quase sempre de acordo com esses dicionários etimológicos na atestação das suas entradas. Exemplo:

> **aguti** s.m. nome com. dato ai Roditori Istriciformi del genere *Dasiprocta,* noti anche con il nome di lepri sudamericani perché simili a un coniglio selvatico.[da una voce tupi, **attrav. lo sp.** *aguti*] (D/Oli). Grifo nosso.
>
> **aguti** (*acuti*) m.pl. XIX sec., zool; roditori istriciformi; lat sc. *Agouti dae*, Gray, 1821, **dallo spagn**. *agut*i, a*cuti*, preso dal guaranì *akuti*, scortecciatore di frutta, **anche fr. *agouti***. (DEI). Grifos nossos.
>
> **agùti** roditore notturno americano con carni commestibile. (1797, D'Alb, che rinvia al Gabinetto Fisico di Firenze, *agoti* 1830.● guarani *aguti*, *acuti* **attrav il fr. o lo spagn**. (DELI). Grifo nosso.

O LZ é mais compacto e apresenta um número muito inferior de unidades lexicais em relação aos outros. Exclui quase todas as unidades lexicais referentes à fauna e à flora: *aguará, aiai, amazona, andiroba, ani, araçá, aracanga/arassanga, araçari/aracari, araponga, ararauna, araroba* etc., e também muitos portuguesismos: *alastrim, almadia/almaida, baniano, calau, calumba, canadá* etc. Comparando com as entradas do

Gradit, vemos que as unidades lexicais excluídas são exclusivamente marcadas como TS. É interessante destacar que a divergência etimológica entre o Gradit e o LZ é acentuada, sendo que estão de acordo em apenas três empréstimos: *baia, carambola e mangosta/mangusta*, que ambos asseguram serem originárias do francês e espanhol, enquanto D/Oli as situa como portuguesas.

Apresentamos abaixo o gráfico contendo a porcentagem das unidades lexicais portuguesas nos dicionários pesquisados:

5.2 Organização dos brasileirismos e portuguesismos: tabela II

A fronteira de distinção entre brasileirismos e portuguesismos é tênue, pois nem sempre é fácil determinar a origem exata dessas unidades lexicais, mesmo com o auxílio de dicionários etimológicos e das atestações encontradas. Deparamos com unidades lexicais que são claramente portuguesismos, mas nas definições italianas referem-se a realidades brasileiras, portanto, podemos considerá-las brasileirismos. Por exemplo, a unidade lexical 'fazenda', segundo DH, é datada do século XIII, conseqüentemente, um portuguesismo. Os

dicionários italianos a situam como um brasileirismo, pois se refere à acepção que a unidade lexical tem de uma 'fazenda' brasileira:

> **fazenda** s.m.inv.ES portogh.[1892; portogh.*fazenda* pl. *fazendas*, dal lat. *facienda*, v. anche *faccenda*] **vasta tenuta agricola brasiliana**. (Gradit)
> **fazenda** s.f. *port.* **Tenuta agricola brasiliana**. [Dal lat. Facienda 'cose da fare']. (D;Oli)
> **fazenda** port. [vc. port., dal lat. *facienda* 'cose da farsi' (V. faccenda); 1892] s. f. inv. (pl. port. *fazendas*) . **Azienda agricola brasiliana**. (LZ) (grifos nossos).

Outras unidades lexicais que refletem a realidade brasileira são:

> **campos** <*cám-pus*> s.m. pl., *port*. Paesaggio caratterizzato dalla mancanza di vegetazione arborescente originata dalla decalcificazione naturale del suolo: **caratteristico delle regioni centro-settentrionali del Brasile**. (D/Oli)
>
> **geral** s.m.inv.*TS* ling.[sec. XX;dal portogh. *geral*, propr. "generale"] **lingua parlata** da alcune **popolazioni dell'Amazzonia brasiliana**, probabilmente di origine tupí.(Gradit) (grifos nossos).

Apresentamos abaixo a tabela com a relação dos brasileirismos e portuguesismos, segundo a nossa classificação (cf.**3.5**):

Tabela II:

Brasileirismos	Portuguesismos
acagiù, afoxé, aguarà, aguti, ai/ai-ai, aiapana, alastrim, amaranto, amazona, ananas, andiroba, ani, animiforme, aninga, ara, araçá, aracanga, araçari, arapaima, araponga, ararauna, arariba, araroba, arirai, avocado, babaco/babassu, bahiano, baia, bajon, barbatimao, barrigudo, bateia, batida, beberu, berimbau, boato, bossa nova, botoco, brasileiro, caapi, caatinga, caboclos, cachaça, cachoeira, cafuso, cainca, caincang, caipirinha, caipiroska, camara, campos, cangaçeiro, capibara, capoeira, caracara, Caragia, caragiura, caragiurina, caraipa, carandà, carapa, carapo,	albatro, albinismo, albino, almadia, alqueire, amok, areca, auto, autodafé, bada, baiadera, baleniera, bambu, bambusaia, banana, bananeto, bananicolo, bananicultore, bananicultura, bananiera, bananivoro, banano, baniano, baschina, betel, bonzo, bordaleira, buba, bucchero, burraco, cacatua, cacciu, calao, calerna, calumba, canada, canga, cantiga/cantigas, cão de água, carambola, caravella, caravellone, carbonado, casta, catamarano, cauri, centavo, ciacotta, cobra, cocco, commando, concelhos, copra, copraol, cornaca, dodo, escudo, fado, feticcio, galego, ganta,

caraya, carioca, carnauba, caroba, carobico, carobina, carrasco, cascalho, cavia, ceara, cearina, cerrado, china, chapada, churrascaria, churrasco, claves, coati, coguaro, copaive, cruzado, cruzeiro, eira, fanga, favas, favela, fazenda, fazendeiro, feijoa, feijoada, fluminense, garimpeiro, garoupera, guará, guaraná, Guarani, guaranina, geral, iaborandi, iaborina, iacamar, iacanide, iacaranda/ jacaranda, iacarandina, igapó, inambu, inga, ipecacuana, ipecacuanico, ipecacuanina, jabiru, jararaca, jararacuçu, lambada, macao, macumba, macumbato, manachino, mangabeira, manioca, maraca, maracaia, maracuja, matamata, mil reis, mocó, monesia, mussurana, nambi-uvu, nandiroba, nandu, ocuba, paca, pareira, parica, paulista, pereirina, peroba, piassava, pichurim, piranha/piragna, pitanga, pitango, reco-reco, samba, sambaqui, samba-rock, sambata, sambista, sambódromo, sariga, seriema, serra, sertão, surilho, surucucu, tamanduà, tanagra/ tangara, tanga, TAP, tapioca, Tapirapé, tapiro, tapiroide, Tapuia, tarefa, tatu, tegù, telenovela, telenovelistico, tucano, Tupinamba, Tupinambí, VARIG, viado.	garoupa, giunca, guinare, igname, imbarazzamento, imbarazzante, imbarazzare, imbarazzato, imbarazzo, jangada, kraal, labrador, lisbonese, lisbonina, lori, lusiade, macaco, machete, macuta, mandarino, mangelino, mango, mangusta, mangostano, marabut, margosa, margosico, margosina, marmellata, mascavato, mordescin, morna, mulatto, orraca, pagode, pagodico, pagodite, padrao, palanchino, pangaia, paranco, patacca, pé, peça, polegada, porto, portoghese, portughesismo, prancia, rasca, real, romaceiro, sago/sagu, sambuco, saudade, seradella/serradella, setúbal, tael, teak, tifone, tolda, veletta, veranda, verandato, zafra, zaire, zebra, zebrare, zebrina, zebrino.
Total **177**	**132**

A tabela II apresenta um total de **177** brasileirismos e **132** portuguesismos. O número de brasileirismos é superior aos portuguesismos em apenas 45 unidades lexicais. A seguir, no gráfico, a porcentagem das unidades lexicais segundo a nossa divisão:

O percurso neológico de uma unidade lexical numa língua muitas vezes é tortuoso. Para complementar essa análise, procuramos, numa viagem através dos séculos, demarcar o período em que as unidades lexicais portuguesas foram incorporadas pela LI. Através de atestações encontradas, podemos verificar quando a unidade lexical foi nomeada no italiano, e em algumas, o tempo que transcorreu entre a atestação escrita e a data do seu registro nos dicionários. Não encontramos a referência de todas, pois demandaria em longas pesquisas em bibliotecas italianas e brasileiras. Especificaremos o autor, a obra, e o ano aproximado em que o empréstimo foi citado, lembrando que, nesse contexto, encontra-se ainda em fase neológica, portanto, com variações gráficas que são normais, antes da adaptação total. Transcrevemos o neologismo como se encontra na atestação.

a) Viajantes dos séculos XVI e XVII:

- Vartema, ***Itinerario***, **1504-1510**: *almadia, arecha, malaponda*[62]*, betole, amba*[63]*, mango, parao*, *sambuco, bambu*.

- Giovanni da Empoli, ***Lettere del viaggio di Malacca*, 1503-1504**: *cocos, giunche, urrache*.

---

[62] *Malaponda*: la banana (malayal *valapalam).* (Caraci, 1991:343).

[63] In realtà il termine manga è di origine tamil *(mànkay*) mentre *am* o *amba*, próprio dell'India Setentrionale deriva dal sânscrito. (*idem*, p. 342)

- Pigafetta, ***Relazione del primo viaggio attorno al mondo***, 1519-1522: *ananas, baia*[64]*/badia* (*De tutti e' Santi*), *betre, itanmaraca, pirame, saghu.*

- Ramusio, ***Navigationi et viaggi*,** 1550: *almadie, areca*, *baia, batea, bonzi, bettre/betelle/betole, caucho, caravelle, cocos, giunchi, igname, imbarazzavano, manga, parao, zambuchi*.

- Acosta, ***Tratta della historia, natura, et virtu delle droghe medicinali***, 1585: *ananas, betele, carambola, copra, mangas.*

- Sassetti, ***Lettere da vari paesi***, 1570-1588: *almadia, amochi, ananas, arecca, bada, banane, bambù, betle, casta, caravelle, caurim, cocco/cocchi, ghiaggiulo*[65], *mangas, mulatto, marmellata, pagodi/pagodes, mordaxi, reali, sambuchi, scudi.*

- Maffei, ***Le istorie delle Indie Orientali del P. Gio. Pietro Maffei***, 1588: *ananaze, betele, bonzo, cajùs, caravella, coco, copaibe, escudo, mandarino, mandioca, pigrizia, sago, tamendoe, tatuse.*

- Carletti: ***Ragionamenti del mio viaggio al mondo***, 1606: *ananas, areca, bananas, betre, coccos, giunchi, manderino, mangas, mangelino, mangostani, mordiscin, palanchino, reale, reis, tael, tuffoni.*

- Carli, ***Il moro trasportato nell' inclita città di Venezia***,1687: *Tapuj, cabocoli, pigrizia, tetusia*.

- Cavazzi, ***Istorica descrizione de' tre regni di Congo, Matamba***, 1687: *bobbe, annanasse, areca, zambuchi, almadie.*

- Murchio, ***Il viaggio all'Indie Orientali***, 1678: *ananas, cagiu, amouchi, arecha, betel, cacatua, carambola*, *casta, cocco, giangadas, manga, pagoddi, palanchini*.

- Gemelli Careri, ***Giro del mondo***, 1699: *bambu, baniani, cochi, mulati*.

---

[64] Sono le prime atestazione certe (Caraci, 1991:571).
[65] Probabilmente la radice chiamata dai negri si San Thomé *igname* e la piantano come cosa principale del suo vivere (Caraci, 1991:887).

Retomando as teorias citadas em **2.2.1,** observamos o momento da criação neológica de muitas unidades lexicais incorporadas hoje na LI. Vemos que do momento em que foram citadas pela primeira vez até a sua adaptação e aceitação final passaram por diversas fases (Barbosa,1981:120 *et seq*.).

Pigafetta relata sobre o *ananas*, "pigne molto dolci, frutto invero più gentil che sia" (1999:169), que em italiano consta como empréstimo do tupi *nana*, enquanto que em português, 'nana' deu origem a palavra 'ananás', gênero de plantas das bromeliáceas ao qual pertence o abacaxi. Foi dicionarizada em 1845 pelo Mortara na forma *ananás/ananasso.* Nomeia *itanmaraca* (*ita* = pedra, *maracá* = chocalho), dicionarizado em 1958, como *maracá* (LZ). Ainda em Pigafetta, *baia,* considerada a primeira atestação em italiano desta palavra. Mais adiante escreve *Badia de Tutti e' Santi*. Formisanso (apud CARACI, 1995:1083), observa que se trata de um erro de grafia e que *badia* está para o significado de *baia*, no sentido restrito da palavra, enseada de mar. Dicionarizado pelo Mortara em 1845.

Giovanni da Empoli grafa *urrache*, empréstimo vindo do árabe, através do português 'araque', adaptado no italiano para *orraca*. Cita *cocos*, na forma portuguesa, sendo que viajantes do mesmo período registravam a adaptação italiana *cocco/cocchi*.

Ramusio e Vartema destacam *parao,* embarcação de cabotagem popular no Oriente. Não encontramos dados nos dicionários etimológicos, DELI e DEI que confirmem uma mudança gráfica para *paranco,* porém, Dalgado (1921), para o português 'parau', designa também 'parangue', o que nos leva a crer que a unidade lexical italiana *paranco*, seja o neologismo *parao* dos dois viajantes. Entretanto, Petrocchi (1887) define 'paranco' termo da marinha, como sinônimo de 'roldana de qualquer tipo e tamanho.' *Batea* é outro empréstimo atestado por Ramusio (1550), mais tarde por Osculati (1854), e dicionarizado somente no século XX (DEI). Nos dicionários do *corpus* prevalece a forma portuguesa *bateia*.

Vartema transcreve *arecha*, incluindo um 'h', grafia que não é utilizada por nenhum outro viajante; para *banana*, utiliza a palavra do malayala, *malaponda*; não muito tempo depois, o Sassetti registra como *banane*. Para manga, diferencia o fruto da planta: *amba* para o primeiro e *mango* para o segundo. Nos dicionários italianos atuais, mango serve para as duas designações, quando, em geral, é utilizado o masculino para a planta e o feminino para a fruta. Todos os neologismos citados por ele foram incluídos no Mortara, no Crusca (1866) e no Tommaseo.

Interessante notar que Carli assinala *pigrizia*, contudo esse brasileirismo ocorre nos dicionários italianos segundo a língua francesa, *ai/ai-ai*, designação do tupi *ay,* para o animal que os portugueses chamam de 'preguiça', em razão de seu modo de comportar-se lentamente. Todavia o falante italiano o conhece por *bradipo*, nome científico do animal (*bradipo tridattilo*). Dicionarizado no Mortara como *ai*. Para a forma *ai-ai*, o dicionarista nomeia um roedor da ilha de Madagascar.

Cavassi nomeia *bobbe*, que recebeu adaptações gráficas, constando hoje nos dicionários como *buba/bouba*. Diz esse autor que essa doença, uma pústula cutânea, quase sempre de origem venérea e disseminada no continente africano, foi trazida da América pelos portugueses. Outros autores, como, por exemplo, Sassetti e Pigafetta utilizam a perífrase 'mal francês' para denominá-la. Apesar de ser nomeada por volta de 1503, foi dicionarizada somente em 1955 (Gradit).

Dentre os portuguesismos, Sassetti utiliza a palavra *bada*, para rinoceronte. Ambos estão dicionarizados, todavia o falante italiano utiliza o último, pois *bada* refere-se ao rinoceronte fêmea. Nomeia também *amochi*, empréstimo assinalado por Murchio como *amouchi*, ambos no plural, que resultaria em *amouch* no singular, confirmando que as palavras eram transcritas segundo a sua pronúncia, *amok,* grafia utilizada hoje. Sassetti e Murchio apresentam o empréstimo *cocco* na sua forma atual, integrado à língua, sendo que

nos outros viajantes observam-se várias adaptações: *coco, cocos, cochi e coccos*. É também em Sassetti que se encontram as duas acepções da unidade lexical *pagode*: estatueta de um ídolo e moeda indiana utilizada entre os séculos XVII e XIX.

O Pe. Maffei, apenas traduziu e publicou as cartas, portanto ele somente transcreveu os empréstimos conforme estavam nos escritos dos viajantes.

Um portuguesismo, cuja atestação ocorreu na literatura convencional, é *gallego*, nomeado pela primeira vez por Ludovico Ariosto em 1516, no seu Orlando Furioso (Canto 23,48) "Era con lui quella fanciulla, quella che ritrovò ne la selvaggia grotta, del re *galego* la figlia Issabela, in poter già de' malandrin condotta."

As atestações das unidades acima surgiram entre 1500 e 1700, todavia, na quarta edição do Crusca (1746), foram dicionarizadas apenas cinco empréstimos do português: *albino, caravella, cocco, tifone e imbarazzare.* Apesar dos viajantes nomearem uma série empréstimos do português, como comprovamos acima, o Crusca não os dicionariza, alargando muito a distância entre a atestação e a incorporação dos empréstimos na LI.

Segundo os dicionários etimológicos consultados, o século XVIII é muito pobre de empréstimos advindos do português e poucas unidades lexicais foram nomeadas na literatura de viagem ou em dicionários italianos. Deste período, o DELI indica *aguti* (1797), *ara* (1797), *autodafé* (1786), *cobra* (1797), *feticcio* (1771), *ipecacuana* (1718), *macaco* (1704).

A história brasileira do século XIX modifica-se em todos os pontos. Não somos mais uma colônia, e sim um reino. Junto com a corte recém-chegada vêm os cientistas que se aventuram nas matas, na coleta de espécimes vegetais e animais desconhecidos. Os portuguesismos tiveram maior incidência na LI no período entre 1500 e 1700. O século XIX viu surgir um grande número de empréstimos denotativos do PB, que foram incorporados na LI, brasileirismos referentes à fauna e à flora. Dos viajantes naturalistas, destacamos os seguintes neologismos:

b) Viajantes naturalistas do século XIX

- Osculati, ***Esplorazione delle regioni equatoriali***,1854: *andiroba, arara, batea, casciassa, caoutchiuh, capibari, coati, copaiba, fetisc, geral, guaranà, ignami, inanbu, manioca, mulatto, piassaba, pigrizia, pirarucu, tapioca, tapiro, Tapuyos, tamandua, tatu.*

- Boggiani, ***Viaggi d'un artista nell'America Meridionale***, 1895: *ara, capibara, caracará, churrasco, corral, fazendeiro*, *nandu*, *quati*, *tanga*.

- Raddi, ***Alla scoperta della natura***, 1823: *ananasso, araça, baja*; *maracuja, tupinambi*.

- Vandelli, ***Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen***, 1788: *araribá, aguti, alqueires, caout chouc, capivara, coppaibe, curagirú, giaguari, giancade, ipecacuanha, jaborandi, mandioca, mullatri, paca, zebre*.

Dos viajantes naturalistas italianos, Osculati é o mais fecundo. Nomeia elementos da fauna e flora, mas também de outras áreas semânticas, como *fetisc*, unidade lexical presente em Mortara (1845) como *feticci* e *fetisci*, palavra originária do latim, usada pelas línguas africanas com o sentido de bruxaria. Nos dicionários do *corpus*, já adaptada encontra-se *feticcio*, com duas acepções: "pessoa que sofre a ação de enfeitiçamento" e o próprio ato em si. A unidade lexical 'feitiço', deu origem a um anglicismo, *fetish*, que se encontra registrado nos dicionários neológicos e no LZ, com o significado de 'fetiche'.

Osculati grafa *casciassa,* a bebida nacional, seguindo uma adaptação fonética: o dígrafo 'ch' + a /ʃa/, em português, tem o mesmo som do dígrafo italiano 'sc' + i /ʃia/, portanto para o naturalista italiano seria coerente essa grafia. Hoje, nos dicionários italianos encontra-se como um estrangeirismo, *cachaça*. Também grafa o neologismo *pirarucu*, nome dado, na nossa língua, para um peixe que vive na Bacia Amazônica, sendo que, em italiano, o correspondente é *arapaima*, seu nome científico (*arapaima gigas* ou *arapaima sudis*). Embora o Gradit e o D/Oli afirmem que 'arapaima' provém do português e do tupi, o DEI diz que a etimologia é espanhola, através de uma língua indígena da Guiana.

Boggiani cita *nandu* e *quati,* que sofreram adaptações gráficas para *inambu e coati. Tanga* e *churrasco*, nomeados por ele na segunda metade do século XIX foram dicionarizados somente em 1960 e 2003, um século após (Gradit). O neologismos *tanga* estava presente já em Andrea Corsali, em 1516 (Caraci, 1991:503) e tinha o significado de moeda, enquanto que Boggiani fala de outra acepção, a brasileira, como parte da vestimenta indígena feminina. Atualmente, com significado prevalente de parte inferior do biquíni. *Corral*, no texto do autor, tem o mesmo significado de *kraal*, 'recinto para o gado'. Este empréstimo figura nos dicionários como *kraal*, que teve uma adaptação gráfica intrigante. Provavelmente, 'curral', era sentido pelos viajantes italianos como /k'ral/, com a supressão da vogal intervocálica, comum na fonética do PE. Ao transcrever o empréstimo, os italianos o faziam conforme o ouviam. Corominas diz que essa palavra provém do latim, *currale, is,* lugar onde se guardam os carros e por analogia o gado, o que confirma a nossa hipótese da grafia atual ser uma adaptação fonética.

No relato do Comandante Albini (apud ISENBURG:1989:110) encontra-se *giancade*, porém Dalgado (1921) e o Gradit datam seu uso entre os navegantes portugueses do século XVI. Murchio (1678) descreve *giancades* com outro significado, isto é, de 'homens que faziam a escolta de passageiros, de uma região à outra na Índia.' Nos escritos por nós examinados, não aparecem outras atestações, todavia o comandante Albini não explicita nada a respeito desta palavra, apenas a nomeia, o que significa que era de uso corrente em 1895.

Vandelli cita *caout chouc*, que consta também em Osculati como *caoutchiu*. Ambas referem-se ao látex extraído do caucho, planta nativa da floresta amazônica. Ramusio evidencia *cauchou*, látex extraído da planta *areca catechu*, acepção que aparece nos dicionários do *corpus*. Mortara (1845) confirma a origem desta unidade lexical, como vinda do hindustâni, mas acrescenta ser, também do PB. Portanto, o *cacciu* de Ramusio e o *caout chouc* de Vandelli são acepções diferentes da mesma entrada.

Além dos empréstimos indicados acima, encontramos nos dicionários históricos publicados no século XIX atestações de outras unidades lexicais. Na quinta e última edição do Crusca (1866) são lematizadas: *baleniere, bucchero, macacco* e *mascavato*. Vale lembrar que esta é a edição inacabada. *Baleniere*, provém de *balena*, palavra latina, todavia o derivado origina-se do português, pois se trata de uma embarcação usada pelos portugueses na caça e transporte das baleias e corrente desde 1663 (Cortelazzo, 1979).

A unidade lexical *bucchero*, é conhecida no italiano desde a civilização etrusca e tem significado de 'púcaro', vaso. De acordo com o DELI, foi atestada por Francesco Redi. Consultando a obra de Redi (1940:161), encontramos somente com o significado de 'vaso'. No entanto, nas ocorrências examinadas, tem-se a acepção **1**, *bucchero* como um tipo de terra perfumada, trazida da América e usada para a confecção de ânforas e artigos de cerâmica que teve seu ápice comercial no século XVII. Não encontramos no Houaiss essa acepção, apenas a entrada 'búcaro', que remete a 'púcaro', com significado de 'recipiente com asas'.

Mortara (1845), apesar de ter sido editado quase vinte anos antes é bem mais prolixo. Além das unidades lexicais registradas no Crusca, acrescenta: *amazzone, ani, aninga, aracari, Botucudi, calao, calumba, camara, carnauba, caroba, jacana, labrador, lisbonese, lisbonina, lori, manachin, mangusta, pattaco*. Alguns brasileirismos nomeados por Mortara hoje não estão mais dicionarizados: *arapabaca, araticu, canade,* (bot.), *zebro* (zool.), *Cararueni* (etnol.). Nas unidades lexicais registradas no Mortara, não observamos adaptações gráficas, apenas variações irrelevantes: inclui *jaçana*, que também consta no DEI; no *corpus* encontra-se a mesma unidade lexical já adaptada à LI, *iacanide*.

O Tommaseo (1865), editado quase contemporaneamente com o Crusca, inclui outras duas unidades lexicais que não constam no Mortara e no Crusca: *baiadeira* e *cainca*. Petrocchi (1887-91) acrescenta outros empréstimos que não foram citados pelos dicionaristas anteriores: *ingá*, *lusiadi*, *paranco*, *tolda*, *serra*;

Outras unidades lexicais citadas no DEI e no DELI como sendo desse período são: *aguarà, alastrim*, *cavia, baschina, commando, fazenda, teak, porto*.

Os dicionários Mortara e Tommaseo são ricos em termos da fauna e flora brasileiros e são editados contemporaneamente com as produções dos naturalistas. Portanto, brasileirismos introduzidos na LI no século XIX. As entradas dicionarizadas abrangem, quase na sua totalidade, termos específicos da biologia.

A partir da segunda metade do século XX, muitas unidades lexicais foram incorporadas à LI, sendo esses empréstimos não mais denotativos, como acontecia anteriormente, mas conotativos (cf. **2.2.5**).

c) atestações nos dicionários neológicos e por lingüistas do século XX

a) Bruno Migliorini, 1963: *baion, bananeto, bananicultura, bananiero, carnauba, cavia, fado, fluminense, samba, saudade*;

b) Genaro Vaccaro, 1966: *fazenda*, *noiva*, *senhor*;

c) Manlio Cortelazzo, 1986: *macumba*;

d) Sebastiano Vassalli, 1989: *telenovela*;

e) Otavio Lurati, 1990: *favela*, *favelados*, *viado*;

f) Andrea Bencini, 1993: *lambada*, *lambadero*, *bananiero*, *brasileiro*, *telenovellare*, *samba*, *maracujá*;

g) Guido Mini, 1994: *caipirinha, capoeira, carioca, fado, fazenda, favelas, labrador, lambada, macao, macumba, samba, telenovelas, viados*.

Os dicionários acima referidos foram elaborados a partir de 1963 e incluem os neologismos correntes e empréstimos já incorporados. Migliorini (1963) elabora o apêndice do dicionário moderno de Panzini, acrescentando doze mil novas palavras. Entre elas

destacam-se os seguintes empréstimos da LP: *baion, bananeto, bananiero, bananicultura, carnaúba, cavia, fado, fluminense, samba, saudade.* Vaccaro (1966) apresenta *fazenda,* atestado pela primeira vez em 1892 (DELI) e dois neologismos portugueses que não foram dicionarizados: *noiva* e *senhor*. Vassali marca o brasileirismo *telenovela*, anexado ao italiano na década de oitenta, do qual derivou o verbo *telenovellare*, descrito por Bencini, empréstimo que não está incorporado nos dicionários de língua. Saliente-se que o derivado está completamente integrado à língua, possuindo a adaptação gráfica que segue o padrão da língua incorporadora: a palavra 'novela', em italiano é grafada com duplo 'l', *novella*.

Bencini inclui também no seu dicionário o adjetivo *lambadero*, com o significado de 'dançarino de lambada', palavra inexistente em português, sendo que a configuração gráfica do sufixo '*dero*' é própria da língua espanhola. A unidade lexical *lambada* está presente no Gradit e no LZ.

Bananiero, que Migliorini traduz como o sentido de comerciante e de navio que transporta bananas, em Bencini, possui uma nova acepção, a de 'pessoa ou sistema político degradado', proveniente da locução 'república das bananas,' celebrizada no filme de Woody Allen. A unidade lexical *samba* já havia sido registrada por Petrocchi (1887), porém foi com a difusão da mídia, a partir da segunda metade do século XX, que se universalizou e entrou a fazer parte do vocabulário usual do falante italiano. A unidade lexical *favela,* nomeada por Lurati, também faz parte do vocabulário usual do falante italiano, não obstante, *favelados*, apesar de ser corrente, ainda é um neologismo, não estando presente nos dicionários de língua do *corpus*.

Além dos dicionários neológicos nomeados, vários lingüistas italianos trabalham com os empréstimos. Zolli (1995:75 *et seq.)* nomeia uma série portuguesismos usuais entre os viajantes do séculos XVI e XVII, mas que não entraram para a língua. Acrescenta outros que foram dicionarizados: *carbonado, cruzeiro*, *macao*, *bossa nova*.

D'Agostino (1994) faz um levantamento dos iberismos, empréstimos vindos do português e do espanhol, que circularam na LI a partir do século XIII. No seu trabalho inclui um total de 266 empréstimos do português, que ocorreram a partir do século XIV até hoje. Nomeia *china*, tinta nanquim, portuguesismo registrado em 1616. Na propagação desse neologismo houve uma leitura errada da locução 'tinta da China', em italiano *inchiostro dalla Cina* (*China*). Como liam a palavra portuguêsa *China* /'ki.na/, a tinta assumiu essa forma em italiano. D' Agostino inclui *teca*, hoje dicionarizada na forma *teak*, de 1685.

Não encontramos as atestações de todas as ocorrências das unidades lexicais portuguesas, mas o levantamento feito acima descreve o percurso das unidades lexicais registradas nos dicionários de língua italianos do nosso *corpus.* Observamos que muitas permaneceram como neologismos durante séculos, antes de sua integração na língua, como é o caso de *pirame* (Pigafetta,1519-22) que entrou definitivamente na língua somente em 1838 (DELI). Muitas outras tornaram-se arcaicas, confirmando a teoria de Coseriu, revista no capítulo **2.1.3**, quando diz que muitas unidades dicionarizadas percorrem um caminho ascendente, permanecem no topo por um período e caem no esquecimento.

5.3 Classificação dos empréstimos em áreas semânticas

Com o objetivo de melhor compreender as áreas de incidência do português no léxico italiano, dividimos as unidades lexicais em categorias semânticas, baseando-nos em Ferreira, (2002, p.192). Estas unidades lexicais se integram principalmente em:

1. elementos do reino animal: aguarà, aguti, ai/ai-ai, albatro, amazona, ani, animiformi, aninga, ara, aracanga, araçari, arapaima, araponga, ararauna, arirai, bada, barrigudo, cacatua, calão, calerna, capibara, caracará, carapo, caraya, cavia, coguaro, dodo, eira, garoupa, guará,

inambu, jabirù, jararaca, jararacuçu, lori, macaco, macao, manachino, mangusta, maracaia, matamatá, moco, nandù, paca, piranha, pitango, sariga, seriema, surilho, surucucu, tamanduá, tanagra/tangará, tapiro, tatu, tegù, tucano, tupinambi, zebra;

raças de animais: bordaleira, cão de água, labrador;

2. elementos do reino vegetal: acagiu, aiapana, amaranto, ananás, andiroba, araçá, arariba, araroba, areca, avocado, babaco/babassu, bambu, banana, banano, bananicultura, bananivoro, barbatimão, beberu, betel, caapi, cainca, calumba, camara, caragiura, caraipa, carambola, carandá, carapa, caroba, cocco, copaive/copaiba, feijoa, guaraná, iaborandi, iacaranda, igname, ingá, ipecacuana, mangabeira, mango, mangostano, manioca, maracujá, margosa, matamatá, monesia, nandiroba, pareira, peroba, piassava, pichurim, pitanga, serradella, zebrina;

alcalóides, ácidos e matérias primas: cacciu, caragiurina, carobico, carobina, carnaúba, ceara, cearina, china, copra, copraolo, guaranina, iaborina, ipecacuanico, ipecacuanina, jacarandina, margosico, margosina, ocuba, paricá, guaranina, pereirina;

3. utensílios e elementos do reino mineral: bateia, carbonado, pagodite, zebrino;

4. elementos etnográficos e gentílicos: bahiano, brasileiro, caboclos, cafuso, Caincang, cangaceiros, Caragià, carioca, fluminense, gallego, Guarani, lisbonese, lisbonino, lusiade, mulatto, paulista, portoghese, Tapirapé, Tapuia, Tupinambá;

5. elementos culturais: afoxé, amok, boato, botoco, feticcio, fetish, macumba, palanchino, tanga, telenovela, viado.

6. elementos da toporama e geologia: baia, bambusaia, bananeto, bucchero, caatinga, cachoeira, campos, carrasco, cascalho, cerrado, chapada, favela, fazenda, igapó, sambaqui, serra, sertão.

7. casa, culinária e moda: batida, baschina, cachaça, caipirinha, caipiroska, churrascaria, churrasco, feijoada, marmellata, mascavato, orraca**,** prancia, porto, sagu, setúbal, tapioca, veranda, verandato;

8. designações funcionais, cargos e dignidades: bananicolo, bananicultore, baniano, bonzo, calao, casta, commando, concelhos, cornac, fazendeiro, garimpeiro, mandarino, marabut, sambista, veletta;

9. medidas e moedas: alqueire, canada, cauri, centavo, cruzado, cruzeiro, escudo, ganta, fanga, favas, lisbonina, macuta, mangelino, milreis, pataca, pé, peça, polegada, real, tael, tarefa, zaire;

10. medicina alastrim, albinismo, albino, buba, mordescin, nambi-uvu, tapiroide;

11. mar e navegação: almadia, baleniera, bananiera, calerna, caravella, caravellone, catamarano, garoupera, giunca, jangada, pangaia, paranco, rasca, sambuco, tifone, tolda;

12. arte, música e jogos: baiadeira, bajon, berimbau, bossa nova, burraco, capoeira, ciaccotta, claves, fado, lambada, machete, maraca, morna, pagoda, pagodico, reco-reco, samba, samba-rock, sambata, sambódromo;

13. literatura e lingüística: auto, auto da fé, cantiga/cantigas, geral, portoghesismo, saudade, romanceiro;

14. história: padrão, canga;

15. outros: cavia, kraal, TAP, VARIG.

Quanto a outras categorias nocionais, encontramos três verbos: *guinare, imbarazzare* e *zebrare*, este último um derivado de substantivo; alguns adjetivos: *macumbato*, *imbarazzante* e *imbarazzato* (que são também particípio presente e particípio passado de verbos), *telenovelistico etc.*

O exame das áreas semânticas revela que a incidência de brasileirismos no reino vegetal é relevante, como já demonstramos, mas acrescenta outro dado importante. A flora brasileira sempre foi motivo de cobiça para o estrangeiro, pela sua exuberante biodiversidade e, particularmente, pela sua utilidade na construção de móveis e no aproveitamento de extratos vegetais. Usufruindo o conhecimento dos indígenas, muitos exploradores e viajantes noticiavam as propriedades extraídas das plantas e dos possíveis benefícios delas advindos, portanto o léxico relativo aos alcalóides e matérias-primas é relevante. Encontram-se vegetais que servem para extração de substâncias com utilidades nos diversos setores: a *pareira,* da qual se extrai a d-tubocurarina, um forte relaxante muscular, utilizada em anestesias; o *pichurim*, difundido como estimulante e carminativo; o *parica*, usado pelos indígenas na forma de pó inalado, com efeitos alucinógenos; o *caapi*, de cujo caule se extrai uma bebida alucinógera, a *ayahuasca*, popularmente conhecida como santo daime; o *babassu*, pelo seu óleo empregado na cosmetologia etc. Nas definições dos elementos da flora normalmente é ressaltado o aproveitamento feito da planta:

> **caraipa** s.m.TS bot [1955, dal tupi *caraipé*] albero dalla cui corteccia si ricavano un legno rosso profumato e sostanze balsamiche. (Gradit)
>
> **margosa** s.f. Altro nome della pianta *Melia azedarach*, detta com. *Azedarach*, dai semi della quale si ricava un olio detto *olio di m*. (...) [dal port. *amargoso* (f. –*sa*) 'amaro'].(D/Oli)
>
> **ipecacuana** [port. *ipecacuanha*, dal n. tupi, che s'interpreta 'arbusto (ipe) della foresta (kaá), che fa vomitare (gueê-m-a)' (?); av. 1718] **s. f.** • Arbusto brasiliano delle Rubiacee con radici ramificate e provviste di rigonfiamenti, da cui si estrae una droga ad azione espettorante ed emetica *(Cephaëlis ipecacuanha*). (LZ)[66]

Nos brasileirismos, predominam os elementos do reino animal e vegetal e das artes e música e jogos. O primeiro, pela vasta e variegada composição do território nacional, que

---

[66] "**caraipa** árvore de cuja casca se retira uma madeira grossa, perfumada e substâncias balsâmicas."
"**margosa** de cujas sementes se extrai um óleo chamado óleo de m. **(...)** ."
"**ipecacuanha** arbusto brasileiro das Rubiaceas com raízes ramificadas (...) se estrai uma droga de ação expectorante e emética."

oferece uma superfície provida de características geográficas insólitas e o segundo, pela natureza do povo brasileiro, culturalmente alegre e expansivo, dotado naturalmente para a música. Nas unidades lexicais referentes à fauna e à flora, prevalecem aquelas que foram dicionarizadas em italiano com o nome tupi (*manioca, carnauba*) ou o nome científico da planta (*tupinambí, arapaima*) ou mesmo com os dois, como acontece com *caraya*, que assumiu em italiano o étimo tupi, presente também no seu nome científico (*alouatta caraya*).

No campo dos elementos etnográficos e gentílicos prevalecem os brasileirismos, sobretudo os que entraram para a LI no período que vai do descobrimento até o seculo XIX. Notam-se nomes de tribos indígenas: *Guarani*, *Carajás*, *Tapuias* etc., nomes originários do tupi; de características raciais e sociais: *cafuso*, *mulatto* (este um portuguesismo), *cangaceiro*; de gentílicos: *brasileiro*, *paulista*, *carioca* etc. Nos gentílicos encontram-se portuguesismos: *gallego*, *lisbonese*, *portoghese*.

Os brasileirismos reunidos nos elementos da toporama e da geologia dizem respeito a formações que são conhecidas na Europa, mas que entraram para a LI porque se referiam à realidades brasileiras. Assim temos: *campo*, *cachoeira*, *serra*, cujas definições são específicas da toporama do Brasil. Outras são exclusivamentes da composição geológica brasileira: *cerrado*, *chapada*, *caatinga*, *igapó* etc.

Na área semântica da casa, culinária e moda encontramos as unidades lexicais divididas equitativamente. São brasileirismos os empréstimos conotativos referentes à culinária, onde o elemento exótico é sempre uma atração: *batida*, *cachaça*, *feijoada*, *churrasco*, etc. Nos portuguesismos entram as bebidas, em especial os vinhos: *setubal* e *porto*; e elementos da casa: *prancia*, *veranda* e *verandato*.

Na área da medicina, são todos portuguesismos, geralmente unidades lexicais referentes às doenças que os navegantes italianos identificavam nos territórios visitados: *alastrim*, *buba*, *mordescin* etc.

As unidades lexicais reunidas no campo semântico das navegações são todos portuguesismos, dada a importância exercida pelos portugueses nesse setor. O mesmo pode-se dizer da área de medidas e moedas e das designações funcionais, léxico utilizado pelos portugueses no intercâmbio comercial e no contato com as diversas estratificações sociais dos povos com os quais mantinham contato, portanto palavras freqüentes no vocabulário dos viajantes italianos. Da mesma forma, os elementos da literatura e história são portuguesismos e pode-se computar isso à longa tradição literária portuguesa e ao próprio percurso histórico de Portugal, como nação influente, durante pelo menos dois séculos, na Europa Ocidental.

5.4 Adaptação dos empréstimos

Conforme observado em **2.2.6**, as adaptações dos empréstimos processam-se de diversas maneiras. Examinar todas as 309 unidades lexicais constantes no *corpus* tornaria esse trabalho muito longo, portanto nos restringimos ao exame de algumas ocorrências. Das teorias estudadas (Alves, 1994; Bloomfield, 1996; Correia, 2005, Klajn,1972) analisaremos os diversos tipos de adaptação dos empréstimos à luz da classificação feita por Klajn.

5.4.1 Adaptação fonética

Por serem as ocorrências do nosso *corpus* baseadas na língua escrita, é difícil examinar *in loco* as adaptações fonéticas. Sabemos, que um italiano jamais diria /pi.kã.ɲa/ e sim /pɪ.’ka.na/, existindo uma diferença acentuada de pronúncia na nasal. Todavia, deve-se considerar como afirma Alves (1984:124), que os empréstimos serão sempre acomodados foneticamente de acordo com o sistema que o integrou. No âmbito das adpatações fonéticas, distinguimos:

a) assimilação fonética

- acréscimo de fonemas: catamarã → *catamarano*;

- perda de fonema: garoupeira → *garopera*;

- deslocamento da acentuação: almadia → *almadia* /al.'ma.dia/; babaçu → *babassu* /ba.'ba.su/;

- substituição de fonema: veado → *viado* /'vj.a.ðu/. Em português, apesar de a grafia ser 'veado', pronuncia-se viado /'vj.a.ðu/. Em italiano, a unidade lexical foi transcrita gráfica e foneticamente através da pronúncia brasileira;

- mudança de acentuação: afoxé → *afoxé* /a.fu.'ʃɛ/. O LZ a transcreve corretamente, no entanto, se utilizarmos no CD o ícone que remete à pronúncia, ouve-se /*a.fu.'ʃe*/, pelo fato do acento agudo corresponder em italiano ao acento grave, o último fonema é pronunciado fechado.

b) influxo da grafia

- em italiano 'j' tem o valor de 'i'. Unidades lexicais grafadas com 'j', são adaptadas para 'i': jaborandi → *iaborandi*; jacamar → *iacamar*;

c) hipercorreção

As vogais italianas e portuguesas possuem o mesmo valor fonético, portanto não há esse tipo de adaptação, possível em empréstimos da língua inglesa;

d) contaminação

A contaminação pode ser verificada na língua oral, entretanto o LZ oferece, na sua versão em CD, a transcrição fonética e pronúncia de alguns estrangeirismos. Nele verificamos que a unidade lexical 'churrasco' é transcrita foneticamente e pronunciada /tʃu.'ras.ko/,

quando na realidade, os falantes italianos que conhecem a iguaria brasileira, pronunciam /ʃu.'ras.ko/.

5.4.2 Adaptação morfológica

Em **5.2** observamos as variações gráficas e morfológicas que os empréstimos portugueses, ainda em fase de neologização, apresentaram nas diferentes obras dos viajantes. Ao serem dicionarizados, são introduzidos no sistema da língua e adquirem cidadania, sendo adotados pelos usuários. Na adaptação morfológica, ocorre uma sistematização coerente com as regras gramaticais da língua importadora.

Operando com a classificação fixada por Klajn (cf.**2.2.6**), a adaptação morfológica das unidades lexicais do português na LI acontece nos seguintes níveis:

a) funcional

Quando a unidade lexical muda de função:

- mudança de gênero: o samba → *la samba*, a araponga[67] → *l'*(o) *araponga*;

- mudança de número: concelho → *concelhos*, fava → *favas*.

Quanto às unidades lexicais *caboclo* e *cantiga* são admitidas em italiano as duas variações de número.

b) formal

Unidades lexicais que tiveram pequenas variações morfológicas, como o acréscimo ou a perda de morfemas autóctones:

- ausência de vogal final: marabuto → *marabut*;

[67] Em português 'araponga' admite os dois gêneros, porém a forma italianizada refere-se à ave, gênero feminino.

- mudança de vogal central: varanda → *veranda*;

- ausência de consoante central: anhinga → *aninga*. A unidade lexical é nomeada em italiano pelo gênero de aves a qual pertence, do tupi, *anhinga*;

- ausência de consoante final: lóris → *lori*;

- mudança de consoante inicial: safra → *zafra*.

c) formação derivacional ou composta

Unidades lexicais em que o acréscimo de afixos modifica o significado ou a função gramatical:

- acréscimo de sufixos: banana → *bananicolo*, *bananicultore, bananiera, bananivoro*; telenovela → *telenovelistico*; zebra → *zebrare*; macumba → *macumbato*. Essa unidade lexical não se encontra na LP, mas é admissível pela estrutura da língua: 'macumba + o sufixo -ado';

- como formação composta existe apenas uma adaptação: *samba rock*, que não está dicionarizado na LP. Houaiss registra apenas 'samba-canção' e 'samba-choro'. Em fase de propagação neológica, encontramos: samba-rock e samba-funk, samba-exaltação, samba-enredo, samba de breque, samba de gafieira etc.[68]

5.4.3 Adaptação gráfica

Klajn, quando enumera os tipos de adaptações morfológicas formais, diz que esse tipo de ajuste envolve sempre a adaptação fonética e gráfica. A fronteira de distinção entre essas três categorias é tênue e quase sempre difícil de exemplificar. Ao fazer a adaptação fonológica, o falante internamente concebe a grafia. No passado, essa relação de grafia-

[68] In: < http://www.coloninha.org.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=29>. Acesso em 12.jul.07.

pronúncia viabilizou a adaptação gráfica dos empréstimos, fazendo com que, no presente, o falante não se aperceba do caráter estrangeiro que a palavra possui. Somente um estudioso da língua notará que *marmellata*, *acagiù*, *feticcio*, são empréstimos do português. Hoje, a facilidade de comunicação permite que o conhecimento fonético/grafológico do empréstimo seja pontual, de modo que o empréstimo permaneça quase sempre um estrangeirismo (cf.**2.2.4**). No quadro das adaptações gráficas consideramos:

- diferença de grafia no acento, quando não há deslocamento da sílaba tônica. O acento agudo em português equivale em italiano ao acento grave: aguará → *aguarà*;

- acréscimo de uma consoante. O italiano admite a geminação em todas as consoantes, exceto em 'h' e 'q'. Nos empréstimos integrados, sobretudo nos portuguesismos esse tipo de adaptação é recorrente: caravela → *caravella;* galego → *gallego* etc.;

- unidades lexicais grafadas segundo a fonética italiana: babaçu → *baba**ssu*** /ba.'ba.su/; inhame → ***igna**me* /i.'ɲa.me/; palanquim → *palan**chi**no* /pa.lan.'ki.no/; mordechin → *morde**sci**no* /morde'ʃino/; português → *porto**ghe**se* /por.to.'ge.se/.

Empréstimos que não tiveram mudanças gráficas e morfológicas são considerados por Alves (1994:82) como estrangeirismos: *afoxé, cachaça, cão de água, chapada, maracujá* etc.

5.4.4 Adaptação semântica.

Não encontramos muitas ocorrências de adaptações semânticas, registraremos, portanto todas as contidas no *corpus*, pois nos parece interessante observar como certas unidades lexicais da nossa língua produziram outros significados na LI. Analisaremos a adaptação semântica seguindo a teoria de Klajn (1972), revista em **2.2.6**.

a) empréstimo semântico

Quando o empréstimo adquire novas significações, não existentes na língua de partida:

- *ananas*: com o significado em português de 'granada', pois o seu formato recorda o fruto. Na locução *bomba ad ananas o ananasso* (Gradit, D/Oli, LZ);

- *baiadera*: **1.** Tecido de listras com cores contrastantes (Gradit, D/Oli, LZ); **2.** Prostituta (Gradit);

- *banana*: **1.** em eletrônica, plugue com um único pino (D/Oli, LZ). Este empréstimo semântico não se encontra dicionarizado no Houaiss, mas é veiculado no comércio de peças eletrônicas. **2.** por extensão, pão de forma estreita e alongada, semelhante à banana (LZ);

- *bonzo*: pessoa que se dá ares importantes e se comporta com excessiva solenidade (Gradit, D/Oli, LZ);

- *caravella*: **1.** Cola utilizada na construção de navios (Gradit, D/Oli, LZ); **2.** variedade de maçã ou pêra com casca rugosa (LZ);

- *carioca*: **1.** Dança popular brasileira e sul-americana (D/Oli, LZ); **2.** modelo de sutiã constituído somente de faixas (D/Oli);

- *pagode*: com o significado de moeda de ouro utilizada na Índia (D/Oli). Essa acepção era corrente na literatura dos viajantes;

- *telenovelistico*: pessoa que assume o estilo e o modo de ser de personagens das novelas da TV (Gradit);

- *zebra*: No plural, em sentido figurado, os jogadores da Juventus, time de futebol italiano, pela camiseta de listras brancas e pretas (D/Oli).

b) decalque propriamente dito

b.1) **homonímico**:

- veado → *viado* (Gradit, D/Oli, LZ); com significado de travesti, enquanto que em português significa homossexual masculino.

b.2) **sinomínico**: Não encontramos nenhum exemplo de decalque sinomínico no *corpus*, porém verificamos a sua existência quando trabalhamos os neologismos que circulam na mídia italiana (cf. **5.6**):

- sem terra → *senza terra*: "Inoltre, Lula ha deciso di creare una task force per investigare sugli omicidi, fermare la corsa all'occupazione abusiva di terre e raffreddare i conflitti tra fazendeiros e contadini senza terra."[69]

- fome zero → *fame zero*: "Una statua di Lula alta quasi dieci metri ed un banchetto popolare con lancio di panini fra il pubblico delle gradinate chiudono la sfilata-comizio che esalta il progetto "Fame Zero", prima iniziativa del neoeletto presidente, rivolta ad eliminare i problemi di alimentazione di milioni di brasiliani."[70]

Em trabalhos de lingüistas, verificamos que D'Agostino (1994:822) registra *teologia della liberazione* decalque sinonímico que não está dicionarizado.

b.3) **aproximativo**

Não encontramos nenhuma ocorrência no *corpus* deste tipo de decalque, porém D' Agostino (*op.cit.*) registra *blu estoril*, decalque aproximativo surgido em 1992, referente à uma publicidade de automóvel. Esse decalque aproximativo compõe-se de *blu* (azul em italiano) + *estoril* (região costeira de Portugal) e é o nome da cor de uma tinta automotiva, conhecida como azul estoril.[71]

---

[69] In: Corriere della Sera. < http://www.corriere.it/Primo_Piano/Esteri/2005/02_Febbraio/19/brasile.shtml>. Acesso em 21.jun.2007.

[70] In: Repubblica.it. <http:www.repubblica.it/online/cronaca/carnevale/rio/rio.html>. Acesso em 21.jun.2007.

[71] In: http://www.diauto.net/frames/retfordmet.htm. Acesso em 21.jun.2007.

5.5 Considerações sobre brasileirismos e portuguesismos incorporados pela língua italiana

Ao analisarmos os brasileirismos nos dicionários italianos, notamos que existem algumas controvérsias entre os lexicógrafos, na elaboração das definições e também da inserção de algumas que não constam no DH. Portanto consideramos importante discorrer sobre o que notamos de diverso na microestrutura dessas entradas.

Algumas unidades lexicais não constam do DH, por serem adaptações semânticas, como acontece com *caravellon*e, *macumbato, sambata, tapiroide, telenovelistico*. O mesmo sucede com *ipecacuanico*, *iacarandina, margosico*, m*argosina* e vários outros alcalóides e ácidos não dicionarizados no DH, mas cuja existência comprova-se em sites e em trabalhos científicos publicados na internet. No caso de *mangelino* e *ganta*, moeda e unidade de medida, apesar de encontrarmos a atestação, e a etimologia ser a mesma, (DEI), não conseguimos precisar quais seriam os seus equivalentes em português. Quanto a *prancia*, sabemos do que se trata, pela definição do Gradit, 'uma tábua inclinada, utilizada na limpeza do atum'. A tradução natural seria 'prancha' ou 'tábua', todavia não se encontra no DH com essa acepção.

A unidade lexical *caipiroska* apesar de ser usual na fala do brasileiro, não está dicionarizada no DH, no entanto está registrada no Gradit. Unidades lexicais que se relacionam a raças de cães (*cão de água*), marcas de vinhos (*Setubal*), também não aparecem no DH.

A unidade lexical *claves* refere-se a um instrumento feito de madeira para a marcação do ritmo da rumba cubana. Não consta no DH, todavia aparece nos sites brasileiros referentes aos instrumentos musicais e pedagógicos como 'clave de rumba'. Originariamente, tanto o ritmo quanto o instrumento não possuem características nacionais, no entanto foi registrado no Gradit como sendo um estrangeirismo provindo português.

Ao examinarmos as definições de algumas unidades lexicais italianas, notamos uma ausência de homogeneidade entre os dicionaristas italianos, em relação aos conceitos portugueses. No Gradit notamos as seguintes divergências:

Em *campos,* a definição de 'savana típica do sul da bacia do Rio Amazonas', vem contrapor com a concepção que temos de 'campos' e a que consta no DH, 'terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores' e 'terreno plano e extenso destinado à agricultura ou às pastagens.'

Capoeira é uma unidade lexical cuja definição gera discordância também no Brasil. Para os aficcionados, é considerada uma luta, segundo o DH, é um esporte e um jogo. O Gradit a define como dança popular brasileira, talvez pela coreografia própria do esporte. Na internet, encontramos muitos sites italianos de escolas, academias de capoeira e jornais que a conceituam como 'metade arte marcial, metade dança'[72], 'autodefesa em forma de dança.'[73]

Da mesma maneira, *bossa nova* é definida como 'dança moderna semelhante ao samba' (Gradit e D/Oli) e 'baile de origem brasileira semelhante ao samba' (LZ). Na realidade, a unidade lexical 'bossa-nova' foi criada na metade do século passado, na zona sul do Rio de Janeiro, por um grupo de compositores, instrumentistas e cantores, para contestar tudo o que existia de 'velho' e 'arcaico' (bolero, seresta, samba-canção) na música brasileira, portanto, trata-se de um movimento cultural e musical. Houaiss a define como 'relativo ou próprio da bossa-nova ('jeito novo de fazer,movimento musical').'

No Gradit, a unidade lexical *copaive* há a sua atestação datada em **1402**, com etimologia originária do tupi, através do português. Possivelmente trata-se de um erro tipográfico, pois como étimo tupi, é posterior a 1500.

---

[72]In:<http://www.repubblica.it/2006/a/sezioni/scuola_e_universita/servizi/giovanisport/giovani-capoeira/giovani-capoeira.html>.
[73] In: <http://www.corriere.it/vivimilano/sport/articoli/2003/09_Settembre/14/danza.shtml>.

A definição de *geral* (língua geral), diz que se trata de uma língua falada por algumas populações indígenas da Amazônia. Essa definição refere-se ao nheengatu, variedade amazônica da língua geral. Sobre a língua geral ou brasílica tratamos em **4.1.6**.

No D/Oli, não encontramos alterações relevantes quanto ao significado, somente uma forte discordância quanto à etimologia, em relação aos outros dicionários italianos. Apresenta apenas uma diferença na definição de *tapioca*: 'produto alimentar usado como alimento dietético'. A tapioca é uma fécula rica em amido (a especificação da legislação é em média de 95% a 98%)[74], e utilizada em pratos mingaus, bolos, roscas, pudins etc., portanto, entraria somente em dietas de pessoas que necessitam de muitos carboidratos.

Não encontramos no LZ desacordos nas definições, em relação aos outros dicionários, somente as mesmas discordâncias analisadas no verbete *campos,* no Gradit, ocorrem também no LZ.

Tanto o LZ quanto o Gradit consideram *amok* uma doença e distúrbio psicopatológico. As atestações e o DH definem *amok* (em português amouco) como uma obrigação (ir) racional de lutar até a morte pelo seu senhor.

Ray Debove (apud BÉJOINT, 1994:20) afirma que dicionários modernos são polêmicos e que as informações dadas refletem o pensamento de uma classe social, de uma geração, de uma "intelligentzia" que quer fazer triunfar uma ideologia. Na definição, o lexicógrafo deve ser imparcial e abster-se de apresentar informações que contenham premissas ideológicas. Muitas vezes a ideologia implícita do lexicógrafo (ou de seu colaborador) terá conseqüências imprevisíveis, sobretudo em consulentes que não tenham capacidade de discernimento. Normalmente, o consultor comum aceita a definição proposta pelo dicionário e, poderíamos dizer, até de maneira irrefutável, o que provocaria a formação

[74] In: <http://www.md.cefetpr.br/Intranet/professores/adm/download/apostilas/171959.pdf>.

de uma idéia pré-concebida e de sentimentos de rejeição a determinada situação, como observamos no caso da unidade lexical *favela*, apresentada no D/Oli:

> **favela** s.f. *port*.. Esteso agglomeramento di squallide baracche e abitazioni di fortuna, situato nelle aree periferiche e anche nel centro urbano delle città brasiliane, in cui vive un **sottoproletariato condannato a una vita di miseria e di stenti** spesso **al limite della sopravvivenza**. [Propr. "alveare"].[75] (Grifos nossos).

Em contraposição, Gradit e LZ, apresentam a mesma unidade lexical isenta de julgamentos, como dever ser toda a definição de um dicionário:

> **favela** port. [vc. del port. brasiliano, propr. 'alveare', dal lat. *favu* (*m*) 'favo'] **s. f. inv**. (pl. port. *favelas*) • Quartiere di baracche costruite spec. alla periferia di grandi città brasiliane.[76] (LZ)

Nas definições da unidade lexical *viado*, os dicionários italianos definem especificamente como 'travesti masculino brasileiro', porém nos jornais italianos nota-se que esta já adquiriu uma conotação semântica diferente, sendo utilizada para nomear qualquer homossexual travestido, não importando a origem, inclusive italianos:

> E solo in questa settimana carabinieri e polizia hanno stroncato due diversi giri di prostitute e **viados stranieri** in maggioranza clandestini.[77] (grifo nosso)
>
> Ricordate, **il debutto in Parlamento?** Giuliano Urbani parlò di un «governo giuda». Gianfranco Micciché di un'accozzaglia di «saltimbanchi, truffatori, massoni, boiardi di Stato» capaci solo di «strisciare come vermi». Manlio contento di una «compagine di **viados della politica italiana**».[78] (grifo nosso)

---

[75] **favela** s.f. *port*. Grande conglomerado de esquálidas barracas e casas pobres, situados nas áreas periféricas e também nos centros urbanos das cidades brasileiras, onde vive um sub-proletariado condenado a uma vida de miséria e dificuldades, freqüentemente no limite da sobrevivência. [propr. "favo"]

[76] **favela** port.[voz do port. brasileiro, propr. 'favo', do lat. *Favu* (*m)* 'favo'] s.f.inv. (PL. port. *favelas)* Bairro de barracas especialmente na **periferia das grandes cidades brasileiras.**

[77] In: <http://www.repubblica.it/2005/e/sezioni/cronaca/quartiere/quartiere/quartiere.html>. Acesso em 12.jul.2007.

[78] In: <http://www.corriere.it/Primo_Piano/Politica/2007/02_Febbraio/25/stella.shtml>. Acesso em 12.jul.2007.

Algumas das entradas examinadas acima necessitam ser reavaliadas dentro da nossa realidade. Nem todos os favelados são condenados a viver com dificuldade, no limite da sobrevivência. Temos cantores famosos, passistas, artistas etc. que vivem nas favelas porque ali é o seu lar. E nem todos os *viados* são somente brasileiros. O dicionário como obra de consulta e de caráter didático possui um cunho informativo, portanto, deve evitar generalizações que dêem margem a interpretações preconceituosas.

5.6 Neologismos circulantes na mídia italiana

Na apresentação do dicionário de Lurati (1990:V), o editor se pergunta o que estaria por trás da grande proliferação dos neologismos nos dias de hoje. Ele mesmo responde: de um lado, estão as mudanças sociais e de outro, os meios de comunicação propensos a criar um discurso que atinja e chame a atenção do leitor e assim produzindo "una importante porzione di materiale neologico. Si manifesta un gusto per il neologismo, quasi una caccia, in un'esibizione di forme nuove che devono connotare una spiccata creatività e significare una sorgiva originalità." [79]

Os neologismos midiáticos brasileiros entram na composição de crônicas, reportagens e demais textos, quando são veiculadas notícias sobre o Brasil. Encontram-se também, em sites de publicidades sobre o Brasil, nos *blog* dos turistas que visitam o nosso país e em sites de obras sociais italianas que prestam auxílio aos carentes. Os neologismos que circulam atualmente na mídia italiana compõem-se de palavras da culinária baiana, frutas, carnaval, da cultura brasileira e os demais são específicos da problemática social brasileira.

[79] "uma importante porção de material neológico. Manifesta-se um gosto pelo neologismo, quase uma caça, em uma exibição de formas novas que denotam uma criatividade e uma originalidade sem par."

Selecionamos um pequeno elenco dos que se mostraram mais interessantes para serem examinados do ponto de vista lingüístico, sendo que alguns deles poderão vir a fazer parte do sistema, como é o caso de *havaianas*, *sambare*, *picanha*, *favelados*, etc., pois são fartamente usados. Alguns já adquiriram uma conotação semântica italiana. Abaixo apresentamos alguns neologismos midiáticos selecionados obedecendo os critérios de Sardinha (cf. **3.5**):

Neologismos midiáticos
acarajé, azeite de dendê, carnaval brasiliano, caruru, catadores de papel, chimarrão, baianas (ala das), escola de samba, favelados, foliões, grilagem, grileiros, havaianas, maracanã, meninos de rua, pão de queijo, picanha, pitanga, Pantanal, posseiros, sambare, sambando, sambato, samba no pé, Seleção, seringueiros, sem terra, sem teto, trio elétrico.

Examinando as ocorrências coletadas, vemos que o neologismo *acarajé*, entra na tradução de um trecho do livro de Jorge Amado, em receitas, mas também como nome de um conjunto musical italiano. Está grafado com o acento agudo e a letra "j", inexistente no alfabeto italiano, portanto ainda um estrangeirismo.

Acarajé
1) Agli angoli di molte strade a Bahia si incontrano donne che indossano svolazzanti vestiti bianchi e vendono l'*acarajé*, ovvero purè di fagioli condito.[80]

2) Alla guerriera che non teme la Morte né gli spiriti dei morti, Jansá, non offrite la zucca, non le servite insalata né frutti di sapota: a lei piacciono gli *acarajés*. Servite fagioli con

[80] In: http://servizi.carabinieri.it/Internet/Editoria/Carabiniere/2005/02-Febbraio/Societa/036-00.htm. Acesso em 12.jul.2007.

granturco a Oxumaré, e a Nanan un caruru ben condito". (Jorge Amado).

3) **Giovedì 12 agosto:** Gruppo musicale ACARAJE – Il progetto acarajé nasce dalla passione per La cultura brasiliana Ed esplora vari generi musicali in particolare la bossa nova e la samba. Dalle ore 21.30.[81]

Alves (1994, p.78) diz que, "morfosintaticamente, a integração à língua (...) "manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos". Tem-se em italiano, já dicionarizadas, as unidades lexicais "samba", "sambista" e "sambódromo". No pequeno *corpus* levantado sobre os neologismos midiáticos, encontra-se o verbo *sambare*, a sua flexão no gerúndio *sambando* e no particípio *sambato*. Em *sambare,* verifica-se que existe a derivação sufixal *-are*, dando origem a um verbo que, por sua vez, já está sendo flexionado dentro dos padrões morfossintáticos do italiano. O uso do verbo *sambare* é bem difundido, inclusive com uma adaptação semântica não presente no PB: com o sentido de 'ginga', para definir o drible gingado que é característico do jogador brasileiro. Encontra-se até como título de um livro publicado pela editora La Libreria Croci, di Varese de autoria de Annamaria Tagliaretti, cujo título é *A piedi scalzi, sambando la vita*.

Sambare
1) I cronisti gli tenevano dietro *sambando* impeccabilmente, perché *sambare*, appunto, è un modo di camminare e, se c'è un po' di musica nell'aria, uno può *sambare* senza camminare, ma non potrà mai camminare senza *sambare*, a Rio, per carnevale.[82]

2) Con un centrocampo che ha impedito al Manchester di alzare il ritmo *sambando futebol*" la difesa (sontuoso Maldini come leader) ha fatto bene quel che doveva fare con grande attenzione e applicazione.[83]
3) La memorabile notte della vittoria di Lula rischia di battere, in quanto a partecipazione e ad entusiasmo gridato, pianto e sambato, quelle dei cinque titoli calcistici mondiali.[84]

Em italiano encontra-se dicionarizada a unidade lexical "favelas" e em muitos textos tem-se o neologismo 'favelados', registrado por Lurati (1990). Em alguns sites o preconceito lingüístico sobressai, como, por exemplo, no texto **1**, no qual o autor generaliza e compara os

[81] In: <http://www.comune.firenze.it/mese/spazio_multiculturale.htm >. Acesso em 12.jul.2007.
[82] In: < http://www.corriere.it/parole_in_viaggio/articoli/david/rio_de_janeiro_dx.htm>. Acesso em 13.jul.2007.
[83] In: www.francorossi.com/default2.asp?pid=2190&cat=81. Acesso em 13.jul.2007.
[84] In: < http://www.repubblica.it/online/esteri/elebrasile/vittoria/vittoria.html>. Acesso em 13.jul.07.

favelados a grupos de criminosos, o que é uma inverdade:

> **Favelados**
> 1) COPACABANA, pur rimanendo una spiaggia bellissima, è diventata oggi molto pericolosa poichè frequentata da molti favelados che si riuniscono in gruppi (...) **EVITATE DI ANDARCI NEI FINE SETTIMANA !!!**[85]
>
> 2) Sono i favelados che sentono tutto sulla propria pelle … ma rimangono inascoltati.[86]
>
> 3) Sambando la vita: Ragazzini con mitra controllano ogni accesso, mentre spacciatori e clienti contrattano per strada. Un mondo a parte, dove gente "normale" e polizia non entrano mai. Ma nella scuola di samba si realizzano educazione e riscatto sociale. E nasce l'orgoglio di essere favelados.[87]

Quando uma unidade lexical começa a fazer parte do vocabulário do falante, existe a dificuldade de situar o gênero exato a que pertence, criando divergências entre os usuários. Somente quando seu uso é assimilado totalmente é que se define o gênero, obedecendo a um padrão estabelecido pelo seu emprego dentro da comunidade lingüística. No neologismos "grilagem", nota-se essa discrepância, os autores se dividem, usando ora o gênero masculino ora o feminino:

> **Grilagem**
> 1) La misura, coraggiosa, aveva da una parte l'obiettivo di arrestare la grilagem e, dall'altra, avrebbe permesso all'Istituto nazionale per la riforma agraria (Incra) di registrare e controllare tutte le terre in usufrutto prima di concedere titoli di proprietà definitivi.[88]
>
> 2) Il portoghese brasiliano offre, tra l'altro, la tecnica del grilagem che consiste nell'altrimenti laboriosa perifrasi di "mettere un grillo vivo in una scatola di documenti appena falsificati sino a quando i suoi escrementi fanno sembrare invecchiata la carta.[89]
>
> 3) L'appropriazione indebita del suolo demaniale in Amazzonia è assai antica e, da sempre, viene chiamata *grilagem*, un nome curioso che deriva dal fatto che i falsificatori utilizzano grilli per invecchiare documenti confezionati su misura in tempi molto più recenti rispetto a quelli dell'atto di compravendita.[90]

---

[85] In: <digilander.libero.it/ilmiobrasile/info3.htm>. Acesso em 13.jul.07.
[86] In: <www.socialpress.it/article.php3?id_article=380>. Acesso em 13.jul.07.
[87] In: <www.arpnet.it/volosvi/2001_6/01_6_12.htm>. Acesso em 13.jul.07.
[88] In: www.db.avvenire.it/avvenire/edizione_2005_03_22/dossier.html. Acesso em 13.jul.07.
[89] In: < http://www.repubblica.it/2005/j/sezioni/scienza_e_tecnologia/dizionario/dizionario/dizionario.html> Acesso em 13.07.07.
[90] In: < http://www.db.avvenire.it/avvenire/edizione_2005_03_22/dossier.html>. Acesso em 13.07.07.

Lia Luft, (2004:20) diz que o europeu quer o diferente, o estranho, o aventuresco e que essas combinações se associam ao "ser brasileiro". Atesta que "a culpa é nossa que exportamos demais caipirinha, mulatas, carnaval, favela e futebol: tudo ótimo, desde que não seja tudo." A jornalista esqueceu-se de acrescentar "distúrbios sociais", pois estes também são problemáticas discutidas pelo europeu, em especial o italiano. Interessante notar que é nas áreas citadas por ela que se concentram o maior número de neologismos midiáticos encontrados nos exemplos citados acima.

Referente às questões sociais encontramos os seguintes neologismos: *sem terra, catadores de papel, meninos de rua, grilagem, grileiros, posseiros, seringueiros* etc. "Meninos de rua" já possui uma conotação semântica italiana, sendo empregado para referir-se aos pobres que vivem na Itália, como é especificado no exemplo 1:

Meninos de rua
1) Sarebbero più di 23mila i *meninos de rua* all'italiana. Ossia i bambini e i ragazzi stranieri che sopravvivono da soli nelle nostre strade con espedienti o piccoli crimini.[91]

2) **Brasile, diventa reato vendere colla per scarpe**

I bambini di strada la usano come narcotico, provoca danni gravissimi e spesso irreversibili.

MILANO - Sniffano colla fino a perdere coscienza. Sono i «meninos de rua», popolazione disperata di minorenni, spesso solo bambini, che affollano le strade di Rio de Janeiro, in Brasile.[92]

1) Secondo il seminarista, che oggi si trova in Italia, il sacerdote ucciso aveva ricevuto diverse minacce o intimidazioni e il suo impegno per riscattare dalla strada i *meninos di rua* dava fastidio a qualcuno.[93]

É no campo semântico do carnaval que encontramos o maior número de neologismos. Isto porque o carnaval, além de ser amplamente veiculado na mídia estrangeira, atrai número substancioso de turistas de todas as partes do mundo e é natural que nomeiem as

[91] In: < www.cestim.it/rassegna%20stampa/03/01/08/minori.htm>. Acesso em 13.07.07.
[92] In:< http://www.corriere.it/Primo_Piano/Esteri/2004/11_Novembre/26/colla_bras.shtml>. Acesso em 13.07.07.
[93] In: < http://www.radiovaticana.org/radiogiornale/ore14/2006/marzo/06_03_31.htm>. Acesso em 13.07.07.

particularidades com palavras da nossa língua, já que não existe esta realidade na língua receptora. Carro alegórico é elemento da realidade italiana, definido dentro do léxico da língua: "carri alegorici". Já "trio elétrico" é uma criação essencialmente brasileira, assim sendo, a palavra para nomeá-lo é do PB. Pode haver futuramente uma adaptação ou não, mas enquanto isso não acontece, a palavra assume a forma da língua de partida. De modo particular nos chamou a atenção o item "carnaval brasiliano" que é composto de uma unidade lexical portuguesa e uma italiana, sendo, segundo a teoria revista em **2.2.6**, um decalque aproximativo. Neste caso nota-se que a especificidade do termo é talvez para contrapor-se a "carnevale veneziano" e aos carnavais de outras regiões italianas.

Carnaval brasiliano

1) Ma al di là di questo le ragioni del "Carnaval" brasiliano sono forse differenti.[94]

2) (...) i cortei popolari sull'incoronazione dei Re Africani, le espressioni popolari della società bahiana, il linguaggio marziale della Capoeira, del Samba e le sempre nuove influenze del celebre Carnaval brasiliano.[95]

3) Negli spettacoli "Bahia de todas as cores" e "Rapsodia nordestina" il repertorio spazia dalle danze religiose del Candonblè alla Capoeira, al Samba e alle nuove influenze del Carnaval brasiliano.[96]

No verão italiano de 2006, explodiu na mídia italiana o neologismo *havaianas*. Isto porque os populares chinelos da marca 'Havaianas' foi o grande sucesso da temporada. Decorada com pedrarias para usar à noite como traje de passeio, nas ruas e nas praias, a famosa sandália, adquiriu um *status* inexistente no Brasil. Nos jornais e revistas os artigos e propagandas atestam os predicados das sandálias mais famosas da terrinha:

Havaianas

1) Lo incontriamo in forma, magro, abbronzato, havaianas ai piedi. I tifosi milanisti possono

[94] In: < www.magat.it/Brasile/cultura.htm>. Acesso em 13.07.07.
[95] In: www.afro.it/italiano/festiva04%20baia.html. Acesso em 13.07.07.
[96] In: < http://www.recensito.net/pag.php?pag=403>. Acesso em 13.07.07.

stare tranquilli, non rivedranno il ciccione che scese dall'aereo da Madrid. «Lo incontriamo in forma, magro, abbronzato, havaianas ai piedi. I tifosi milanisti possono stare tranquilli, non rivedranno il ciccione che scese dall'aereo da Madrid.[97]

2) Alzi la mano chi non ha mai indossato le famosissime Havaianas? Comode e colorate sono le infradito più cool degli ultimi anni.[98]

3) Publicidade[99]

Tutti pazzi per le havaianas!

"Un vero e proprio status symbol"

Foto: havaianas della serie Paises

Finalmente è arrivata la bella stagione. Le vere "fashion victim" non possono certo rinunciare alle infradito di gomma più vendute nel mondo: le havaianas.
Nate in Brasile nel 1962 su ispirazione del tradizionale sandalo giapponese e realizzate in gomma naturale di elevatissima qualità, sono diventate un "must" nel guardaroba di ogni modaiola che si rispetti.
La versatilità è uno dei tratti distintivi della celeberrima ciabattina brasiliana: dalla spiaggia alla città, per il lavoro e per il tempo libero. (…)

Ao longo deste capítulo procuramos mostrar os diferentes neologismos do PB que estão se propagando atualmente na LI. Conforme sustenta Alves (1994, p.73-84) e, como acontece com todos os neologismos, é difícil precisar quais as unidades lexicais que serão incorporadas ao sistema lexicográfico da LI, pois isto depende somente da assimilação e constância de uso por parte dos seus falantes. Alguns dos neologismos assinalados no corpus são apenas aparições meteóricas e cairão logo no esquecimento, porém, outros completarão o trajeto neológico e se incorporarão ao sistema, tornando-se mais um empréstimo.

---

[97] In: <http://www.corriere.it/Primo_Piano/Sport/2007/07_Luglio/05/cotroneo-estate-ronaldo.shtml>. Acesso em 13.07.07.
[98] In: <http://www.donnamoderna.com/moda/stampa/idA040001015696/xsl-ast.art>. Acesso em 13.07.07.
[99] In: <http://quibellezza.corriere.it/Moda/Accessori/havaianas.shtml>. Acesso em 13.07.07.

Podemos afirmar isto pelo sólido número de sites que propagam estes neologismos na imprensa escrita. Somados a isso, tem-se o visitante que conta a sua experiência de viagem feita ao Brasil ou o brasileiro que explica ao amigo italiano que nunca esteve aqui o que é "samba no pé" ou "grileiros". Reforça a difusão do neologismo o atleta que é vendido ao clube italiano e ensina como jogar o "futevolei" brasileiro; o garçom que no intervalo do seu trabalho mostra ao amigo italiano como se prepara um "pão de queijo". Todos contribuem para a divulgação do PB entre os falantes de italiano.

Esses neologismos permitem confirmar o que foi dito por Alves (*op.cit.*) e também por Luft (*op.cit.* p.20), ou seja, que a utilização de neologismos do PB transmite a realidade brasileira que mais empolga o estrangeiro: a 'busca da cor local' e do 'ser diferente'.

VI - CONCLUSÕES FINAIS

Acompanhar a trajetória da inclusão das unidades lexicais do português pela língua italiana é participar da história das conquistas de Portugal ultramar e do nascimento do Brasil colônia e do seu crescimento como nação. Visualizamos através do relato dos viajantes e naturalistas italianos um pouco dessa epopéia. Conjuntamente, observamos a gênese de alguns neologismos que surgiram das relações estabelecidas pelos portugueses com os povos orientais e que mais tarde foram incorporados ao léxico da língua italiana.

A incorporação de palavras do tupi e de palavras originadas dos idiomas trazidos pelos escravos africanos, colaborou para a integração definitiva de um acervo lexical riquissimo na língua portuguesa. Concordamos com Alves (1994:72) na assertiva: "O léxico de um idioma, entretanto, não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades lingüísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua."

Constatamos com Klajn (1972:11), que se considerarmos a língua como instrumento de comunicação social, percebemos que primeiramente essa comunicação se processou através da língua escrita. Foi assim com os portuguesismos dos viajantes e com os brasileirismos dos naturalistas. O mesmo acontece hoje, ouvimos o empréstimo, o utilizamos, porém grande parte deles se estabiliza através do código escrito. Porém, é necessário que ele seja empregado pelo falante para que permaneça vivo, do contrário cairá no esquecimento, fato que sucede com muitos dos empréstimos do português no italiano.

Pudemos ver que o percurso dos empréstimos, desde a sua criação, até a sua incorporação na língua recebedora teve respaldo nas teorias elaboradas pelos cientistas estudados. Vimos que o empréstimo é utilizado para dar nome a algo que inexistia na língua, como acontece com as realidades encontradas no oriente ou no mundo recém-descoberto. São denotativos quase todos os portuguesismos. Os brasileirismos perfazem em grande parte os empréstimos conotativos, unidades lexicais que possuem o fascínio e a sedução implícita no

próprio empréstimo: *samba* relembra a beleza da mulher brasileira, em especial, a mulata; *caipirinha* é a bebida que recorda o sol, a praia, o calor humano do povo brasileiro. Nessa categoria podemos incluir os neologismos midiáticos que se manifestam regularmente na mídia italiana, ligados à nossa cultura.

Atualmente a adaptação e integração se processam de modo relativamente fácil, isto é, os meios de comunicação avançados que utilizamos permitem que o empréstimo se introduza em um tempo recorde, ao contrário do que acontecia com os primeiros portuguesismos que levaram mais de um século para serem incorporados aos dicionários italianos. Quando não são incorporados aos dicionários de língua, são relacionados em dicionários neológicos, ou banco de dados, por obra de lingüistas que se dedicam a coletá-los.

Examinando as ocorrências, verificamos que a influência do português na Língua Italiana pode ser considerada pequena se comparada com a do francês, do espanhol e de outras línguas, porém sob certos aspectos é sobremaneira relevante, pois a LP emprestou palavras que são largamente utilizadas no italiano. Dentre elas podemos citar *banana, ananás, marmellata, samba, telenovelas*, etc. Mesmo aquelas que são desconhecidas pela maior parte dos falantes, têm colaborado, senão linguisticamente, porém implicitamente para o bem-estar do falante italiano. E aqui fugimos do lingüístico para o semântico: são os termos de áreas específicas que incluem nomes de óleos, essências, extratos vegetais que, industrializados, levam conforto e tranqüilidade incluídos tacitamente: óleo de *caroba*, de *nandiroba*, de *babaco*, cera de *carnaúba*, corante de *caragiura*, etc.

Ao pesquisar os escritos dos viajantes e dos naturalistas, observamos uma quantidade sem fim de neologismos que pertencem à LP e que certamente foram largamente utilizados pelos italianos durante as viagens. De algum modo e por algum tempo, fizeram parte da LI escrita e falada. Uma pesquisa levantando quais seriam esses neologimos, que em alguns casos são verdadeiros *hapax*, se faz necessário. Afinal, o resgate da memória histórica e

lingüística contribui para que uma nação conheça o seu passado e possa compreender melhor os processos naturais de formação da sua língua. Zolli (1995:77), considera que "un ampio spoglio della letteratura di viaggi, sopratutto del Cinquecento, potrebbe fornirci uma fitta massa di lusismi (...) che non ebbero possibilità di entrare nella lingua comune."[100]

[100] "um amplo espolio da literatura de viagem, sobretudo de mil e quinhentos, poderia dar-nos uma grande quantidade de lusismos (...) que não tiveram possibilidades de entrar na língua comum."

VII – Bibliografia

Lingüística, lexicologia e lexicografia

ADAMO, Giovanni. Tra lessicologia e terminologia. In: *"Lexicon philosophicum. Quaderni di terminologia filosofica e storia delle idee"*. Firenze: Leo Olschki,1999, pp.1-17.

ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. In: *Alfa*, São Paulo, v.28 (supl.) p. 119-126, 1984.

_____. *Neologismo: criação lexical.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

BACCIN, Paola Giustina. *Italianismos na terminologia gastronômica de São Paulo: um modelo de glossário.* São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Lingüística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BAGNO, Marcos. *Portugues ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico produção e criatividade. Processos do neologismo*. São Paulo, Global Editora, 1981.

_____. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos.In: *Encontro Nacional da Anpoll,* 1989, p. 575.

_____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. In: *Revista Brasileira de Lingüística São Paulo*, v. 8, n. 1, p. 15-30, 1995.

_____. Da neologia à neologia na literatura. In: *As ciências do léxico*. 2. ed. CampoGrande: Editora UFMS, 2001.

BARROS, Lídia de Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BASÍLIO, Margarida. O Conceito de Vocábulo na obra de Mattoso Câmara. In: *D.E.L.T.A*. Especial 20. 2004, p. 71-84.

BECCARIA, Gian Luigi. *Per difesa e per amore. La lingua italiano oggi*. Milano: Garzanti, 2006.

BENJOINT, H. *Tradition and innovation in moderns English Dictionaries*. Oxford: Clarendon press, 1994.

BENVENISTE, Emile. *Problemi di lingüística generale*. Milano: Il Saggiatori, 1994.

BIDERMAN, Maria Teresa de Camargo. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade. In: *Alfa, Revista Lingüística*. Araraquara. v. 47, n. 1, p. 53-69, 2003.

BLOOMFIELD, Leonard. *Il linguaggio*. 2ª.ed. Trad. Francesco Antinucci e Giorgio Cardona. Milano: Il Saggiatore, 1996.

BONVINI, Emílio. Palavras de origem africana no português do Brasil: do empréstimo a' integração. In*: História do saber lexical*. São Paulo: Humanitas, 2002. Org. José Horta Nunes.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antárdida Empúries, 1993.

_____. *La terminologia:rapresentación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona:IULA, 1999.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos.* São Paulo: Ática, 1989.

_____. *O que é neologismo.* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASSIRER, Ernest. *Linguagem, mito e religião*. Porto: RES Ed. 19--.

CORREIA, Margarita; LEMOS, Lúcia San Payo de. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri, 2005.

CORTELAZZO, Michele. *Le lingue speciali*. 2ª.ed. Padova: Unipress, 1994.

COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CUNHA, Karine Marielly Rocha. *Viagem de trem pela Itália : terminologia contemplada por esse domínio.* São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
D'AGOSTINO Alfonso. L'apporto spagnolo, portoghese e catalano. In: *Storia della lingua italiana*. A cura di Luca Seriani e Pietro Trifone. Vol. III. Torino: Giulio Einaudi Editori, 1994, p.791-822.
DE MAURO, Tullio. *Storia linguistica della Italia Unita*. Bari: Laterza, 1970.
DEROY, Louis. *L'emprunt linguistique*. Paris: Lê Belles Lettres, 1956.
EDELWEISS, Frederico. *Estudos tupis e tupis guaranis. Confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Livraria Brasiliana Editora, 1969.
ECO, Umberto. *Come si fa una tesi di laurea*. Milano: Bompiani, 1985.
FARACO, Carlos Alberto. (org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua.* São Paulo: Parábola, 2002.
FERREIRA, Mário. Palavras de origem indiana no léxico da língua portuguesa- categorias tipológicas dos processos de empréstimo vocabular. In*: História do saber lexical*. São Paulo: Humanitas, 2002. Org. José Horta Nunes.
FERRO, Gaetano. *Le navigazioni lusitane nell' Atlântico e Cristoforo Colombo in Portogallo.* Milano: Mursia, 1974.
FOLENA, Gianfranco. *Il linguaggio del caos: studi sul plurilinguismo rinascimentale*. Torino: Bollati Boringhieri, c1991.
GUILBERT, Louis. Théorie du néologisme. In: *Cahiers de l'Assoc. Inter. des Études Françaises*, no. 25, pp. 9-29. Paris, 1972.
_____. *La créativité lexicale*. Paris: Librairie Larousse, 1975.
GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. São Paulo: Difel, 1986.
GUSMANI, Roberto. *Saggi sull'interferenza lingüística*. Firenze: Le Lettere, 1983.
HERDER, Johann Gottfried. *Saggio sull'origine dell'linguaggio*. Parma: Pratiche, 1995.
HJELMSLEV,lL. *El lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos, 1971.
HOLTUS, Günter. Natura e funzione dei prestiti lessicali nella storia dell'italiano. In: *L'italiano tra le lingue romanze. Atti del XX Congresso Internazionale di Studi*. (a cura di: Fabio Foresti et alli.). Roma: Bulzoni, 1989, pp. 279-304.
ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 2004.
JACKSON, Howard. *Lexicography. An introduction.* London: Routledge, 2002.
KLAJN, Ivan. *Influssi inglesi nella lingua italiana*. Firenze: Leo S. Olscki Editori, 1972.
LEOPARDI, Giacomo. *Attraverso lo Zibaldone*. Torino: Unione Tipografica Editrice Torino, 1926.
_____. *Pensieri di varia filosofia e di bella letteratura*. Firenze: Felice le Monnier, 1930.
LYONS, John. I*ntrodução à Lingüística Teórica*. Trad. Rosa V. M. Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Cia. Editora Nacional,1979.
MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda. 1977.
MARAZZINI, Cláudio. *La lingua italiana. Profilo storico*. Bologna: Il Mulino, 2002.
MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
NASCENTES, Antenor. *Estudos Filológicos,* Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi.* Rio de Janeiro: DIFEL, 1974. p.51.
NUNES, José Horta. Dicionarização no Brasil: condições e processos. In*: História do saber lexical*. São Paulo: Humanitas, 2002. Org. José Horta Nunes.
OLIVEIRA,S.E. Um espaço de enunciação para dizer os brasileirismo*s.* In: *História do saber lexical*. São Paulo: Humanitas, 2002. Org. José Horta Nunes.

PETTER, Margarida Maria. Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. In: *História do saber lexical*. São Paulo: Humanitas, 2002. Org. José Horta Nunes.

SABLAYROLLES, Jean-François. La néologie en français contemporain. In: *Innovazione Lessicale e terminologie especialistiche.* Firenze: Leo S. Olschli Editore, 2003.

SANDMANN, Antonio J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.* Curitiba: Scientia et Labor/Ícone Editora, 1988.

SARDINHA, Toni Berber. *Lingüística de Corpus.* Barueri: Manole, 2004. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo. Cultrix, 1995.

SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do Português*. Coimbra: Almedina, 1979.

_____. *Léxico e gramática*. Coimbra, Almedina: 1995.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Torino: Boringhieri, 1974.

ZACCARIA, E. *L'elemento ibérico nella lingua italiana.* Bologna: Cappelli, 1927.

ZANON, Maria Cecília. *Galicismos na revista FonFon!: as influências lexicais francesas no português do Brasil na "belle epoque"*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ZOLLI, Paolo. *Le parole straniere.* 2.ed. Bologna: Zanichelli, 1995.

Dicionários

ACCADEMIA DELLA CRUSCA. *Vocabolario degli accademici della crusca*. Firenze: Le Lettere, 1987. Ristampa anastatica dell'edizione del 1612.

_____. *Vocabolario degli accademici della crusca*. Napoli: Stamperia di Giovanni di Simone, 1747.

_____. *Vocabolario degli accademici della crusca*. 5°. Ed. 10.vol. Firenze: tipografia Galileiana di M. Cellini. E.C. 1866.

ADAMO, Giovanni; DELLA VALLE, Valeria. *Neologismi quotidiani. Neologismi a cavallo del millennio*. Firenze: Leo Olschki, 2003.

BATTISTI, Carlo; ALESSIO, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano*. Firenze: G.Barber, editore, 1950. 5 vol.

BENCINI, Andrea; CITERNESI, Eugenia. *Parole degli anni novanta*. Firenze: Le Monier, 1993. a cura di Gian Carlo Oli.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712. CD ROM.

CORTELAZZO, Manlio; CARDINALE, Ugo. *Dizionario di parole nuove 1964-1984.*Torino; Loescher Editore, 1986.

_____. *Dizionario etimologico della lingua italiana* / [di] Manlio Cortelazzo, Paolo Zolli. Bologna : Zanichelli, 1979-1988 - 5 vol.

CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário luso-asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919-1921.

DIAS, Gonçalves. *Dicionário da Língua Tupi*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.
DE MAURO, Tullio. *Grande dizionario italiano dell'uso*. Torino: UTET, 2000. 6v.
_____. *Nuove parole dell'uso*. Torino: UTET, 2003.
DEVOTO, Giacomo; OLI, Giancarlo. *Nuovissimo vocabolario illustrato della Lingua Italiana.* Firenze: Le Monier, 1997. 2 v.
DUBOIS, Jean. et alii. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larouse, 1973.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
FIGUEIREDO, Cândido. *Novo diccionario da língua portuguesa*. Lisboa : Arthur Brandão, 1925.
GARCIA, Rodolfo. *Nomes de aves em língua tupi*. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, 1929.
_____. *Exotismos franceses originários da Língua Tupi*. Rio de Janeiro:Dedalus – Acervo FFLCH, 1943.
GREIMAS, Algirdas Julien. Trad. Alceu Dias Lima et. alli. *Dicionário de semiótica.*São São Paulo: Cultrix, 1979.
HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.
LURATI, Ottavio. *3000 parole nuove: la neologia degli anni 1989-1990*. Bologna: Zanichelli, 1990.
MACEDO SOARES, A.J. *Diccionario brazileiro da língua portugueza: elucidário etimológico-critico*. Rio de Janeiro: Tip. De G. Leuzinger & Filhos, 1889.
MENDONÇA, Renato. A *influência africana no português do Brasil.* 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
MIGLIORINI, Bruno. *Parole nuove*. Milano: Editore Ulrico Hoepli, 1963.
MINI, Guido. *Parole senza frontiere: dizionario delle parole straniere in uso nella lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1994.
MORTARA, Antonio Enrico et. alli. *Vocabolario universale della lingua italiana.* Mantova: Fratelli Negretti, 1845. 8 vol.
NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo a língua indígena clássica do Brasil.* Tese de livre-docência apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. São Paulo, 2006.
PETROCCHI, Policarpo. *Nòvo dizionario universale della lingua italiana*. Milano: Fratelli Trèves, editori, 1887-1891.
TOMMASEO, Nicolò; BELLINI, Bernardo. *Dizionario della lingua italiana.* Torino: Società Unione Tipografico-Editrice, 1865. 7 Vol.
VACCARO, Gennaro. *Dizionario delle parole nuovissime e difficili*. Roma: Romana Libri Alfabeto,1966.
VASSALLI, Sebastiano. *Il neo italiano e le parole degli anni ottanta*. Bologna: Zanichelli, 1989.
ZINGARELLI, Nicola Antonio. *Lo Zingarelli. Vocabolario della lingua italiana.* Bologna: Zanichelli Editore, 2005. CD_ROM

Literatura dos viajantes e naturalistas

ACOSTA, Cristobal. *Tratta della historia, natura, et virtu delle droghe medicinali, & altri...*Venetia: Francesco Ziletti; 1585.
BOGGIANI, Guido. *Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei.* (*Mbaya o guaycuru*) Roma: Ermanno Loescher & CO. 1895.

CARACI, Ilaria Luzzana; POZZI, Mario. *Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento*. Tomo I. Il Cinquecento. Milano: Riccardo Ricciardi Editori, 1991.
CARLETTI, Francesco. Ragionamenti del mio viaggio al mondo.In: *Viaggiatori del seicento*. Torino, Unione tipografico Editrice.1969. A cura di Marziano Guglielminetti. p.61-283.
CARLI, Dionigi. Il moro trasportato nell'inclita città di Venezia. In: *Viaggiatori del seicento*. Torino, Unione tipografico Editrice.1969. A cura di Marziano Guglielminetti. p.609-615.
CAVASSI, Giovanni Antonio. Dall'istorica descrizione de'tre regni Congo, Matamba ed Angola. In: *Viaggiatori del seicento*. Torino, Unione tipografico Editrice.1969. A cura di Marziano Guglielminetti.p.519-534.
EMPOLI, Giovanni da. Lettere del viaggio di Malacca. In: *Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento*. Tomo I. Il Cinquecento. Milano: Riccardo Ricciardi Editori, 1991. A cura di Ilaria Luzzana Caraci.p.386-438.
GEMELLI CARERI, Giovanni Francesco. In: *Viaggiatori del seicento*. Torino, Unione tipografico Editrice.1969. A cura di Marziano Guglielminetti. p.681-720.
GUGLIELMINETTI, Marziano. A cura di. *Viaggiatori del '600*. Torino: Unione Tipografico Editrice,1969.
HUMBOLDT, Alejandro de. *Cartas Americanas*. 2ª.ed. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1989.
ISENBURG, Teresa. *Viaggiatori naturalisti italiani in Brasile nell'ottocento*. Milano: Franco Angeli Libri, 1989.
MAFFEI, Giovanni Pietro. *Le istorie delle Indie Orientali del P. Gio. Pietro Maffei*. Milano: Società tipografica de' classici Italiani, 1806.
MURCHIO, Antonio. *Il viaggio all'Indie Orientali Del Padre F. Vicenzo Maria di Santa Caterina di Siena. Procurator Gener. De' Carm. Scalzi*. Venetia: Apresso Giacomo Zattoni, 1678.
OSCULATI, Gaetano. *Esplorazione delle regioni equatoriali lungo il napo ed il fiume delle amazzoni:* frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846-47-48. Milano: Fratelli Centenari e Comp. 1854.
PIGAFETTA, Antonio. *Relazione del primo viaggio attorno al mondo*. A cura di Saverio Bellonio et.alli. Testo crítico e commento di Andréa Canova. Padova: Editrice Antenore: 1999.
RADDI, Giuseppe. *Flora Brasiliana*. Roma: Istituto Ítalo-latino americano, 1976.
_____. Raddi, Giuseppe. Breve osservazione sull' Isola di Madera fatta nel traggitto da Livorno a Rio dei Janeiro. In: *Alla scoperta della natura*. Napoli: Guida Editori, 1984.
RAMUSIO, Giovanni Battista. *Delle Navigationi et viaggii*. Venetia: Appresso Lucantonio Givnti, 1550-1606. 3 vol.
REDI, Francesco. *Le più belle pagine di Francesco Redi scelte da Piero Giacosa*. 4ª.ed.Milano:Garzanti Editori, 1940.
SASSETTI, Filippo. *Lettere scelte*. Con introduzione e note di Gino Raya. Milano: Antonio Vallardi Editori 1932.
_____. Lettere di Filippo Sassetti. In: *Viaggiatori del seicento*. Torino, Unione tipografico Editrice.1969. A cura di Marziano Guglielminetti. p.543-586).
_____. Lettere da vari paesi,1570-1588. In: *Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento*. Tomo I. Il Cinquecento. Milano: Riccardo Ricciardi Editori, 1991. A cura di Ilaria Luzzana Caraci, p.860-930.
VANDELLI, Domenico. *Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen*. Conimbricae: Typografia Academico-Regia. 1788.
_____. Memorie su alcune produzioni naturali delle conquiste che o sono poco conosciute o non sonoutilizzate. In: *Viaggiatori naturalisti italiani in Brasile nell' Ottocento*. Milano: Franco Angeli Libri, 1989. A cura di Teresa Isenburg. p.63-84.

VARTEMA, Ludovico de. Itinerario. In**:** *Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento*. Tomo I. Il Cinquecento. Milano: Riccardo Ricciardi Editori, 1991. A cura di Ilaria Luzzana Caraci. p.298-360.

Revistas

LUFT, L. Ponto de Vista. *Revista Veja*. São Paulo, edição 1905, n 28, p.22, 18.maio.2005.
PÁDUA, José Augusto. Defensores da mata atlântica no Brasil colônia. *Revista Nossa História*. Ano 1 no. 6, abril 2004. p. 14-20.

Sites

AIT Associação de Informação Tecnológica. *Dicionário de termos lingüísticos*. Disponível em: <http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm>. Acesso em 15.01.07.
AGUSTINUS HIPPONENSIS. *De Doctrina Christiana. Liber secundus*. Disponível em: http://www.sant-agostino.it/latino/dottrina_cristiana/dottrina_cristiana_2_libro.htm>. Acesso em 08.jan.2007
G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira: *Minha língua é minha pátria*. Disponível em: <www.apoteose.com>. Acesso em: 19. fev.2007
NICOLÒ MACHIAVELLI. *Discorso intorno alla língua*. Disponível em: <http://www.filosofico.net/nicmachlinhgital7843.htm>. Acesso em 10. jan. 2005.
MEIRELLES, Cecília. Jornal de Poesia. *Timidez*. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/ceciliameireles02.html#timidez>. Acesso em 12.jan.2005.
PANORAMA.IT. *Lingua moderna. Furbetto e mangna mangna nello Zibgarelli*. In: < http://www.panorama.it/italia/cronaca/articolo/ix1-A020001037946> Acesso em: 15.fev.2007

IX - ANEXOS

Entradas do português no dicionário GRADIT.

DE MAURO, Tullio. *Grande dizionario italiano dell'uso*. Torino: UTET, 2000. 6v. + apêndice

acagiu s.m.inv. *TS* [1587; dal tupì *acaiu*, portogh.*acajù*] 1a TS. bot.com.,albero del genere Swietenia (Swietenia mahagoni).1b. BU in funz. agg.var.: *rosso a c.,* colore rosso bruno simile a quello del mogano.
aguti s.m.inv. TS zool.com.[1797; dal portogh. *agutí*, ca 1595, dal tupì *acutí*, *agutí*] nome comumente dato alle specie del genere Dasiprocta ~nella locuzione **aguti minore** loc.s.m. TS zool. Com. Nome comune delle specie del genere mioprocta.
aguará s.m.inv. *TS* zool.com. [1913; dal portogh. *aguara*, 1590-1600, dal tupí-guaraní *aguará* (*acu*) ... procione granchiaiolo.
ai s.m.inv. *TS* zool..com. [1829; dal portgh. *ai,* dal tupí aí] bradipo tridattilo = **ai-ai** s.m. inv. *TS* zool.com. [sec.XX; dal portogh *ai*, confr. *aí*]cfr *ai*, bradipo tridattilo.
aiapana s.f. *TS* bot. [1875; dal portogh. *aya-pana*, di orig. Tupí] pianta tropicale della famiglia delle Composite(*Eupatorium ayapana*) con le cui foglie si prepara un tè digestivo e stimolante.
alastrim s.m. inv.portogh. *TS* med [1955; portogh. *Alastrim*] infezione virale simile al vaiolo ma meno grave.
albino agg.,s.m. CO[1797; dallo sp**.** *albino*, , dal latino tardo albinus 'bianchiccio', derivato da *albus* 'bianco'].che, chi è affetto da albinismo.
almadia = almaida s.f. *TS* mar. [1516 nella var. ant. *abadie*; dal portogh. *almadia*, 1539, dall'ar. *al-madiya*] imbarcazione a remi usata in passato in Africa e in Asia
alqueire s.m. inv. portogh. *TS* metrol. [1892; portogh. *alqueire*, dall'ar. *al-kai*] unità di misura di superficie e di capacità usata in Brasile.
amaranto s.m. TS fal [sec.XX voce brasiliana prob. da Amarante, nome della città di provenienza del legno]1 legno proveniente da alcune piante brasiliane del genere Peltogine usato spec. in falegnameria 2 legno porpora SIN 1 legno amaranto, legno nazareno.
Amazona s.f. TS ornit. [1829; dal lat. scient. Amazona da Amazonas, nome portoghese del Rio delle Amazzone] pappagallo arboricolo del genere Amazzona, addosmesticabile
amok s.m.inv. *TS* psic. [1550 nella var.ant. *amulos*; dal portogh. *amuco*, 1517-18, dal mal. *amuk*] stato psicopatologico riscontrato negli indigeni della Malesia e di alcune regioni dell'Africa caratterizzato da improvviso e travolgente furore omicida.
ananas s.m. inv. AD [1584; dal portogh. *ananaz*, 1557 nella var. *ananes*, dal tupí *nanâ*] **1a.** fruttto esotico.**3** TS arm.[**bomba ad ananas**. Sin **1a.** Ananasso ~bomba ad ananasso
andiroba s.f. *TS* bot. com. [1913; dal portogh. *andiroba*, 1619, dal tupí *andiroba*] pianta arborea (*Carapa guianensis*).
ani s.m. inv. *TS* ornit. com. [1829; dal portogh. *aní*, dal tupí nome comune degli uccelli del genere Crotofaga.
Animiforme s.m. TS ornit [sec. XX, al lat.scient. A*nhimiform*es, vd *anima* e *forme*] in alcune classificazioni: uccello dell'ordine degli Animiformi, diffuso nell' America meridionale | pl con iniz. Maiusc. Ordine della classe degli Uccelli.
aninga s.f. TS ornit.[1829; dal lat.scinet., anhinga, dal tupì *anhinga*] uccello del genere *Aninga*,caratterizzato da collo molto lungo,comumente detto uccello serpente. SIN ploto.
ara s.f. TS ornit. [1875; dal lar.scient. *Ara*, dal fr. *ara*, nella forma *arat*, dal tupì *arara*] grosso pappagallo dell'America meridionale del genere Ara / con iniziale maiusc. , genere della famiglia dei Psittacidi
araçá s. m.inv. *TS* fal. [1913; dal portogh. *araçá* da una voce tupí] legno duro del Brasile, proveniente da piante del genere Psidio.
araçari s.m.inv. *TS* ornit.com.[1829 nella var. ant.*aracari*; portogh. *araçari*, da una voce tupí] nome di vari uccelli.
arapáima s.m.inv.TS ittiol. [1913; dal lat. scient. *Arapaima*, dal portogh. *arapaim*a, dal tupí *urupaima*]. Grande pesce d'acqua dolce dell'America Meridionale e Centrale.

araponga s.m.inv. *TS* ortnit.com. [sec. XX; dal portog. *araponga*, da una voce tupí] campanaro dalle tre caruncole.
arariba s.f.inv. [1913 nella forma *araribá*; dal portogh. *araribá*, 1616, dal tupí *araribá*] *TS* bot.com., nome di alcuni alberi della famiglia delle Rubiacee.
araroba s.f. inv. *TS* [1913;dal port. *araroba*, dal tupì *araribá*.] **1**.pianta arborea brasiliana del genere Andira (*Andira araroba)* **2**.polvere di Goa
areca s.f.TS bot. [1525; dal portogh. *areca*, dal malayalan *atekka*] grande palma delle Malesia.
arirai s.f.inv. *TS* zool.com. [sec.XX; dal porotgh.bras. *arirai*, di orig. tupí] lontra gigante.
auto s.m.inv.sp., portogh. *TS* teatr.[av.1808; sp. e portogh. *auto*, pl.*autos*, dal latino *actus* "atto"] composizione drammatica.
autodafé s.m.inv. *TS* sor. [1781. G.B. Casti "Epistolario"; dal portogh. *auto da fé* propr. "atto di fede"] solenne proclamazione di una sentenza di Inquisizione.
avocado s.m.inv.AD [1955; dal portogh. *abacado*, dal nahuatl. *ahuacatl*] frutto comestibile.
babaco s.m.*TS* bot.com. [1986; dal portogh. *babaçú*, da una voce tupí] **1** palma brasiliana del genere Orbignia (*Orbygnia speciosa*), coltivata per l'olio che si ricava dai suoi frutti. SIN babassu
babassu s.m.inv.TS bot.com. [1986; dal portogh.*babaçú*, da una voce tupì] babaco.
bada s.f.TS[av.1588; dal portogh.*bada*, dal mal.*badak*] rinoceronte.
baiadèra s.f. CO [1858 dal portogh. bailadeira, der. da *bailar* "ballare"] **1.** danzatrice indiana BU ballerina di avanspettacolo che esegue danze esotiche. **2** BU prostituta **3** CO tessuto a strisce colorate
bajon s.m.inv.portogh.*TS* cor.[1998 in "Corriere dellaSera – Io Donna", portogh. bras. *bajón*], danza popolare brasiliana. 3
baleniera TS Imbarcazione militare a remi. Dal portoghese *balão* 'barchetta scavata in un tronco', di origine siamese.
bambù s.m.inv. AD [1585; dal portogh. *bambu*, 1563 nella var. *mambu*, dal tamil *vampu*] *TS* bot.com., nome comune di vari generi di piante della sottofamiglia delle Bambusoidee.
banana s.f. AD [1591; dal portogh. *banana*, 1563, prob. voce di orig. africana] frutto mangereccio del banano.
bananeto s.m.*CO* [1943; der. di *banana* con *–eto*] piantagione di banana.
bananicolo agg. *CO* [sec. XX; comp. di *banani-* e *–colo*] di coltivazione, commercio di banane
bananicoltore s.m.*CO* [1955; com. di *banani* e *–coltore]* coltivatore di banane.
bananicoltura s.m.*CO* [1943; com. di *bananie –coltura]* coltivazione di banane.
bananiera s.f.*TS* [1892; der. di *bananae –iera]* nave attrezzata per il trasporto delle banane.
bananivoro agg. s.m.*CO* [secXX; comp di *banana* e *–voro*] chi si nutre spec. di banane. s.m. BU scherz. persona ghiotta di banane.
banano s.m. TS bot.com.[1865; der. di banana] nome di diverse piante del genere *Musa sapientum*.
baniano s.m. *TS* etnol. [fine XV sec.; dal portogh. *banian*, dall'hindi *baaàniyan*, v. anche *baniano*] in India, chi appartiene alla casta dei baniani.
barbatimao s.m.inv.*TS* bot.com. [1875; dal portogh. *barbatimão*, dal tupì, *barbatimãs*] pianta del genere Strifnodendro (*Stryphmodendron barbatimao*) tipico dell'America tropicale.
bateia s.f.inv.ES portogh. [sec. XX; portogh. *bateia*] recipiente dei metallo o di legno usto dai cercatori d'oro per lavare le sabbie aurifere.
batida s.f.inv.ES portogh. [sec.XX; portogh. *batida* propr. "frullato"] bevanda alcolica tipica del Brasile.
beberu = bebeeru = bibiru s.m. inv. *TS* bot.com.[1913; dal portogh. *bibirú*,cfr. macusi *bibiru*] pianta del genere Nectranda.
berimbau = berimbao s.m.inv.ES mus.[sec XX; portogh. *berimbau*, di orig. incerta] strumento musicale brasiliano.
betel s.m.inv. [1508 nella var. ant. *betella*; dal portogh. *betel*, dal malayalam *veêrêrila*] *TS* bot.com. nome comune di una pianta rampicante del genere Pepe (*Piper betle*)
[2]boato s.m. *ES* portogh. [1975; portogh. *boato*] voce infondata fatta circolare ad arte e in modo tendenzioso. pl. *boatos*
bonzo s.m. *TS* relig. [1549; dal portogh. *bonzo*, 1516, dal giapp. ant. *bonzio* "superiore del monastero"] **1** monaco buddista **2** [1819] ster., personna, espc. autorevole, che si comporta con eccessiva e ridicola solennità.

bordaleira s.f. inv. portogh. *TS* zoot.[1955; portogh. *bordaleira*, pl. *bordaleiras*] razza di pecore portoghesi.
bossa nova lc.s.f.inv.ES portogh.[1963;portogh. *bossa nova* propr. "tendenza nuova"] danza moderna di origine sud americana simile alla samba.
botoco s.m.inv.portogh. *TS* etnol. [1955; portogh. *botoco* propr."pipa", pl *botocos*] dischetto di legno che molte tribù brasiliane inseriscono nel labbro inferiore a scopo ornamentale.
brasileiro agg. ES portogh.[sec.XX; portogh. *brasileiro* pl. *brasileiros*, der.*di Brasil*, it. Brasile.
buba = bouba s.f.inv. portogh. *TS* med. [1955; portogh. *buba*, pl. *bubas*, forse da una voce africana]pustula o piccolo tumore cutaneo.
bucchero s.m. *TS* artig. [1668 nell'accez2, dallo sp. búcaro, dal portogh. púcaro] terra odorosa rossastra usata per fare pastiglie e vasi profumati.**2.** vaso oggetto fabbricato con tale materiale.
caapi s.m.inv. *TS* bot.com.[sec.XX dal portogh. *caapi*, da una voce tupì] pianta del genere Banisteria (*Banisteria caapi*).
caatinga = catinga s.f.inv. portogh.*TS* geogr. [1955; portogh. *caatinga*, dal tupì *caá* – "foresta" e *tinga* "bianca"] boscaglia rada tipica delle zone a clima secco dell'aerica tropicale.
caboclo s.m. ES portogh. [1955; portogh. *caboclo* pl. *caboclos*, dal tupì *caboclo*] in Brasile, meticcio nato da madre indigena e padre bianco.
cachaça s.f.inv. ES portogh.[1987 in "La Stampa"; portogh. *cachaça*] acquavite brasiliana
cafuso s.m. TS antrop. [1830; dal portogh. *cafuso*, da una voce haussa] meticcio nato dall'incrocio di un negro d'Africa con un indigeno americano.
cainca s.f. *TS* bot.com. [1865; dal portogh. *cainca*, dal tupì *cahinca*] nome comune delle due sole specie del genere Chiococca (*Chiococca anguifuga* e *Chiococca racemosa*)
caingang agg. Inv.. s.m e f. Inv. TS etnol. [1941; etnonimo, cfr. portogh. *Caingangues*] dei Caingang; che o chi appartiene ai Caingang. Con iniz. Maius. Gruppo indigeno stanziato nel sud del Brasile.
caipirinha s.f.inv. ES portogh.[1987; portogh.*caipirinha*] cocktail a base di lime, zucchero di canna, cachaça e ghiaccio shakerati.
caipiroska sf. Inv. CO [1992; da caipirinha con sovrapp. Del segmento –oska di matrioska] cocktail a base di lime, zucchero di canna, vodka e ghiaccio shakerati.
calao s.m.inv.*TS* ornit.com.[1839; dal portogh.*calau*, dal tagalog *kalaw*] nome comune di diversi uccelli dell'ordine dei Bucerotidi.
calerna s.f. *TS* geogr.[1970; dal portogh.*calem*] frangente di onde lunghe e veloci su una costa alta.
calumba s.f. *TS* bot.com.[1830; dal portogh.*calumba*, da una voce haussa] colombo.
camará s.f. *TS* bot.com.[1830; dal portogh.*camará*, dal tupì *camarà*] arbusto della famiglia delle Verbenacee (*Lantana camara*).
campos s.m.inv. portogh.TS geogr. [1892; portogh. *campos*, dal lat. *campus* "campo"] savana tipica del sud del bacino del Rio delle Amazzoni.
canada s.f.inv. portogh.TS metrol. [1955; portogh.*canada*, pl. *canadas*, dal lat. mediev. *cannata* "tipo di vaso, misura di capacità", der, del tardo *cana*, "vaso", di origine germ.] in Brasile, unità di misura di capacità.
canga s.f. *TS* stor.[1875 nella var. *cang*;dal portogh.*canga*, dal vietnemita *gang*. dal cin. in Estremo Oriene, strumento di tortura formato.
cantiga s.f. portogh. *TS* lett. [1929; portogh. *cantiga* "cantica"] composizione lirica medievale in lingua gallego-poroghese.
cão de agua loc.s.m.inv. portogh. *TS* cinof. [sec.XX; portogh.*cão de água* prop. "cane da acqua"] razza di cani.
capibara = capivara s.m.inv.*TS* zool.com. [1802-03,G.B. asti "Animali parlanti"; dal portogh. *capibara*, 1619, dal tupì *capibara*] grosso roditore Hydrochoerus hydrochoerus).
capoeira s.f.inv portogh. *TS* etnol. [1994; portogh. Bras. *capoeira*] danza popolare brasiliana.
caracará s.m.inv.TS ornit.com.[1830; dal portogh. *cara-cará*, dal tupì *caracará*] nome comune di alcuni falchi della famiglia dei Falconidi.
Caragia agg.inv.s.m.e.f.TS etnol[1913] tribù del Brasile, apparteniente al gruppo Gè che vive sulle rive del Rio Araguaia.Chi appartiene a questa tribù.
caragiura s.f. TS bot. [1955; dal portogh.*carajurú*, 1821, dal tupì *carajurou*] pigmento rosso ricavato dalla macerazione delle foglie della *Bignonia chica*. *Sin Arrabidaea chica*.

caragiurina s.f.TS chim.[1955; der. di *caragiura* con *–ina*] sostanza colorante presente nella caragiura.
caraipa s.m.TS bot [1955, dal tupi *caraipé*] albero dalla cui corteccia si ricavano un legno rosso profumato e sostanze balsamiche.
carandà s.f.inv. TS bot.com. [1913; dal portogh.*carandá*, 1876, dal tupì *caranday*] palma tropicale del genere Copernicia .
carapa s.m. TS bot.[1875 dal tupi *korap*] albero del genere Carapa, da cui si ricava un grasso usato in farmacologia.
carapo s.m. TS ittiol. [sec XX; dal portogh. *carapó*, dal tupi *carapó*] pesce del genere Carapo. Con iniz. maiusc. Genere della famiglia dei Carapidi cui appartiene il galiotto.
caravella s.f.CO [av.1336; dal portoghese *caravela*, dal lat. tardo *carabus* "carabo"] **1.** veliero portoghese e spagnolo, veloce e leggero, dei secoli XV e XVI.**2**. BU colla da falegname usata per gli assiti di tale navi
caravellone s.m.BU [1955; derivato di caravella e – one] grande veliero del sec. XVI, simile a una caravella.
caraya s.m.inv. TS zool.com. [1913; dal portogh. *carayá*, dal tupì *caraya*] scimmia del genere Aluatta (*Aluatta caraya*).
carbonado s.m. TS mineral [1892; dal portogh. *carbonado* propr. "carbonato", der. di *carbónio* "carbonio"] varietà nera di diamante.
carioca agg. Inv.a. s.m. e f. inv. ES portogh.[1839; portogh. *carioca*, da *Carioca*, nome di un piccolo fiume nei pressi di Rio de Janeiro] di Rio de Janeiro.
carnauba s.f. TS industr. [1892; dal portogh. *carnauba*] cera purificata ricavata dalle foglie di una palma brasiliana
caroba s.f. TS bot.com.[1839; dal portogh. *caroba*, ca. 1600, dal tupì *caa-roba*] nome comune di vari alberi della famiglia delle Bigoniacee.
carobico agg. TS chim. [1955; der. di *caroba* con *–ico*]solo nella loc. acido carobico.
carrasco s.m.inv. portogh. TS geogr.[1955; portogh.*carrasco* propr. "arbusto"] densa boscaglia di arbusti spinosi.
cascalho s.m.inv. portogh. TS geol.[1955; portogh. *cascalho* pl.*cascalhos* "ciottoli"] in Brasile, deposito fluviale.
casta s.f.CO [1583; dal portogh. *casta* propr. "razza pura", dal lat.*castus* "casto"] gruppo sociale rigidamente chiuso a cui ognuno appartiene per nascita; in India, ciascuno dei gruppi sociali.
catamarano s.m. TS mar. [159; nela var. *catamerone*; dal portogh. *catamarão*, dal tamil *kattamaram* "zattera di tronchi legati"] imbarcazione a vela o a motore costituita da due scafi paralleli.
cauri s.m. inv. TS zool.com. [1586 nella var.ant. *caurim*; dal portogh. *caurim*, dall'urdu *kaurí*] conchiglia di vari moluschi del genere Ciprea e Monetaria.
càvia s.f. CO [1830; dal portoh. Bras.*çavia*, 1587, letto erroneamente senza cediglia, dal tupaì *savià* "topo"] piccolo roditore del genere Cavia, di largo uso nei laboratori.
cearà s.f.TS bot. [1956 da *cearà*, stato del Brasile] specie di caucciù estratto da una pianta brasiliana della famiglia delle Euforbiacee (Manihot glaziovii)
cearina *TS* farm. [1956, der. da cearà] eccipiente per pomare composto da cera carnauba,ceresina e olio di paraffina.
cerrado s.m. inv. portogh.TS geogr., ecol. [1956; portogh. *cerrado*, propr. "chiuso, folto"] formazione vegetale arbustiva.
chapada s.f.inv.portogh. TS geol.[1956; portogh. *chapada*] varietà di terreno asciutta e dura coperta di sabbia e conglomerati.
[3] **china** s.f. CO av. 1696, da *China*, forma portogh. di *Cina*, letta secondo la pronuncia it. cfr. *inchiostro della china*, 1696] inchiostro di china: *un disegno a china.*
ciaccotta s.f. TS mus., cor. [sec.XX; portogh. *chacota* "burla"] antica danza portoghese.
claves s.f. pl. ES portogh.TS mus. [sec. XX portogh. *claves* propr. "claves" strumento musicale sudamericano constituito da due bastoncini di legno cavi che vengono percorsi l'uno contro l'altro.
coati s.m. inv. TS zool.com. [av.1800; dal portogh.*coati*,1585, dal tupi *coatí*] nome comune dei mammiferi del genere Nasua.
cobra s.m. inv. TS [1797; dal portogh. *cobra*, dal lat. *colubra* "serpente femmina" zool. com. Serpente velenoso del genere.

[1]cocco s.m. AD [1542; dal portogh. *coco* propr. "smorfia, orco", 1498-99, per l' aspetto del frutto] pianta che produce le nocci di cocco.
coguaro s.m.TS [1838 dal fr. Coguar, dal port. Cucuarana, 1587, nella var. Suaçuarana, dal tupi çuaçuarana, letto erroneamente senza cediglia. Puma.
commando[1] sm.inv TS mar. [1900; dal portogh. commando "comando"] pattuglia di assalto specializzata in azioni di sorpresa. Pl. commandos
copaive = copaiba = coppaiba = copaibe s.f. inv.*TS* bot.com. [av. 1402; dal portogh. *copaíba*, 1576, dal tupì *copaiba*] nome comune di varie specie di piante del genere Copaifera, produtrici di balsamo di copaive**. ~ balsamo di copaive, olio di copaive ~ resina di copaive**.
copra s.f. bot. TS alim. [1892; dal portogh. *copra*, dal malayalam *koppara* "nocce di cocco"] sostanza bianca che si deposita sulla parete interna del cocco.
copraolo s.m. TS chim. [1956 der. di *copra* con *–olo*] grasso ricavato dall'olio di copra, utilizzato nella confezione delle supposte.
coroado agg.inv., s.m. e f. inv. *TS* etnol. [1892; dal portogh. *coroado*, der. di *coroar* "incoronare" per la tonsura a corona] agg. inv. dei Coroado, che o chi appartiene ai Coroado, le tribu stanziate nel Brasile sudorientale.
cruzado s.m. inv. *TS* monet. [1892; dal portogh. *cruzado*, der. di *cruz* "croce"] unità monetaria brasiliana.
cruzeiro s.m. inv. *TS* monet. [1950; dal portogh. *cruzeiro*, der. di *cruz*, "croce"] unità monetaria brasiliana.
dodo s.m.*TS* ornit.com.[1881; dal portogh. *doido* o *doudo* propr. "semplicione"] uccello del genere Rafp (Raphus cucullatus).
eira s.m.inv.*TS* zool.com. [secXIX; dal portogh.*eirá*, 1590-1600 nella variante *eirara*, dal tupi *eirara*] gatto selvatico della famiglia dei Felidi (*Felis yaguarondi*)
escudo s.m.*TS* monet.[1917; dal portogh.*escudo*, dal lat. *scutum* "scudo"] unità monetaria del Portogallo.
fado s.m.inv.*TS* mus.[1963; dal portogh.*fado*, dal lat. *fatum* "destino"] canzone popolare portoghese.
fanga s.m.inv.*TS* metrol.[1892;dal portogh. *fanga* v. anche *fanega*] unità di misura di capacità pari a 55,2 litri in portogallo e a 1451,08 litri in Brasile.
favela s.f. ES portogh.[1974; portogh.*favela* propr. Nome di un arbusto delle Euforbiacce, poi nome di una collina di Rio de Janeiro, der. di *favo* "favo"] quartiere di baracche costruite alla periferia delle grandi città brasiliane.
fazenda s.m.inv.ES portogh.[1892; portogh.*fazenda* pl. *fazendas*, dal lat. *facienda*, v. anche *faccenda*] vasta tenuta agricola brasiliana.
fazendeiro s.m.inv. ES portogh.[1913; portogh. *fazendeiro*] proprietario o conduttore di una fazenda.
feijoa s.f. TS bot.[1988; dal lat. scient. *Feijoa*, da *Feijó*, nome del naturalista brasiliano J.Silva Feijó] genere della famiglia delle Mirtacee arbusto sempreverde con frutti comestibili a bacca ovoidade, il cui profumo é simile a quello dell'ananas.
feticcio s.m. TS [1802-03; dal fr. *fétiche*, dal port. *feitiço*, "artificiale"] **1**. relig. oggetto naturale o artificiale venerato come idolo o amulettto dalle popolazioni feticisti\e. **2** Persona o cosa fatta oggetto di culto fanatico o di eccessiva stima da gruppi sociali, correnti religiose, artistiche ecc.
fluminense agg.s.m. e f.CO [1942; dal portogh. *fluminense*, der. dal lat. *flumen,-inis* "fiume", cfr. portogh. *rio*, "fiume", con *–ense*] agg. di Rio de Janeiro; nativo o abitante di Rio di Janeiro; *carnevale f.*
gallego agg. s.m. ES sp. [av.1533 ; sp. *gallego*, port. *galego*] 1. agg. s.m. galiziano. 2.TS ling. Lingua neo-latina parlata in Galizia e nella parte setentrionale di Portogallo.
ganta s.f.inv.*TS* metrol.[1577;dal portogh. *gantan*, 1554, dal mal. *gantang*.v. anche *gantang*] unità di misura per aridi.
garopera s.f.*TS* mar.[1872; dal portogh.*garoupeira*] piccola imbarcazione brasiliana per la pesca del garoupa.
garoupa s.m.inv.*TS* itt.com.[sec. XX; dal portogh.*garoupa*] nome comune di varie specie di pesci d'acqua dolce del genere Serrano.
geral s.m.inv.*TS* ling.[sec. XX;dal portogh. *geral*, propr. "generale"] lingua parlata da alcune popolazioni dell'Amazzonia brasiliana, probabilmente di origine tupí.

giangada = jangada s.f.inv.*TS* mar.[av. 1577; dal portogh. *jangada*, 1543, dal malayalan *caãnãnîaàdam*] imbarcazione indiana.
giunca s.m.inv.*TS* mar.[av. 1577; dal portogh.*junco*, 1517-18, dal mal. *jong*, cfr. lat. mediev. *zuncum*, ca. 1343] veliero diffuso nei mari dell'estremo Oriente.
guarà s.m.inv.*TS* zool.com.[1956;dal portogh. *guará*, 1590-1600 nella var. *iaguaraucçu*, dal tupi-guaraní *aguará* (*-açu*)] mammifero del genere Crisocione (*Crysocyon brachyrus*).
guaranà s.m.inv.*TS* bot.com.[1875; nell'accez 2; dal portogh. *guaraná*, 1873, dal tupì *guaraná*, *waraná*] pianta amazzonica del genere Paullinia (*Paullinia sorbilis*).
guaranina s.f. TS biochim. [1917 der di *guarana* con *–ina*] diureide presente nella guaraná, identico alla caffeina.
iaborandi = jaborandi s.m.inv.*TS* bot. com.[1917; dal portogh.*jaborandi*, dal tupì *yaborandí*] nome comune di due arbusti del genere Pilocarpo (*Pilocarpus pennatifolius e Pilocarpus jaborandi*)
iaborina s.f. TS farm. [1956; der. da iaborandi con –ina] alcaloide estratto dalle foglie di iaborandi, usato in medicina come diaforetico ed espettorante.
iacamar = jacamar s.m.inv.TS ornit.com.[1956; dal portogh. *jacamar,* dal tupì *jacamá-ciri*] nome comune delle specie di uccelli della famiglia Galbulidi.
iacanide s.f. TS ornit. [1956 dal nome del genere *Jacana*, dal portogh. *jaçanã*, 1587, dal tupì *jaçana*] uccello della famiglia degli Iacanidi, fornito dalle unghie molto allungate adatte a camminare sulla vegetazione acquatica delle paludi (...)
iacaranda s.f.TS bot.[1917; dal portogh. *jacarandá*, 1587, dal tupì *yacarandá*] pianta del genere Iacaranda con bel fogliame e fiori appariscenti.
iacarandina s.f. TS chim. [1956; der. di *iacaranda* con *–ina*] colorante orgnico contenuto nella pianta iacaranda, usato per tingere di giallo la lana.
igapò s.m.inv.TS geogr.[1930, F.T. Marinetti "Novelle colle labbra tinte"; voce brasiliana di origine tupi] nei bassopiani del Brasile, tratto di foresta vergine nelle vicinanze deo grandi fiumi VAR. gapò, yabò, igabò, ygapò.
igname s.m.inv.*TS* bot.com.[av. 1557; dal portogh.*igname*, 1500, da *niame*, voce dell'Africa centrale] nome comumente dato a alcune specie del genere Discorea.
imbarazzamento s.m. BU [sec. XVI; der. da *imbarazzare* con *–mento*] l'imbarazare, l'imbarazzarsi e il loro risultato; imbarazzo.
Imbarazzante p.pres., agg.**1** par.pres. → imbarazare **2** agg. CO [av.1729] di qcs, che mette in imbarazzo, che crea imbarazzo: *domanda i., situazione i., è molto i. Per me dovergli parlare*. SIN 2 increscioso, penoso 2 GRAMM. superlativo *imbarazzatissimo*.
imbarazzare v.tr. AU [av.1600; dal portogh. embaraçar "allacciare, impedire", derivato di baraço "cinghia" 1OB imgombrare, intralciare; ostacolare 2 AU mettere in imbarazzo: la sua domanda mi imbarazza 3 CO appesantire lo stomaco di cibo indigesto o di pasto troppo abbondante. Der. disimbarazzare, imbarazzamento, imbarazzo. Sin mettere in difficoltà.
imbarazzato p.pass., agg. **1** par.pass. → imbarazzare, imbarazzarsi **2** agg. CO[1766]che è in imbarazzo, *a disagio: sono i., non so come dirglielo*/ che denota imbarazzo: s*orriso i*. **3** agg. CO *essere i. di stomaco, avere lo stamaco i.* non aver digerito bene, soffrire di pesantezza di stomaco. SIN **2** confuso / 1goffo impacciato CONTR **2** franco'sicuro spavaldo **2,3** GRAMM immbarazzatissimo.
imbarazzo s.m. AU [ca.1535; der. da imbarazzare, cfr. sp. *embarazo* ca/1460]**1** OB ostacolo, impaccio **2** fig., condizione di forte disagio, spec. connessa alla difficoltà o impossibilità di adottare un comportamento dignitoso, opportuno; perplessità: essere, sentirsi, trovarsi in i. **3** CO pesantezza di stomaco SIN 2 disagio, impaccio CONTR. 2 decisione, intraprendenza, sicurezza~**avere l'imbarazzo della scelta**→ avere ~ **esserci l'imbarazzo dessa scelta.**
inambu s.m. inv. TS ornit. com.[1875; dal tupì *inambá*] → pollo delle pampas.
inga s.f.inv. TS bot.[1834; das lat. scient. *Inga*, dal tupì *ingá*] **1** TS bot..com., pianta del genere Inga (*Inga edulis*) originaria dell'America meridionale, con frutti commestibili e dolci **2** TS bot. Pianta del genere Inga / con iniz. Maaiusc. Genere della famiglia delle Mimosacee (...)
ipecacuana s.f.inv.*TS* bot.com [1718; dal portogh.*ipecacuanha*, 1587, dal tupì *ipecacuanha*]arbusto rizomatoso del genere Cefaelide (*Cephaelis icpecacuanha* o *Uragoga ipecacuanha*).
ipecuaninico agg. TS chim. [1875 der. da *ipecacuana* co *–ico*] solo nella loc. *Acido i.*
ipecacuanina sf. Chim TS [1957 der. di *ipecacuana* con *-ina*] glucoside contenuto nelle radici di ipecacuana.

jabirù s.m.inv.TS ornit. [sec. XX; dal portogh. *jabirú*, 1587, dal tupì-guaranì *jaburù, jabirù*] uccello del genere Jabirù, con testa e collo nudi e neri, piumaggio bianco e coda nera.
jaracaca s.m.inv.*TS* zool.com.[1850; nella var.ant. *iararaco*; dal portogh. *jararaca* 1587, dal tupì-guarani *jararaca*] serpente velenoso del genere Botrope (*Bothrops jararaca*).
jararacuçu s.m.inv.*TS* zool.com.[sec.XX; dal portogh.*jararacuçu*, 1590-1600, dal tupi-guarani *jararacawassu* propr. "grande jararaca"] serpente del genere Botrope (Bothrops jararacussu).
kraal s.m. inv. ES ol. TS etnol. [av. 1875; afrik krall, dal portogh. *curral* "recinto per il bestiame, v. anche *corral*] recinto per il bestiame, dipico di alcuni villaggi dell'Africa meridionale | Tipo di insediamento constituido da capanne disposte a certchio intorno a tale recinto.
lambada s.f.inv. ES portogh.[1989; portogh. *lambada*, di orig. incerta] danza brasiliana. | musica che acopagna tale danza .
lisbonese agg.,s.m. e f. CO [1834; der.di *Lisbona*, con *-ese*] agg. di Lisbona nativo o abitante di Lisbona.
lisbonina s.f. TS numism. [av.1776; der. di *Lisbona* con – *ina*] moneta d'oro portoghese in corso nel Settecento e Ottocento**.**
lusiade s.m. e f. CO[1865; dal portogh. *Lusiades* pl., titolo di un poema di L.Vaz de Camões (1525-80) der. del lat. mediev. *Lusus*.
macaco = macacco s.m. TS zool.com. [ca. 1704; dal portogh. *macaco*, da una voce indigena africana]nome comune delle scimmie del genere Macaca.
macao s.m.inv.*TS* ornit.com.[av.1880; dal portogh. *macao*, di origine incerta] grosso papagallo.
machete s.m.inv. *TS* mus.[sec.XX; portogh. *machete*, v. anche *machete*] piccola chitarra in uso nella musica popolare portoghese.
macuta s.f. inv. TS numism. [sec. XX dal portogh. macuta], nel periodo coloniale portoghese, moneta divisoria dell' Angola.
macumba s.m.inv.*TS* relig**1.**culto spiritistico diffuso in Brasile. **2** BU estens. pratica magica.[1963 nell'accezz.2; dal portogh. bras. macumba].
manachino s.m.inv.*TS* ornit.com nome comune di varie specie di uccelli.
mandarino s.m., agg.*TS* stor. [1562; dal portogh. *mandarim*, 1514, dal mal. *mantari*, dal sanscr. *mantrin* "consigliere"]. Nella Cina imperiale, alto dignatario di corte la cui casta godeva di ampi privilegi.
mangabeira s.f.inv.*TS* bot..com.[1957; dal portogh.*mangabeira*, der. dal tupì *mangaba*] unica specie del genere Hancornia (*Hancornia speciosa*).
mangelino s.m.inv.*TS* metrol.[1550; dal portogh.mangelin, dal telinga] nell'antica India, unità di misura.
mangostano s.m.inv.*TS* bot.com.[av. 1770; dal portogh.*mangostan*, 1563, dal mal. *mangustan*] albero tropicale del genere Garcinia (Garcinia mangostano).
manioca s.f.*TS* bot..com.[sec. XVIII; dal tupì *manihoca*] arbusto del genere Manihot dai cui tuberi si ottiene la tapioca Sin cassava.
maracaia s.m.inv.*TS* bot.com.[sec. XX; dal portogh.*maracajéa*, 1587, dal tupì-guarani *maracaya*] margay.
maracuja s.f.inv.ES portogh. [sc.XX; portogh.brasiliano *maracuja* **1** frutto tondeggiante molto saporito, dal gusto simile all'arancia. **2** TS bot.com. pianta del genere Passiflora che cresce nell'America tropicale e produce tale frutto. Sin. granadiglia **1** frutto della passione
margosa s.f.inv.*TS* bot.com.[sec. XIX; DAL portogh. Amargosa, propr. Femm. Di amargoso, "amaro"] azedarach. DER
margosico agg. TS chim. [1957 der. di *margosa* con –*ico*] solo nella loc. **~acido**
margosina s.f. TS chim. [1957; der. di *margosa* con –*ina*] alcaloide estratto dalla corteccia della margosa.
marmellata s.f.AU [1579; dal portogh. *marmelada*, der. di *marmelo* "mela cotogna", conserva alimentare spec. di frutta.
matamata s.f.inv. TS zool. Com. [1957; voce tupi] testuggine carnivora del genere Chelide *(Chelus fimbriatus*), diffusa nelle acque dolci dell'America meridionale
milreis s.m.inv.*TS* numis.[sec.XX; dal portogh.*milreis*, comp. di *mil* "mille" e *reis*, pl. di real "reale"] unità monetaria.

[2] **moco** s.m.TS zool.com. [1957; da una voce tupi] roditore, diffuso in Brasile, del genere Cherodonte (Kerodon rupestris) con lunghi arti, zampe con artigli larghi e corti, mantello grigiastro con riflessi bianchi o nerastri sul dorso(...)
monesia s.f.inv.*TS* bot.com.[1875; dal portogh.*monesia*] albero brasiliano del genere Crisofillo (*Chrysophyllum glycyphloeum*).
mordiscin = mordessimo = mordexin s.m.inv.*TS* med.[av. 1636; dal portogh. *mordexim*, 1543 nella var. *morxy*, dal marathi] malattia diffusa a Goa.
mulatto agg. s.m. CO[1554 nella var. ant. *mulato*; dallo sp. e portogh. sec. XVI, der. di *mulo* "mulo"] chi è nato da genitori uno di razza bianca e uno di razza negra.
mussurana s.f. TS zool.com. [1905; dal portogh. *mussurana* propr. "corda" usata dagli indigeni brasiliani per legere i prigionieri, 1587, dal tupì *maçurana*] serpente del genere Clelia (*Clelia clelia*).
nambi-uvu s.m.inv.*TS vet.* .[sec. XX; da una voce indigena brasiliana] malattia, endemica in Brasile, che colpisce spec. i giovani cani da caccia, provocata da un protozoo trasmesso da zecche vettrici, caratterizzata da forti emorragie.
nandiroba s.f.inv.*TS* bot.com.[sec.XX;dal portogh.*nhandiroba*] nome comumente dato a due piante tropicali americane della famiglia delle Cucurbitacee (*Fevillea trilobata e Fevillea cordifolia*).
nandù s.f.inv.*TS* ornit.com.[1838 nella forma *nandu*; dal portogh.*nhandú*, 1587, dal tupì-guarani *nandù*] nome comumente dato agli uccelli del genere Rea.
ocuba = ocumba = ucuhuba = ucuuba s.f.inv.*TS* bot.com.[1927;dal portogh.*ocumba* o *ucunba*, dal tupì *ucunba*] solo nelle loc. *cera di o*., *grasso di o.*
orraca s.f.TS[sec. XIV;dal portogh. *orraca*, 1518,dall'ar. *haraq* propr. "traspirazione"] bevanda alcolica ricavata dalla linfa di alcune palme indiane.
paca s.f.inv.*TS* zool.com.[1563 nella var. ant. *paco*; dal portogh. *paca*, 1570, dal tupì *paca*] nome comune dei roditori del genere Cunicolo diffusi nell'America meridionale.
padrao s.f.inv.*TS* stor.[1958; portogh.*padrão*, der.di *pedra* "pietra"] cippo commemorativo che i navigatori portoghesi usavano porre nel punto estremo raggiunto di volta in volta sulle coste occidentali dell'Africa.
pagoda = pagode s.f.CO [1554; dal portogh. *pagode*, dal tamil *pakavata*] 1. edificio o monumento sacro della religione buddista.2. estens. Costruzione orientaleggiante simile alle pagode buddiste, installata in giardini e sim. 3 numism. Ciascuna delle monete d' oro indiane coniate tra il VXII e il XIX secolo recanti sul tipo incisioni di pagode e templi buddisti: p. di Madras 4. statuetta in porcellana di origine cineso o indiana contesta mobile. Var. Parole ~albero delle pagode, ~cupola a pagoda, ~ pietra pagoda – pietra; ~tetto a pagoda- tetto (...)
pagodico agg. TS arch. [1798. der. di *pagoda* con *–ico*] che ha forma di pagoda.
pagodite s.f.TS mineral [1819. der. di *pagoda* con *–ite*] = agalmatolite
[2] **palanchino** s.m.BU[av. 1602; dal portogh. *palanquim*, forse dall'urdu *palîaki*, dal tamil *pallaku*, sanscr. *palyaãnka* "lettiga"] portantina per notabili.
pangaia s.f.*TS* mar.[1937; dal portogh. *pangaio*, dal mal. *penjajap*] imbarcazione leggera dell'Africa orientale.
pareira s.f.*TS* bot.com.[av.1826; dal portogh.*pareira*] nome comumente dato ad alcune piante della famiglia delle Menispermacee.
parica s.m.inv.*TS* etnol.[sec. XX; dal portogh.*parica*, da un voce tupì] nome dato dagli indigeni dell'America meridionale a una polvere eccitante di origine vegetale.
pataca s.f.inv.*TS* monet.[sec. XX; dal portogh.*pataca*, 1550 di orig. incerta] unità monetaria adottata nel possedimento portoghese di Macao.
paulista agg.s.m. e f.CO [1958; dal portogh. *paulista*, der. di *São Paulo*, it. San Paolo, nome di una città e di uno stato del Brasile] agg., di San Paolo.
pé s.m.inv.*TS* metrol.[1895; dal portogh. *pé*, propr. "piede"] unità di misura di lunghezza.
peça s.f.inv.*TS* numis.[1895; dal portogh.*peça* propr. "pezza", pl. *peças*] moneta d'oro portoghese.
pereirina s.m.inv.*TS* biochim.[1875; der.dal portogh. *pereir*a "geissospermo" con *–ina*] geissina.
peroba s.f.*TS* bot.com.[sec. XX; dal portogh. *peroba*, dal tupì *iperoba*] albero del genere Aspidosperma (A*spidosperma polyneuron*).
piassava = piassaba s.f.*TS* tess.[1838; dal portogh. *piaçaba*, 1711, dal tupì *piaçaba*] fibra tessile.
pichurim s.m.inv. *TS* bot.com.[1813; dal portogh. *pichurim*, dal tupi *puchurée*] pianta del genere Nectranda (*Nectranda pychury major*).

pitango s.m. TS ornit. [sec. XX; dal portogh. *pitanga*, dal tupi *pitanga*] uccello del genere Pitango che si ciba di insetti e spec. di pesci che cattura tuffandosi sott'acqua (...)
piranha = piragna s.f. inv.*TS* itt.com.[1838; dal portogh. *piranha*, da una voce tupì-guaranì] nome comune dei pesci del genere Serrasalmo.
polegada s.f. inv.*TS* metrol.[1958; dal portogh.*polegada*, der. di polegar, "pollice"] antica unità di misura.
porto s.f. inv.*TS* enol.[1826; dal portogh. *Porto*, it. Oporto, nome di una località del Portogallo, cfr. fr. e ingl. *Porto*, 1691] vino rosso o bianco di Oporto.
portoghese agg., s.m. e f.AD [av. 1529; dal portogh.ant. *portuguez*, dal lat. mediev. *Portucalensis*, der. di *Portus Cale*] agg. del Portogallo.
portoghesismo s.m. TS ling. [secXX; der. da *portoghese* con *–ismo*] parola o espressione propria della lingua portoghese entrata in un altra lingua. SIN lusismo, lusitanismo
prancia s.f. *TS* industr. [sec.XX; dal portogh. *prancha* "asse, tavola"] tavola inclinata su cui si fa scolare il tonno durante la lavorazione.
rasca s.f. *TS* [1937; dal portogh. *rasca*] tramaglio.
real s.f. inv.*TS* numis.[1895; dal portogh.*real*, propr. "reale", dal lat. *regalis*] antica moneta portoghese.
reco-reco s.m. inv.*TS* mus.[sec XX; dal portogh. bras. *reco-reco*, di origine onom.] strumento musicale.
romanceiro s.m.*TS* lett.[1895 nella var. *romancero*; portogh.*romanceiro*, der. dello sp. *romance* "romance"] raccolta di poesie e leggende portoghesi.
sago s.m.*TS* alim.[1813; dal portogh. *sagu*, av. 1522 dal mal. *sîagîu*] sagù.
samba s.m.e f. inv.*TS* mus.[1950; dal portogh. *samba*, da una voce indigena] danza di origine brasiliana.
sambaqui s.f. inv.*TS* [av.1959; dal portogh. *sambaqui*, 1929, dal tupì-guaranì *sambaqui*] cumulo di conchilie.
sambista s.f. e agg. CO [1983; der. di *samb*a con *–ista*] **1** s.m. e f. ballerino di samba / musicista specializzato nella composizione o nell'esecuzione di sambe. **2** agg. relativo al genere musicale della samba.
sambuco = sabuk s.m.TS mar.[1505; dal portogh. *sambuco,* 1498, nella var. *samuco*, dall'ar. *sanbîuq*] grande barca a vele latine.
Sariga s.f. TS zool.com. dal portogh. *sarigue*, [1560, dal tupi *sarigue*] opussum
saudade s.f. inv. ES portogh.[1959; portogh. *saudade*, dal lat. *solitas*, *-atis* "solitudine"] sentimento di nostalgia e malinconia.
seradèlla s.f.*TS* bot.com.[secXIX; dal portogh. *serradela*, dal lat.*serra* "sega"] erba annua spontanea del genere Ornitopo (Ornithopus sativus).
seriema s.m.*TS* ornit.com.[1960; dal portogh.*seriema*, di orig. tupì] nome comune delle uniche due specie della famiglia dei Cariamidi.
sertão s.m. inv.*TS* geogr.[1960; dal portogh.*sertão*, 1552, accorc. di *desertão* "luogo abbandonato, deserto"] foresta rada, tipica delle regioni interne del Brasile.
setubal s.m. inv.*TS* etnol.[1905; portogh. *setúbal*, nome di una città e di un distretto del Portogallo] vino moscato.
surilho s.m. inv.*TS* zool.com.[1927; dal portogh.**surilho**, voce indigena] nome comumente dato alle specie del genere Conepato.
surucucù s.m. inv.*TS* zool.com.[1895; dal portogh.*surucucu*, 1570, dal tupì *çurucucu*] crotalo muto.
tael s.m. inv.*TS* metrol[av.1557; dal portogh. *tael*, dal mal. *tahil*] unità di misura di peso in uso nei paesi dell'Asia orientale.
tamanduà s.m.inv. TS zool. [1591-96 dal tupì *tamandoá*] mammifero del genere Tamandua diffuso nell'America centrale e meridionale, simile a un formichiere, ma di dimensioni più piccole.
tanga s.m. inv.*TS* etnol.[1960; dal portogh. *tanga*, s.f., 1821, dal tupì *tanga*] coprisesso, spec. femminile.
tangara s.m. inv.*TS* ornit. com[1895; dal portogh. tangará, 1590-1600, dal tupì tangara]nome comumente dato a molte specie della famiglia dei Traupini.
TAP sigla portogh. ES *Transportes Aereos Portugueses*, linee aeree portoghesi.
tapioca s.f. inv.*TS* alim.[1840; dal portogh.*tapioca*, 1587, dal tupì *typyoca*] farina alimentare.

tapirapé agg. inv., s.m. e f. inv. TS etnol. [1960 dal portogh. Tapirapés] che o chi appartiene ai Tapirapé; popolazione del Brasile centrale appartenente alla famiglia linguistica tupì-guarannì
tapiro s. m. TS zool. [1879 nella var. ant. *tapirio*, dal portogh. *tapira*,1610, dal tupì *tapiìra*] **1** mammifero del genere Tapiro, simile a un grosso maiale dalla caratteristica proboscide prensile, diffuso nell'America (...)
tapiroide agg. TS anat. [sec. XX; der. di *tapiro* con – *oide*] di collo dell'utero, di forma allungata simile alla proboscide del tapiro.
tapuia agg.inv., s.m. e f. inv. TS etnol. [sec.XX; etnonimo] che chi appartiene ai Tapuia, gruppo di popolazioni indigine stanziato nel Brasile nordorientale (...)
tarefa s.m.inv.*TS* metrol.[1960; dal portogh. *tarefa*] antica unità di misura di superficie.
teak - tek s.m.inv. TS bot.com.[1782 dal portogh. *teca*] albero del genere Tectona che cresce spontaneamente nelle foreste tropicali, ma è coltivato anche in Africa e nelle Indie**.**
tegu s.m. inv.*TS* zool.com [sec.XX; dal portogh.*tejú*, 1587, nella var. *tijuçú*, dla tupì-guarani *teycu*] nome comumente dato ai rettili del genere Tupinambì. **telenovela** sf. CO [1983; dal portogh. *telenovela,* comp. di *tele* e *novela* "novella, romanzo"] teleromanzo prodotto in America latina e poi diffuso a livello internazionale, a carattere largamente popolare, costituito da numerose puntate che narrano minutamente le vicende familiari e sentimentali di un gruppo fisso di personaggi(accorc. novela) /estens. Storia interminabile, riccadi colpi di scena, spec. rif. A vicende sentimentali: *la loro storia è stata una lunga t.* DER telenovelistico, GRAMM pl. anche *telenovelas*.
telenovelistico agg. CO [1990 der. di telenovela con –istico] relativo a telenovele/fig. Che ricorda stile e modi delle telenovele; da telenovela: *un personaggio t.*
tupinamba agg. inv.s.m. e f. inv. TS stor. [sec XX etnonimo] agg.inv. dei Tupinambá / (...) ciascuna delle tribù indigene di lingua tupi-guaranì, oggi estinte, stnaziate nel XVI lungo le coste brasiliane dalle foci del Rio delle Amazzoni fino a Cananea, nella parte meridionale dell'attuale stato di San Paolo
VARIG sigla portogh.ES *Empresa de Viação Aérea Rio Grandense*.
[2] **Veletta** s.f. LE [1521; dal portoghese *veleta,* dim. di vela "sentinella", dallo sp. *vela* der. di *velar* "vegliare] vedetta: *né pone guardie né v. in gabbia* (Ariosto) DER velettare.
veranda s.f. CO [1891; dall'ingle. Verandah, 1711, dall'hindi vadamda, prob. Dal portogh. varanda] 1 balcone o terrazzo coperto e chiuso spec. con vetrate: una v. sul mara, pranzare in v. 2 portico che recinge le costruzioni, origianrio dell'architettura orientale e tropocale. DER verandato
verandato agg. CO [1994; in "secondamano"; der. da *veranda* con –*ato*] di balcone, chiuso con una veranda
viado s.m.portogh. ES [1989; portogh. bras. *viado*]travestito o transessuale di origine brasiliana o genericamente sudamericana, che si prostituisce. GRAMM. Pl. *viados*
zafra s.f. inv. ES sp. [1978; sp. *zafra*, 1836, dal portogh. *safra* "raccolta, mietitura", forse di origine araba] A Cuba, raccolta e lavorazione della canna da zucchero.

Entradas no Apêndice do Gradit.

DE MAURO, Tullio. *Nuove parole dell'uso*. Torino: UTET, 2003.

bahiano agg. s. m. CO [1960, A. Moravia "Viaggi; der. Di Bahia, nome di uma città del Brasile, con –*ano*] agg. di *Bahia*, nativo o abitante di *Bahia*. Var. baiano.
burraco s.m. inv. TS giochi [2002 in "Corriere della Será"; voce di etim.incerta, forse dal portogh. *buraco* "setaccio"] gioco di carte della famiglia Del ramino, di origine sudamericana.
cangaçeiro s.m. ES portogh. TS stor.[1953; portogh. c*angaçeiro*, pl. *cangaçeiros*, da *cangaço*, var. di *engaço*, "erpice", in quanto strumento tipico dei contadini] ciascuno dei banditi che alla fine del sec. XIX infestavano il sertão brasiliano.
churrascaria s.f.inv. ES portogh.TS gastron. [1990; portogh. *churrascaria*, pl. *churrascarias*] locale incui vengono serviti ilchurrasco e altri piatti tipici della cucina brasiliana.
churrasco s.m.inv.ES portogh. TS gastr. [1990; portogh. *churrasco*, pl. *churrascos*] grigliata di carni miste tipica della cucina brasiliana.
feijoada s.f.inv. ES portogh. TS gastr. [1990; portogh. *feijoada*, prop."fagiolata" pl. *feijoadas*] piatto a base di fagioli e carne tipico della cucina brasiliana.
garimpeiro s.m.inv. ES portogh. TS stor. [1997 in "Panorama"; portogh. *garimpeiro*, pl. *garimpeiros*, da *garimpo*, "miniera di pietre preziose"] spec. nel sud del Brasile, cercatore d'oro o di Pietre preciose.
marupa s.m.inv. TS fa; [1997; dal portogh bras. *marupá* o *marubá*] legno di colore biancastro o giallognolo ricavato da piante del genere Simaruba, utilizzato per mobili, compensati e cellulosa.
morna s.m.inv. ES portogh. TS mus [2000 in La Repubblica"- Il Venerdi"; portogh. *morna*, pl. *mornas*] genere musicale popolare tipico delle isole di Capo Verde, simile al fado portohese.
samba rock loc. S.f. inv. ES portogh. TS mus. cor. [2000 in La Repubblica- Il Venerdì"; portogh. *samba rock*, comp. di samba "samba" e dell'ingl. *rock* "rock"] varietà di samba molto swingata.

Entradas do português no dicionário D/Oli.

DEVOTO G. OLI,G. *Nuovissimo vocabolario illustrato della Lingua Italiana.* Firenze: Le Monier, 1997

acagiù s.m. ***1.*** Nome della pianta *Swietenia mahagoni* e del suo legno, il *mogano americano* o *di Cuba*, part. usato in ebanisteria ◆ *Falso a.,* nome commerciale del legno odoroso fornito dalla *Cedrela odorata*. (v. CEDRELA). ***2.*** Nome com. questo per indicare l'*Anacardium occidentale* e il suo peduncolo fiorale metamorfosato in frutto carnoso (v. ANACARDIO). [Dal fr.*acajou*, e questo da una voce tupi, attraverso il port. *acaju, caju*].
ai-ai nome indigeno del *bradipo*. [voce di origine tupì]
aiapana s.f. nome brasiliano della pianta *Eupatorium triplinerve*, le cui fogli, dotate dotate di proncipi stimolanti della digestione, sono usate come condimento di pietanze
albatro[2] <àl-ba-tro> s.m. Nome com. degli uccelli marini della famiglia dei Diomedeidi. (...) [Dal fr. *albatros,* dal'ingl. *albatross*, che é dal port. *alcatraz* 'pellicano', che risale a una voce indigena].⇒ TAV.COL. 123 UCCELLI.
alastrim malattia esantematica, contagiosa, molto simile al vaiolo. Voce portoghese-brasiliano der. di *alastrar* "diffondersi".
albinismo <al-bi-nì-smo> s.m. **1**. Anomalia congenita ed ereditaria, che si manifesta nell'uomo e in molti vertebrati (mammiferi, uccelli, pesci), consistente nella depigmentazione parziale o totale della pelle, dei peli e dei capelli, dell'iride e della coroide, da cui deriva una colorazione molto più chiara del normale, spesso addirittura bianca; (...) **2** Mancata formazione della clorofilla in alcune piante; *a. parziale*, lo stesso che *albicatura.* [der. di albino].
❒**albino <**al-bì-no> agg.e s.m.f. (f.-*a*).Affetto da albinismo.[dal port. *albino*, dal latino tardo *albinus* 'bianchiccio", der. di *albus* "bianco"].
almàdia (o *almaida*) s.f. imbarcazione ricavata in un solo tronco d'albero, a un tempo molto usato dagli indigeni dell'Africa d dell'Asia. [dallo sp. e port. *almadia*, di origine araba]
amaranto[2] s.m. legno della pianta *Peltogyne confertiflora* del Brasile, usato esp. Per mobili e carrozze [voce brasiliana, probabilmente dal nome della città di *Amarante*].
Amàzona <-zz> (o *Amazònia*) s.f. genere di Uccelli Psittacidi, comprendente 25 specie dette com. p*appagalli verdi* per il colore che di solito predomina nella loro livrea, proprie del Sud America spec,. delle regioni intorno al Rio delle Amazzoni. Non superano per lo più i 40 cm. di lunghezza e sono fra i pappagalli parlanti più com. allevati. La specie più nota è l'*Amazona aestiva*, nota col nome di *amazona fronte azzurra* per il colore del suo piumaggio sulla fronte [lat.scient. *Amazona*, dal nome port. del Rio delle Amazoni].
ananas <à-na-nas *o* a-na-nás> (o *ananasso*) s.m. **1.** Pianta delle Bromeliacce (*Ananás sativus*) estesamente coltivata in molti paesi tropicali per il frutto a sincarpio detto anch'esso *ananas* o *ananasso*), formato dall'ingrossamento del rachide della spiga e dalla sua fusione con i singoli frutti carnosi dei quali restano esteriormente le brattee. (...) **2.** Nella sistematica botanica:
ani s.m. nome locale e volgare degli uccelli del genere *Crotofaga.[*da una voce brasiliana (tupi) atrav. lo sp. *aní*]
aninga <A-nìn-ga> s.f. Genere di Uccelli Falacrocoracidi, comprendenti quattro specie simili ai cormorani, viventi in Africa, Asia, Austrália e América centr. e merid. (...) [Lat. scien. *Anhinga*, dal port. *anhinga*, voce indigine brasiliana (tupi)].
ara <à-ra> s.f. ***1***. Nome degli Uccelli psittacidi appartenentai al genere omonimo. (v.oltre). ***2.*** nella sistematica: Ara, genere genere di uccelli Psitttacidi, comprendente 15 specie (...) [Lat. scient. *Ara* da una voce tupi].
aracà o (*arassà*) s.m. invar. Specie di legno duro del Brasile, fornito da alcune specie di Mirtacee, usato per costruzione o falegnameria.[dal port. *araçà,* di origine tupì].
aracanga (o *arassanga*) s.m.inv. Nome indigeno del pappagallo ara macao[dal port. *araçanga,* di origine tupì]
aracari (o *arassari*)s.m Nome indigeno di diversi *Uccelli Ranfastidi* dei generi *Aulacorinco* e *Pteroglosso*. Dal port. *araçari*, di origine tupì].

arapaima genere di pesci viventi nei fiume dell'America centr. e merid. [lat.scient. *Arapaima*, dal port. *arapaima* voce di origine tupi]
araponga s.m.invar. nome indigeno del uccello *Procnias tricarunculata,* detto anche campanaro dalle tre caruncole, dell'America centr. Da una voce tupi.
ararauna s.m. invar. Nome indigeno del pappagallo *Ara ararauna*. [da una voce tupi]
arariba <a-ra-rì-ba> s.f. Nome indigeno di alcune piante Rubiacee del genere *Sickingia* (...). ♦ *Legno a.*, legno fornito da due Papilionacee del Brasile, il *Centrolobium robustum* e il *Centrolobium tomentosum*: quello fornito dalla prima è di colore giallastro e quello fornito dalla seconda di colore nero. [Da una voce tupi]
araroba <a-ra-rò-ba> s.f. Nome indigeno della pianta *Andira araroba*, da cui si ricava la *polvere di a.*, usata come veleno dai pescatori di frodo [voce di origine tupi]
areca <A-rè-ca> s.f. genere di palme, comprendente un numero di specie assai discusso delle regioni asiatiche e australiane, la più nota è l'*Areca catechu*, alta sino a 30 m. Coltivata in India e Birmania. (...) [lat.scient. Areca, da una voce indiana, attraverso il port. *areca*].
arirai nome brasiliano del mammifero *Pteronura brasiliensis* [voce brasiliana di origine tupì]
autodafé <au-to-da-fé> (auto da fé) s.m. proclamazione solenne della sentenza dell'inquisitore spagnolo, cui seguiva la cerimonia pubblica dell'abiura o della condanna al rogo dell'eretico, eseguita dal braccio secolare. [Dalla loc. port. *auto da fé* 'atto della fede'].
babassu s.m. Palma gigantesca del Brasile (*Orbignya martiana*), dalle cui noci si estrae un olio commestibile simile a quello di cocco, usato anche in saponeria e cosmetica. [Dal port. *babassu*, di origine tupi]
bada [2] s.m. e f. arc. Rinoceronte. [dal port. *bada*]
baía s.f. ,port. "Baia, insenatura marina': frequente nella toponomastica.
baiadera <ba-ia-dè-ra> s.f. **1**. Danzatrice indiana che si esibiva in feste religiose e profane (nome attribuito dagli occidentali); ***estens***., ballerina da avanspettacolo. **2.** tessuto a strisce orizzontali, a colori contrastanti (anche ***agg***., *invar*. ***3.*** veste de ballo che dai fianchi scende fino ai piedi, aperta sul davanti, tipica delle danzatrici orientali. [Dal port. *bailadeira* 'danzatrice', attraverso il fr. *bayadère*].
baleniera imbarcazione militare a remo, lunga e sottile, impiegata come palischermo per ammiragli e comandanti. [dal port. *balão*, barchetta scavata in un tronco
❒**bambù** s.m. ***1.*** Nome comune delle piante Graminacce, ascritte alla sottofamiglia delle Bambusoidee (v.), il cui fusto cavo, durissimo, diviso da tramezzi a livello dei nodi, viene impiegato nella fabbricazione di svariati oggetti. ***2.*** Unità di misura per liquidi e per aridi, equivalente a ca. 2 litri, usata spec. in Malesia. [dal malese *bamtū* attraverso il fr. *bambou*].
bambusaia <-s-> s.f. Terreno piantato a bambù.
❒**banana** s.f. ***1.*** Il frutto del banano; bacca gialla, oblunga, arcuata, con polpa molle, profumata, dolce, giallastra o rossastra, ricca di vitamine; *un casco*, *un grappolo di banane*; *yogurt di b.*; *scivolare su una buccia di b*. (fig., incorrere in errore o in un infortunio del tutto imprevisto); ***al pl.,*** sin. scherzoso di *soldi, denari: non ho più banane*. ***2. fam.*** Ciocca di capelli arrotolati sulla testa, per il lungo, nell'acconciatura femminile e di bambini. ***3***. In elettronica, spina unipolare con manico isolante, per collegamenti provvisori. [Dal port. *banana*, originario della Guinea].
bananéto s.m. Piantagione di banani. [Der. di *banano*, sul modello di *quercetto, faggetto*,ecc].
bananicoltóre s. m. Coltivatore di *banani*. [Comp. di *banano* e *coltura*].
bananicoltura s.f. Coltivazione dei banani su scala industriale. [comp. do *banano* e *coltura*].
bananièra s.f. nave frigorifera appositamente attrezzata per il trasporto delle banane dai luoghi di origine ai mercati di consumo.
banano s.m. nome di diverse piante erbacee, spontanee e coltivate nelle regioni tropicali per i loro frutti (*banane*), tutte quanti appartenenti al genere *Musa* (v.). Hanno l'aspetto e le dimensioni di un alberetto, il cui tronco è formato dalle basi delle foglie accartocciate l'una sull'altra, dal mezzo delle quali si leva uno scapo a forma di spiga (*casco*), con molti fiori prima, e numerosi frutti a bacca, senza semi dopo. [der. di *banana*].
barbatimao s.m. nome locale dell'albero delle Mimosacee *Stryphonodendron barbatimao.[*dal port. barbatimão, voce di origine tupi]
barrigudo <bar-ri-gù-do> s.m. Scimmia dei Cebidi (Lagothix humboldrtii), vivente nelle foreste dell'Amazzonia e dell'Orinoco,, nota anche col nome di *caparro* e più comumente con quello di *lagotrice*. (...) [voce portoghese, propr. "panciuto"].

bateia s.f. port. recipiente di metallo o di legno a forma di scodella, usato dai cercatori d'oro per lavare le sabbie aurifere e separarne i granuli d'oro.
beberu (*o bebeeru*) Nome indigeno della *Nectranda rodiaei* albero molto apprezzato per il legno[dallo sp. E port. *bebiru*, di origine sudamericana.
betel <bè-tel> s.f. **1**. Nome della palma *Areca catechu* e del P*iper betel*, un arbusto rampicante dell'India e della Malesia, dalle cui foglie si ricava per distillazione un olio essenziale, denso di odore aromatico, usato contro il catarro e le infiammazione delle vie respiratorie. **2** *Bolo dei masticatori di b*. Droga formata da una foglia di *Piper betel*, in cui si racchiude un po' di calce e un pezzetto di noce di *Areca catechu* (...) [dal port. *betel* e questo da una lingua dravidica dell'India].
bordaleira agg.f. port., in it. s.f. Razza di pecore portoghesi, a lana nera e crespa, buone produttrici di latte.
botoco s.m. port.disco di legno che molte tribù brasiliane di lingua gè si inseriscono a scopo ornamentale nel labbro inferiore. (propr. "pipa")
bonzo <*-zo*> s.m. ***1.*** prete buddista. ***2. fig***. Personaggio che si da grande importanza [dal portoghese *bonzo*, risalente al giapponese *bōzu*].
bossa nova s.f., invar. Danza moderna sud americana derivata dal bolero, caratterizzata da più ritmi; rumba, samba e quello base di beguine. Tipico il ritmo scandito dal suonatore della batteria, che coi legnetti della mano sinistra scandisce il ritmo della rumba, mentre con le spazzole della destra scandisce un ritmo in 8/8..[voce port.del Brasile, comp. di bossa, prima 'bernoccolo' poi 'tendenza', e nova 'nuova']
buba s.f. port. pustola o tumoretto cutaneo.
caapi s.m. Nome dato dagli indios dell'Amazzonia alla pianta *Banisteria caapi*, della quali utilizzano le foglie contenenti un alcaloide che produce effetti allucinatori e telepatici.
caatinga (o *catinga*) s.f. Boscaglia rada del Brasile, e in genere dell'America tropicale con clima secco, costituita da piante con foglie caduche, espec. Mimosacee, e in parte anche da varie cactacee e da bromeliacee.[Voce di origine tupi; propr. 'foresta bianca'.]
caboclos <c*a-bó-clus*> s.m.pl. *port.* Termine brasiliano che designa i figli di madre indigena e padre bianco. [voce di origine tupi].
cachoeira s.f. *port.* Termine brasiliano per indicare una rapida o una cataratta di un fiume.
cafuso s.m. figlio di negri di origine africana e di indigeni americani [voce portoghese]
cainca nome comune, di origine brasiliana, delle piante rubiacce Choccoca anguifuga, piccolo albero dell'America tropicale [dal port. *cainca*]
cacatua (o *cacatoa*) s.m. invar. ***1***. Nome comune dei pappagalli appartenenti al genere omonimo (v.oltre), frequentemente dato anche ad altri pappagalli della famiglia dei Cacatuidi ma appartenenti a generi diversi; per es. *c. dalla proboscide*, nome com. dato al *Proboscinger aterrimus* (V, PROBOSCIGERO) ***2***. Nella sistematica zoologica: Cacatua, generi di uccelli (...) [Lat. scient. *Cacatua*, dal malese *kakatuwa*, voce onomatopeica per il loro grido *ca-catuà*, attraverso lo spagnolo e il portoghese].
calao s.m. Nome di alcuni specie di uccelli caratteristici per il enorme becco.[dal port. calau, di origine asiatica]
calerna <ca-lèr-na> s.f. Lungo e veloce frangente che si scaglia su una costa alta. [dal port. *calena*].
calumba s.f. Nome arc. della droga detta ora *colombo*.[da una voce indigena del Mozambico, atrav. il port. *calumba*]
campos <*cám-pus*> s.m. pl., *port*. Paesaggio caratterizzato dalla mancanza di vegetazione arborescente originata dalla decalcificazione naturale del suolo: caratteristico delle regioni centro-settentrionali del Brasile.
canada <ca-nà-da-> s.f. *port*. Unità di misura di capacità già usata nel Portogallo (1,4125 l) e ancora in uso nel Brasile (2.662 l). Lat mediev. *cannata,* der. del lat. canna (nome di un recipiente) di origine germanica.
canga[2] <càn-ga> antico strumento orientale di tortura, consistente in un larga tavola applicata al collo del condannato, che non poteva così nutrirsi da solo né riposare.[dal port. *canga*, di origine orientale]
cantigas s.f.pl. Composizioni liriche medievali, di varia ispirazione e provenienza, in lingua gallego-portoghese. (propr. "cantiche")

capibara <ca-pi-bà-ra> (o *capivara*) s.m. invar. Mammifero degli idrocheridi (*Hydrochoerus hydrochoerus*) che col suo metro di lunghezza, i 50 cm di kg di peso è il più grande roditore esistente. (...) Dal port. *capibara*, voce brasiliana].
caracarà s.m. Nome comune degli uccelli Falconidi della soto famiglia dei Poliborini, diffusi dagli Stati Uniti meridionali sino all'America merid. (...) ◆ *C.crestato*, nome comune del *Polybus cheriway* 9v. POLIBORO) [dallo sp.e port. *caracará*. Voce di origine tupi].
Caragià s. Etnico. Gruppo indigeno del Brasile, con lingua propria, stanziato sulle rive del Rio Araguaya.
caragiura s.f. pigmento rosso ottenuto per macerazione delle foglie di *Bigognia chica*, usato dagli indigeni dell'Amazzonia per tingere il corpo. [dal portoghese caragiura]
caragiurina s.f. sostanza colorante rossa della caragiura.
caraípa s. F. Genere di piante Guttifere, comprendente poche specie arboree dell'Amazzonia (...) usato nel Brasile contro le punture di insetti. [Lat. scient. Caraipa, dal tupi *caripé*]
carambola[2] s.f. ***1.***pianta delle Ossalidacee (*averroa carambola*), forse originaria della regione malese, coltivata in tutti i paesi tropicali; (...) ***2.*** Il frutto della pianta, molto apprezzato, che si consuma fresco o in conserva [dal port. *carambola,* frutto del *caramboleiro*, voce di orig. Malese].
carapo s.m. genere di pesci Carapidi; ne fa parte il *Carapus acus* , noto com. col nome di *galiotto* (v.) [lat. scient. Carapus, dal port. carapó, voce di origine tupi].
caravella[1] s.f. ***1.*** Piccola nave a un solo ponte, con castelli a poppa e a prua, e di solito con due alberi a vele quadre e uno, a poppa, con vele latine, e bompresso con vela di civada, usta spec. dagli Spagnoli e dai Portoghesi fra i secc. XIII e XVII. ***2.*** Nome comune del celenterato degli Idrozoi *Physalia physalis* (v. FISALIA). [dal portoghese *caravela* e questo dal lat. tardo *carābus* 'barca di vimini foderata di pelle'].
caravellone s.m. veliero cinquecentesco di proporzioni maggiori della caravella [Accr. di caravella].
caraya s.m. nome brasiliano della scimmia *Alouata caraya* (v. ALUATTA. [da una voce tupi]
carbonado s.m. minerale: varietà nera di diamante, usata nell'industria per la sua durezza superiore a quella del diamante comune, per guarnire punte di trapano, corone perforatrici, ecc. [voce port.; propr. "carbonato"]
carioca s. f. e m. ***1.***s.f. Vivace ballo popolare brasiliano. ***2.*** s.f. modello di reggiseno costituito da soli nastri. ***3.*** s.m. Abitante di Rio de Janeiro (pl. *cariocas*). [dal brasiliano *Carioca* 'abitante di Rio de Janeiro'e questo dal fiume *Carioca* che scorre nei pressi della città]
carnàuba s.f. cera estratta dalla palma brasiliana *Coperniccia cerifera*, per immersione delle foglie in acqua bollente, usata per creme da calzature e per cere da pavimenti; suoi costituenti principali sono l'alcol miricilico, l'acido cerotico e i loro esteri. [Dal port. *Carnauba*]
caròba s.f. Nome di varie piante arboree delle Bignoniacee dell'America Centr. e Merid. le cui foglie e cortecce sono usate come sudorifere, depurative, ecc. [dal port. *caroba*].
caròbico agg. *Acido c.*: acido presente nelle foglie di caroba. [derv. di *caroba*].
carobina s.f. alcaloide della caroba. [deriv. di *caroba*, col suff. chimico –ina].
carrasco s.m. (pl. Chi) la densa macchia di piante xerofite e arbusti spinosi, tipica delle savane tropicali dell'America [dal port. *carrasco*]
cascalho. S.m. port. Nomi di depositi fluviali poco coerenti del Brasile, costituiti da detriti di roccia e frammenti di minerali misti ad argilla, spesso auriferi. (*cascalho virgem o nobile*)
cavia <cà-via> s.f. **1.** Nome comune dei roditore del genere *Cavia* (v.oltre), part. riferito alla specie *Cavia cobaya*, detto pop. porcellino d'India, (...) **2. fig**. Ogni animale, persona o cosa assoggettata a prove sperimentali: *fare da c., una c. umana*; anche come agg.: *città c*. fabbricata per esperimenti di bombardamenti atomico. **3** Nella sistemazione zoologica: *Cavia*, genere di Roditori Cavidi Cavini, comprendente una ventina di specie (...) [dal port. *çaviá, saviá* 'topo, voce di origine tupi, nel sign. 1.e2; lat. scient. *Cavia*, dal precedente nel sign. 3].
cearà s.f. Specie di caucciù ricavato dalla pianta *Manihot glaziovii,* un'euforbiacea del Brasile. [Dal omonimo stato del Nord Est del Brasile].
cearina s.f. Miscela di cera di carnauba (o *cera di Ceará*), ceresina e olio di paraffina, usata come eccipiente per pomate.[da (*cera di*) *Ceará*, altro nome della cera di carnauba].
centavo [1] <*cen-tà-vo*> s.m. *port.* moneta divisionale equivalente alla centesima parte dell'escudo.
cerrado s.m. port. formazione vegetale di arbusti con addattamenti xerofili di transizione verso la savana. propria dell'interno del Brasile. [propr. "chiuso, denso, folto"]

ciaccotta s.f. aria di un'antica danza portoghese. [dal port. *chacota* "burla"]
chapada <*scia-pà-da*> s.f., *port*. terrazza di terreno tipica del Mato Grosso (Brasile); rappresenta una zona di terreno asciutti e duro, coperto con sabbie e conglomerati. [Der. di *chapa* 'placca, lamina'].
china [3] s.f. invar. Inchiostro di China, a base di nerofumo e gomma lacca. [dall'errata lettura del port. *China* 'Cina' (da leggere *Scina*)].
còbra s.m. Nome di varie specie di serpenti Elapidi noti per il loro potentissimo veleno, part. riferito ai serpenti del genere *Naia*, contraddistinti dalla capacità di dilatare il collo a mo' di disco o di cappuccio; (...) [Dal port. *cobra* e questo dal lat. *colūbra* 'serpente velenoso']
cocco[5] s.m. **1.** Palma delle regioni tropicali a clima marino (*Cocus nucifera*), con stipite alto 20-30 m. e con un ciuffo di foglie grandi pennate alla sommità che produce grossi frutti a drupa, pesanti uno-due kg (...) ◆La bibita ottenuta dal frutto di tale pianta. ***2.*** Altro nome del fungo con. detto ovolo buono (*Amanita caesarea*).***3.*** *C. doppio*, il frutto della Lodoicea (v.). [Lat. scient. *Cocos,* der. del port. *coco*].
commando[1] <com-màn-do> s.m., *invar*. Gruppo mobile boero impiegato nella guerriglia contro gli Inglesi (1899-1902) (...) ♦ **com**. Reparto speciale di uomini specificamente addestrati in azioni di guerra o di polizia (o anche terroristiche), in cui la fulmineità e rapidità di esecuzione siano i fattori principali del successo. [Dal ingl. *commando*, dal port. *commando* 'comando"].
concelhos <con-sé-glios> s.m.pl. *port*. Aggruppamenti sociali del Medioevo portoghese, che comprendevano i liberi appartenenti alla classe popolare. [Plurale di *concelho,* che è il lat. *concilium* 'convocazione'].
❒**copra** <cò-pra> s.f. polpa essicata della noci di cocco, che serve all'estrazione dell'olio di cocco. [Dal port. *copra*, voce di origine hindi]
copraolo <co-pra-ò-lo> s.m. grasso ricavato dalla copra.[der. di *copra*, col suff. *–olo*]].
cornac <còr-nac> s.m. In India, conducente e custode di elefanti impiegati per uso domestico. [Dal port. *cornaca*, da una voce singalese]
dodo <dò-do> s.m. nome comune delle ter specie di uccelli delle Isole Mascarene, oggi completamente estinte (...) . [Dal port. *doudo* semplicione]
eira s.m. inv. Altro nome indigeno del gatto selvatico *Felis yaguarondi*, usato in Brasile spec. per individui a pelame chiaro.[da una voce tupì]
escudo[1] s.m. *port*. Unità monetaria del Portogallo e del Capo Verde, divisa in 100 *centavos*.[Propr. "scudo"; è il lat. *Scutum]*.
fado s.m. *port*. Canzone popolare portoghese, per lo più di contenuto amoroso, improntata a nostalgica e struggente malinconia; la regina del genere è considerata Amalia Rodrigues. [Dal lat. *fatum* 'fato, destino].
fanga[2] s.f., *port*. Unità di misura di capacità nei paesi di lingua portoghese.
favas s.f. pl., *port*. Termine brasiliano per indicare i minerali a forma di piccoli ciottoli, come il rutilo e la monazite dei depositi alluvionali. [Propr. "fave"].
favela s.f. *port*.. Esteso agglomeramento di squallide baracche e abitazioni di fortuna, situato nelle aree periferiche e anche nel centro urbano delle città brasiliane, in cui vive un sottoproletariato condannato a una vita di miseria e di stenti spesso al limite della sopravvivenza. [Propr. "alveare"].
fazenda s.f. *port.* Tenuta agricola brasiliana. [Dal lat. Facienda 'cose da fare'].
fazendeiro s.m. *port*. Proprietario di una fazenda brasiliana.
fluminense <flu-mi-nèn-se> agg. Della città o della regione brasiliana di Rio de Janeiro.[Dal *port*. fluminense, der. del lat. *flumenīnis* 'fiume'per altlusione al port. *rio* 'fiume'].
gallego <gal-lè-go> (o gagliego) agg. (p.m. –ghi). Elemento m.pl. e linguistico neolatino delle province della Spagna nord-occidentale e di quelle finitime del Portogallo, più affine al portoghese che allo spagnolo. ◆ *Lingua g*. (o *il gallego* s.m.), quella usata fra il sec. XII e il XV anche in letteratura, oggi sopravvivente solo a livello dialettale.[dal port. *gallego,* che è il lat. *Callaecus* 'della Galizia'].
garopera <ga-ro-pèra> s.f. piccola imbarcazione usata nel Brasile per la pesca del pesce *garoupa* [adatt. Del port. del Brasile *garoupeira*].
guarana <gua-rà-na o gua-ra-ná> s.f. **1.** Piante delle Sapindacee (Paullinia cupana, o paullinia sorbilis) spontanea e coltivata in Amazzonia. Ha l'aspetto di una grossa liana volubile a goglie imparipennate, coriacee, composte di foglioline oblunghe dentate o crenulate, con fiori bianchi a capsula trigona deiscente e semi globosi, ricchi di caffeina. **2**. Droga estratta dai semi della stessa pianta contenente caffeina, catechina, tannino e altre sostanze organiche, confezionata in forma di

bastoncini che, grattugiati, servono per preparare una bevanda nervina e dissetante, molto popolare in Brasile, detta anch'essa *guaranà*.[da una voce di origine tupi].
Guaranì <Gua-ra-nì> s.m. pl. Importante popolazione indigena, stanziata in epoca precolombiana nel vasto territorio compreso tra la costa atlantica , dal 26°. al 33°. di latitudine, e la sponda sinistra del Rio Paraguay; costituiva il ramo merid. della grande famiglia etno-linguistica tupi-guaranì. [Dallo sp. e port. *Guaraní*, raro *Guarany*].
guaranina <gua-ra-nì-na> s.f. Diureide presente nella guarana, dimostrato identico alla caffeina. [Der. di guarana, col suff. –ina]
❒**iaborandi** <ia-bo-ran-dì-> s.m. Nome comune di origine brasiliana di due arbusti delle Rutacce, il *Pilocarpus pennatifolius* e il *Pilocarpus jaborandi*, delle regioni tropicali dell'America Merid., con foglie alterne, lungamente picciolate subcoriacce, fiori di color rosso in lunghi grappoli; dalle foglie, per distillazione, si estrae un olio essenziale (*olio di i.)* ricco di alcaloide ad azione diaforetica, espettorante e stimolante [Dal port. *jaborandi* di origine tupi].
iaborina <ia-borì-na> s.f. Alcaloide contenuto nello foglie di iaborandi. [deriv. di *iabor*(*andi*), col suf. chimico –ina].
iacamar <ia-ca-mar> s.m. Nome comunemente dato agli Uccelli della famiglia dei Galbulidi [Dal. port. *jacamar,* da una voce indigena dell'America meridionale].
iacanidi s.f.pl. famiglia di Uccelli Caradriformi comprendente otto specie raggruppate in sei generi (...) [lat. scient. *Iacanidae*, dal nome del genere *Iacana*, che risulta da una deformazione del port. j*açanã*, di origine tupi]
❒**iacaranda** <ia-ca-ràn-da> s.f. genere di piante Bigoniacee, comprendente una cinquantina di specie arboree o arbustive delle regioni subtropicali e tropicali dell'America Merid. La *Iacaranda ovalifolia*, coltivata anche come pianta ornamentale, contiene una sostanza colorante (*iacarandina*); la *Iacaranda obtusifolia* e la *Iacaranda copaia* forniscono il palissandro, un legno di colore rossastro, molto ricercato per mobili di lusso [lat. scien. *Iacaranda*, dallo sp. e port. j*acarandá*, di origine tupi].
iacarandina <ia-ca-ran-dì-na> s.m. Composto chimico contenuto nella pianta *Iacaranda ovalifolia* (v. IACARANDA). [Dal nome del genere *Iacaranda*, col suff. – *ina*)
igapò <i-ga-pò> s.m. nella geografia brasiliana, il tratto di foresta vergine in prossimità dei grandi fiumi. [voce brasiliana di origine tupi]
igname <i-gna-me> s.m. Nome comune di diverse piante Dioscorcee coltivate nelle regioni tropicali per i loro tuberi amiliferi usati nell'alimentazione umana; ***part***., nome comune della *Dioscorea batatas*, coltivata in Cina, Corea, Formosa e Giappone, con fusti annuali, che possono raggiungere i 3 metri di altezza, foglie opposte, cordate e acuminate, il cui rizoma, formato da uno o più tuberi ricchi di amido, può raggiungere anche i 12-15 kg di peso. [Dal port. i*nhame*, sp. (*i*)*name*, da una voce dell'Africa centr.].
imbarazzamento <im-ba-raz-za-mèn-to> s.m. *non com*. Evidente motivo di disagio, disturbo o incertezza; impaccio, imbarazzo. [der. di *imbarazzare]*
imbarazzante <im-ba-ra-zàn-te> agg. Che presenta o implica difficoltà o disagio: *una domanda i.; trovarsi in una situazione i*.; [P.pres. *di imbarazzare*].
❒**imbarazzare** <im-ba-raz-zà-re> v.tr. ***1***. ostacolare con motivi di molestia o disturbo più o meno facilmente superabili; *i. una manovra*,; ingombrare: *i. un tavolo con scartoffie*. ***2.*** Mettere in condizioni di disagio o d'incertezza: *la sua presenza mi imbarazza*; come ***medio intr***., rivelarsi incapace di ordinare le proprie idee, confondersi: *s'imbarazzò alla prima domanda*; ***tosc***. impicciarsi: *non mi piace imbarazzrmi di queste cose*. [dallo sp. *embarazar*, prestito dal port. *embaraçar* 'allaciare']
imbarazzato <im-ba-raz-zà-to> agg. Impacciato, confuso, sconcertato ♦ Ingombro, appesantito: *aver lo stomaco i.; per cattiva digestioni* (anche *sentirsi i .di stomaco*) [P. pass. di *imbarazzare*].
imbarazzo <im-ba-ràz-zo> s.m. ***1.*** motivo di impedimento, d'impaccio al libero e normale svolgersi di un'azione o funzione. ♦ *I. di stomaco*; stato di sofferenza provocato da cattiva digestione. ***2.*** situazione di temporanea perplessità o di disagio nella scelta di un atteggiamento o di un comportamento: *la tua richiesta mi mette in i.; non hai che l'i. della scelta*, avere la più ampia scelta possibile di una soluzione, di un oggetto, ecc.) [dallo sp. *embarazo*, der. di *embarazar* 'imbarazzare']
❒**ipecacuana** <i-pe-ca-cu-à-na> s.f. Arbusto rizomatoso a fusto erbaceo nodoso delle Rubiacee (*Cephaelis ipecacuanha*), típico del Brasile (...) ♦ La droga che si ricava dalle radici della pianta. [dal port. *ipecacuanha*, voce di origine tupi]

ipecacuanico <i-pe-cu-à-nì-co> agg. (pl.-*ci*) *Acido i.:* sostanza tanica isolata dalle radici di ipecacuana. [Der. di *ipecacuana,* col suff. –*ico*]
ipecacuanina <i-pe-cua-nìna> s.f. Glicoside contenuto nelle radici di ipecacuana. [Der. di *ipecacuana*, col suff. –*ina*) .
inambu <i-nàm-bu> s.m. Nome dell'uccello *Rhynchotus rufescens*, noto com. con quello di *pollo delle pampas*.[Da una voce tupi che significa 'pernice'.]
inga genere di piante Mimosacee, compreendente più di trecento specie (...) [lat. scient. Inga, da una voce tupi]
jangada s.f., *port.* Imbarcazione primitiva costruita mediante la giustapposizione e l'unione di due o più travi o tronchi. [voce di origine del Malabar].
jararacuçu s.m. Nome locale del serpente dei Crotalidi *Bothrops jaracussu,* diffuso in Brasile, lungo ca. un metro e mezzo, simile al *ferro di lancia* e al *jararaca* [da una voce di origine tupi]
kraal s.f. *afrikaans*. Il recinto per il bestiame preso le popolazioni bantu e ottentotte dell'Africa Merid. ; ***estens***., insediamento tradizionale dei popoli dell'Africa merid. costituito da un piccolo raggruppamento di capanne disposte in circolo o a ferro di cavallo. [dal port. *corral* 'recinto (per il bestiame'**]**
labrador <la-bra-dòr> s.m. ***1*** Qualità di baccalà proveniente dal Labrador, regione del Canada orientale. ***2***. Razza di cani da caccia (riporto e cerca, originaria del Labrador, ma allevata prevalentemente in Inghilterra. [Dal nome del port. *Terra de lavradores*, 'Terra dei lavoratori, nel senso di schiavi]
lisbonese <lis-bo-né-se> agg.e s.m. e f. Di *Lisbona*, capitale del Portogallo; abitante, nativo di Lisbona.
lisbonina <lis-bo-nì-na> s.f. Nome dato in Italia alla *portugueza*, moneta d'oro della prima metà del XIX sec. [Dal nome della città di Lisbona]
lisbonino <lis-bo-nì-no> agg. E s.m. (f.-a). Lo stesso che *lisbonese.*
lusiade <lu-sì-a-de> agg. e s.m., *lett*. Della regione iberica corrispondente all'antica Lusitania, lusitano; *estens*. , portoghese. [Termine desunto dal poema *Os Lusíadas* di L.Vaz de Camões (1525-1580)]
macaco <ma-cà-co. S.m. (pl.-*chi*) ***1***. Nome comune dei Mammiferi primati appartenenti al genere omonimo (v.oltre), part.riferito alla specie *Macaca sylvana*, detta anche *bertuccia*, vivente in piccoli branchi capeggiati da un vecchio maschio nelle zone montane dell'Algeria, del Marocco della Tunisia (...) ***2***. fig. Uomo ridicolamente goffo e inesperto, tonto, buono a nulla, in espressioni più scherzose che offensive. ***3.*** nella sistematica: ***Macaco,*** genere di Mammiferi primati Cercopitedici comprendenti ca. 12 specie arboricole o viventi sul terreno (...). [Dal port. *macaco* der. da una voce africana nei sign. 1-2; lat.scient. *Macaco*, dal prec., nel sign. 3]
macao <ma-cà-o> s.m. altro nome dell'*Ara macao*, grosso pappagallo dell'America merid. dal bellissimo piumaggio variopinto di rosso, blu, verde e giallo (v. ARA[3]) [Dal portoghese macao, di origine incerta]
machete[2] s.m. port. piccola chitarra popolare portoghese, a forma di pesce, con quattro corde.
macumba s.f. rito propiziatorio, in cui si fondono elementi pagani di origine africana e influssi di cristianesimo popolare, accompagnato da musica e danze: è diffuso in Brasile e nelle Antille. ♦ **estens**. pratica magica [voce brasiliana, forse legata alla congolese *makumba* (pl. di *kumba* 'ombelico'), con riferimento alla danza rituale.
macumbato agg. e s.m. (f. –a) succubo della macumba, che si muove come un automa: *con gesti da macumbati raccattavano scatole* (Biancardi). [Der. di macumba].
macuta s.f. port. Moneta divisionale dell'Angola, del periodo coloniale portoghese.
manachino s.m. Nome degli uccelli della famiglia dei Pipridi, con abitudine simile a quelle delle nostre cincie, diffusi nell'America centr. e merid. dal Messsico al Rio de la Plata.[dal port. *manaquim*, da una voce indigena sudamericana.]
mandarino s. m. e agg. ***1.*** s. m. Termine con il quale dagli stranieri venivano designati i funzionari civili e militari dell'Impero cinese ♦ ***estens***. Alto funzionario o burocrate. ***2.*** agg. *Lingua m.*, nome dato in passato alla lingua ufficiale cinese, (...) [dal port. *mandarim*, alterazione del malese *mantri*, a sua volta der. del sanscrito *mantrin*- 'consigliere'].
mangabeira s.f. Nome di origine brasiliana com. attribuito alla pianta *Hancornia speciosa*.[dal port. *mangabeira*, der. di *mangaba*, nome tupì del frutto della pianta]

mango s.m. (pl.-ghi). Albero delle Anacariacee (M*angirera indica*), originario della Malesia, coltivato in India, e Sri Lanka, nella Penisola Indocinese e anche in Florida, nelle Canarie e a Madera; (...)♦ Il frutto della pianta, di sapore intermedio fra quello dell'albicocca e dell'ananas, apprezzatissimo nei luoghi di origine, ma meno nei pesi europei perché emano odore di trementina [Dall'ingl. *mango*, che è dal port. *manga*, a sua volta dal tamil *mãnkãi*].
mangusta (o *mangosta*) s.f. Nome comune dei Mammiferi Viverridi della sottofamiglia degli Erpestini; cacciatori assidui di serpenti velenosi, con particolare riferimento alle specie ascritte ai generi Erpeste (...) [dal fr. *mangouste*, che è dal maratto *mangus*, attraverso il portoghese)
manihot. S.f. genere di piante Euforbiacee comprendente 150 specie. (...) Ne fanno parte la *Manihot utilissima*, nota col nome di manioca, estesamente coltivata per i tuberi e la *manihot* glaziovii coltivata per il latice da cui si estrae il *caucciù ceara*[lat. scient. Manihot, da una voce tupi (Brasile) che indica la manioca]
maracujá s.f. *port*. Altro nome della *granadiglia* [voce tupi].
margosa s.f. Altro nome della pianta *Melia azedarach*, detta com. *Azedarach*, dai semi della quale si ricava un olio detto *olio di m.* (...) [dal port. *amargoso* (f. –*sa*) 'amaro']
margosico agg. (pl. –ci) Acido m.: acido grasso monocarbossilico insaturo contenuto nell' olio di margosa.
margosina s.f. alcaloide estratto dalla corteccia della pianta Melia asedarach [der. Di margosa, col suff.-ina]
marmellata s.f. conserva alimentare zuccherata, costituita dalla polpa (e talvolta anche dalla scorza) di frutti diversi sottoposti a opportuni trattamenti. ♦ ***fig***. Miscuglio incongruo. [Dal port. *marmelada*, da *marmelo* 'cotogno, perché in antico veniva fatta quasi esclusivamente con le mele cotogne].
matamata s.f. nome comumente attibuito alla testuggine *Chelys fimbriata* delle acque dolci della Guyana, del Venezuela e del Brasile; v. CHELIDE. [adatt. port. di una voce tupi]
milreis s.m. port. unita monetaria del Brasile, divisa in 1000 reis, sostituita nel 1942 dal cruzeiro. ♦unita monetaria del Portogallo sostituita nel 1911 dall'*escudo.*
monesia s.f. albero delle Sapotacee (*Chrysophyllum glycyphoelueum*) tipico della foresta brasiliana. [dal port. brasiliano, *monesia*, addatt. da una voce indigena].
mocó[2] s.m. (pl. –chi) . Roditore dei Cavidi (*Kerodon reupestris*), viventi sui montidel Brasile(...) adatt. da una voce tupi]. orientale.
mussurana s.f. nome locale del rettile *Pseudoboa cloelia*, diffuso in Brasile per distruggere le specie velenose. [voce di origine portoghese]
nambi-uvu s.m. grave malattia dei giovani cani da caccia, endemica in Brasile, caratterizzata da fenomeni emorragici; è provocata da un protozoo (*Rangelia Vitalii*)e trasmessa dalle zecche. [da una voce indigena del Brasile]
nandiroba s.f. nome indigeno di alcune piante Cucurbitacee dell'America tropicale, da cui semi si ricava un olio semisolido per svariati usi industriali. [dal port. *nhandiroba*]
ocuba s.f. *Cera di o.*: cera di colore giallo o verde scuro, di consistenza molle, e dall'odore di resina che si ricava dai semi della pianta *Virola sebifera* (sinonimo di *Myristica virola*, *Myristica ocuba*); contiene esteri degli acidi miristico, stearico, palmitico e oleico. [Dal. port. *ocumba* o *ucuuba*, nome dell'albero, che è una voce tupi.
padrão s.m.port. nome dei cippi commemorativi che i navigatori portoghesi del sec.XV, procedendo lungo la costa occidentale dell'Africa, ponevano volta a volta nel punto estremo raggiunto o in località di sbarco.[der. di *pedra* "pietra"]
pagoda <pa-gò-da> s.f. ***1.*** Edifício sacro dell'estremo oriente, imitato dall'architettura europea, spec. del sec. XVIII: è caratterizzato da un numero per lo più dispari di piani (tre, sette, nove e persino tredici) (...) ***2.*** In numismatica, nome di monete indiane d'oro coniate dal sec. XVIII al XIX (così dette dal tipo raffigurante un tempio) ***3. arc***. Idoletto o figurina di porcellana di provenienza cinese o indiana. [dal port. *pagode*, che è una voce dell'indiano medio; propr. "divino"].
pagodite s.f. minerale: sin. Di agalmatolite [der. di *pagoda*, col suff. –*ite* nel sign. **1** con allusione che è usata da cinesi e giapponesi per sculture minute.]
palanchino[1] s.m. portantina destinata in passato a personaggi ragguardevoli nell'Estremo Oriente. [dal port. *palanquim*, prob.dal sanscrito *paryanka* 'letto'].
paranco[2] s.m. (pl.-*chi*) imbarcazione da trasporto alquanto lenta usata in India al tempo della dominazione portoghese [adatt. di una voce indostana, attraverso il portoghese]

pareira s.f. mome comune di alcune piante Menispermacee dell'Amercia merid. in particolare della pianta *Chondrodendron tomentosum* [dal port. *pareira*].
paricà s.f. nome dato dagli indigeni dell'America merid. a una polvere inebriante di origine vegetale. [da una voce tupi, attrav. lo sp. e il portoghese]
paulista[1] s.m. (pl.-*i*). proprio della città de dello stato brasiliano di San Paolo; abitante, nativo di San Paolo (città o stato) [dal nome portoghese della città e dello stato].
pé s.m. *port.* unità di misura di lunghezza usta in Portogallo e in Brasile, equivalente a 12 *polegadas* (pollici), ossia a 33 centimetri**.**
peça s.f. *port.* Moneta d'oro portoghese, del valore di quattro scudi, coniata nei secc. XVIII e XIX [affine all'it. p*ezza***]**
pereirina s.f. Alcaloide dotato di potere febbrifugo, contenuto nella corteccia della pianta *Geissospermum laeve* (v. GEISSOSPERMO). [dal port. *pereiro,* nome della pianta dalla quale si ricava, col suff. -ina].
peroba s.f. albero delle Apocinacee (*Aspidosperma polyneuron*), delle foreste brasiliane, da cui si ricava uno dei legni più pregiati, ricercatissimo in enamisteria. [dal port. *peroba,* dal tupì (*i*) *peroba*).
piassava <pias-sà-va> s.f. Fibra tessile che si ricava dalle foglie di diverse palme come *l'Attalea funifera* (.ATTALEA); (...) é usata per fare spazzole, scope e cavi per usi di marina [voce di origine tupi]
piragna <pi-rà-gna.> s.m. adatt. it. non com. di *piranha* (v.).
piranha <pi-ran-ha; pronuncia *pirània*>. S.m.pl. Nome comune dei pesci Caracidi appartenenti al genere *Serrasalmo*, famosi per la loro aggressività, che non ha l'eguale fra i pesci, e la loro voracità, tanto che sono chiamati anche pesce tigre. (...) [voce portoghese, dal tupi *piraya*; propr. "forbici"]
pitanga <pi-tàn-ga> s.f. Pianta arborea delle mirtacce *(Eugenia uniflora*), propria del Brasile, coltivata perché ornamentale nella Riviera ligure; coi suoi frutti eduli, rossi, di sapore dolce-acidulo molto gradevole, si fanno marmellate e gelati. (voce di origine tupi**)**
pitango s.m. Genere di Uccelli Tirannidi , rappresentato da due solo specie (...) la più nota *Pitangus sulphuratus*. [lat scient. *Pitangus*, da una voce tupi dell'America merid.]
polegada s.f., *port.* (pl. *polegadas*) Unità di misura (pollice') anticamente usata in Portogallo e in Brasile; equivante a 2m [der. di *polegar* 'pollice']
porto[3] **<**pòr-to> s.m. Nome di alcuni vini da dessert o usti come aperitivi, prodotti nella regione attraversata dal basso corso del Douro (...) [da *Porto*, nome portoghese della città di *Oporto*].
portoghese <por-to-ghé-se> agg. e s. m. e f. ***1.*** agg. e s.m. e f. Del Portogallo ♦*Lingua* p. (o *il portoghese*, s. m.) (...) ***2.*** s.m.e.f. (*fig*) Chi riesce a introdursi, senza pagare, fra il pubblico presente a uno spettacolo o a una competizione (...) ***3.*** s. m. Vitigno originario del Portogallo, diffuso nell'Italia settentrionale;
real[2] s.m., *port.* (pl. *réis*). ***1.*** Nome di un'antica moneta portoghese e poi brasiliana. ***2.*** Unità monetaria del Brasile [Stesso etimo della voce precedente]
romanceiro s.m. port. raccolta di poesia e leggende popolari portoghesi. [der. di *romance*, affine lo sp. Romance]
sagù <sa-gù> (o *sago*) sm. Fecola che si ricava dal tronco di varie Palme e dal fusto di alcune piante delle Cicadacee, usata soprattutto per l'estrazione di glucosio e come alimento dalle popolazioni equatoriali. [Dal fr. *sagou*, port. *sagu*, da una voce malese.
samba <sàm-ba> s.m. o f. invar. Danza di origine brasiliana in tempo 2/4 moderato, com accompagnamento sincopato. [Dal port. *samba*, di origine brasiliana].
sambaqui s.m. *port*. Nome di cumuli di valve di molluschi delle coste brasiliane, contenenti notevoli resti e sepolture di antiche popolazioni. [Voce di origine guaraní; propr. "collina di conchiglie"].
sambata <sam-bà-ta> s.f. Maratona di samba. [der.di *samba*].
sambista <sam-bìs-ta> .s.m. e f (pl. m. –i). Ballerino, autore, cantante di samba).
sambodromo <sam-bò-dro-mo> s.m. locale pubblico, generalmente legato a una scuola di samba, destinato al ballo del popolare ritmo latino-americano. [comp. di *samba* e *–dromo*, sul modello di *ippodromo* e simili].
saudade s.f. *port***.** L'atteggiamento di nostalgico rimpianto, ritenuto caratteristica spirituale del popolo portohese, spec. Nelle sue manifestazioni letterariee musicali. [dal lat. *solĩtas –atis* 'solitudine].

seriema <se-riè-ma> s.m. Nome della specie *Cariama cristata*, detta anche *nandù dalla cresta*, diffuso nei luoghi aperti o con vegetazione arborea molto rada del Brasile. (...) Dal tupi *seriema* o *çariama*)
serra[5] s.f. *port*. (pl. *serras*). Linea di alture o catena di monti con linea di alture molto intagliata [Dal lat. *serra* 'sega']
serradella <ser-ra-dèl-la> s.f. Erba annua delle Papilionacee (*Ornithopus sativus*) comune allo stato spontaneo nei paesi occidentali e meridionali dell'Europa e nell'Africa settentrionale (...) [dal port. *serradela*, der. di *serra*[2]].
sertão s.m. *port.* Designazione di regioni interne del Brasile rappresentate da una zona forestale rada e ricca di specie vegetali adatte spec. all'allevamento del bestiame.
surilho s.m. *port*. Nome indigeno dei Mammiferi carnivori appartenenti al genere *Conepato*, diffuso sul continente americano.
surucucù <su-ru-cu-cù> s.m. Nome indigeno del serpente dei *Crotadili lachesis muta* <v.LACHESI).[voce di origine sudamericana].
tael s.m.port.**1.** unità di misura di peso in uso nei paesi dell'Asia orient., con valori variabili da paese a paese.**2**. antica unità monetaria della Cina.
Tamandua <Ta-man-dù-a> s.m. genere di Mammifere sdentati Mircofagidi, rappresentato da sola specie *Tamunadua tetradactyla*, diffusa nelle foreste e nelle savana dell'America centr. e merid. sino all'Argentina. Simile all'aspetto al formichiere, ma di dimensioni molto più piccole, ha un corpo lungo anche più di 1 m. (...) [Lat.scient. *Tamandua* (s.f.) da una voce di origine tupi attraverso il portoghese]
Tanagra <Tan-gà-ra. Genere di uccelli Traupidi traupini: sin. di *tangara.*[lat.scient. *tangara*, dal port. *tangará*, dal tupi *tangara*]
tanga <tàn-ga> s. m. *invar.* ***1.*** Copri pudende femminile, in terracotta di forma triangolare e decorato con motivi geometrico-simbolici: é un reperto archeologico caratteristico soprattutto dell'America merid. ***2***. Costume da bagno per lo più femminile, assai sgambato, limitato spesso a un semplice coprisesso sostenuto da cordoncini [voce di origine tupi].
tapioca <ta-piò-ca> s.f. prodotto alimentare costituito da fecola di manioca granulata, usato come alimento dietetico [Dal port. *tapioca*, da una voce indigena brasiliana].
Tapirapé <Ta-pi-ra=pé> s.m.p. popolazione indigena del Brasile centrale stanziata a nord del fiume omonimo, a ovest del fiume Araguaia, e costituente un gruppo isolato della famiglia linguistica tupi-guarani. [Dal port. *Tapirapés*]
❒**tapiro** <ta-pi-ro> s.m. **1.** nome comune dei Mammiferi appartenenti al genere omonimo (v. Oltre). **2** Nella sistematica: Tapiro, genere di Mammiferi Perissodattili, l'unico della famiglia dei Tapiridi, comprendente quattro specie, tre diffuse nell'America centr. e merid., una nell'Asia sud-orientale.(...)[Lat. scient. *Tapirus*, dal guaranì *tapyrá*, attraverso il port. *tapir*].
tapiroide <ta-pi-ròi-de> agg. In ginecologia, di collo dell'utero di forma allungata, come la proboscide del tapiro. [Der. di *tapiro*, col suff.*-oide* 'a forma di'].
Tapuia <Ta-puia> s.m.pl. nome col quale gli etnologi indicano alcuni piccoli gruppi indigeni del Brasile nord-orientale, che presentano alcuni caratteri in comune col gruppo Gé, ma la cui identificazione etnica risulta oltremodo difficile per la mancanza di dati linguistici; coltivano il mais, praticano la caccia e la pesca e la raccolta di frutta fresca e del miele. [da una voce indigena *Tapùya*]
tarefa s.f. *port*. Antica unità di misura di superficie usata in Brasile, con valore variabile da 3.025 m^2 a 3.630 m^2 o a 4.356 m^2 a seconda dei vari stati.
teak s.ingl. in it.s.m. (com. pronunciato all'italiana *tèk*) **1.** albero delle Verbenacee (*Tectona grandis*)alto sino a 60 m., spontaneo nelle foreste dell'India e delle Filippine. **2**. Il legno che si ricava dalla pianta suddetta, uno dei più pregiati. [dal port. teca, di origine dravidica]
tifone <ti-fó-ne> s.m. **1.** denominazione dei cicloni tropicali dell'Oceano Pacifico e del Sudest asiatico. **2**. tempesta di vento vorticoso e distruttivo [Dal cinese *t'ai fung* 'vento violento', attraverso il port. *tufão*, raccostato al gr. *typhòon* 'turbine'].
tolda <tòl-da> s.f. **1.** Il primo ponte scoperto delle navi a vela del passato. ***2***. copertura di grossa tela incatramata, per riparare le barche tirate in secco durante la notte o quando piove.[Dal port. *tolda*, 'tenda'].
Tupinambà <Tu-pi-nan-bá> s.m.pl. Denominazione attribuita complessivamente alle molte tribù di lingua tupi-guaranì, oggi estinte, che abitavano la costa brasiliana, dalle foci del Rio delle Amazzoni fino a Cananea, nella parte meridionale dello stato di São Paulo.

Tupinambì <Tu-pi-nan-bì> s.m. Genere di rettile teidi rappresentato di quattro specie di grosse dimensioni, diffuse nelle zone boscose dell'isola di Trinidad e dell'America merid. a est delle Ande (...) [lat. scient. *Tupinambis*, dal fr. *Tupinambis*, dal port. *tupinambá*, che è da una voce indigena del Brasile

veranda <ve-ràn-da> s.f. Loggia o balcone, solitamente coperto, chiuso o chiudibile con vetrate o tende.[Dal port. *varanda*].

viado s.m. *port*. travestito brasiliano che esercita il meretricio in alcune grandi città italiane [Propr."cerbiato"].

zafra <zà-fra] s.f. Raccolata e lavorazione della canna da zucchero, a Cuba [dallo sp. z*afra*, port. *safra* 'raccolta, mietitura'].

❒**zebra** <zè-bra> s.f. ***1.*** Nome comune di diverse specie di Mammiferi Equidi del genere Equo (v.EQUO[2]) (...) ***2. fig.*** (al pl.) I giocatori della squadra di calcio Juventus, per la maglia a strisce bianche e nere ♦ ***pop.*** Atrtraversamento pedonale: è stato investito sulle z. – Appellativo dato alla macchina dei vigili urbani. **3.** legnoz. : il legno fornito dalla pianta Centrolobium robustum, in quanto mostra zone di bruno chiaro alternate con zone di bruno più scuro. [dal port. *zebra*, di origine incerta] ⇒TAV. COL. 79 MAMMIFERI

zebrare <ze-brà-re> v.tr.(*zèbro,* ecc.) Segnare a strisce alterne di colori contrastanti. [Denom. da *zebra*].

zebrina <Ze-bri-na> s.f. Genere di piante Commelinacee, comprendente quattro specie erbacee tropicali (...) [Lat. scien. *Zebrina,* da *zebra*, per la striatura delle foglie].

zebrino <zé-brì-no> agg. Marmo costituito da alternanza di livelli marmorei di calcare bianco-gialastri e di leibelli mormorei di colgore grigio-verdi (...) [der. di zebra, per le strisce].

Entradas do português no dicionário LZ.

ZINGARELLI. Nicola. *Lo Zingarelli.* Bologna: Zanichelli Editore, 2005. CD_ROM

acagiù o †**cagiù** [port. (*a*) *cajú*, prestito da una lingua del Brasile; 1587] **A s. m.1** (bot.) Mogano. **2** (*bot.*) Pomo derivato dall'ingrossamento del peduncolo fiorale dell'anacardio, che porta il vero frutto. **B** in funzione di agg. • (posposto al s.) Nella loc. **rosso acagiù**, particolare sfumatura di color rosso bruno che ricorda il colore del legno di mogano.

afoxé port.-brasiliano /afu'∫ε /[vc. port.-brasiliana prob. da *axé,* propr. 'energia'; 1993] **s. m. inv**. (**pl.** port. *afoxés*) • Strumento a percussione di origine brasiliana, costituito da una zucca essiccata e svuotata avvolta da una rete sulla quale sono fissate perline, semi, conchiglie che, al contatto con la zucca, producono un suono caratteristico.

albininismo [da *albino*; 1830] **s. m**. **1** (*biol.*) Assenza di pigmentazione, totale o parziale, della pelle, dei capelli, dei peli, dell'iride e di altri annessi cutanei dell'uomo o degli animali. **2** (*bot.*) Assenza di clorofilla nelle foglie e nel fusto, dovuta a mutazioni genetiche.

♦**albino** [port. *albino*, dal lat. tardo albinu(m) 'bianchiccio'; 1797] **agg.**; anche **s. m.** Che (o Chi) è affetto da albinismo.

albatro (2) [fr. *albatros* dal port. *alcatraz*, da una lingua indigena d'america:1797] **s.m**. • Specie grande di uccelli oceanici dei procellariformi, per lo più bianchi, con ali lunghe e strette adatto al volo continuato. | ***a.erratico***, specie di grande statura, tipica dei mari antartici (*Diomedea exalans*). ☞ ILL.animali/7

amok dal port. *amuco*, a sua volta dal malese *amuk*, n. della malattia riscontrata orig. negli indigeni della Malesia; 1970] **s. m. inv.** • (*med.*) Disturbo psicopatologico caratterizzato da accessi di furia aggressiva od omicida scatenati da un insulto reale o immaginario, durante i quali il soggetto attacca indiscriminatamente qualsiasi individuo.

ànanas o **ananás**, (tosc.) **ananàsse, ananàsso** nei sign. 1 e 2 [dal guaranì *nana*, attrav. il port. **ananaz**; av. 1764] **s. m. 1** Pianta delle Bromeliacee con lunghe foglie spinose ai margini, disposte a rosetta dal cui centro si alza uno scapo portante una spiga di fiori violacei (*Ananas sativus*). | Il frutto di tale pianta, simile nell'aspetto a una grossa pigna, costituito dai singoli frutti, dalle brattee, dal peduncolo. **2** Tipo di bomba a mano contenente un'alta dose di esplosivo che nell'aspetto ricorda vagamente il frutto omonimo.

animiformi [comp. del port. *anhima*, dal n. tupi dell' uccello, e il pl. di -forme; 1965] s. m. pl. (sing. -e) • Nella tassonomia animale, ordine di Uccelli dal becco corto e ricurvo e ridotta membrana interdigitale. (*Anhimiformes*).

aninga [vc. port. di orig. tupi; 1929]s. f. • (zool.) Genere di Uccelli dei Pelicaniformi, tipico degli ambienti tropicali e subtropicali, con lunghezza fino a un metro, collo sinuoso e livrea marrone scura o nera a disegni bianchi (*Anhinga).*

areca [port. *areca* di origine malese; 1525] **s. F.** • Palma con foglie pennate frutto a drupa (*Areca catechu*)

autodafé o auto da fé[port. *auto da fe* 'atto della fede'; 1781] **s. m. 1** (*st.*) In Spagna, durante l'Inquisizione, proclamazione solenne della sentenza dell'inquisitore seguita dall'abiura o dalla condanna di un eretico | Esecuzione sul rogo dell'eretico che non voleva sottomettersi all'abiura. **2** (*est.*) Abiura, ritrattazione: costringere qlcu. all'autodafé | Distruzione di qlco. a scopo provocatorio: fare un autodafé di quadri, di libri.

babaco [dal port. *babacu*; sec. XX] **s. m.** (**pl**. -chi) **1** (*bot.*) Palma del Brasile nord-orientale coltivata per l'olio che si estrae dalle sue drupe (*Orbygnia speciosa*). **2** (*bot.*) Alberello delle Caricacee coltivato nelle regioni a climi intertropicale e mediterraneo per le grandi bacche commestibili (Carica pentagona) | Il frutto di tale pianta.

babàssu [dal suo n. port. *babaçú* di orig. tupi; 1987] **s. m. inv**. • (*bot.)* Palma originaria del Brasile, dal cui frutto si estrae un olio per cosmetici e detergenti (*Orbignya martiana*) Il frutto di tale palma.

baiadeira [fr. Bayadère, dal portoghese *balhadeira* 'ballerina', da *balhar,* 'ballare'; 1858]; **A s.f.** • Danzatrice indù | (*est.*) Ballerina di avanspettacolo. **B** in funzione di **agg. inv**. • Detto di tessuto rigato a tinte vivaci in seta, cottone o lana.
bambù [port. *bambù*, dall'indiano *bambu*; 1585] **s. m. 1.** Denominazione di numerose specie di Graminacee, di taglia molto diversa, con fusto legnoso pieno o cavo, articolato, foglie lineari, brevi e picciolate, infiorescenze a pannocchia (*Arundinaria, Bambusa, Dendrocalamus*). **2.** Fusto nodoso, cilindrico e flessibile delle piante omonime, usato per fare bastoni da passeggio, canne da pesca, mobili, scatole.
bambusaia [da bambù con la s del ted. *Bambus;* 1942] **s. f.** • Terreno piantato a bambù.
♦**banana** [port. *banana*, da una lingua della Guinea; 1591] **s. f. 1** Frutto del banano: *un casco di banane* (*fig.*) **Scivolare su una buccia di banana**, incorrere in un errore o in un incidente imprevisto. **2** (*est.*) Rotolo di capelli a forma allungata, tipico di pettinature infantili. **3** (*est.*) Panino di forma stretta e lunga. **4** (*elettr.*) Tipo di spina a un solo polo usata per collegamenti provvisori, che si inserisce nella boccola.| **bananina, dim**. | **bananona, accr.**
bananeto [1942] **s. m.** • Piantagione di banani
bananicoltore [1955] **s. m**. (f. *-trice)* • Coltivatore di banani.
bananicoltura [1942] **s. f.** • Coltivazione dei banani.
bananiero [1802] **A agg**. • Relativo alle banane, spec. con riferimento al loro commercio: nave bananiera. **B s. m**. • Coltivatore, commerciante di banane.
banano [da banana; 1865] **s. m**. • Pianta tropicale delle Musacee alta fino a 5 m, con foglie inguainanti che simulano un tronco e si aprono in un'ampia corona nel mezzo della quale si formano i fiori e poi i frutti, gialli e oblunghi, riuniti in un'infruttescenza, detta casco (Musa sapientium) ***Banano tessile***, abacà.
baschina [fr. *basquine*, dallo sp. *basquina*, forma più castigliana del precedente *basquiña*, dal port. *vasquinha* 'proprio dei Baschi'; 1890] **s. f**. • Negli abiti femminili, parte di stoffa riportata, gener. sghemba, che va dalla vita al fianco.
batida port. /batʃida/[vc. port., propr. '(s)battuta, frullato', dal v. bater 'battere'; 1993]**s. f. inv.** (**pl**. port. *batidas*)
• Bevanda di origine brasiliana costituita da una miscela di succo di frutta e alcol, gener. di canna da zucchero.
berimbau port. [vc. del port. brasiliano propr. 'scacciapensieri'; 1992] **s. m. inv**. (pl. port. *berimbaus*) • Strumento musicale di origine brasiliana, formato da un arco di legno, dotato di una corda metallica che viene percossa da una bacchetta, e da una zucca vuota ed essiccata, che funge da cassa armonica, fissata a un'estremità dell'arco stesso
betel [port. *bété*l(e), nel Malabar *véttila*, comp. di veru 'semplice' e ila 'foglia'; 1508] **s. m**. **1** Pianta arbustiva rampicante delle Piperacee con foglie acuminate e aromatiche (Piper betle). **2** Bolo da masticare costituito da noce di areca, calce viva, aromi, avvolti in una foglia di betel, in uso nel mondo indo-malese.
boato (**2**) port. [vc. port. della stessa orig. di boato (1); 1985] **s. m**. (usato spec. al pl. port. *boatos*) • Nel linguaggio giornalistico, indiscrezione, voce di corridoio.
bonzo [port. *bonzo*, dal giapp. *bozū*; 1549] **s. m**. **1** • Monaco buddista. **2** (*fig.*) Persona che si dà arie di importanza e ostenta gravità.
bossa nova *port.* /bɔ.sʌ nɔvʌ/ [vc. port. del Brasile: 'tendenza (dal senso originale di 'bernoccolo') nuova'; 1965] **s. f**. **inv**. • Ballo d'origine brasiliana, derivante dal samba.
brasiliano [dal n. dello Stato del Brasile, in port. e sp. *Brasil*, così chiamato per l'abbondanza delle piante tintorie chiamate *brasili;* 1765] **A agg**.• Del Brasile*: flora, fauna, lingua brasiliana*. **B s. m**. (f. -a) • Abitante, nativo del Brasile. **C s. m**. solo sing. • Lingua portoghese parlata in Brasile.
bucchero o †buccaro [sp. *búcaro* 'vaso da bere' e 'terra profumata da vasi' dal lat. poculum 'coppa', prob. attrav. il port. *púcaro* (?); 1668] **s. m. 1** Terra odorosa, argillosa e nera, con cui sono fatti molti vasi etruschi | Terra rossastra, odorosa, proveniente da più Paesi, anche dall'America, molto di moda nel sec. XVII, usata anche per fare pastiglie e profumare gli ambienti. **2** Vaso fatto con tali terre: bucchero etrusco.

burraco [prob. dal port. *buraco* 'setaccio'; 1991] **s. m. inv.** • Gioco di carte affine alla canasta, di origine sudamericana, che si gioca con due mazzi di carte francesi completi di matte.
cacciù [malese *kachu*, attrav. il port. *cachú* e il fr. *cachou;* av. 1684] **s. m.** • (bot.) Catecù.
cachaça port. / ka'ʃassa/ [vc. port. propr. 'acquavite'; 1985] **s. f. inv**. (**pl**. port. *cachaças*) • Distillato di canna da zucchero, caratteristico del Brasile.
cacatua o **cacatoa** [malese *kakatuwa*, di etim. incerta, prob. attrav. il *port.*; 1708] **s. m**. inv. • Genere di pappagalli di media lunghezza, con grande becco robusto compresso lateralmente, testa sormontata da un ciuffo erettile e piumaggio di colore non appariscente (*Cacatua*).
caipirinha *port*. [vc. port. dim. di *caipira* 'contadino'; 1989] s.f. inv. (pl. port. caipirinhas) • Cocktail di cachaça, lime, zucchero di canna e ghiaccio tritato, tipico del Brasile.
calerna [port. *calem*(a): vc. afric. (?); 1970] **s. f.** • (*geogr.*) Grandioso frangente di onde lunghe e veloci su una costa alta.
campos *port*. /kãmpuʃ/ [stessa etim. dell'it. *campo*; 1955] s. m. pl. • Savane situate a sud delle foreste del bacino del Rio delle Amazzoni.
canga (**2**) [port. *canga*, d'orig. orientale; 1923] **s. f**. • Anticamente, tavola quadrata che, nei Paesi orientali, veniva fissata al collo del condannato e non gli permetteva di nutrirsi da solo né di riposare.
cantiga port. /kanʊtiga/ [vc. sp. e port., propr. 'cantica'; 1929] **s. f. inv**. (**pl**. port. *cantigas*) • Componimento lirico medioevale in lingua gallego-portoghese.
capibara o capivara [vc. portoghese di orig. tupi; 1803] **s. m. inv.** • Mammifero dei Roditori simile a una cavia, con corpo tozzo, privo di coda, piedi atti al nuoto, diffuso in America del Sud (*Hydrochoerus hydrochoeris*).
carioca [vc. port. di origine tupi comp. di cari 'bianco' e oca 'casa'; 1939] **A s. f. inv**. • Danza popolare sud-americana. **B s. m**. e **f.** inv.; anche **agg. inv**. • Abitante di Rio de Janeiro (*est.*) Brasiliano.
caravella (**1**) [port. *caravela*, da *caravo* 'nave asiatica a vele latine', dal lat. tardo *carabu*(*m*) 'granchio', poi 'piccolo battello', dal gr. *kárabos* 'granchio marino', poi 'battello'; av. 1336] **s. F.** •Nave a vela veloce e leggera a un solo ponte con tre o quattro alberi usata spec. da Portoghesi e Spagnoli nel XV-XVI sec.
caravella (**2**) [detta così perché adoperata per gli assiti delle *caravelle*; sec. XIV] **A s. f.** • Colla forte da falegname. **B** anche **agg**. solo **f**.: *colla caravella.*
carbonado [port., propr. 'carbonato'; 1892] s. m. • (miner.) Varietà nera durissima di diamante.
carioca [vc. port. di origine tupi comp. di *cari* 'bianco' e *oca* 'casa'; 1939] **A s. f. inv.** • Danza popolare sud-americana. **B s. m.** *e* **f. inv**.; anche **agg. inv.** • Abitante di Rio de Janeiro | (*est.*) Brasiliano.
carnaúba [dal guaranì, attrav. il fr. carnauba; 1865]s. f. •Sostanza cerosa che essuda dalle foglie di una palma brasiliana, usata spec. per le creme da calzature e per la cera da pavimenti.
casta [port. *casta* 'razza pura', dal lat. *castu*(*m*) 'casto'; 1583] **s. f. 1** Ciascuno dei gruppi sociali che, rigidamente separati tra loro in base a leggi religiose o civili, inquadrano in un sistema sociale fisso i vari strati della popolazione: la casta dei bramini. **2** (*est.*, spreg.) Gruppo di persone che, caratterizzate da elementi comuni, hanno o pretendono il godimento esclusivo di determinati diritti o privilegi: quel Paese è dominato da una casta di militari. **3** (*zool.*) Tra gli Insetti sociali, gruppo di individui diversi per morfologia e fisiologia che coabitano e collaborano tra loro.
cavia [lat. scient. *cavia*, dal port. brasiliano *cavia* 'topo', vc. della lingua tupi; 1875] **A 1** Genere di Roditori con testa tondeggiante, piccolo muso allungato, coda ridotta e arti brevi (Cavia) | Cavia comune, roditore americano con orecchie brevi, privo di coda, usato per esperimenti nei laboratori scientifici (Cavia cobaya). SIN. Porcellino d'India. **2** (**fig**.) Ogni animale o persona sottoposta a esperimenti scientifici, indagini sociologiche e sim.: cavia umana | (est.) Chi si presta a compiere per primo un'impresa rischiosa: fare da cavia. **B** in funzione di agg. Inv. • (posposto a un s.) Sperimentale, sottoposto a esperimenti, prove, verifiche e sim.: *città cavia*; *uomo cavia*.
china (3) [da China, var. di Cina; av. 1696] s. f. • (ellitt.) Inchiostro di china: passare un disegno a china; disegnare a china | (est.) Disegno ottenuto con tale inchiostro.
centavo *port*. **s. m. inv**. (pl. port. e sp. *centavos*) • Moneta divisionale di varie monete sudamericane.
chapada não apresenta

cobra [port. *cobra*, dal lat. *colubra*(*m*) 'femmina del serpente'. V.colubro; 1797] **s. m. inv.** • Denominazione dei serpenti Colubridi appartenenti al genere Naia, caratterizzati dal veleno potentissimo ***Cobra egiziano***, aspide di Cleopatra ***Cobra indiano***, serpente dagli occhiali.

cocco (**1**) [port. *coco* 'smorfia' e 'orco', per l'aspetto del frutto; 1514] **s. m**. (pl. -chi) Pianta tropicale delle Palme, molto alta, con un grosso ciuffo di foglie pennate all'apice, e frutto ovoidale contenente un grosso seme (*Cocos nucifera*) | ***Noce di cocco***, frutto del cocco |***Latte di cocco***, liquido bianco e dolce contenuto nella noce di cocco | ***Olio di cocco***, sostanza grassa ricavata dalla polpa essiccata della noce di cocco, usata nell'industria alimentare e in quella dei cosmetici | ***Fibra di cocco***, fibra legnosa della noce di cocco, usata per spazzole, tappeti, cordami.

coguaro [fr. couguar, dal port. cucuarana, grafia errata per il guaranì susuarana; 1838] **s. m.** • (zool.) Puma.

commando (**1**) [vc. ingl., dal port. *commando* 'comando (1)'; 1900] **s. m. inv**. (pl. ingl. commandos o commandoes) **1** Reparto di pochi soldati incaricato di missioni speciali o pericolose in operazioni combinate per colpire obiettivi nemici con ardite incursioni di sorpresa. **2** (est.) Gruppo armato, composto di poche persone, che compie rapide azioni criminose, spec. terroristiche.

copra [port. *copra*, di orig. indostana; 1892] **s. f**.• Albume essiccato della noce di cocco da cui si estrae un olio.

cornac [port. *cornaca*, dal singalese *kuruneka*; 1974] s. m. inv.• Conducente e custode di elefanti, in India.

cruzeiro port. [port., *da cruz* 'croce'; 1950] **s. m. inv**. (pl. port. *cruzeiros*) • (econ.) Vecchia unità monetaria del Brasile, sostituita dal real.

dodo o dido [port. *dodo* 'semplicione', d'etim. incerta; 1881] **s. m**. • (*zool.*) Dronte.

escudo *port*. [dal lat. *scutu*(*m*), per lo 'scudo' impressovi; 1892] **s. m. inv**. (**pl.** port. e sp. escudos) • Unità monetaria circolante in Capo Verde e Portogallo. **SIMB**. Esc.

fado (**2**) port. /fadu/[vc. port., dal lat. *fatu*(*m*) 'fato, destino'; 1963] **s. m. inv**. (**pl**. port. *fados*) • Canzone popolare portoghese di intonazione nostalgica.

favela port. [vc. del port. brasiliano, propr. 'alveare', dal lat. *favu*(*m*) 'favo'] **s. f. inv**. (pl. port. *favelas*) • Quartiere di baracche costruite spec. alla periferia di grandi città brasiliane.

♦**fazenda** port. [vc. port., dal lat. *facienda* 'cose da farsi' (V. faccenda); 1892] **s. f. inv**. (pl. port. *fazendas*) • Azienda agricola brasiliana.

fazendeiro port. [vc. port., deriv. di *fazenda*; 1934] s**. m. inv**. (**pl.** port. *fazendeiros*)• Chi possiede o conduce una fazenda.

feijoa port. /fʌi'ʒoʌ/ [dal n. del botanico brasiliano J. De Silva Feijo; 1988] **s. f. inv**. (**pl.** port. *feijoas*) **1** (*bot.*) Genere di piante delle Mirtacee con due sole specie distribuite nelle regioni temperate dell'America meridionale (Feijoa). **2** (*bot.*) Arbusto sempreverde delle Mirtacee originario dell'America meridionale, coltivato anche in Europa per le sue bacche commestibili con profumo di ananas (Feijoa sellowiana) | Il frutto di tale pianta.

feijoada port. [vc. port. da *feijão* 'fagiolo'; 1991] **s.f. inv.** (pl. port. *feijoadas*) • (cucina) Piatto a base di fagioli neri, carne di suino e verdure, tipico della tradizione portoghese e brasiliana.

feticcio [fr. fétiche, dal port. *feitiço*, dal lat. *facticiu*(*m*) '(idolo) falso'. V. fattizio; 1803] **s. m. 1** Oggetto che, nelle religioni di molti popoli primitivi, si ritiene dotato di forza e potere magici; composto gener. di vari elementi vegetali, animali, umani e minerali, in forma di statua o immagine. **2** (*fig.*) Ciò che è oggetto di ammirazione esagerata, fanatica: ogni epoca ha i suoi feticci; l'automobile è un feticcio nella società contemporanea. SIN. Idolo.

fetish ingl. [vc. ingl. di orig. port., propr. 'feticcio'; 1985] **A s. m. inv**. • (psicol.) Feticismo. **B agg. inv**. • (psicol.) Feticista, feticistico: l'immaginario fetish.

fluminense o **fluminiense** [port. *fluminense*, dal lat. *flumen*, genit. *flumini*s 'fiume', per allusione al port. 'fiume'] **agg**.• Della regione di Rio de Janeiro

gallego [port. *galego*, dal lat. *Gallaecus* 'della Galizia (Gallaecia)'; av. 1533] **A agg.** (**pl. m. -***ghi*) • Della Galizia, regione della penisola iberica. **B s. m**. solo sing. Varietà dialettale della lingua portoghese, usata anche nella letteratura del sec. XIII.

giunca [malese djong, noto ai viaggiatori portoghesi che ne trasmisero la var. m. junco; av. 1525] s. f. Imbarcazione di origine cinese spesso a fondo piatto, a due o più alberi, con vele formate da stuoie di canne parallele.
guinare [port. *guiñar* 'straorzare'; 1889] **v. intr**. (aus. avere) • (mar.; disus.) Guizzare.
imbarazzamento [av. 1527] **s. m.** (raro)• Imbarazzo.
imbarazzante [av. 1729] part. pres. di *imbarazzare;* anche **agg.** Che mette in imbarazzo, a disagio: *una domanda, una situazione imbarazzante.*
♦ **imbarazzare** [sp. *embarazar* 'impedire', dal port. *embaraçar*, da *baraça* 'laccio', di etim. incerta; av. 1557]
A v. tr. 1 Rendere difficile impacciando: imbarazzare i movimenti | Ingombrare: troppi mobili imbarazzano la stanza | Imbarazzare lo stomaco, appesantirlo mangiando cose indigeste. SIN. Intralciare. **2** (*fig.*) Mettere qlcu. in una situazione di disagio, confusione e sim.: le sue domande lo hanno imbarazzato. **B imbarazzarsi v. intr. pron. 1** Essere preso da imbarazzo: davanti a estranei s'imbarazza subito. SIN. Confondersi. **2** (*tosc.*) Impicciarsi: non imbarazzarti di codeste cose.
imbarazzato [1535 ca.] part. pass. di *imbarazzare*; anche **agg.1** Impacciato | *Stomaco imbarazzato, appesantito.*
2 (*fig.*) Che è in una situazione di disagio, di confusione: *davanti a quella personalità si sentiva imbarazzato.*
|| **imbarazzatamente, avv.**
imbarazzo [da *imbarazzare;* 1535 ca.] **s. m. 1** Impaccio, ingombro nei movimenti o nell'agire: *tanti bagagli mi sono di imbarazzo* | ***Imbarazzo di stomaco***, pesantezza causata da cibo non digerito. SIN. Difficoltà, impedimento. **2** Stato di disagio, confusione, turbamento e sim., dovuto a varie cause: *essere, trovarsi, mettere in imbarazzo; sosteneva che fosse una fissazione in lei ... l'imbarazzo che diceva di provare davanti a tutti gli uomini* (PIRANDELLO). SIN. Impaccio. || ***imbarazzuccio,*** dim.
3 Perplessità, incertezza: provare l'imbarazzo della scelta fra cose ugualmente desiderabili.
imbarazzuccio, dim.
inàmbu [dal tupi *inambú* 'pernice'; 1967] **s. m.** • Uccello sudamericano, gregario, simile a una grossa faraona (Rinchotus rufesces)
ingá [tupi engá, ingá; 1834**] s. f.** • Pianta tropicale delle Mimosacee con foglie pennato-composte, frutti dolci commestibili, usata anche in medicina (Inga edulis).
ipecacuana [port. *ipecacuanha*, dal n. tupi, che s'interpreta 'arbusto (ipe) della foresta (kaá), che fa vomitare (gueê-m-a)' (?); av. 1718] **s. f.** • Arbusto brasiliano delle Rubiacee con radici ramificate e provviste di rigonfiamenti, da cui si estrae una droga ad azione espettorante ed emetica *(Cephaëlis ipecacuanha*).
jacaràndа [sp. e port. *jacarandá*, vc. di orig. tupi; 1972] **s. f.** • Genere di piante tropicali delle Bignoniacee, alcune delle quali forniscono il legno di palissandro (*Iacaranda*)
kraal [vc. afrikaans di orig. port. (da *corral* 'recinto per il bestiame', 'chiusura', di etim. incerta); 1905]**s. m.inv.**
• Tipico stanziamento di alcuni popoli sudafricani, costituito da capanne ad alveare disposte in circolo, che circonda il recinto del bestiame.
labrador o lavrador [dalla regione di provenienza, il Labrador canadese, dall'ant. denom. port. *Terra de Lavradores* 'terra di schiavi (propr. lavoratori)'; 1942**] s. m. inv. 1** Merluzzo, baccalà proveniente dal Labrador.
2 Razza di cani da riporto, originaria del Labrador ma allevata soprattutto in Inghilterra.
lambada [vc. sp. e port. di orig. sconosciuta: legata, forse, al port. brasiliano *lambada* 'scompostezza'; 1989**] s. f.** • Danza ritmica di origine brasiliana caratterizzata da movimenti molto sensuali, diffusasi in Europa negli anni 1980-90
lisbonese [adattamento del port. *lisbonense*; 1834] **A agg.** • Di Lisbona. **B s. m. e f**. • Abitante, nativo di Lisbona.
lori [port. *louro* 'scimmia', di etim. incerta (?); 1803] **s. m. inv**. • Piccola proscimmia indiana con tronco esile, capo piccolo e tondeggiante e grandissimi occhi rosso-giallastri, luminescenti (*Loris gracilis*).
lusiade [port. *Lusiadas*, parallelo di *Lusitanos* 'Lusitani', entrato in uso nel periodo umanistico; 1818] **A agg.**

• Dell'antica Lusitania, odierno Portogallo. **B s. m. e f.** • Abitante, nativo della Lusitania.
macaco o (raro) **macacco** [port. *macaco*, vc. proveniente dall'Angola; 1704 ca.] **s. m.** (**pl.** -chi) **1** Genere di scimmie dei Cercopitecidi con coda pendente non prensile, callosità nelle natiche e arti anteriori non più lunghi dei posteriori (Macacus). SIN. Maimone. **2** (fig.) Uomo goffo e sgraziato, o sciocco, stupido.
macao (**1**) [port. *macao*, di orig. indostana] **s. m**. (*zool.*) • Ara.
macumba [vc. port.-brasiliana, di orig. africana, forse connessa al congolese *makumba*, pl. di *kumba* 'ombelico', con riferimento alle danze che accompagnano il rito; 1982] **s. f. 1** Rito propiziatorio diffuso in Brasile e nelle Antille, accompagnato da musica e danze, caratterizzato dalla fusione di elementi pagani e cristiani. **2** (est.) Pratica magica, stregoneria.
♦**mandarino** (**1**) [port. *mandarin*, dal malese *mantarî*; 1562] **A s. m. 1** Funzionario civile dell'antico impero cinese. **2** (*est.*) Alto funzionario o personaggio potente e influente. **3** (*solo sing.*) Lingua mandarina. **B agg.** • Cinese mandarino, lingua mandarina, denominazione della lingua ufficiale e letteraria cinese.
mango [port. *manga*, vc del Malabar;av. 1725] **s.m** (**pl** –ghi) • Albero delle Anacardiacee, coltivato nelle zone tropicali, che produce frutti polposi, commestibili, e molto pregiati (*Mangifera laurina*) Il frutto di tale pianta.☞ **ILL.pianta/5.**
manioca [vc. indigena tupi; 1549] **s. f.** •Frutice brasiliano delle Euforbiacee con radici rigonfie ricchissime di amido da cui si estrae la tapioca (*Manihot utilissima*). SIN. Cassava.
marabùt o **marabutto** [fr. *marabout*, dal port. **marabuto**, dall'arabe *murãbit* 'addetto alla guardia di un posto di frontiera', poi 'eremita', 1847] **s. m. 1** Combattente della guerra santa, nell'Islam | (*est.*) Santone, asceta, eremita. **2** (*est.*) la tomba ove un marabut é sepolto
maraca port. /ma'raka/ [port. *maracá*, v. di orig. tupi; 1958] **s. f.** (pl. port. *maracas*) • Strumento musicale di origine sudamericana, costituito da una zucca vuota o da una sfera di legno, riempita di semi secchi o di piccole pietre, che viene agitata ritmicamente.
maracujá /*port.*m ku'ʒa, mara-/ [dal tupi *maracuyá*] **s.f. inv**. (**pl.** *maracujás*] • (*bot.*) Granadiglia.
marmellata [port. *marmelada,* da *marmelo* 'cotogna', dal lat. *melimelu*(*m*) dal gr. *melímelon*, comp. di *méli* 'miele' e *mêlon* 'mela'; 1579] **s. f.** • Nella classificazione merceologica, conserva di agrumi lasciati cuocere, con aggiunta di molto zucchero, fino ad ottenere una buona consistenza Nel linguaggio comune, confettura di frutta: marmellata di ciliegie, di castagne. **CFR.** Gelatina.**2** (*fig.*) Miscuglio confuso, guazzabuglio: *la marmellata dell'informazione pubblicitaria*.
†**mascavato** [sp. (*azúcar*) mascabado, dal port. *mascavado* 'non raffinato', dal lat. parl. • *minuscapare*, da *minus* caput 'persona privata di diritti civili', propr. 'minor capo'; av. 1705] **s. m**. • Zucchero greggio.
matamata [vc. tupi; 1957] **s. f**. • Tartaruga sudamericana di acqua dolce, con lungo collo, testa triangolare e appiattita e muso che si prolunga in una specie di proboscide sottile (*Chelus fimbriatus*).
paca [port. *paca*, dal tupi *paca*; 1563] **s. m. inv**. • Roditore delle foreste dell'America centrale e meridionale, dotato di abitudini notturne, privo di coda e con pelame ispido (*Cuniculus paca*).
pagoda [port. *pagode*, dal pracrito *bhagodi* 'divina', dal sanscrito *bhagavati* 'beata'; 1554] **s. f**. **1** Monumento sacro, o edificio di culto buddista, avente generalmente l'aspetto di una torre che va gradatamente aumentando di ampiezza verso la base, divisa in vari piani, ognuno dei quali con tetto a falde spioventi: le pagode indiane, birmane, cinesi, giapponesi | ***Tetto a pagoda***, a falde spioventi e a linee curve. **2** Statuina di porcellana cinese o indiana spesso con testa mobile. **3** Moneta d'oro indiana del XVIII sec
palanchino (**2**) [dal port. *palanquim*; av. 1602] **s. m.** •Portantina usata in Oriente per trasportare personaggi importanti.
paulista [vc. port., dal n. dello stato e della città di (S.) Paulo 'San Paolo'; 1958] **A agg**. (pl. m. -i) • Della città o
dello Stato di San Paolo, in Brasile. B s.m. e f • Abitante, nativo di San Paolo.
piassava [vc. di orig. tupi; 1838] **s. f.** • Fibra tessile molto robusta, ricavata dalle foglie di alcune palme, usata per fabbricare corde, scope, spazzole.

piranha /pi.ra.ɲɲa/ [vc. port. di orig. tupi; 1838] **s. m. inv**. (**pl**. port. *piranhas)•* Pesce osseo dei Cipriniformi delle acque dolci sudamericane, che vive in branchi, ha denti affilati e robusti ed è aggressivo e voracissimo (*Serrasalmo rhombeus*). **SIN.** Pesce tigre.
pitanga [dal portoghese, che riproduce il suo n. in lingua tupi; 1991] **s. f.** (*bot.*) • Albero delle Mirtacee, originario dell'America meridionale, coltivato per ornamento e per il frutto commestibile, rosso, dolce-acidulo, usato per marmellate e gelati (*Eugenia uniflora*) Il frutto di tale albero.
porto (**4**) [dal n. della località portoghese di *Oporto* (da o *porto* 'il porto'); 1889] **s. m. inv**. • Vino liquoroso portoghese, di colore brillante, dal sottile profumo di mammola, asciutto e aromatico.
portoghese [port. *portuguez*; nel sign. **B 2** l'espressione deriva dal fatto che a Roma nel sec. XVIII in occasione di un avvenimento i portoghesi poterono partecipare a una rappresentazione al Teatro Argentina senza pagare il biglietto; 1528] **A agg.** • Del Portogallo: lingua portoghese. **B s. m. e f. 1** Abitante, nativo del Portogallo. **2** (*fig.*) Chi entra in teatro o in altro luogo di pubblico spettacolo senza pagare il biglietto. **C s. m**. solo sing. • Lingua del gruppo romanzo, parlata in Portogallo e in Brasile, e ampiamente diffusa nelle ex colonie portoghesi (come Angola o Mozambico).
real / re'al/, [vc. port., propr. 'reale', già unità monetaria brasiliana prima del 1942] **s. m. inv**. (pl. port. *reais*) (*econ.*) • Unità monetaria circolante in Brasile. **CFR**. *Cruzeiro*.
sagù o (raro) **sago** (**2**) [dal fr. *sagou*, risal. al malese *sagu,* prob. attraverso il port. *sagu*; 1747] **s. m.** • Farina alimentare usata dagli indigeni delle zone equatoriali e ricavata dal midollo di parecchie specie di palme.
samba [dal port. *samba* 'ballo', di orig. brasiliana; 1950] **s. m.** o **f**. (**pl**. **m. inv**.; pl. **f.** raro -e) (*mus.*) • Danza popolare brasiliana caratterizzata da un ritmo sincopato più o meno veloce, poi esportata e diffusa come forma di ballo da sala.
sambista [vc. port., da *samba*; 1983] **s. m.** e **f.** (**pl. m**. -i) • Chi balla, compone o canta il samba.
sariga [dal fr. *sarigue*, risalente, attraverso il port. *sarigue*, alla vc. sudamericana (tupi) *sarighe*; 1864] **s. f**. • Marsupiale americano a lunga coda squamosa e prensile, muso appuntito, orecchie membranose prive di peli e morbida pelliccia (*Didelphis*).
saudade port. /sau'ðaðə/ [vc. port., che continua il lat. *solitate(m)* 'isolamento, solitudine', da *solus* 'solo'; 1959] **s. f. inv**. (**pl**. port. *saudades*) • Nostalgia, rimpianto malinconico tipico della cultura letteraria e musicale portoghese.
serradella [dal port. *serradela*; 1957] **s. f.** * (bot.) Pianta erbacea annuale delle Papilionacee, spontanea nell'Europa sud-occidentale e nell'Africa settentrionale, coltivata come foraggiera su terreni sabbiosi aridi (*Ornithopus sativus*).
tanagra (**1**) [port. *tangara*, di orig. tupi (*tangard*); 1875] **s. f.** • Uccello passeriforme americano dal piumaggio abbondante e vivacemente colorato (*Tanagra*).
tanga [vc. d'orig. tupi, giunta attrav. il port.; av. 1703] **s. m. inv. 1** Coprisesso femminile di dimensioni molto ridotte costituito da un triangolo di cotone, paglia o terracotta, rinvenuto in scavi archeologici in alcune zone dell'America meridionale. **2** Costume da bagno femminile costituito da due pezzi o da un solo pezzo inferiore molto sgambato anteriormente e ridotto spesso a una sottile striscia nella parte posteriore | Slip molto sgambato.
tapioca [port. *tapioca*, dal tupi *tipiok*, propr. 'residuo, coagulo'; 1840] **s. f.** • Fecola alimentare fornita dalle radici di un'euforbiacea americana, la manioca.
tapiro [port. *tapir*, dal tupi *tapira*; 1819] **s. m**. • Mammifero notturno dei Perissodattili, simile nell'aspetto ai Suini, con coda rudimentale, muso terminante in una breve proboscide, che vive in luoghi paludosi (*Tapirus*).
tatù [dal n. tupi; 1805] s. m. • (zool.) Armadillo.
telenovela [vc. port., comp. di *tele-* (2) e *novela* 'romanzo, racconto'; 1983] **s. f.** (**pl**. *telenovele*, port. *telenovelas* / tɛli `nuvɛlʌʃ/ • Teleromanzo in moltissime puntate, a carattere popolare, di origine latino-americana (*fig., est.*) Vicenda inutilmente complicata che si protrae più del dovuto.
tolda [port. *tolda,* di prob. orig. germ.; 1525] **s. f.** (• mar.) Un tempo, ponte di coperta delle navi a vela.
tifone [port. *tufão*, dall'ar. *tufan*, a sua volta dal gr. *typhôn* 'vento fortissimo' e anche n. di un 'misterioso mostro' di orig. orient., che ha influenzato anche la forma della vc. europea; av. 1375] **s. m.** • Ciclone tropicale dei Mari della Cina o della zona nord-occidentale del Pacifico | (*est.*) Vento tempestoso, vorticoso e di straordinaria violenza distruttiva.

tucano [port. *tucano*, di orig. tupi-guaranì; 1865] **s. m**. • Correntemente, ogni uccello della famiglia dei Ranfastidi, caratteristici per il gigantesco becco compresso ai lati, ricurvo all'apice e vivacemente colorato.
TAP port. Transportes Aéreos Portugueses (Linee aeree portoghesi)
Tupinamba não apresenta
tucano [port. tucano, di orig. tupi-guaranì; 1825**]** **s. m.** • Correntemente, ogni uccello della famiglia dei Ranfastidi, caratteristici per il gigantesco becco compresso ai lati, ricurvo all'apice e vivacemente colorato.
VARIG port. Empresa de Viação Aérea Rio Grandense (Linee aeree brasiliane)
veletta (**2**) [port. *veleta*, dim. di *vela* 'sentinella', dallo sp. *vela* 'veglia, scolta', da *velar* 'vegliare' (stessa etim. dell'it. vegliare); av. 1431] **s. f.** • (lett.) Vedetta | Essere, stare alla veletta, alle velette, di vedetta.
veranda [port. **varanda** 'balcone', di etim. incerta; 1891] **s. f. 1** Galleria leggera costruita su tutta la lunghezza dell'abitazione, tipica delle costruzioni orientali. **2** Terrazzo coperto e a volte chiuso lateralmente con vetrate.
|| verandina, dim.
viado *port*. [vc. del port. brasiliano, forse lo stesso di *veado* 'cervo', 'cerbiatto'; 1980] **s. m. inv**. (**pl.** port. *viados*) • Travestito o transessuale di origine brasiliana che si prostituisce.
zafra [vc. sp., dal port. *safra* 'raccolta, mietitura', d'orig. incerta (forse ar.)] **s. f**. • Raccolta e lavorazione della canna da zucchero, a Cuba.
zaire /dz'aire/[dal n. dello Stato (Zaire), che è la forma portoghese di *Nzari*, ant. n. locale del fiume Congo; 1983] **s. m. inv.** • Unità monetaria circolante nella Repubblica democratica del Congo, Stato dell'Africa equatoriale.
zebra [vc. iberica, col sign. di 'onagro' (di orig. incerta), passata poi, per tramite port., nel Congo a designare l'animale esotico; av. 1292] **s. f. 1** Mammifero africano appartenente alla famiglia degli Equidi, ungulato, d'aspetto intermedio fra quello del cavallo e quello dell'asino, con mantello a fondo bianco o giallastro o rossastro striato trasversalmente di nero o di bruno (*Hippotigris*) | Zebra di Grevy, zebra reale, di mole notevole ma di forme aggraziate, con strisce fitte, vivente in alcune regioni etiopiche e somale (*Dolicohippus Greyi*).
2 (est., al pl.) Passaggio pedonale delimitato da strisce bianche su fondo scuro.

Equivalentes das entradas dos dicionários da LI que constam no DH

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro": Objetiva, 2001. CD-ROM

acaju *s.m.* (c1584 cf. FCarC) **1** ANGIOS m.q. ***mogno*** (*Swietenia mahagoni*, 'madeira' **3** ANGIOS m.q. ***cedro-cheiroso*** (*Cedrela odorata*) **5** ANGIOS m.q. ***cajueiro*** (*Anacardium occidentale*) **6** madeira dessas árvores **7** ANGIOS m.q. ***caju*** ('pedúnculo') ⊙ ETIM tupi *aka'yu* 'caju'; por infl. do fr. *acajou* (1557), de orig. tupi, a acp.'cajueiro' (*Anacardium occidentale*) associou-se à do tupi *acaiacatinga* (*Swietenia mahagoni*), sendo responsável pela acp. do port. *acaju* 'mogno'; de igual orig. o provç.mod. *acajó/acajou* e o it. *acagiú*; f.hist. c1584 *acaiû*, 1585 *acaju*

aiai v. preguiça designação comum. Etim **t**upi *a'í* 'preguiça (animal)'; segundo Nasc., voc. onomatopéico, pois o animal articula um *a* prolongado, seguido de um *i* curto e aspirado; f.hist. 1618 *ahû*, 1663 *aig*

afoxé *s.m.* (*sXIX*) *BA* **1** ETN grupo negro semi-religioso de brincantes que desfila, no carnaval baiano, não raramente como obrigação ('preceito') de uma casa de candomblé **2** *p.ext.* REL *pej.* candomblé considera do de qualidade inferior **3** *p.ext.* REL *pej.* festividade ou ação quimbanda **4** MÚS m.q. [1]*cabaça*('instrumento') ⊙ ETIM orig.duv., prov. do ior.

aiapana s.f.,**1.1** subarbusto (*Ayapana triplinervis*) nativo do Brasil, de flores azuis, cultivado como ornamental, pelas folhas de que se faz chá medicinal e pelas raízes, us. pelos indígenas contra mordeduras de serpentes; aiapaina, erva-de-cobra, iapana, japana (por vezes incluído no gên. *Eupatorium*)

aí s.m ***preguiça*** ('designação comum') ⊙ ETIM tupi *a'í* 'preguiça (animal)'; segundo Nasc., voc. onomatopéico, pois o animal articula um *a* prolongado, seguido de um *i* curto e aspirado; f.hist. 1618 *ahû*, 1663 *aig*

alastrim *s.m.* infect.doença eruptiva infectocontagiosa; forma benigna da varíola [1914]

a**lbatroz** *s.m.* (1815 cf. Cuvier) ORN design. comum às aves procelariiformes, oceânicas e migradoras, da fam. dos diomedeídeos, que ocorrem no hemisfério sul; de corpo robusto, cauda curta e asas longas, rígidas e muito estreitas, us. para planar [São as maiores aves voadoras do mundo, podendo alcançar mais de 3,5 m de envergadura.] ⊙ ETIM ing. *albatross* (1672) 'id.', prov. pelo fr. *albatros* (1748) 'id.', aquele do port. ou esp. *alcatraz* 'pelicano', que, por sua vez, é do ár. *al-gattás* 'mergulhador, mergulhão (ave)'; a passagem de port. ou esp. *alcatraz* a ing. *albatross* deve ter sofrido infl. do lat. *albus* 'branco', uma vez que o alcatraz é negro e o albatroz é branco

albinismo *s.m.* (1837 Panor 274) **1** GEN anomalia orgânica congênita que se caracteriza pela ausência total ou parcial da pigmentação da pele, dos pêlos e dos olhos; albinia, leucodermia congênita, leucopatia congênita **2** FITOP anomalia fisiológica caracterizada pela diminuição ou ausência de clorofila, sem decadência visível do vegetal, freq. em plantas cujas folhas são manchadas ou salpicadas de verde, amarelo e branco; albinia, leucopatia ⊙ ETIM *albino* + *-ismo*; ver *albi-*

albino*adj.s.m.* (1727 cf. RB) que ou aquele que apresenta a anomalia genética do albinismo ⊙ ETIM esp. *albino* (1650-75), der. de *albo* 'branco', do lat. *albus,a,um* 'branco, claro, puro'; ver *albi-*

almadia s.f. mar. embarcação africana e asiática, comprida e estreita, fabricada a partir de um só tronco de árvore ⊙ ETIM ár. *al-máadya* 'barca de passagem, jangada'; f.hist. c1499 *almaadia*, sXV *almadia*, sXV *almaadya*, sXV *almaya*

alqueire 2 metrologia unidade de medida de superfície agrária. **6** antiga medida para líquidos equivalente a seis canadas (cerca de 8 litros) ⊙ ETIM ár. *al-káil* 'medida de capacidade para sólidos e líquidos'; ver *alqueir-*; f.hist. 1111 *alqueires*, 1269 *alqueire*, sXV *alqueyre*, sXV *alquere*

amaranto *s.m.* (a1580 cf. DA) **1** ANGIOS design. comum às plantas do gên. *Amaranthus*, da fam. das amarantáceas, com 60 spp. de ervas anuais, nativas de regiões tropicais e temperadas [Muitas spp. são

cultivadas como ornamentais e/ou pelas folhas ou sementes comestíveis.] ⊙ ETIM lat.cien. gên. *Amaranthus* (1737), estabelecido por Lineu, sobre o gr. *amárantos,on* 'imarcescível, que não murcha'

amazona V. Papagaio s.m. ornit. design. comum a diversas aves psitaciformes da fam. dos psitacídeos, esp. do gên. *Amazona,* que possuem plumagem de coloração verde, com variações de cores na cabeça, fronte, bochechas, encontro e espelho alar; ajeru, ajuru, ajurujuru, jeru, juru, loiro, louro [Algumas spp. conseguem pronunciar palavras com perfeição, por isso são muito comercializadas clandestinamente.]

ananás *s.m.* (1557 cf. Frol) ANGIOS **1** design. comum às plantas do gên. *Ananas*, da fam. das bromeliáceas, com oito spp., nativas da América tropical, (...) possui propriedades medicinais digestivas, supurativas e é us. no tratamento de afecções pulmonares **1.1** *P* m.q. [1]***abacaxi*** (*Ananas comosus*, 'infrutescência') ⊙ ETIM alt. do tupi *naná* 'fruto do ananaseiro'; até o sXIX só se documenta em port. *ananás*, nunca *abacaxi*; f.hist. 1557 *ananes*, 1563 *anãnas*, a1576 *ananâs*, c1584 *nanâ*, 1587 *ananás*, c1607 *nanás*

andiroba s.f. árvore de até 30 m (*Carapa guianensis*), da fam. das meliáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, esp. do Brasil (AMAZ a BA), com casca adstringente, madeira de qualidade, flores amarelas ou vermelhas, e cápsulas com sementes de que se extrai óleo insetífugo, us. em lamparinas, para fabricar velas e sabão, contra a artrite e infecções de garganta e, outrora, no encolhimento de crânios; andiroba-branca, andiroba-do-igapó, andiroba-suruba, andirobeira, andirova, nandiroba ⊙ ETIM tupi *ñandï'rowa*, de *ña'ndi* 'óleo, azeite' + *'rowa* 'amargo'; tb. adp. ao port. como *jandiroba*, *jendiroba*; f.hist. 1618 *jnhanduroba*, a1667 *andiroba*, 1730 *jandiroba*

anhinga *s.f.* (*sXX*) ORN *B* m.q. ***biguatinga*** (*Anhinga anhinga*) ⊙ ETIM tupi *a'ñinga* 'id.', segundo Nascentes

animiformi v. anhuma *s.f.* (1716 cf. DHPT) ORN *B* ave anseriforme, paludícola, da fam. dos anhimídeos (*Anhuma cornuta*), de ampla distribuição amazônica, podendo atingir outras regiões do Brasil; (...) [Ave símbolo de Goiás.] ⊙ ETIM tupi *a'ñïma* 'anhuma, ave dos anseriformes da fam. anhimídeos'

ara/arara *s.m.* (1865 cf. JAlIr) **1** ORN *B* ver [1]***arara*** **2** ICT *B N.E.* m.q. ***baiacu-ará*** (*Lagocephalus laevigatus*) ⊙ ETIM tupi *a'ra* 'designação geral de aves afins da arara, do tucano, do periquito', f.red. do tupi *gwï'ra* 'ave, pássaro', com perda progressiva dos elementos da sílaba pretônica inicial *gwï-* e mudança para *-a-* da vogal pretônica, por assimilação ao timbre da vogal tônica final; J. Alencar (*Iracema*, 3ª ed., 1878, ii. 18): "A graciosa ará sua companheira..." Em *Nota do Autor*, à pág. 203: "*Ará* - periquito. Os indígenas como augmentativo usavam repetir a última syllaba da palavra e às vezes toda a palavra, como *muré* - frauta, *murémuré* - grande frauta. Arara vinha a ser pois o aumentativo de *ará*, e significaria a espécie maior do **aracanga** (s XX) ornit.. Regionalismo: Brasil.**1** m.q. ***arara-vermelha-grande*** (*Ara chloroptera*) **2** m.q. ***araracanga*** (*Ara macao*)

araçá s.m. design. comum a vários arbustos e árvores dos gên. *Psidium* e *Campomanesia* ⊙ ETIM tupi *ara'sa*; f.hist. a1561 *arasazes*, a1576 *araçazesa,* c1584 *araçâ*

araracanga s.f. ornit. arara (*Ara macao*) encontrada do México à Amazônia até o Norte de Mato Grosso, Sudeste do Pará, Maranhão e da Bolívia, com até 89 cm de comprimento, plumagem geral vermelha com verde, asas em azul e amarelo, e face nua branca; aracanga, arara-macau, ararapiranga, arara-vermelha, arara-vermelha-pequena, Macau ⊙ ETIM Tupi *arara* + *-canga* 'a cabeça de arara; a nascente ou cabeceira das araras'; f.hist. 1899 *arara-canga*

araçari ornit. design. comum a diversas aves piciformes, da fam. dos ranfastídeos, que se assemelham aos tucanos, sendo porém de menor porte e de plumagem dorsal ger. verde, e não preta; tucani, tucaninho, tucanuí

arapaima V. pirarucu peixe osteoglossiforme da fam. dos osteoglossídeos (*Arapaima gigas*), da bacia amazônica, incluindo-se o Tocantins e o Araguaia, que pode atingir 2,60 m de comprimento e pesar 160 kg, sendo o maior peixe fluvial de escama; possui o corpo cilíndrico pardo-esverdeado e avermelhado escuro nos flancos; anato, bodeco ⊙ ETIM tupi *pirauru'ku* 'peixe da família dos osteoglossídeos' < *pi'ra* 'peixe' + *uru'ku* 'tintura, almagre'; f.hist. c1631 *piraurucu*, 1763 *pirorocús*, c1777 *piráurucú*, 1786 *pirarucú*, 1833 *piraurucú*

araponga 2 ave passeriforme da fam. dos cotingídeos (*Procnias averano*), que ocorre nas Guianas, na Venezuela, Colômbia, Norte e Nordeste do Brasil, de até 27 cm de comprimento, plumagem branca com asas negras, cabeça marrom e garganta com penas negras e alongadas formando uma barba (apenas no macho); ferreiro, guiraponga [Espécie ameaçada de extinção.] ⊙ ETIM tupi *gwïra'ponga*,

de *gwï'ra* 'ave' + '*ponga* 'sonante'; var. *guigraponga* (sXVI), *guiraponga* (sXVI-XIX), *guirá ponga* (sXVII), *guraponga* (sXVIII), *uiraponga* (sXIX); ver *-ponga*;
araribá *s.f.* design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, esp. do gên. *Centrolobium*, da subfam. papilionoídea, e a algumas do gên. *Simira*, da fam. das rubiáceas; araribá ⊙ ETIM lat.cien. gên. *Arariba* (1860); do tupi *ararï'wa* 'araribá'; ver *-aba*
araroba *s.f.* (1628 cf. RIHP) ANGIOS m.q. ***angelim-araroba*** (*Vataireopsis araroba*) ⊙ ETIM tupi *ara'rowa* 'planta da fam. das leguminosas'; f.hist. 1628 *araruba*, 1929 *araroba*
ararauna arara de barriga amarela arara (*Ara ararauna*) que ocorre da América Central ao Brasil, à Bolívia e Paraguai; de até 80 cm de comprimento, com partes superiores azuis e inferiores amarelas, alto da cabeça verde, fileiras de penas faciais e garganta negras
areca *s.f.* (1513 cf. AAlbCar) ANGIOS **1** design. comum às plantas do gên. *Areca*, da fam. das palmas, com 60 spp., nativas da Índia à Nova Guiné, que encerram alcalóides e são ger. cultivadas como ornamentais, algumas tb. pelas folhas, frutos e palmito (...) ⊙ ETIM malai. *adakka/adekka*, doc. no port. *harequa* desde 1510 e *areca* desde 1513, com o derivado *arequeira* antes de 1515; cp. it. *areca* (1513), fr. *areca*, *arecque*, *arec* (sXVI até a fixação no início do sXIX); prov. o port. *arequeira* é fonte do fr. it. *arecquero* (c1598) e do fr.mod. *aréquier*; o étimo imediato do termo angios é o lat.cien. gên. *Areca* (1753); ver *arec-*; f.hist. 1513 *harequa*, 1513 *arecas*, 1531 *arequa*
ariranha mamífero carnívoro, diurno e semi-aquático, da fam. dos mustelídeos (*Pteronura brasiliensis*), encontrado da Venezuela e Colômbia ao Norte da Argentina; [Vive em bandos e se alimenta basicamente de peixes.] ⊙ ETIM tupi *ari'rana* 'id.', formado de *'ari* f.metat. de *(e)i'rara* 'irara' e el. final *-anha* do suf. tupi *-'rana* 'semelhante a'; ver *-rana*; f.hist. 1587 *arerã*, 1792 *areranha*, 1847 *ariranha*
auto 3 etno. tipo de representação dramática, ligada ao ciclo de festas do Natal, que inclui cantos ('melodia') e danças at. *actus,us* 'movimento, impulso, direito de passagem, ação, representação de uma peça teatral', c1471-c1536 *ayto*
auto de fe *s.m.* (1544 cf. RF nº 14 p.137) **1** HIST JUR REL cerimônia em que eram proclamadas e executadas as sentenças do Tribunal de Inquisição **1.1** *p.met.* HIST o suplício dos penitentes pelo fogo **2** *p.ext.* destruição pelo fogo; queima <*fez um a. de tudo que o incriminasse*> □ GRAM pl.: *autos-de-fé* ⊙ ETIM f.hist. 1544 *auto da fee*
babaçu *s.m.* (a1776 cf. JDan) ANGIOS **1** design. comum às plantas do gên. *Orbignya*, da fam. das palmas **1.1** palmeira de até 20 m (*Orbignya phalerata*), de folhas estriadas de amarelo, espatas lanceoladas e frutos drupáceos oblongos, com sementes oleaginosas; coco-de-macaco, coco-de-palmeira, coco-de-rosário, coco-naiá, coco-pindoba, coqueiro-naiá, curuá, palha-branca (...) ⊙ ETIM tupi *ïwagwa'su* (< *ï'wa* 'fruta' + *gwa'su* 'grande'); as var. supõem orig. comum tupi, em que o *-w-* tanto pode ter-se mantido como vogal (silábica ou assilábica), quanto pode ter-se consonantizado em *-gw-*, *-v-* ou *-b-*; a pal. deve ter tido curso desde o início da colonização port., embora a dicionarização seja tardia
baiano 1534 **1** relativo à Bahia, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante
baía *s.f.* (1456 cf. IVPM) **1** FISGR num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar ⊙ ETIM orig.duv.; ligado ao fr. *baie* (1483) e ao ing. *bay* (1387), der. de um germ. **baga* 'curva, arco', ou do part. *baiée* 'abertura', do v. fr.ant. *ba(i)er* 'abrir', do lat.vulg. **batare*, tb. ligado ao ing. *bay*; com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a pal. *bahía/baía* ao resto do mundo; f.hist. 1456 *baya*, sXV *baiya*
baiadeira v. bailadeira *s.f.* (sXIV cf. IVPM) **1** mulher que baila (por gosto ou profissão); bailarina, dançarina **5** (1986) TÊXT certo tecido de barras paralelas cuja trama é feita alternando as sucessões periódicas da máquina que o tece ⊙ ETIM fem. de *bailadeiro*; ver *bail-*; f.hist. sXIV *balhadeyra*, 1525 *bailhadeyras*, sXVI *bayladeiras*
baleeira embarcação miúda, ger. a remo, com a popa e a proa mais ou menos iguais, finas e elevadas [Tomou este nome por ter sido us. originalmente na pesca de baleias.] *baleia + -eira*; ver *balen(i/o)-*
Frei D. Camargo, 1871
bambu *.m.* (1562 DPPI II 420) **1** ANGIOS design. comum a várias spp. de cerca de 45 gên., da fam. das gramíneas, esp. as do gên. *Bambusa*; muitas são cultivadas por seus inúmeros usos: para ornamento, sombreira, quebra-vento, divisão de terras, produção de celulose, mobília, cestaria, fabrico de inúmeros artefatos, construção civil etc.; (...) ⊙ETIM mais prov., segundo Dalg., do nome genérico

e vulgar da planta em mart. *bámbú*, ou do mal. *bambu*, menos prov. porque o termo vulgar em mal. é *buluh*; f.hist. 1563 *mambu*, sXVI *mambum*, sXVI *bambu*

bambual *s.m.* (1613 cf. Malaca) extenso aglomerado de bambus em determinada área; bamburral, bambuzal ETIM *bambu* + *-al*; f. altv. *bambu* + *-z-* + *-al*; f.hist. 1613 *bambuaes*, 1615 *bambual*

banana *s.f.* (1562 cf. Corom) **1** ANGIOS fruto da bananeira, ger. oblongo e de polpa carnosa; figo-de-banana (*AÇR*), pacoba, pacova, pacová (...) **6** *P* penteado feminino em que o cabelo é enrolado em uma espécie de [4]coque vertical na parte de trás da cabeça, a partir da nuca ⦿ ETIM orig.duv.; talvez de orig. africana (Guiné); tb. tida como oriunda do galibi, língua ameríndia da família caribe, falada no extremo Norte do Amapá; para outros, o voc. proviria do ár. *banána* 'dedo', voc. popular que designa o fruto literariamente conhecido como *mauz*; ver *banan-*

bananal *s.m.* (1585 cf. SGLisb) extenso aglomerado de bananeiras em determinada área; bananeiral, pacobal, pacoval ⦿ETIM banana + *-al*; ver *banan-*; f.hist. 1585 *bananaes*, 1911 *bananal*

bananeira *s.f.* (1593 cf. PAvei) **1** ANGIOS design. comum às ervas do gên. *Musa*, da fam. das musáceas, freq. grandes, semelhantes a árvores, com rizoma simpodial, pseudocaule formado pelas bainhas maciças e sobrepostas das folhas amplas e longas, simples, venadas, fendidas pelo tempo, flores cobertas por grandes brácteas, em longo pedúnculo pingente ou ereto, e bagas carnosas; banana, pacoba, pacobeira, pacova, pacová, pacoveira. (...)⦿ETIM *banana* + *-eira* suf.fem. us. para plantas; ver *banan-*; f.hist. 1593 *bananeyras*, 1782 *bananeira*

bananicultor /ô/ *adj.s.m.* (1958 cf. CABr) *B* que ou o que se dedica à bananicultura ⦿ ETIM *banana* + *-i-* + *-cultor*; ver *banan-* variação na definicao

bananicultura *s.f.* (sXX cf. AGC) AGR *B* plantação de bananeiras para comercialização ou industrialização ⦿ ETIM *banana* + *-i-* + *-cultura*; ver *banan-* variação na definição.

baniano v. baneane 3 membro de determinada seita religiosa na Índia. ⦿ ETIM 1516 sânsc. *vaNij* 'mercador' e *vaNig-jana* 'homem de negócio',

barbatimão 1 design. comum a plantas do gên. *Stryphnodendron*, da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea ⦿ ETIM orig.contrv.; prov. *barba* + *timão*;ver *barb(i)-* e[2]*tim(o)-* (lat. *thymum,i* 'tomilho (planta)', do gr. *thúmon* ou *thúmos,ou*) mas, para Nascentes, com alt. p. infl. do tupi

barrigudo *adj.s.m.* (1548 FOlP 113) **4** MASTZOO *B* design. comum às spp. de primatas amazônicos, do gên. *Lagothrix*,da fam. dos cebídeos; de pêlo macio e lanoso, cauda preênsil, barriga arredondada e volumosa; caparro, caparu, macaco-barrigudo ⦿ETIM *barriga* + *-udo*; ver *barrig-*; f.hist. sXVI *barregudo*

baschina v. **vasquinha** *s.f.* (1619 cf. Arceb) **1** antiga saia, pregueada na cintura, que se vestia por sobre toda a roupa **2** casaco muito justo, de abas curtas, us. por senhoras ⦿ ETIM dim. de *vasca*, fem. de *vasco* 'gentílico relativo aos Países Bascos'

bateia recipiente de madeira ou metal, de fundo cônico, onde cascalho, minério ou aluvião são revolvidos, em busca de pedras e metais preciosos ⦿ ETIM esp. *batea* 'espécie de gamela usada no garimpo' de orig.duv.; do ár. *bátiya* 'bacia' (talvez cog. de *bátega*) ou de voc. do taino (Haiti)

batida *s.f.* (sXIII cf. IVPM **12** *B* suco ou polpa de fruta batido em liquidificador ou agitado com aguardente de cana, podendo-se acrescentar aí açúcar ou mel e gelo <*b. de coco*> **13** ALIM *B* fruta ou mistura de frutas, ou de legumes, batidas no liquidificador com água, suco ou leite, a que se pode acrescentar açúcar, mel, aveia etc.; vitamina ETIM fem.substv. do part. de *bater*; ver [1]*bat-*; f.hist. sXIII *batudo*, 1844 *batida*; datado a partir do part.

beberu árvore frondosa de até 30 m (*Nectandra rodioei*) da fam. das lauráceas, de casca e flores aromáticas, folhas grandes, coriáceas, e bagas elipsóides [Nativa da Amazônia, a madeira é nobre e altamente resistente, a casca e o fruto são adstringentes, tônicos e febrífugos; da casca extrai-se a beberina.] ⦿ ETIM orig.obsc., prov. indígena, talvez com term. do tupi *ey'ru* ou *ei'ruwa* 'abelha'

berimbau mus.instrumento idiofone de origem banta que consiste num arco de madeira retesado por um fio de arame e com uma meia cabaça (caixa de ressonância) presa ao dorso da extremidade inferior⦿ ETIM orig.duv., prov. quimb. *mbirim'bau*; f.hist. 1536 *birimbao*

betel *s.m.* ANGIOS m.q. ***noz-de-areca*** SIN/VAR betel, bétele, bétere, betle, betre

boato *s.m.* (1548 FOlP 211) **4** notícia de fonte desconhecida, muitas vezes infundada, que se divulga entre o público; qualquer informação não oficial que circula dentro de um grupo **4.1** maledicência divulgada à boca pequena; coscuvilhice ⦿ETIM lat. *boátus,us* 'mugido, berro de boi, grito', ligado ao v. *boáre*, adp. do gr. *boáó*'gritar muito, berrar'; acp. 'notícia, novidade que se dá em altas vozes' em Antônio Vieira (1608-1697); ver *boat-*

bonzo *s.m.* (1554-1583 cf. FMPin) **1** ECLES monge budista, esp. das ordens religiosas budistas do Japão e da China; saí **4** *p.ext. pej.* pessoa medíocre, ignorante, que se dá ares de superioridade ⦿ ETIM jap. *bózu* 'pessoa religiosa'; a nasalização do *-o-* deve ter-se dado no processo de aport. do voc.; f.hist. 1554-1583 *bonzos*, 1548 *bomze*, 1578 *bôzos*, 1578 *bouzo*, sXVI *bonzes*

bordaleiro 1 certa raça de carneiro português, de lã crespa

bossa-nova *adj.2g.2n.* relativo à ou próprio da bossa nova ('jeito novo de fazer', 'movimento musical');

botoque 1(a1627) etno peça arredondada de madeira, pedra ou concha, us. como enfeite pelos botocudos e outros indígenas sul-americanos, que a introduzem em furos feitos no lábio inferior ou nos lóbulos das orelhas [Distinguem-se dos *tembetás* de conformação roliça pelo tamanho do orifício criado no lábio.]

brasileiro *adj.* (1706 JSSil 74) **1** relativo ou pertencente à República Federativa do Brasil ou que é seu natural ou habitante *<território b.> <indígena b* **4** típico do Brasil ou dos brasileiros *<comida b.> <jeito b.> <paisagem b.>* □ *s.m.* **5** o que é natural ou habitante do Brasil *<os b. não sabem defender seus direitos* **7** *P infrm.* a língua portuguesa tal como é us. no Brasil *<ouviu alguém falar em b* ⦿ ETIM top. *Brasil* + *-eiro*; ver [1]*bras-* e *brasil-*; f.hist. 1706 *brazileiro*, 1791

barrigudo V. bugio s.m**. (sXV** cf. IVPM) **1** design. comum a todas as spp. de primatas; macaco **2** MASTZOO *B* design. comum aos macacos da fam. dos cebídeos do gên. *Alouatta*, que ocorrem das florestas do Sul do México à Argentina; (...)⦿ETIM top. *Bugia* < ár.vulg. *Budjîa* (ár.cl. *Budjâya*), nome da ilha de onde se exportavam velas e, prov., macacos; do voc. *bugia* interpretou-se como desin. de fem. o *-a* final e depreendeu-se o masc. *bugio*; f.hist. sXV *bugio*, sXV *bogio*, sXV *bogyo*, sXV ??

buba v. bouba 1 doença tropical contagiosa causada pelo espiroqueta *Treponema pertenue*, caracterizada por lesões cutâneas seguidas de erupção granulomatosa generalizada e, por vezes, lesões destrutivas tardias da pele e dos ossos; framboesia, ⦿ ETIM piãrov. regr. **boubão*; talvez a grafia com/*ou*/ seja de var. existente inicialmente, p.infl. do étimo remoto, do gr. *boubón,ônos*; ver *bub(on)-*

buraco *s.m.* (sXIII cf. IVPM) **19** LUD jogo de cartas assemelhado ao pife-pafe, que usa dois baralhos completos mais dois coringões e pode ser jogado por dois a oito jogadores, eventualmente mais, com ou sem parcerias ⦿ ETIM orig.contrv.; prov. de *furaco* (sXIV), com orig. em voc. pré-romano i.-e., afim do v.lat. *foráre* 'furar' (ainda hoje representado por *esfuracar*), não sendo, porém, o *b* de fácil explicação; ver *burac-* e [2]*fur-*; f.hist. sXIII *burato*, 1364 *buraco*, sXV *furaco* troglo-

caapi liana sarmentosa (*Banisteriopsis caapi*), da fam. das malpighiáceas, nativa do Brasil (AM), de folhas ger. ovadas, flores em panículas piramidais e sâmaras aladas e pilosas; cipó-jagube, iagê, jagube [Tem propriedades adstringentes e é cultivada por diversas tribos da Amazônia para extração de um alcalóide alucinógeno, a banisterina ou *harmina*, esp. presente no caule, us. na confecção da *ayahuasca* ou santo-daime, e que tb. se encontra na casca e nas folhas, us. como fumo.] tupi *kaa'pi*, prov. de *ka'a* 'mato'; ver *caa-*

caatinga *s.f.* (c1584 cf. FCarO) *B* **1** FITOG vegetação típica do Nordeste brasileiro e de parte do Norte de MG, em que predominam plantas xerófilas, como árvores e arbustos decíduos durante a estação seca, freq. armados de espinhos, e tb. cactáceas, bromeliáceas e ervas ⦿ETIM tupi *kaa'tinga* formado do tupi *ka'a* 'mato, vegetação' e *'tinga* 'branco, esbranquiçado, claro', lit. 'mato esbranquiçado', por tomar coloração cinzento-parda na estação seca; ver *ca-*, *caa-* e *-tinga*; f.hist. c1584 *caátinga*, c1594 *caâtiga*, 1833 *cahatinga*, 1902 *caatingas*

caboclo /ô/ *s.m.* (1645 cf. ABN] *B* **2** indivíduo nascido de índia e branco (ou vice-versa), fisicamente caracterizado por ter pele morena ou acobreada e cabelos negros e lisos □ ETIM tupi *kara'ïwa* 'homem branco' e tupi '*oka* 'casa' têm sido propostos como orig. do voc. *caboclo* 'índio mestiço de branco, indivíduo de cor acobreada e cabelos lisos', doc. como *cauoucolo* em 1645, *cabocolo* em 1648, *cabocoro* em 1757 e *caboclo* a partir de 1781; de mesma orig., há a f.divg. *curiboca* 'mestiço', doc. a1687 *coriboquo*, a1696 *c(o/u)riboca*; ver ainda, de mesma base etim., *carioca* esp. *caraíba*; ver tb. *cabocl-*

cachoeira *s.f.* (a1583 cf. FCarB) **1** torrente de água que corre ou cai formando [2]cachão ('borbotão, turbilhão') ⦿ ETIM [2]*cachão* sob a f. rad. *cacho-* (com perda de nasalidade) + *-eira*;

cacatua *s.f.* (1561 DPPI III 293) ORN design. comum às aves psitaciformes da fam. dos cacatuídeos, encontradas na Austrália, Nova Guiné, Tasmânia e Indonésia; de porte médio ou grande, esp. aqueles do gên. *Cacatua*, de plumagem ger. branca e cabeça com longo topete de penas; catatua ⦿ETIM mal. *kakatúwa* 'tenazes', por alusão ao bico; f.hist. 1561 *çagatua*,1630 *cacatua*, 1727 *cacatuâ*

cacciu v. catechu 2 extrato vegetal aromático, obtido dessa e de diversas plantas da fam. das leguminosas, muito adstringente, por ser rico em tanino, e us. para fins medicinais, em tinturaria e curtume; cato [segundo Dalg., *catechu* 'extrato da madeira de catechueira' é composto de **cate* ou [1]*cato* (< conc.-mart. *kát*, este do sânsc. *kvata* ou *kváta*) + [2]*cacho* (< f. dravídica e mal. *kásu*); algumas fontes associam, impropriamente (tanto do ponto de vista semântico quanto do etimológico), as f. [2]*cacho* e *catechu* a *cauchu* 'goma elástica'; ver *catech-]*

cachaça *s.f.* (1635 ACS I 281) **3** aguardente obtida da destilação da borra do caldo de cana, ou do cabaú, ou do caldo de cana extraído esp. para esse fim, após ter passado por processo prévio de fermentação alcoólica; aguardente de cana ⊙ ETIM orig.contrv.; Nasc. observa que, em Portugal, *cachaça* significou 'vinho de borras' e, p.ext., no Brasil, aplicou-se o nome à 'aguardente feita de borras de melaço', o que afastaria qualquer étimo afr. e dificultaria interpretá-lo como fem. de *cachaço* 'parte gorda e grossa do pescoço do porco'; há quem vincule o voc. à cog. do v.lat. *coquère* 'cozer, cozinhar, amadurecer, digerir, madurar (no sentido físico e moral)', cf. *coz-*; outros o ligam a [1]*cacho* 'cabeça, pescoço, inflorescência, ajuntamento de flores ou frutos, punhado de cabelo', cuja orig. seria o lat.vulg. *caccùlus*, alt. do lat.cl. *cac(c)àbus,i* 'tacho, caldeira, caldeirão', p.ext. da forma, 'cabeça, parte posterior e arredondada do pescoço'; daí, o registro da 1ª doc. do voc. no sXIII como *cachaça* 'parte do pescoço dos animais'; f.hist. 1635 *caxasa* 'aguardente de cana', 1652 *cachaça* 'id.',1743 *cachassa* 'id.',

cachoeira torrente de água que corre ou cai formando [2]cachão ('borbotão, turbilhão') ⊙ ETIM 1583

cacciu cachu *s.m.* (1873 cf. DV) ANGIOS m.q. ***arequeira*** (*Areca catechu*) ⊙ ETIM fr. *cachou* (1651) 'substância extraída do catechu; espécie de pastilha aromatizada; cor de catechu', do port. [2]*cacho*; cp. *catechu*; f.hist. 1873 *cachú*

cafuso 1diz-se de, relativo a ou filho de negro e índia (ou vice-versa) ig.contrv., segundo Nasc., forma contrata de *carafuzo*; Óscar Ribas sugere o quimb. *kufunzaka* 'desbotar'; f.hist. 1881 *cafusa*, 1889 *cafuso*

caingangue 4 [1922] grupo indígena que habita o Rio Grande do Sul ,Santa Catarina; Paraná; e São Paulo [No passado, foram tb. chamados de *barbados*, *barbudos*, *botocudos, bugres* e *coroados*; no início do sXX, os que habitavam em Santa Catarina eram impropriamente chamados de *aueicomas,* e os de São Paulo, *guaianás*.]

Obs.: etnm.br.: *Kaingang*

caipirinha *s.f.* **1** *B* bebida preparada com rodelas ou pedaços de limão com casca, ger. macerados, misturados e batidos ('agitados') com açúcar, gelo e cachaça ou outra aguardente (como vodca ou rum) ⊙ ETIM caipira + *-inha*

cainca V. /raiz preta arbusto (*Chiococca racemosa*) da fam. das rubiáceas, nativo de regiões tropicais das Américas, de flores brancas ou amarelas, em racemos ou panículas, cápsulas brancas, e raízes que provocam náuseas, vômitos e diarréia, e que são us. como antiofídico e diurético; cainca, caninana, cruzeirinha, poaia.

calao design. comum às aves coraciiformes da fam. dos bucerotídeos, que ocorrem nas florestas da Ásia e África; de médio a grande porte, plumagem preta e branca, e bico grande e curvo, ger. com uma protuberância de cor viva [São onívoros e nidificam em ocos de árvores.] ⊙ ETIM orig.obsc.

calema *s.f.* (1899 cf. CF[1] *STP* forte onda de mar agitado que atinge a praia ⊙ ETIM pal. crioula

calumba 1 liana (*Jateorhiza palmata*) da fam. das menispermáceas, nativa de Moçambique, com flores em racemos pêndulos, drupas ovóides e da qual se prepara um tônico de propriedades estomáquicas, antidisentéricas e sudoríficas; Colombo 1789 orig. africana, prov. *kalumba*, de uma língua nativa do Quelimane (Moçambique).

campo *s.m.* (1260 cf. IVPM] **1** terreno plano **1.1** terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina <*saindo da floresta cerrada, seus olhos abriram-se para o c.*> **2** terreno plano e extenso destinado à agricultura ou às pastagens <*os c. da fazenda estendiam-se além do rio*> **4** vegetação constituída essencialmente de plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina ⊙ ETIM lat. *campus,i* 'planície, terreno plano; terreno extenso fora do povoado'; ver *camp-*; f.hist. 1260 *campo*, 1296 *canpu*, sXV *quanpo*

canadá *s.f.* (1114 cf. JM[3]] METR antiga medida de líquidos (vinho, azeite etc.) que equivalia a quatro quartilhos ⊙ ETIM esp. *cañada* (1300] 'certa medida de vinho', do b.-lat. *cannata*, do lat. *canna,ae* 'tipo de vaso ou pote', este do germ. *channa* 'recipiente para líquido, barril, tonel', all. *Kanne*; f.hist. 1114 *canada*, sXIV *canada*

[1]**canga** *s.f.* (sXIV cf. AGC **6** *p.ana.* (*da acp. 1*) instrumento de suplício chinês; ganga [Consiste em um quadrado de madeira, com cerca de um metro, dotado de orifício central para conter o pescoço.] ⦿ ETIM orig.contrv.; para Nasc. e AGC, prov. do célt. **cambica* 'madeira curva', com exceção da acp. 'instrumento de suplício', a que dão uma orig. chinesa, mais especificamente, para o segundo autor, o chinês *kang-kia* 'trazer a canga' ou o anamita *gong*, com influência de [1]*canga*; segundo Nei Lopes, prov. do quicg. *kanga* 'amarrar, prender, capturar, apertar', de *nkanga* 'ação de ligar; que é amarrado'; ver *cangac-*

cangaceiro s.m. (1899) substantivo masculino Regionalismo: Brasil. malfeitor fortemente armado que andava em bando pelos sertões do Nordeste, notadamente ao longo das três primeiras décadas do sXX

cantinga *s.f.* (sXIII cf. IVPM] **1** LIT composição poética de versos curtos e dividida em estrofes, própria para ser cantada pelos trovadores; cântico, [2]canto **2** *p.met.* LIT cada uma das estrofes dessa poesia; canção, cantadela **3** MÚS qualquer composição popular destinada ao canto; quadra ('estrofe') musicada ⦿ ETIM orig. contrv.; relacionado a [2]*canto*, tanto pode ter derivado do lat. *cantum*, supn. de *canère* 'cantar', como pode ter vindo do celt. **cantica*, der. da raiz céltica *can-* (mesmo significado e origem que a raiz lat.) + *-tíca* (suf. formador de adj. em celta); ver *can(t)-*; f.hist. sXIV *cãtiga* sXV *cantijga*, sXV *cantigua*

cão de água

capivara *s.f.* (1560 cf. JAnCart] **1** MASTZOO grande roedor semi-aquático, único da fam. dos hidroquerídeos (*Hydrochaeris hydrochaeris*), encontrado do Panamá ao Uruguai e Norte da Argentina, de corpo compacto, pelagem marrom, pernas curtas, pés anteriores com quatro dedos e posteriores com três, cauda vestigial e cabeça grande com olhos e orelhas localizados dorsalmente ⦿ ETIM tupi *kapii'gwara*, de *ka'pii* 'capim' + *'gwara* 'comedor'; f.hist. 1560 *capiivára*, c1584 *capijuara*, 1587 *capibara*, c1607 *capivara*, 1627 *capijguara*

[3] **capoeira 2** arte marcial de ataque e defesa introduzida no Brasil por escravos bantos; capoeiragem [Atualmente praticada como jogo e esporte.] ⦿ ETIM orig.contrv.; de [2]*capoeira* (Nasc.) ou do umbd. *kapwila* 'pancada, tabefe; surra' (Nei Lopes)

caracará *s.m.* (1587 cf. NotBr) ORN *B* ave falconiforme, onívora, da fam. dos falconídeos (*Caracara plancus*), encontrada da Flórida até a Terra do Fogo e por todo o Brasil, com até 56 cm de comprimento ⦿ ETIM tupi *karaka'ra* 'ave falconiforme da fam. dos falconídeos'; cp. *carcará*; f.hist. 1587 *caràcará*, sXIX *cracará*, 1918 *carácará*

caragia V. Carajá *.2g.* (1899 cf. CF[1] ETNOL **1** indígena pertencente ao grupo ou ao subgrupo dos carajás *s.m.* **2** LING fam. lingüística do tronco macro-jê **3** LING língua dessa família, falada pelos carajás (acp. 6) **4** MASTZOO m.q.

caragiura V. piranga 4 trepadeira (*Arrabidaea chica ou bigonia chica*) da fam. das bignoniáceas, nativa do Brasil, melífera, de flores róseas ou violáceas e frutos capsulares, cultivada como ornamental e para extração de tintura vermelho-escura; cajuru, carajuru, chica, cipó-cruz, guajuru, guarajuru-piranga, oajuru, pirenga, quapiranga

caragiurina V **carajuru 3** Derivação: por metonímia.tinta vermelha extraída das folhas da piranga, us. pelos índios para pintar o corpo ou tingir seus adornos

caraipa s.f. design. comum às plantas do gên. *Caraipa*, da fam. das gutíferas, nativas das regiões tropicais da América do Sul, com 21 spp. de madeira de qualidade e que exsudam bálsamos us. na medicina ⦿ETIM lat.cien. gên. *Caraipa* (1775)

carambola *s.f.* [1563 cf. GOrta] **1** ANGIOS fruto da caramboleira (*Averrhoa carambola*) ⦿ETIM conc.-mar. *karambal* < sânsc. *karmaranga*;

caranda 1 palmeira solitária de até 30 m (*Copernicia alba*), nativa da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil (MT, MS), de folhas em leque, forrageiras e madeira muito durável; caranambuuba, carandaí, carandá-muriti, carandá-piranga, carandaú, coqueiro-carandá 1743 tupi *kara'nda* 'planta da família das palmáceas'

carapa design. comum às plantas do gên. *Carapa*, da fam. das meliáceas, com três spp., nativas de regiões tropicais das Américas, como a andiroba, e da África

carapó *s.m.* (1913 cf. CF[2]) ICT *B* **1** peixe teleósteo gimnotiforme da fam. dos gimnotídeos (*Gymnotus carapo*), encontrado desde a Guatemala até a bacia do Prata, com até 60 cm de comprimento; ituí, ituipinima, ituí-terçado, peixe-espada, sabão, sarapó, sarapó-tuvira, tira-faca, tuí, tuvira, varapó ⦿ ETIM lat.cien. gên. *Carapus*

caravella *s.f.* (1286 cf. IVPM) **1** MAR *ant.* embarcação de velas latinas, de pequeno calado, casco alteroso à popa e mais raso a vante, com um a quatro mastros, utilizado nos sXV e sXVI, esp. pelos portugueses, nas viagens de descobrimento **9** CEL design. comum aos cnidários hidrozoários do gên. *Physalia*, da ordem dos sifonóforos, encontrados na superfície de mares quentes, na forma de grandes colônias, constituídas esp. por um indivíduo medusóide, que funciona como um flutuador cheio de gás e por longos tentáculos urticantes; caravela-portuguesa, langanho ⦿ ETIM cáravo + *-ela*; f.hist. 1286 *carauella*, sXV *carauela*

caraya v. bugio 2.2. macaco (*A. caraya*) que ocorre na região central da América do Sul; de pelagem inteiramente negra ou marrom-escura nos machos, sendo as fêmeas marrom-amareladas; bugio-preto, carajá, guariba, guariba-preto ⦿ETIM top. *Bugia* < ár.vulg. *Budjîa* (ár.cl. *Budjâya*), nome da ilha de onde se exportavam velas e, prov., macacos; do voc. *bugia* interpretou-se como desin. de fem. o *-a* final e depreendeu-se o masc. *bugio*; f.hist. sXV *bugio*, sXV *bogio*, sXV *bogyo*, sXV *bugyo*

carbonado *adj.* (1858 cf. MS[6]) **2** MINER diamante negro, extremamente duro; tem aplicações industriais nas máquinas perfuratrizes; lavrita ⦿ ETIM carbono + *-ado*; ver *carbon-*

carioca *adj.2g.s.2g.* (1560 cf. CartJes) **1** relativo à cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado do Rio de Janeiro, ou o que é seu natural ou habitante ⦿ ETIM tupi *kari'oka*, prov. do tupi *kara'ïwa* 'homem branco' + *'oka* 'casa';

carnaúba V. cera de carnauba 2 (1899) a cera extraída desta planta ⦿ ETIM tupi *karana'ïwa* , de *kara'na* (ver *caraná*) + *'ïwa* 'planta'; a f. *carnaíba*, com o el. tupi *-iba* em vez de *-uba*; ver *-iba* e *-uba*; f.hist. 1752 *carnaubas*, 1863 *carnaúba* 'planta', 1899 *carnaúba*, 1899 *carnahuba* 'cera'

caroba *s.f.* (c1584 cf. FCarC) ANGIOS **1** design. comum a várias árvores do gên. *Jacaranda*, da fam. das bignoniáceas, nativas do Brasil; carobeira ⦿ ETIM tupi *kaa'rowa* (< *ka'a* 'folha, erva' + *'rowa* 'amargo'), 'planta da família das bignoniáceas'; f. hist. c1584 *caároba*,1730 *caroca*, 1877 *carobá*

carobina *s.f.* FARM alcalóide extraído da caroba-do-mato (*Jacaranda copaia*) com propriedades depurativas e esp. anti-sifilíticas ⦿ ETIM caroba + *-ina*

carrasco 3 fitogeografia.formação vegetal muito densa, relacionada com a caatinga, que ocorre na fronteira entre o Ceará e o Piauí, constituída por arbustos entrelaçados e de ramos duros, difícil de varar; carrascal, carrascão, carrasqueiro, carrasquenho

cascalho 4 Regionalismo: Brasil.camada de areia grossa ou pedras roliças onde se encontra ouro e diamantes

casta *s.f.* (sXV cf. IVPM) **1** SOC no sistema de estratificação tradicional da Índia, grupo social fechado, de caráter hereditário, cujos membros pertencem à mesma raça, profissão ou ⦿ ETIM orig.contrv.; Nasc., AGC e JM consideram fem.substv. de *casto*; cp. esp. *casta*, orign. 'espécie animal, (1417) raça ou linhagem de homens', voc. que Corominas considera voz oriunda da península Ibérica e incerta a orig. do voc., levantando a hipótese de um gót. **kasts* 'grupo de animais; ninhada de pássaros' e acrescentando o seguinte comentário: "aplicado às castas da Índia, o voc. port. estendeu-se a todas as línguas modernas com o sentido de 'classe social sem mistura e sem contacto com as demais'"; ver *cast-*

catamarano ver **catamarã 2** embarcação leve formada por dois cascos independentes e paralelos, ligados entre si por peças transversais, formando estrutura sobre a qual se monta uma plataforma que pode conter uma cabine; pode ser a vela ou a motor ⦿ ETIM tâm. *ka*^{tt}*umaram*, de *ka*^{tt}*u* 'ligadura' e *maram* 'pau'; cp. ing. *catamaran* (1673) 'id.' e fr. *catamaran* (1699 sob a f. *catamaron*) 'id.'; f.hist. 1545 *catamaram*, a1557 *catamarões tamil*

cauri 1 malacologia.molusco gastrópode da fam. dos cipreídeos (*Cypraea moneta*), encontrado nas regiões tropicais dos oceanos Índico e Pacífico, cuja concha foi us. no passado como moeda, na África e na Ásia; cauril, caurim ⦿ ETIM segundo Dalg., o voc. é neo-árico: hind. *caurí*, mar.-conc. *kav*^{d}*í*, guz. *ko*^{d}*i*, do sânsc. *kaparda* '80ª parte do pana'; observem-se os seguintes comentários de Dalg.: "*caurim* (*cauri* e *cauril*) 'pequena e branca concha do molusco *Cypraea moneta* que corria, e ainda hoje corre em menor escala, por moeda em várias regiões da Ásia austral e da África'; os ingleses chamam-lhe *cowry* e os franceses *cauri*, *coris*, *caouri*, *kauri* ou *cowry*"; f.hist. a1515 *cury*, 1529 *cori*, 1554 *cauryns*

cavia V. cobaia 2 Derivação: por extensão de sentido. qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos ⦿ ETIM lat.cien. *cobaya* (1760), indigenismo do Brasil *çabujê* 'rato que se come' (cf. Diccionário Brasiliano - Português, *s.v.*); segundo J. Picoche, o voc. foi transcrito pelos

portugueses *çabuja*, depois, os impressores escrevem *cobaya*, forma como os naturalistas latinizaram o termo

ceara v. maniçoba-do-ceará v. maniçoba 1.2 árvore de até 20 m (*M. glaziovii*) da mesma fam., nativa do Brasil, de raízes venenosas, folhas alternas palmatilobadas, flores apétalas, cápsulas de três lobos que, quando maduras, se rompem atirando as sementes a grandes distâncias; o caule e os pecíolos exsudam látex com cheiro da albumina do ovo e sabor adocicado que coagula e petrifica em contato com o ar, exalando mau cheiro; maniçoba-do-ceará no dicioario italiano, é o látex extraído da maniçoba.

cearina v. cera de carnauba da como sub entrada de cera: c. de carnaúba QUÍM cera obtida das folhas da carnaubeira, us. para lustrar móveis, calçados, revestimentos de papel, preparações cosméticas, farmacêuticas etc.

centavo *s.m.* (1913 cf. CF^2) NUMS moeda divisionária que representa a centésima parte da unidade monetária oficial de diversos países (Brasil, Portugal, Argentina, Bolívia, Colômbia, Cuba, México etc.) ⦿ ETIM cento + *avo*; ver *cent(i)-* e etim. de *avo*

cerrado 12 fitogeografia. mata xerófita dos planaltos, de formação arbórea aberta, com vegetação herbácea abundante e cujas árvores são ger. pequenas e tortuosas e de casca grossa e suberosa; campo cerrado, cerradão, mato grosso ⦿ ETIM part. de *cerrar*; ver *cerr-*; f.hist. 1261 *sarrado*, sXIII *asarrado*, 1390 *carado*, 1393 *ssarrado*, sXIV *çerado*, sXV *cerrado* adj., 1337 *sarrado*, sXV *çarrado* s.m.

ciacotta V. chacota 1 Rubrica: dança. dança de provável origem trovadoresca, de forte caráter chistoso, popular no sXVI, e que era acompanhada por música de guitarras

chapada *s.f.* (sXV cf. IVPM) **1** GEO área de terra de dimensões consideráveis, situada a uma certa altitude, cujo topo é relativamente plano e cujos flancos podem ter diferentes inclinações; altiplano, planalto **2** GEO extensão de terreno de superfície regular e horizontal; planície, planura, **7** GEO *B* grande extensão de terreno sedimentar da região Centro-Oeste (e tb. do Nordeste) situada a um mínimo de 600 m de altitude <*a c. da serra da Canastra*> <*c. dos Guimarães*> <*c. do Araripe*> **8** *MA* terreno plano com vegetação rala e baixa ⦿ ETIM fem.substv. de *chapado*

china v. nanquim pigmento negro e tinta que consiste em fina suspensão desse pigmento, com aplicação em desenho, devido à intensidade, nitidez e indelebilidade com que se fixa no papel [1840 top. *Nanquim* (China); f.hist. 1877 *nankím*; 1840 é a data para a acp. p.ana. 'tinta para desenho' e para a acp. de têxt 'pano']

churrascaria Regionalismo: Brasil. restaurante especializado nas diferentes modalidades de churrasco [1961]

churrasco 1 culinária. carne bovina ou de outro animal assada, sem ser temperada, na grelha ou no espeto; à cafreal

claves

cinamomo s.m. [sXIX] s.m.angios. **2** árvore de até 20 m (*Melia azedarach*), da fam. das meliáceas, com madeira de qualidade, esbranquiçada, rósea ou avermelhada, com veios castanhos, casca e folhas com usos medicinais e inseticidas, e muito cultivada, esp. como ornamental (*CAB*)] v. **margosa**

coati v. quati mastozoologia.mamífero diurno da fam. dos procionídeos (*Nasua nasua*), encontrado em grande parte da América do Sul, de focinho longo e cauda com anéis escuros, ger. ereta [Vive solitário ou em grupos de até 30 indivíduos e alimenta-se de frutos e pequenos animais.] ⦿ ETIM tupi *kwa'ti* 'espécie de mamífero carnívoro', segundo citado por JM, lit. 'nariz pontudo'

cobaia *s.f.* (1815 cf. Cuvier) **1** MASTZOO roedor sul-americano da fam. dos caviídeos (*Cavia porcellus*), encontrado atualmente apenas como animal doméstico, e que, desde o sXIX, vem sendo us. em todo o mundo em experimentos laboratoriais; porquinho-da-índia, preá, preá-da-índia **2** *p.ext.* qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos **3** campo, assunto ou objeto de experiências <*ele não a amava, apenas a us. como c.*> ⦿ ETIM lat.cien. *cobaya* (1760), indigenismo do Brasil *çabujê* 'rato que se come' (cf. Diccionário Brasiliano - Português, *s.v.*); segundo J. Picoche, o voc. foi transcrito pelos portugueses *çabuja*, depois, os impressores escrevem *cobaya*, forma como os naturalistas latinizaram o termo

cobra *s.f.* (sXIII cf. IVPM) **1** HERP design. comum aos répteis escamados, carnívoros, da subordem das serpentes, de corpo alongado, membros e aberturas dos ouvidos ausentes, olhos imóveis e sem pálpebras, cobertos por escamas transparentes, língua delgada, bífida e protrátil e dentes cônicos,

presentes na maxila, mandíbula e no teto da boca; malacatifa, serpente ⊙ ETIM lat. *colùbra,ae* 'cobra fêmea, serpente'; ver [1]*cobr-* e *colubr-*; f.hist. sXIII *coobra*, sXIII *coovra*, sXV *cobra*

coco /ô/ *s.m.* (1499 cf. IVPM) **2** ANGIOS design. comum às plantas do gên. *Cocos*, da fam. das palmas, com uma sp. apenas **3** ANGIOS *B* design. comum a diversas palmeiras que têm fruto ger. menor, mas de forma e aspecto semelhante ao do coqueiro (*Cocos nucifera*) **4** ANGIOS o fruto dessas palmeiras ⊙ ETIM angios prende-se ao lat.cien. gên. *Cocos* (1753);

coguaro v. suçuarana 3 mamífero da fam. dos felídeos (*Felis concolor*), encontrado do Canadá à Patagônia, em uma grande variedade de ambientes; de grande porte, cabeça relativamente pequena, pelagem dorsal marrom clara e uniforme, podendo apresentar grande variação de tonalidade, partes inferiores esbranquiçadas, focinho ao redor da boca branco e cauda de ponta anegrada; AGC registra, no DHPT, o tupi *sïwasua'rana* 'mamífero da fam. dos felídeos; p.ext., indivíduo de má índole, perverso'; f.hist. 1610 *suaçurana*, 1618 *susurana*; a datação é para a acp. de mastzoo]

comando *s.m.* (1813 cf. MS[2]) **9** *p.ext.* pequeno grupo de intervenção armada, ger. subordinado a uma organização política, revolucionária, extremista etc., para a qual executa seqüestros, atentados, sabotagens etc. <*o exército inglês atacou um c. do I.R.A.*> ⊙ ETIM regr. de *comandar*; na acp. de mil 'grupo autônomo de choque especialmente treinado para determinadas operações'; é criação portuguesa que se expandiu para as línguas ocidentais de cultura a partir do afrn., língua da África do Sul, onde os portugueses, juntamente com os bôeres holandeses, organizavam expedições paramilitares no intuito de reprimir os movimentos nativistas e autonomistas dos negros sul-africanos, na chamada Guerra dos Bôeres; ver [1]*mand-*; f.hist. 1813 *commando*

concelho /ê/ *s.m.* (991 cf. JM[3]) **2** *p.met. P* conjunto de cidadãos residentes nessa circunscrição e representados por essa municipalidade ⊙ ETIM lat. *concilìum,ìi* 'assembléia, ajuntamento, união'; ver *concili-*; f.hist. 991 *conzelio*, 1269 *conçelho*, sXIII *concelho*, sXIII *cõcello*, 1352 *cooncelho*

copaíba angiospermas.design. comum às árvores do gên. *Copaifera*, da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, nativas do Brasil, de boa madeira, e cujo córtex encerra óleo medicinal; copaibeira, óleo, pau-de-óleo ⊙ ETIM tupi *kopa'ïwa* 'árvore da fam. das leguminosas, de que se extrai óleo com propriedades medicinais', prov. com el. final do tupi *'ïwa* 'tronco (de planta), haste, pau', p.ext. 'planta, árvore'; f.hist. 1576 *copahiba*,c1584 *cupaigba*, 1587 *copaíba*

copra *s.f.* (a1515 TPirS 190) MATER polpa oleaginosa da amêndoa do coco-da-baía, seca e preparada para dela se extraírem óleo, glicerina, manteiga de coco etc., e esp. o copraol □ ETIM mal. *koppara* 'casca seca da amêndoa', do hind. *khopra*, com orig. no sânsc. *kharpara* 'id.'

copraol *s.m.* (a1958 cf. MS[10]) MATER substância gorda extraída da copra, própria para a fabricação de velas, supositórios etc. ⊙ ETIM copra + *-ol*

cornaca *s.m.* (1554 cf. NautTm) tratador ou condutor de elefantes □ ETIM segundo Dalg., cing. *kúruneka* < *kúrunáyak* < *kúruva-náyaka* 'amansador de elefante'; f.hist. 1638 *cornaquas*

cruzado 8 meio através do qual eram efetuadas transações monetárias no Brasil de 28 de fevereiro de 1986 a 15 de janeiro de 1989, quando foi substituído pelo *cruzado novo*

cruzeiro *adj.* (sXV cf. IVPM) **9** ECON meio através do qual eram efetuadas transações monetárias no Brasil nos períodos de novembro de 1942 (quando substituiu o *mil-réis*) a fevereiro de 1967 (quando foi substituído pelo *cruzeiro novo*); de maio de 1970 a fevereiro de 1986 (quando deu lugar ao *cruzado*); e novamente instituído a partir de março de 1990, vigorando até julho de 1993, quando foi substituído pelo *cruzeiro real*.] ETIM cruz- + *-eiro*; ver *cruz-*; f.hist. sXV é a data para o subst. 'parte da igreja entre a nave central e a capela-mor'

cutia [1584] design. comum aos roedores do gên. *Dasyprocta*, da fam. dos dasiproctídeos, representados no Brasil por cinco spp., com até 60 cm de comprimento e 4 kg, pelagem curta e áspera, escura no dorso e esbranquiçada ou amarelada nas partes inferiores, e cauda muito curta.

dodó ornitologia. ave columbiforme, não voadora, da fam. dos rafídeos (*Raphus cuculatus*), endêmica das ilhas Maurício (oceano Índico), de asas curtas e grande porte, podendo pesar até 25 kg; dronte [Esta ave, aparentada aos pombos, extinguiu-se no final do sXVII devido à caça indiscriminada.] ⊙ ETIM ing. *dodo* (1628) 'id.', tb. adp. *dodo* e *dodô*; do port. *doudo* 'bobo, tolo, estúpido, sem juízo'; ver *doido* e *doid-*

eira v. eirá v. **jaguarudi** mamífero da fam. dos felídeos (*Felis yagouaroundi*), encontrado dos E.U.A. ao Norte da Argentina; eirá, gato-mourisco, gato-preto, maracajá-preto

embaraçado *adj.* (sXV cf. FichIVPM) que se embaraçou **1** que não está claro; confuso <*observações e.*> **2** que apresenta dificuldades; complicado, difícil <*transação e.*> **3** incomodado, desconfortável

<estava e. naquela situação> ⊙ ETIM part. de *embaraçar*; ver *maranh-*; f.hist. sXV *embaraçado*
embaraçamento *s.m.* ato ou efeito de embaraçar(-se); embaraço ⊙ ETIM embaraçar + *-mento*; ver *maranh-*
embaraçar *v.* (sXV cf. FichIVPM) **1** *t.d. e pron.* criar ou sentir embaraço; complicar(-se); atrapalhar(-se) *<o excesso de regras embaraça os estudantes> <embaraçou-se com o novo equipamento>* **1.1** *t.d.* pôr embaraços, obstruir (trânsito, estrada etc.) *<os caminhoneiros em greve embaraçaram as estradas>* **2** *t.d. e pron.* causar ou sentir confusão; perturbar(-se), vexar(-se) *<a chegada inesperada dos pais embaraçou os namorados> <embaraçou-se durante a entrevista* ⊙ ETIM em- por [1]*en-* + *baraço* + *-ar*; ver *maranh-*
embaraço s.m. (1556 DPPI II 203) **1** m.q. **embaraçamento 2** qualquer fato ou coisa que dificulta ou impede; dificuldade, complicação, atrapalhação ⊙ ETIM regr. de embaraçar; ver maranh-; f.hist. 1561 ebaraço
escudo *s.m.* (974 cf. JM[3]) **5.1** *p.ext.* ECON a cédula e a moeda (divisíveis em cem unidades menores, denominadas centavos) us. nessas transações ⊙ ETIM lat. *scútum,í* 'escudo de forma alongada'; ver *escud-*; f.hist. 974 *scudos*, sXIII *escudo*
fado *s.m.* (sXV cf. FichIVPM) **2** (1879) MÚS canção popular de Portugal, freq. de caráter lamentoso, sempre acompanhada pela guitarra portuguesa f. corrido MÚS tipo de acompanhamento instrumental do fado ⊙ ETIM lat. *fátum,í* 'predição, profecia, oráculo'; ver *fa-*
fanga 1 antiga medida para secos, equivalente a quatro alqueires. ⊙ ETIM ár. *fanqâ* 'caixa, medida de capacidade' e, p.ext., no port., local onde a medida era us., 'mercado, açougue ou praça em que se vendem mercadorias'; cp. *fanega*, que teria vindo do esp. do plat., com orig. numa f. ár. *faniqa*, de mesmo sentido que *fanqâ*
fava *.f.* (1114 cf. JM[3]) termo do garimpo **6** GAR *B infrm.* seixo rolado de pequeno tamanho, constituído ger. de óxido de titânio hidratado ⊙ ETIM lat. *faba,ae* 'fava (legume)'; ver [1]*fav-*; f.hist. sXV *faava*
favela *s.f.* (1909 Careta nº 79 14/12) **1** arbusto ou árvore (*Jatropha phyllacantha*) da fam. das euforbiáceas, que ocorre no Brasil (N.E. e S.E.),; faveleira, faveleiro, mandioca-brava **3** *B* conjunto de habitações populares que utilizam materiais improvisados em sua construção tosca, e onde residem pessoas de baixa renda ⊙ ETIM fava + *-ela*; segundo Nascentes, a acp. 'habitação popular' surge após a campanha de Canudos, quando os soldados, que ficaram instalados num morro daquela região, chamado da *Favela*, prov. por aí existir grande quantidade da planta *favela*, ao voltarem ao Rio de Janeiro, pediram licença ao Ministério da Guerra para se estabelecerem com suas famílias no alto do morro da Providência e passaram a chamá-lo morro da *Favela*, transferindo o nome do morro de Canudos, por lembrança ou por alguma semelhança que encontraram; o nome se generalizou para 'conjunto de habitações populares'; ver [1]*fav-*; f.hist. 1909 *favella*
fazenda *s.f.* (sXIII cf. FichIVPM) **1** conjunto de bens, haveres; azienda **1.1** ECON conjunto das finanças públicas e a organização pública sob cuja alçada está a administração dessas finanças **2** propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavoura ou de criação de gado; herdade ⊙ ETIM lat.vulg. **facenda* 'coisas que devem ser feitas', pelo lat. *facienda*, gerundivo de *facìo,is,féci,fáctum,facère* 'fazer, obrar, executar'; o sentido primitivo de 'ocupações' passou ao de 'assunto, negócio' e daí a 'riqueza, bens, propriedades rústicas, mercadoria, pano'; ver *faz-*
fazendeiro *adj.* (1152 cf. JM[3]. **2** que ou aquele que cultiva sua própria fazenda ou a de outra pessoa **3** que ou aquele que é proprietário de uma ou mais fazendas ETIM fazenda + *-eiro*; ver *faz-*; f.hist. 1152 *fazendeiro*, sXIII *fazendeiro*
feijoa *s.f.* **v goiaba serrana** arbusto ou árvore de até 6 m (*Acca sellowiana*), da fam. das mirtáceas, com casca verde-acinzentada, flores solitárias ou fasciculadas, carnosas, brancas, com interior róseo, e bagas com polpa abundante e aromática, comestível; **feijoada** *s.f.* (1813 cf. MS[2]) 2.1 CUL *B* prato da cozinha nacional preparado com feijão temperado e cozido com carnes salgadas de diferentes partes do porco, lingüiça, paio, charque, toucinho etc. e que, no Nordeste, é acrescido de legumes (abóbora, maxixe, quiabo etc.) ⊙ ETIM feijão sob a f. rad. *feijo-* com perda da nasalidade + *-ada*, ver *feij-*
fetiche *s.m.* (1873 cf. DV) **1** objeto a que se atribui poder sobrenatural ou mágico e se presta culto **2** PSICOP objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas ⊙ ETIM fr. *fétiche* (1605) 'sortilégio, amuleto'; o voc. fr. é considerado emprt. do port. *feitiço* (sXV) 'id.', este, do lat. *factitìus,a,um*, us. já no sXVI em línguas africanas e, na área ibérica, em concorrência com *bruxaria* (cp. esp. *hechizo*); ver *faz-*

fluminense *adj.2g.s.2g.* (1783 ABN v 96 p.134g) **1** relativo ao Rio de Janeiro, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante **2** *obsl.* relativo à cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado do Rio de Janeiro, ou o que é seu natural ou habitante *adj.2g.* **3** relativo a rio; fluvial, flumíneo ⦿ ETIM *flúmin(e)-* (rad. do lat. *flúmen,ìnis* 'rio') + *-ense* 'natural da província, depois do Estado e da cidade do Rio de Janeiro'
galego /ê/ *adj.s.m.* (887 cf. JM[3]) **2** LING diz-se de ou língua românica, muito próxima do português, falada na Galiza (Espanha) ⦿ ETIM do lat. *gallaeci,órum*; f.hist. 887 *gallego*, sXIII *galego*
garimpeiro [1836 cf SC] substantivo masculino **1** Rubrica: termo de garimpo.trabalhador que extrai da terra substâncias minerais úteis ou preciosas **2** Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: termo de garimpo. indivíduo que trabalha no garimpo
garoupa 1.1 peixe (*Epinephelus guaza*), do Atlântico tropical e do Mediterrâneo, muito comum no Sudeste do Brasil, com até 1 m de comprimento, marrom-escuro com manchas verdes irregulares e uma estria negra no pré-opérculo, nadadeiras peitorais e pélvicas escuras; 1519
garoupeira *s.f.* (1877 cf. MS[7]) PSC *B* embarcação us. na pesca da garoupa, que possui um mastro central, com vela latina, e outro à popa, onde trabalha o *burriquete* ('vela') ⦿ ETIM garoupa + *-eira*
gambá *s.2g.* (1817 cf. CasCorBr) MASTZOO **1** design. comum aos marsupiais do gên. *Didelphis*, os maiores da fam. dos didelfídeos, com três spp., encontrados do Sul do Canadá à Argentina, ETIM orig. tupi, mas de étimo contrv.; para Nascentes, do tupi *gã'bá* 'seio oco'; para JM, do tupi *gua* 'seio, ventre' + *ambá* = *embá* 'vazio, oco'
guará mamífero carnívoro, campestre, da fam. dos canídeos (*Chrysocyon brachyurus*), encontrado no Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai; tem cerca de 1,3 m de comprimento, pelagem laranja-avermelhada, ponta do focinho e extremidade dos membros negras, cauda curta e branca; aguará, aguaraçu, jaguaruçu, lobo-guará [É o maior canídeo da América do Sul.]
guaraná *s.m.* (1842 Panor 178) *B* **1** ANGIOS arbusto escandente de até 10 m (*Paullinia cupana*), da fam. das sapindáceas, de folhas com cinco folíolos, pequenas flores aromáticas em tirsos, cápsulas septicidas e sementes subglobosas, com vários usos medicinais, esp. como tônicas e excitantes, e de que se fabricam refrigerantes; guaranazeiro, naranazeiro **2** pasta, bastão ou pó dessas sementes **3** xarope feito dessas sementes ⦿ ETIM segundo JM, tupi *wara'ná*
Guarani *s.2g.* (1864 cf. JAlGuarani) ETNOL **5** grupo indígena que habita Mato Grosso do Sul, e Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, onde se divide nos subgrupos caiouá, embiá e nhandeva; no passado, esse grupo, subgrupos ou parte deles eram tb. conhecidos como araxás, cainguás, carijós, guaianás, ouitatins ⦿ ETIM para a acp. econ, *guarani* 'grupo indígena', segundo VocTP, de *guarani* 'guerrear, combater'; subst. 'a guerra'; f.hist. 1864 *guarany*, 1899
guaranina *s.f.* FARM m.q. ***cafeína*** ETIM guaran- (por *guaraná*) + *-ina*
guinare v. guinar 1. Alterar o rumo movendo o leme
geral
giunca v. junco termo de marinha. qualquer de várias embarcações a remo ou a vela chinesas, com popa elevada, outrora empr. na guerra ou no comércio, com um a cinco mastros [Atualmente é nome genérico para qualquer embarcação chinesa a vela, com popa mais elevada do que a proa, e velas latinas ou movida a motor.] ⦿ ETIMmal. *adjong*; f.hist. 1345 *joncos*, 1510 *junquo*, 1513 *junco*
igapó *s.m.* (1886 cf. VerAm) *AMAZ* **1** região da floresta amazônica que permanece alagada mesmo na estiagem dos rios ETIM tupi **ïa'po* 'charco, pântano coberto de mato' (el. inicial '*ï* 'água')
ipecacuanha *s.f.* (c1584 cf. DHPT) ANGIOS **1** planta (*Psychotria ipecacuanha*) da fam. das rubiáceas, nativa do Brasil (AMAZ, BA, MG, ES, C.-O.), de raízes com propriedades eméticas, expectorantes e antidisentéricas, folhas obovadas, membranáceas, e inflorescências em capítulos terminais; (…)⦿ ETIM tupi *ïpeka'kwaña* 'planta rubiácea de cujas raízes se extrai a substância emetina', seria comp. de *ï'peka* 'pato' e *a'kwaña* 'pênis'; ver *-anha*; f.hist. c1584 *jgpecacoãya*, 1587 *pecacuém*
inhame *s.m.* (sXV cf. FichIVPM) ANGIOS **1** design. comum a algumas plantas da fam. das aráceas e tb. da fam. das dioscoreáceas, com tubérculos e, por vezes, folhas comestíveis; cará-da-costa, colocásia, fava-do-egito, inhame-branco, inhame-da-áfrica, inhame-da- ⦿ ETIM afr. de orig.contrv.; Nei Lopes lembra que, em línguas não bantas, *nyam* é raiz dos cog. do port. 'comer', acrescentando que há quem a considere tb. raiz banta; f.hist. sXV *jnhame*, c1508 *ynhame*
ingá *s.m.* (1587 cf. DHPT) ANGIOS **1** design. comum às árvores e arbustos do gên. *Inga*, da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea, que reúne cerca de 350 spp., as únicas com folhas penadas dessa

subfam., nativas de regiões tropicais e temperadas das Américas, algumas cultivadas como sombreiras, como ornamentais ou pela polpa doce dos frutos **2** fruto dessas árvores ⊙ ETIM lat.cien. gên. *Inga* (1754); este, calcado no tupi *i'nga* 'nome comum a diversas plantas da fam. das leguminosas', lit. 'fruto úmido', prov. ligado ao tupi *'ï* 'água' e tupi *ï'wa* 'fruta, fruto', com alt. da sílaba final *'-wa* > *'-gwa* > *'-ga*; f.hist. 1587 *engá*, 1617 *enga*, 1618 *enguâ*, 1763 *inga*

jaborandi *s.m.* (c1584 cf. FCarC) ANGIOS *B* **1.1** pequena árvore (*Pilocarpus jaborandi*) nativa do Brasil, de folhas penadas, folíolos coriáceos, flores com pétalas róseas e amarelas, frutos com três a cinco cocas e sementes pretas brilhantes; arruda-do- ⊙ ETIM tupi *yambïra'ndi* 'nome comum a diversas plantas das famílias das piperáceas e das rutáceas'; A. G. Cunha (DHPT) registra o voc. com *-u-* (*jaburandi*) e aponta *jaborandi* como var.; f.hist. c1584 *jabigrandi*, 1587 *jaborandi*

jaborindina *s.f.* FARM m.q. ***pilocarpina (PILOCARPINA S.**.f.* (1899 cf. CF[1]) FARM alcalóide ($C_{11}H_{18}N_2O_2$) encontrado no jaborandi e us. esp. no tratamento do glaucoma; jaborandina, jaboridina ⊙ ETIM *pilocarpo* + *-ina*)TRAZ COM OUTRO NOME

jacamar *s.m.* (1815 cf. Cuvier) ORN *B* m.q. ***bico-de-agulha*** ⊙ ETIM prov. do tupi; cp. fr. *jacamar* (1760) 'pequeno pássaro, de plumagem predominantemente verde, com reflexos metálicos, que vive nas florestas da América tropical; gênero de pássaros da família dos galbulídeos', prov. emprt. ao tupi-guarani; o voc. está doc. em Marcgraf, *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), citado por Brisson como *Jacamaciri Brasiliensibus*; ver *jacamaici*

jacanã s.m. [1587 cf NotBr] **1** ornit. Regionalismo: Brasil. ave caradriiforme, paludícola, da fam. dos jacanídeos (*Jacana jacana*), com ampla distribuição na América tropical cisandina; [sin.: aguapeaçoca, cafezinho, casaca-de-couro, ferrão, japiaçó, japiaçoca, marrequinha, menininho-do-banhado, nhaçanã, nhançanã, nhanjaçanã, piaçó, piaçoca, pia-sol]

jacarandá *s.f.* ANGIOS design. comum às árvores e arbustos do gên. *Jacaranda*, da fam. das bignoniáceas, que reúne 34 spp., nativas de regiões tropicais das Américas, algumas de boa madeira, como p.ex. a caroba , outras com propriedades medicinais ou cultivadas como ornamentais ou para arborização urbana, como p.ex. a carobaguaçu ⊙ ETIM lat.cien. gên. *Jacaranda* (1789); ver *jacarandá* tupi *yakara'nda* 'nome comum a diversas plantas que fornecem excelente madeira para móveis e outras obras finas de marcenaria'

jacarandina

jaburu s. m. [1587] cf. NotBr Reg. Br.ornit. **1.1** ornit. ave (*Jabiru mycteria*) que ocorre da América Central ao Norte da Argentina e no Brasil (até SC), sendo muito comum no Pantanal; apresenta plumagem branca, enorme bico negro levemente curvado para cima e pescoço negro, nu e com a base vermelha;

jangada *s.f.* (1504 cf. Dalg) **1.2** MAR *B N.E.* tipo de balsa us. na pesca marítima, feita de cinco ou seis toros de madeira leve, unidos uns aos outros por meio de cavilhas e dotada de um mastro no qual se iça uma vela ⊙ ETIM malai. *c*H*anggáDam* 'balsa, dois barcos ligados para passagem nos rios', filiada ao sânsc. *sángga*D 'junção de dois objetos iguais;

jararaca 1.1 serpente de até 1,6 m (*Bothrops jararaca*), encontrada no Brasil (BA ao RS) e em regiões adjacentes no Paraguai e Argentina, de corpo marrom com manchas triangulares escuras, ⊙ ETIM tupi *yara'raka* 'cobra venenosa'; segundo Teodoro Sampaio, o voc. significa na língua de orig. 'aquele que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso'; f.hist. 1560 *geraraca*, c1584 *jararaca*

jararacuçu *s.2g.* (c1584 cf. FCarC) HERP *B* serpente venenosa (*Bothrops jararacussu*) da fam. dos viperídeos, de até 2 m de comprimento e coloração dorsal variável entre cinza, rosa, amarelo, marrom ou preto, com manchas triangulares marrom-escuras ⊙ ETIM tupi *yararaku'su* < *yara'raka* 'jararaca' + *u'su* 'grande'; ver *-açu*; f.hist. c1594 *jareracuçu*, 1789 *geraraco-áçu*, 1871 *jararácussú*

junco 2 mar. qualquer de várias embarcações a remo ou a vela chinesas, com popa elevada, outrora empr. na guerra ou no comércio, com um a cinco mastros [Atualmente é nome genérico para qualquer embarcação chinesa a vela, com popa mais elevada do que a proa, e velas latinas ou movida a motor.]

kraal v. curral *s.m.* (sXIII cf. IVPM) **1** lugar ger. cercado onde se prende e/ou recolhe gado, esp. bovino; estábulo, redil ⊙ ETIM orig.duv., talvez de um lat. **currale,is* 'circo para corridas de carros, lugar em que se guardam veículos', do lat. *currus,us* 'carro'; cp. a longa argumentação de Corominas sobre o voc. esp. *corral*; f.hist. 1337 *cural*, 1391 *curraaes*, sXIV *curraes*, sXV *currall* it. Kraal

labrador *s.m.* (1899 cf. CF[1]) **2** CINOL raça de cães de caça do grupo *retriever,* de grande porte, pelagem curta e cerrada, negra ou cor de mel **3** *p.met.* CINOL cão dessa raça ⊙ ETIM top. *Labrador* (península a leste do Canadá) tornada subst.com.
lagarto s. m reg. herpetologia. design. comum aos répteis escamados da subordem dos sáurios, terrícolas, arborícolas, fossórios ou semi-aquáticos, de corpo ger. delgado, cauda longa e de ponta afinada, membros presentes ou não e pálpebras movies 1.1. m.q. ***teiú*** (*Tupinambis teguixin*)
lambada *s.f.* (1716 cf. RB) **6** DNÇ MÚS *B* espécie de dança e música sensual e alegre, síntese de elementos negróides, caribenhos e brasileiros, entre outros, e dançada por pares enlaçados ⊙ ETIM ger. considerado alt. de *lombada* 'pancada no lombo'; *Vid*. Barrigada"; prov. da acp. de *lambada* 'pancada forte aplicada em qualquer parte do corpo', não somente no lombo, decorrem acp. pej. e der.; ver *lomb(o)-*
lisboeta /ê/ *adj.2g.s.2g.* (1836 cf. SC) relativo a Lisboa, capital de Portugal, ou o que é seu natural ou habitante [sin.: lisboano, lisboês, lisbonense, lisbonês, lisbonino, olisiponense, olisiponiano; (infrm.) alfacinha] ⊙ ETIM top. *Lisboa* + *-eta*; houve o arc. *Lisbõa* (sXIV); sobre a moderna se fizeram os gentílicos *lisboês* (sXVI), após o qual deve vir o cultismo *lisbonense* (sXVIII) e *lisboeta*; *lisbonino* deve ter sido ocasionalmente empr. pelo trânsito dos sXVIII-XIX; formas como *lisbonês* e *lisboano* parecem tb. ser episódicas (2ª met. sXIX); a alcunha *alfacinha* (sXIX)
lisbonino *adj.s.m.* (*sXVIII-XIX*) m.q. ***lisboeta*** ⊙ ETIM top. *Lisboa* sob a f. rad. *lisbon* + *-ino*
loris *s.m.* MASTZOO **1** design. comum a diversos pequenos primatas prossímios, da fam. dos lorisídeos, dos gên. *Loris* e *Nycticebus* **1.1** primata prossímio (*Loris tardigradus*), encontrado na Índia e Sri Lanka, com cerca de 25 cm de comprimento, cauda ausente, olhos grandes e mãos e pés preensores [É arborícola e noturno e desloca-se lentamente.] ⊙ ETIM lat.cien. gên. *Loris*
lusiade *adj.2g.s.2g.* (1531 cf. AResEr) **1** que ou o que tem origem portuguesa ou lusitana (diz-se esp. do que tem caráter honorífico) □ lusíadas *s.m.pl.* ⊙ ETIM antr. *Luso*, personagem mitológico, filho ou descendente de Baco (identificado com Liber, antigo deus itálico), que teria povoado a parte ocidental da península Ibérica' + *-i-* + *–ada*
macao v. **araracanga** ornit. arara (*Ara macao*) encontrada do México à Amazônia até o Norte de Mato Grosso, Sudeste do Pará, Maranhão e da Bolívia, com até 89 cm de comprimento, plumagem geral vermelha com verde, asas em azul e amarelo, e face nua branca; aracanga, arara-macau, ararapiranga, arara-vermelha, arara-vermelha-pequena, macau ⊙ ETIM tupi *arara* + *-canga* 'a cabeça de arara; a nascente ou cabeceira das araras'; f.hist. 1899 *arara-canga*
macaco *s.m.* (1550-1568 cf. NavarCart) **1** MASTZOO design. comum aos primatas, com exceção do homem e dos prossímios; símio **2** *fig.* indivíduo de pouca personalidade, dado a copiar o procedimento de outras pessoas; imitador ⊙ ETIM orig.duv.; ger. considerado afr. prov. banto; Nei Lopes lembra o quinguana *makako* 'pequeno símio', tb. atribuído ao lingala, e o quicg. (vili ou cabinda) *makaku* pl. de *kaku* ou *kaaku*
machete 3 (1716) música. instrumento de origem portuguesa, maior que o cavaquinho e menor que a viola, com quatro ou cinco cordas duplas e dedilháveis, afinadas em quintas; cavaquinho, machetinho, machim, machinho, ⊙ ETIMesp. *machete* (1550) 'estaca, espada ou faca larga e curta', der. do esp. *macho* 'maça, clave', segundo Corominas, prov. var. moçárabe de *mazo* 'maço, clave'; sXVIII acp. 'viola pequena'
macumba *s.f.* (*sXX*) **6** *p.ext.* em sentido lato, magia negra, feitiçaria; feitiço, despacho <*até m. já fizeram para (ou contra) ele*> ⊙ ETIM orig.contrv.; Cacciatore sugere o quimb. *ma* 'o que assusta' + *kumba* 'soar (assustadoramente)' Antenor Nascentes e Jacques Raymundo a ligam ao quimb. *makumba*, pl. de *dikumba* 'cadeado, fechadura', pelas "cerimônias de fechamento de corpos" que ocorrem entre os rituais desse culto
macuta 1 numism.moeda de cobre (ou, mais raramente, de prata) cunhada em Lisboa no sXVIII e outrora em circulação na África ocidental [1716 quimb. *mukuta* 'moeda', segundo JM, com dissimilação do *-u-* pretônico; cp. [2]*macuca*; cf. *tuta-e-meia*; f.hist. 1716 *maracuta*, 1789 *macuta*]
manachino manaquim v. **soldadinho 3** ornitologia ave passeriforme da fam. dos piprídeos (*Antilophia galeata*), encontrada no Brasil Central e no Paraguai, ⊙ ETIM ing. *manakin* ou *manikin* 'pequeno pássaro muito colorido da fam. dos piprídeos', do al. *Manneken*; f.hist. 1881 *manaquin*, 1899 *manakim*
mandarim *s.m.* (1514 cf. AAlbCar) **4** (1729) diz-se de ou o principal dos dialetos da língua chinesa, falado em todo o Norte da China e nas províncias do Centro, do Oeste e do Sudoeste, tomado como

língua oficial ⦿ ETIM segundo Dalg., do mal. *màntàri*, que é corruptela do sâncr. *mantrí* 'conselheiro, ministro ou chefe de estado'.hist. 1514 *mandarins*, 1522 *mandarjm*, 1563 *manderym*

mangabeira árvore de até 7 m (*Hancornia speciosa*), da fam. das apocináceas, com látex de que se faz borracha rosada, madeira vermelha, rija, folhas ger. elípticas e flores grandes, brancas, tubulosas

manioca v mandioca *s.f.* (1549 cf. MNóbrC) **1** ANGIOS arbusto (*Manihot esculenta*) da fam. das euforbiáceas, nativo da América do Sul, embora sejam ger. mais venenosas e freq. us. apenas para a produção de farinha de mandioca, farinha-d'água e ração animal **2** ANGIOS raiz dessa planta ⦿ ETIM tupi *mandi'oka* 'mandioca, raiz da planta chamada *mandi'ïwa*, no tupi'; a fonte do lat.cien. *Manihot* é o fr. *manihot* (1558), depois (1578) *maniot* e (1614) *manioc*, emprt. ao port. ou esp. *mandioca* ou ao tupi-guarani *mandióg*; grafias doc. no port., a partir de 1549: *mandioqua*, *mãdioca*, *mãdioqua*, *mamdioqua*, *mandióca*, *mandiocha*, *mandiòca*, *mandioca* etc.; ver *mandioc-*

manga *s.f.* (1554 cf. SBotInd) ANGIOS **1** fruto da mangueira; alamba, mango **2** m.q. [2]***mangueira*** (*Mangifera indica*) □ GRAM dim.irreg.: *manguito* □ ETIM malai. *manga*, este do tâmul *mánkáy* 'fruto da mangueira'; f.hist. 1554 *manguas*, a1583 *mangue*, 1616 *mangas*

mangabeira 1 árvore de até 7 m (*Hancornia speciosa*), da fam. das apocináceas, com látex de que se faz borracha rosada, madeira vermelha, rija, folhas ger. elípticas e flores grandes, brancas, tubulosas ⦿ ETIM mangaba + *-eira*; f.hist. 1587 *mangabeiras*, c1594 *mãgabeiras*, c1631 *mangaueira*, 1763 *mangaveiras*

mangelino

mangostao 1árvore (*Garcinia mangostana*) da fam. das gutíferas, nativa da Ásia, as folhas são estomáquicas e adstringentesmal. ⦿ ETIM mal. *mangistan, mangista* ou *mangis* 'nome da fruta e da planta'; f.hist. 1613 *mangostães*, 1613 *mangostam*, 1883 *mangustão*

mangusto *s.m.* (1881 cf. CA[1]) MASTZOO design. comum a diversos pequenos mamíferos da fam. dos viverrídeos, esp. aqueles do gên. *Herpestes*, de corpo esguio e cauda longa, encontrados na África e Ásia ⦿ETIM para Dalg. *s.v. manguço*, *mongus* 'icnêumone indiano' feito em fr. *mangouste* e retomado no port. sob a f. atual *mangusto*

marabuto *s.m.* (1552 cf. JFigH) **1** REL sacerdote muçulmano de vida ascética, venerado em vida e após a morte como um santo; marabu, morabita, morabito ⦿ ETIM ár. *murábit* 'eremita, monge, guia religioso', orign. 'aquele que vive em monastério ou fortaleza contra os infiéis'; f.hist. 1552 *maraboto*, 1588 *marabuto* ITALIANO DIFERE

maracá *s.m.* (1561 cf. CartJes) **1** ETN *B* chocalho indígena, us. em festas, cerimônias religiosas e guerreiras, que consiste em uma cabaça seca, desprovida de miolo, na qual se metem pedras ou caroços; bapo, maracaxá, xuatê **2** MÚS *B* chocalho que funciona como instrumento rítmico no acompanhamento de determinadas músicas e danças (p.ex., a rumba, o samba, o baião) ⦿ETIM tupi *mara'ka* 'espécie de chocalho indígena'

maracaia v. jaguatirica mamífero da fam. dos felídeos (*Felis pardalis*), encontrado do Sul dos E.U.A. ao Norte da Argentina, ⦿ ETIM tupi *maraka'ya* 'mamífero carnívoro da família dos felídeos, espécie de gato-do-mato'; f.hist. 1587 *maracajás*, 1618 *maracaiâ*

maracujá *s.m.* (c1584 cf. FCarC) ANGIOS **1** design. comum a diversas plantas do gên. *Passiflora*, da fam. das passifloráceas, trepadeiras de frutos comestíveis e com propriedades calmantes; flor-da-paixão, maracuiá, maracujazeiro **2** o fruto dessas plantas □ ETIM tupi *moroku'ya* 'id.'; f.hist. c1584 *murucujâ*, 1587 *maracujás*, c1594 *morocujas*

margosa v. cinamomo árvore de até 20 m (*Melia azedarach*), da fam. das meliáceas, folhas com usos medicinais e inseticidas, flores róseas ou lilacíneas, aromáticas, melíferas, em panículas, e drupas comestíveis e tb. medicinais,

margosico relativo a ou que tem características de margosa

marmelada *s.f.* (1521 cf. GVicRub II) **1** CUL doce feito de marmelo cozido em calda de açúcar e água, que é peneirado após o cozimento, adquirindo consistência pastosa ⦿ ETIM marmelo + *-ada*; as acp. 'negócio desonesto' e 'arranjo entre participantes de um jogo' podem provir do fato de não raramente o doce feito de marmelo receber adição fraudulenta de chuchu, que funciona como liga; ver *marmel-*

marupá s.m. [1899 cf. CF] angios. **1** árvore (*Quassia simarouba*) da fam. das simarubáceas, nativa das Antilhas, com madeira muito branca, insetífuga, us. em interiores, caixas e cofres para guardar documentos, folhas de até 19 folíolos, flores amarelas em panículas e drupas com sementes de que se extrai óleo vermífugo; marubá, simaruba.

mascavo *adj.s.m.* 1522 diz-se de ou o açúcar que não é refinado; mascavado ⊙ ETIM f. red. de *mascavado*; ver *mas-*
matamatá 2 HERP quelônio amazônico (*Chelus fimbriatus*), da fam. dos quelídeos, de pescoço longo, provido de franjas laterais, cabeça achatada e triangular, terminada em um focinho muito fino e carapaça com uma série de pequenas saliências ⊙ ETIM na acp. herp, tupi *matama'ta* 'espécie de tartaruga'; segundo Nascentes, a árvore recebe o mesmo nome por apresentar protuberâncias como a tartaruga; f.hist. c1631 *matamata*, c1777 *matamatá*
mil-reis 2 antiga base unitária prática (a base efetiva era o ^{2}*real*) do meio circulante brasileiro, substituída em 1942 pelo *cruzeiro*
mocó *s.m.* (1618 cf. AFBrand) *B* **1** MASTZOO roedor da fam. dos caviídeos (*Kerodon rupestris*), encontrado em áreas pedregosas do Leste do Brasil (do PI até MG), do tamanho aproximado de um preá (*Cavia*), ger. um pouco maior, cauda ausente ou vestigial, e pelagem cinzenta ⊙ ETIM tupi *mo'ko* 'roedor'; a filiação do étimo das duas últimas acp. à primeira é supositícia; f.hist. 1618 *moquô*, 1618 *moquo*, 1789 *mocó*, 1817 *mócó*
monésia árvore (*Pradosia kuhlmannii*) da fam. das sapotáceas, nativa do Brasil, de casca leitosa, folhas obovadas, flores em fascículos e bagas amarelas; buranhém, casca-doce, pau-doce
mordexim doença infecciosa, causada pelo *Vibrio cholerae*, que se transmite esp. pela água; cólera-morbo ⊙ ETIM conc.-mart. *mo^{d}xí* 'quebrantamento', segundo Dalg., us. para designar a cólera-morbo; orign. doc. *mor(i)xi*, depois adp. *mordexi* ou *mordexim*; f.hist. 1543 *moryxy*, 1563 *morxi*, 1563 *mordexi*, 1563 *mordexim*, 1615 *mordechi*, 1679 *morexim*, 1697 *mordoxim*
morna mus.música nostálgica, cantada e dançada aos pares em ritmo lento ou moderado, ao som de instrumentos de corda (violão, violino, viola e cavaquinho), típica de Cabo Verde
muçurana 2 serpente da fam. dos colubrídeos (*Clelia cloelia*), encontrada da América Central ao Norte da Argentina, de até 1,8 m de comprimento, dorso cinza-escuro e ventre amarelo-esbranquiçado; boiru, cobra-preta, limpa-campo, limpa-mato, limpa-pasto, mamadeira ⊙ ETIM tupi *musu'rana* ('semelhante ao muçu') 'corda com que os indígenas amarravam os prisioneiros'
mulato (1557) **6** que ou aquele que é filho de pai branco e de mãe preta (ou vice-versa)
nambiuvu s. m. veter. moléstia canina em que ocorre hemorragia nas orelhas. ⊙ ETIM segundo VocTG, tupi *na'mbi* 'orelha' + tupi *u'u* 'podre'
nandu v. inhambu *.2g.* (c1631 cf. CLisArv) ORN *B* m.q. ***inhambu*** ('designação comum') ⊙ ETIM tupi *ina'mbu* 'ave da família dos tinamídeos'; f.hist. 1618 *jnhambu*, c1631 *ynambu*, 1783 *inhambu*
ocuba v. ucuuba *s.f.* (1881 cf. CA[1]) **1** ANGIOS design. comum a diversas árvores da fam. das miristicáceas, esp. dos gên. *Virola* e *Iryanthera*, de cujas sementes se extrai gordura amarelada, comestível, mas us. esp. no fabrico de velas e sabão ⊙ ETIM segundo Nasc., do tupi *uku'ïwa*
nandiroba v. nhandiroba v. fava-se santo Inácio Óleo de nhandiroba
orraca v. áraque bebida alcoólica anisada, de origem árabe, que se consome diluída em água; araque ⊙ETIM ár. red. da loc. *Harak at-tamr* 'seiva da tamareira' com que se faz uma bebida espirituosa; f.hist. 1858 *aráque*
paca *s.f.* (a1576 cf. PMGandT) *B* **1** MASTZOO grande roedor noturno (*Agouti paca*), da fam. dos dasiproctídeos, encontrado do México ao Sul do Brasil; ⊙ETIM tupi '*paka* 'mamífero roedor'; o nome viria de um v. indígena com o signf. de 'acordar'; o animal era dito 'sempre atento', por vigiar a noite toda e só dormir de dia; f.hist. a1567 *pacas*, 1595 *paqa*, 1648 *paqua*, 1648 *paças* [sic], a1667 *pácas*, c1698 *pacca*
padrão 1monumento de pedra, em lugar descoberto pelos portugueses ⊙ETIM alt. de *pedrão* (< *pedra* + *-ão*); ver *petr-*; f.hist. 1142 *padronem*, sXII *padroes*, sXIII *padrão*, sXIV *padrom*
pagode *s.m.* (1516 cf. DBLiv) **1** templo ou monumento memorial da Índia e de outras regiões do Oriente, ger. em forma de torre, com diversos andares e telhados a cada andar terminados freq. em pontas recurvas para cima (termo tb. us. para mesquitas mouras e varelas budistas) **2** (1525) ídolo indiano, imagem de um deus ou santo asiático ⊙ ETIM sânsc., através de idioma dravídico (malai. *pagôdi*, tâm. *pago*(*di*); ver *pagod-*
palanquim *s.m.* (1535 cf. CronBis) **1** veículo, ger. para uma pessoa, us. em países orientais (como China e Índia) e que consiste numa espécie de liteira fechada ou de leito ou assento coberto, preso a um varal que é levado no ombro por dois, quatro ou seis homens ou, por vezes, no dorso de elefantes ou camelos ⊙ ETIM segundo Dalg., neo-árico *pálakí* (páli *pallangko*; f.hist. 1535 *pallamque*, 1535 *palãques*, 1535 *palanque*, 1552 *palanquim*

pangaia 1grande embarcação alterosa, resistente, rápida e de boa estabilidade, com dois mastros de velas bastardas, us. na África oriental e na Índia ⦿ETIM segundo Dalg., apesar deste vocábulo ser us. em idiomas indianos (conc., malai., canarês, túlu), sua procedência é africana; para o 'remo', o mesmo autor dá o malai. *pinggang*, com influência da 'embarcação'; f.hist. 1552 *pangaios* 'remo', 1555 *pangaios*, 1604 *pangayo*, 1912 *pangai* 'embarcação'

paranco.v parau 1 pequena embarcação de cabotagem, movida a remo ou a vela, empr. nas costas do Oriente. [dravídico *pa^{d}avu* que, segundo Dalg., passou para as línguas da Malásia sob a f. *parahu* ou *paráu*; f.hist. 1504 *paraaos*, 1508 *paraos*, 1508 *paraós*, 1613 *parau*

pareira v. Uva-da-serra arbusto escandente (*Chondodendron tomentosum*) da fam. das menispermáceas, nativo das Guianas, de folhas pubescentes e flores racemosas; parreira-brava, uva-do-mato, uva-silvestre

parica v. **paricá-de-cortume v. niopó 3** pó das sementes dessas plantas, us. como rapé, com efeitos alucinógenos

pataca 1numism.moeda antiga de prata, que valia 320 réis ⦿ETIM orig.contrv.; do provç. *patac* (sXIV) ou do it. *patacca* (sXVI), ambos tb. de orig.duv.; f.hist. 1598 *pataquas*, sXVI *pataca*

paulista 1 relativo a São Paulo, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante

pé *s.m.* (sXIII cf. FichIVPM) **25** MAR velocidade de uma embarcação; andamento <*navio de bom pé*> **26** *p.met.* (da acp. 1) METR unidade de comprimento do sistema anglo-saxão,correspondente a 12 polegadas e equivalente, no sistema métrico decimal, a aprox. 30,48 cm ⦿ ETIM lat. *pes,pèdis* 'pé'; ver *ped(i)-*; f.hist. sXIII *pe*, sXIII *pees*, sXIII *péés*

peça *s.f.* (977 cf. JM^{3}) **15** NUMS antiga moeda de ouro portuguesa ETIM celta **pettìa* 'pedaço'; f.hist. 977 *peza*, sXIII *peça*

pereirina v. pau-pereira árvore (*Geissospermum laeve*) da fam. das apocináceas, nativa do Brasil (BA, MG, ES, RJ), com madeira de boa qualidade, própria para construção, cabos de ferramentas agrícolas etc., casca com alcalóides, us. como tônica e febrífuga,; camará, camará-de-bilro, camará-do-mato, canudo-amargoso, pau-de-pente, pau-forquilha, pau-para-toda-obra, pau-pente, pau-pereiro, pereiro, pinguaciba, tringuaba, ubaaçu

peroba v. peroba-rosa 1.1 árvore de até 20 m (*Aspidosperma polyneuron*), nativa do Brasil, de folhas elípticas, flores alvacentas ou esverdeadas e folículos clavado-oblongos; [A madeira é de cor amarelo-rosada, e a casca é amarga, adstringente e febrífuga.]

piacaba *s.f.* (1644 cf. DHA) **3** fibra obtida dessas palmeiras, us. na confecção de vassouras e escovas ⦿ETIM tupi *pïa'sawa* 'nome comum a diversas palmeiras; trançado de fibra de folhas de palmeiras, principalmente as do gên. *Attalea*; vassoura confeccionada com essas fibras'; f.hist. 1644 *priasaba*, 1678 *piasaba*, 1858 *piassába*

pichurim v. louro-pixurim 1árvore de até 20 m (*Nectandra pichurim*) da fam. das lauráceas, que ocorre do México ao Brasil (C.-O.), de folhas pilosas e reticuladas na face dorsal, flores brancas e aromáticas e bagas globosas; as folhas e os frutos são us. contra cólicas

3 piranga s. f. (1836) Rubrica: angiospermas. **4** trepadeira (*Arrabidaea chica*) da fam. das bignoniáceas, nativa do Brasil, melífera, de flores róseas ou violáceas e frutos capsulares, cultivada como ornamental e para extração de tintura vermelho-escura; cajuru, carajuru, chica, cipó-cruz, guajuru, guarajuru-piranga, oajuru, pirenga, quapiranga

piranha *s.f.* (1587 cf. NotBr) **1.2** ICT peixe (*Serrasalmus piraya*) encontrado nos rios São Francisco, Jaguaribe e Amazonas, com até 40 cm de comprimento, dorso oliváceo e ventre amarelado, podendo apresentar manchas nos flancos; ⦿ ETIM tupi *pi'rãya* lit. 'peixe com dente' us. como 'nome genérico de peixes vorazes da fam. dos caracídeos', comp. de *pi'ra* 'peixe' e *'ãya* 'com dente'; ver *-anha*; f.hist. 1786 *pirânha*

pitanga *s.f.* (1681 cf. AOCad) ANGIOS **1** o fruto da pitangueira **2** m.q. ***pitangueira*** ('designação comum') ⦿ ETIM tupi *pï'tanga* 'avermelhado, pardo, cor de cobre'

pitango v. bem-te-vi s.m. [1789 cf FASampH II36] Reg. **1** ornit.ave passeriforme (*Pitangus sulphuratus*), da fam. dos tiranídeos, que ocorre do Sul dos Estados Unidos à Patagônia; (…) bem-te-vi-de-coroa, bem-te-vi-verdadeiro, pitanguá, pitanguá-açu, pitauá, pituã, tevi, tivi, triste-sina, triste-vida [Bastante conhecida por seu canto e hábitos urbanos.]

polegada 1 metrologia.antiga medida de comprimento que tem mais ou menos a medida da segunda falange do dedo polegar, equivalendo a 2,75 cm; ⦿ ETIM úncia at.vulg. **pollicata*, der. de *pollex,ìcis* 'dedo polegar'; ver *poleg-*; f.hist. 1218 *pollicata*, sXIV *pollegadas*, 1629 *polegada*

porto /ô/ *s.m.* (1899 cf. CF[1]) red. de ***vinho do Porto*** *<tomar um cálice de p.>* □ inicial por vezes maiúsc.
português *s.m.* (sXIII cf. AGC) **1** indivíduo natural ou habitante de Portugal **2** LING língua indo-européia, do ramo itálico, grupo latino, originária do latim, mais especificamente, do *latim vulgar*; é a língua oficial de Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe; é tb. falada em Goa, Macau e Timor Leste □ cf. *galego*⊙ ETIM lat.tar. *portucalensis,e*, por intermédio de *portugalensis,e*, de *Portucális,is* 'Portugal' (< lat. *portu Cales* 'porto de Cale', f. vulg. de *Cales Portus*); ver *port(o)-*; f.hist. sXIII *portugaese*, sXIV *portugeese*, sXV *portugues*, sXV *portuguessa*, sXV *purtugueses*, sXV *portuguezes*, sXV *portugeses*, sXV *portugueeses*; registram-se as f. *portugalense*, *portugaês* e *portugales* em 924, 1297 e sXIV, respectivamente
portuguesismo **4** ling. empréstimo numa língua estrangeira de palavra ou construção portuguesa Ex.: a palavra
marmalade é um p. na língua inglesa [1858 português + *-ismo*; ver *port(o)-*; f.hist. 1858 *portuguezísmo*, 1899 *portuguesismo*]
púcaro *s.m.* (1380 cf. BDCast) **1** pequeno recipiente, com asa, us. para retirar líquido de recipientes maiores; púcara, búcaro **2** *p.ext.* caneco de lata □ p. de água *ant.* beberete servido esp. em festas de bodas; merenda ⊙ ETIM orig.contrv. ou mesmo obsc.; talvez do lat. *pocùlum,i* 'vaso de beber, copo', através de um dial. moç. a que se atribuem as mudanças do voc.; para Corominas, o esp. *búcaro* (1526-1539) deve ser emprt. ao port. *púcaro*
prancha
[2]**real** *s.m.* (1339 cf. Eluc) **2** ECON antiga base unitária do meio circulante brasileiro, em que as cédulas eram múltiplas e as moedas frações de mil ⊙ETIM segundo JM, de [1]*real*; ver *reg(i)-*; f.hist. 1339 *rayaaees*, 1371 *real*, 1426 *reaees.*
reco-reco 1música. instrumento de percussão feito de um gomo de bambu seco com entalhes transversais, sobre os quais se esfrega uma vareta, produzindo som rítmico para acompanhamento em música popular; ganzá, rapa, reque-reque, querequexé
romanceiro 2 coleção de romances, de obras narrativas escritas em prosa ou em verso, datados dos primeiros tempos da literatura na península Ibéricaesp. *romancero* (sXVI) 'cantador de romances; coleção de romances', ⊙ETIM der. do esp. *romance* (ver *romance*); o fr. adotou o voc. esp. no sXIX; em it., também no sXIX, aparece a vernaculização *romanzero, romanziero*, do esp. *romancero*; ver *rom(a)-*
sagu *s.m.* (1559 cf. FCastH) **2** *p.ext.* (*da acp. 1*) ALIM fécula extraída do caule dessas plantas, que constitui alimento básico para milhões de habitantes do Extremo Oriente; ⊙ ETIM mal. *sagu* 'certa palmeira da Malásia; a fécula dessa palmeira utilizada como alimento'; f.hist. 1559 *çagus*, 1561 *sagú*, 1613 *sagu*, 1841 *sago*
samba *s.m.* (1842 cf. DFB) **1** DNÇ ETN *B* dança de roda semelhante ao batuque, com dançarinos solistas e eventual presença da umbigada, difundida em todo o Brasil com variantes coreográficas e de acompanhamento instrumental [O samba urbano carioca foi tb., inicialmente, dança de roda.] ETIM banto, mas de étimo contrv; (...) conclui Nei Lopes que a raiz *semba* do umbd. seria o étimo remoto de *samba*; f.hist. 1842 *samba*, 1880 *semba*
sambaqui *s.m.* (1878 cf. TavMat) **1** ARQL acumulação pré-histórica de moluscos marinhos, fluviais ou terrestres realizada por índios, em que freq. se encontram ossos humanos, objetos de pedra, chifre e cerâmica □ cf. *kjökkenmödding* ETIM certamente orig. indígena; segundo AGC, de étimo tupi não identificado; Teodoro Sampaio e Silveira Bueno consideram alt. de *tambaqui* 'resíduo de ostras, o casqueiro', der. "de *ta'mba*, *sa'mba* 'concha' + *qui* 'amontoado' "; Nasc. deriva do tupi *tamba'kï*, com el. inicial *ta'mba* 'ostra, concha'; cp. *tambá* e *tambaqui*; f.hist. 1928 *sambaquís*
sambista *adj.2g.s.2g.* (1899 cf. CF[1]) *B* **1** que ou aquele que samba, que é exímio dançarino de samba; sambador, sambeiro **2** compositor de sambas **3** que ou aquele que tem atividades ligadas a escolas de samba; integrante ou freqüentador de escolas de samba ⊙ ETIM [1]*samba* + *-ista*
sambódromo *s.m.* (*1982-1984*) **1** construção com arquibancadas e pista de desfile us. para apresentação de agremiações carnavalescas (p.ex., as escolas de samba, os blocos) durante o carnaval ⊙ETIM [1]*samba* + *-o-* + *–dromo*, hibr. criado por Darci Ribeiro, então vice-governador do estado do Rio de Janeiro (1984), para designar essa construção projetada por Oscar Niemeyer
sambuco pequena embarcação costeira, na Índia; zambuco ⊙ETIM ár. *Sanbúk* 'id.'; f.hist. 1504 *çambuquos*

sarigüê *s.m.* (1560 cf. JanCart) MASTZOO *B N.E.* m.q. ***gambá*** ('designação comum') ⦿ETIM tupi *sari'gwe*; f.hist. 1560 *cerigoê*, 1576 *cerigoês*, c1584 *çariguê*, 1587 *serigoé* **it sariga**
saudade/au *ou* a-u/ *s.f.* (sXIII cf. CBN) **1** sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável (freq. us. tb. no pl.) ⦿ETIM lat. *solìtas,átis* 'unidade; f.hist. sXIII *soydade*, sXV *saudade*, sXV *soidade*, sXV *ssuydade*
seriema *s.f.* (1618 cf. AFBrand) ORN *B* **1** ave gruiforme da fam. dos cariamídeos (*Cariama cristata*), encontrada em campos e cerrados da Argentina, do Uruguai, Paraguai e da Bolívia ao Brasil central e oriental; atinge 90 cm de comprimento e possui plumagem cinzenta com tons pardos ou amarelados e um feixe de penas eriçadas na base do bico vermelho; sariema, seriema-de-pé-vermelho(...)⦿ ETIM tupi *sari'ama* 'ave gruiforme da fam. dos cariamídeos'; f.hist. 1618 *siriema*, 1751 *seriema*, 1792 *ceriemas*
serra *s.f.* (sXIII cf. FichIVPM) **3** *fig.* longa extensão de montanhas, montes ou penedias com picos e quebradas ⦿ ETIM lat. *serra,ae*; f.hist. sXIII *serra*, 1390 *çerra*, sXIV *sserras fig.* 'longa extensão de montanhas', 1446 *serra*, sXV *cero* 'instrumento de cortar'
serradela *s.f.* (1881 cf. CA[1]) ANGIOS planta de até 50 cm (*Ornithopus sativus*), da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, de flores róseas, pálidas, com veios violáceos, e vagens pardas, estreitadas nas articulações, nativa do Mediterrâneo e cultivada como melífera e como boa forrageira, com uma subespécie e uma variedade; serradela-estreita ⦿ ETIM segundo Nascentes, do lat. **serratella* por *serratula,ae* 'betônica'
sertão *s.m.* (sXV cf. FichIVPM) **1** região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas .**4** *B* toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos ⦿ ETIM orig.obsc.; JM registra que, "na opinião de certos autores, o voc. seria evolução do lat. **desertánu-*, com operações fonéticas ainda não suficientemente esclarecidas"; ver *sertan-*; f.hist. sXV *sertão*, sXV *sartão*, sXV *sertaão*, sXV *sertaão*
surilho v. zurrilho 1 mamífero carnívoro (*Conepatus chinga*), da fam. dos mustelídeos, encontrado esp. no Sul da América do Sul, em regiões campestres, de aspecto muito semelhante ao da jaritataca; jaguané, Jaguaré ⦿ ETIM plat. *zorrillo* mastzoo 'id.', der. do esp. *zorra* ou *zorro* 'raposa'
tael 1 unidade monetária e de peso da China, us. com valores diferentes nas diversas regiões do Sul da Ásia ⦿ ETIM mal. *tahil*
tamanduá *s.m.* (1560 cf. JAnCart) **1** MASTZOO design. comum aos mamíferos xenartros, da fam. dos mirmecofagídeos, com quatro spp., encontradas do México à Argentina; têm focinho longo e tubular, dentes ausentes, língua longa e pegajosa, e grandes garras nas patas anteriores, us. principalmente para abrir formigueiros e cupinzeiros; dzimba (*MOÇ*), papa-formigas, urso-formigueiro (*P MOÇ*), zimba (*MOÇ*) ⦿ ETIM tupi *tamandu'a* 'tipo de mamífero desdentado'; lit., segundo Teodoro Sampaio, 'caçador de formiga'; f.hist. 1560 *tamandoâ*, 1576 *tamendoás*, c1584 *tamanduâ*, 1587 *tamanduá*, c1594 *tamaedua*
tanga *s.f.* (1789 cf. MS[1]) **2** VEST pedaço de tecido ou de outro material, espécie de avental, us. por povos primitivos para cobrir do ventre às coxas; tangueiro **3** *p.ext.* VEST qualquer pedaço de pano ou de outro material us. para cobrir o sexo; tapa-sexo **4** *p.ana.* VEST parte inferior da roupa de banho esp. quando de dimensões mínimas ⦿ ETIM quimb. *tanga* ou *ntanga* 'pano, capa'
tangara *s.m.* (c1584 cf. FCarC) **1** ORN *B* design. comum a várias spp. de aves passeriformes da fam. dos piprídeos, encontradas em toda a América do Sul; machos ger. coloridos, esp. a cabeça, e fêmeas verdes [Os machos executam uma dança pré-nupcial para atrair as fêmeas para o acasalamento.] ⦿ ETIM tupi *tanga'ra* 'tipo de pássaro'; f.hist. c1584 *tangarã*, c1594 *tangara*, 1610 *tangará*, c1631 *tinguara*
tapioca *s.f.* (1587 cf. NotBr) **1** CUL *B* fécula comestível, extraída das raízes da mandioca ou do aipim, com que se preparam pratos doces e salgados **2** CUL *B N.E.* beiju feito dessa fécula e recheado de coco ralado ⦿ ETIM Nasc. registra o tupi *tïpï'og* 'sedimento, coágulo da mandioca crua coalhada'; ⦿ ETIM A.G. Cunha (DHPT) registra *tïpï'oka* 'fécula alimentícia da mandioca'; f.hist. 1618 *tapioqua*, c1631 *tapioquo*, 1663 *tapyoca*
Tapirapé *s.2g.* (1899 cf. CF[1]) ETNOL **1** indígena pertencente ao grupo dos tapirapés □ *s.m.* LING **4** grupo indígena que habita o Nordeste de Mato Grosso (Áreas Indígenas Tapirapé/Karajá e Urubu

Branco) e a ilha do Bananal TO (Parque do Araguaia) etnm.br.: *Tapirapé* ⦿ ETIM a datação é para o s.m.pl.
tapir *s.m.* (1851 cf. UCant) MASTZOO **1** design. comum aos mamíferos da fam. dos tapirídeos, de corpo pesado, membros curtos, os anteriores dotados de quatro dedos e os posteriores de três, todos terminados em pequenos cascos, cauda muito curta e focinho longo e flexível ⦿ ETIM para Nasc., red. do tupi *tapi'ira* 'semelhante à anta (boi, vaca), tomado como *anta* simplesmente'; no DHPT, tupi *tapi'ira* 'anta', designa, p.ext., animais de porte semelhante, boi, vaca; f.hist. 1851 *tapyr*, 1857 *tapir*
Tapuia *s. 2g.* (1858 cf. MS[6]) **8** ETNOL grupo indígena que habita o Noroeste de Goiás (Colônias Indígenas Carretão I e II) e que resulta da fusão dos xavantes com os caiapós **9** HIST grupos indígenas que não falavam línguas do tronco tupi, e que viviam no interior do país segundo Nasc., ⦿ ETIM tupi *ta'pïï*; em VocTG, *tapyya* 'índio considerado bárbaro pelos demais'; a filiação da acp. 6 a este étimo é puramente supositícia; f.hist. 1858 *tapuya*
tarefa *s.f.* (1619 cf. Arceb) **8** (1899) METR *B N.E.* certa medida agrária que varia de um estado para outro [Em Alagoas e Sergipe, equivale a 3.052 m^2, no Ceará, a 3.630 m^2 e, na Bahia, a 4.356 m^2.] ⦿ ETIM ár.vulg.*taríha* 'quantidade de trabalho que se impõe a alguém', der. do ár. *tarah* 'lançar, arrojar, impor a aquisição de uma mercadoria a um preço determinado'
tatu *s.m.* (1560 cf. JAnCart) **1** MASTZOO design. comum aos mamíferos xenartros da fam. dos dasipodídeos, encontrados do Sul dos E.U.A. à Argentina, de corpo protegido por uma forte carapaça, formada por placas que se conectam através da pele grossa e córnea [São animais terrestres e onívoros.] ⦿ ETIM tupi *ta'tu* 'designação de mamíferos desdentados da fam. dos dasipodídeos'; f.hist. 1560 *tatû*, a1576 *tatús*, c1586 *tactus*, 1592 *tatu*
teak v. teca [2] árvore (*Tectona grandis*) da fam. das labiadas, nativa da Índia, de folhas opostas e flores brancas em panículas terminais, cuja madeira amarela é us. em carpintaria, marcenaria e construção naval ⦿ ETIM lat.cien. gên. *Theka* (1763), do malaiala-tâmil *tekku*
telenovela *s.f.* (sXX cf. AGC) TV novela escrita diretamente ou adaptada (de obra literária, peça teatral etc.) para a televisão e ger. apresentada sob a forma de capítulos diários ⦿ ETIM *tele-* + *novela*; ver *nov(i/o)-*
telenovelistico
tifone v. tufão *s.m.* (1500 cf. NavCabr) **1** furacão nos mares do Oriente, esp. no da China **2** *p.ext.* vento muito forte; ventania, vendaval, pé-de-vento ⦿ ETIM ár. *túfán* 'inundação, dilúvio, cataclismo' **v tifone**
tolda *s.f.* (1551 cf. FCastH) **1** MAR m.q. ***toldo*** ('cobertura') **2** MAR parte do convés superior situada entre o mastro grande e o tombadilho ou entre o mastro grande e a popa, quando o navio não tem tombadilho **3** MAR *B N.* em certas embarcações, cobertura feita de palha, madeira etc. us. como telhado, própria para abrigar a carga e/ou os passageiros ⦿ ETIM 1551 toldo com alt. da vogal temática *-o* > *-a*
tucano *s.m.* (c1584 cf. FCarC) ORN *B* design. comum às aves piciformes do gên. *Ramphastos*, da fam. dos ranfastídeos, de maior porte que os araçaris, bico muito grande e forte, coloração preta, vermelha, laranja ou verde, e plumagem dorsal negra, com a garganta branca ou amarela cf. *ranfastídeo* ⦿ ETIM orig.duv.; segundo Nascentes, do tupi *tu'kã*; para AGC, do tupi *tu'kana*; segundo JM, talvez do tupi *tu* 'bico' + *cang* 'ósseo'; f.hist. c1584 *tucána*, 1587 *tucanos*, 1618 *tocanos*, 1721 *toucan* VOZ v. e subst
Tupinambá *s.2g.* (a1697 cf. AVFut) ETNOL **1** indígena pertencente ao grupo dos tupinambás *s.m.* LING ETNOL **4** grupo indígena, ⦿ ETIM segundo Teodoro Sampaio, tupi *tu'pi-nã-'mba* 'descendentes dos tupis', de *tu'pi* + *nã-'mba*, alt. de *ana'mba* 'derivado de parente, descendente'; f.hist. a1697 *topinamba*
tupinambi v. teiú[1] lagarto terrícola da fam. dos teiídeos (*Tupinambis teguixin*), encontrado do Norte do Brasil ao Norte da Argentina; lagarto, teiú-açu, tejo, teju, tejuaçu, tejuguaçu, tiú [É onívoro e mora em tocas.] ⦿ ETIM tupi *te'yu* 'designação genérica do lagarto, entre os indígenas'
varanda *s.f.* (sXV cf. AGC) **1** galeria ou compartimento aberto ger. protegido por uma cobertura e freq. constituindo prolongamento da edificação de que faz parte; alpendre, terraço **1.1** esse prolongamento ao rés-do-chão, na parte da frente e muitas vezes rodeando a casa, o sítio, a fazenda; alpendre, avarandado, varandado **2** balcão ou sacada, ⦿ ETIM esp. quando alpendrado ('recoberto' orig.contrv.; ver *varand-*

verandato v. avarandado adj. [1913 cf.CF2] **1** provido de varanda Ex.: janela a. s. m.**2** espécie de alpendre à frente ou em volta da casa

[2]vela *s.f.* (1314 cf. RLor) **1** ato de velar, de permanecer em vigília; velada, vigília **2** a pessoa que vela ou vigia; sentinela ⦿ ETIM regr. de [1]*velar*; ver *vig-*; f.hist. sXV *uellas*

veado *s.m.* (sXIV cf. FichIVPM) **4** *fig.* (*da acp. 1*) *B tab.* homossexual do sexo masculino ⦿ ETIM lat. *venátus,us* 'caça, produto da caça'; f.hist. sXIV *ueados*, sXV *veado*; o uso desta palavra, no Brasil, em sentido tabuístico e freq. disfêmico, não está explicado satisfatoriamente

zafra v. **safra** *s.f.* (sXV cf. FichIVPM) **1** conjunto dos produtos agrícolas de um ano; colheita ⦿ETIM orig.obsc.; f.hist. sXV *çafra*, a1587 *safra*

zaire *s.m.* ECON **1** meio através do qual eram efetuadas transações monetárias no antigo Zaire (África central) **1.1** *p.ext.* a cédula e a moeda (divisíveis em cem unidades menores, denominadas *makuta*) us. nessas transações ⦿ ETIM top. *Zaire*; cp. *zairense*

zebra /ê/ *s.f.* (1166 cf. JM[3]) **1** MASTZOO design. comum a quatro spp. de mamíferos africanos do gên. *Equus*, da fam. dos eqüídeos. **2** *p.ana.* faixa pintada em listas zebradas que cruza algumas ruas, avenidas e estradas, sobre a qual se deve fazer, em segurança, o trânsito dos pedestres; zebrado ⦿ ETIM orig.contrv.; prov. de um lat.vulg.; f.hist. 1166 *zeura*, 1262 *zeura*, sXIV *zevras*, 1721 *zebra*

zebrar *v.* (1845-1881 cf. CA[1]) **1** *t.d.* criar listras semelhantes às da pele da zebra em; listrar <*o pintor zebrou o muro*> **2** *bit.* cobrir (alguém ou algo) com matizes de listras <*z. de azul e verde um tecido amarelo*> <*para enriquecer sua fantasia de índio, zebrou o corpo de preto e vermelho*> ⦿ ETIM zebra + *-ar*; ver *zebr-*; f.hist. 1845-1881 *zebrado*, a1881 *zebrar*

zebrina *s.f.* ANGIOS design. comum às plantas do gên. *Zebrina*, sinonimizado com o gên. *Tradescantia*, da fam. das commelináceas ⦿ ETIM lat.cien. gên. *Zebrina* (1849); ver *zebr-*

zebrino *adj.* m.q. ***zebral*** ('relativo a', 'caracterizado por') ⦿ETIM zebra + *-ino*; ver *zebr-* □ PAR zebruno(adj.)

Atestações

acagiù "Vi sono ancora certe pere nomate Cajùs selvatiche molto sugose e sane, le quali nel cuore della state si mangiano con gusto e nella parte più bassa della pera spunta una certa fava che ha la buccia amarissima, ma 'l midollo è molto dolce e se si arrostisce e la pera ha la forza di rinfrescare e la fava di riscaldare." (Maf., 1589:64)
afoxé
agoti "fra i quadrupedi si usa adoperare le pelli di giaguari, tigri, lontre, aguti, e paca e poco uso si fa de quelle più morbide del tapeti e del porcellino d'India." (Vand., 1991:75-76)
aguarà volpe dell' Argentina; m., zool. Attraverso l'identico spagn. da una voce indigena guaranì. (DEI, 1950)
ai/aiai "parimenti ne viddi un altro assai più curioso, grande come una volpe, ma di moto tanto lento ch'e cosa incredibile, né si muove del suo passo né per carezze né per bastonate: i portoghesi questi lo chiamano "pigrizia"[101] nome molto confortevole alla sua destrezza."(Carli,1969:611)
aiapana (bot) specie di piante corombifere del genere eupatoria. L'infusione delle foglie si usa come quelle del tè. (Mortara, 1845)
alastrim med. Forma tropicale di vaiolo benigno. V. dotta, d'origine coloniale (Africa Occident. Sanaga) (DEI, 1950)
albatro s.m. (zool.) grande uccello marino, anzi fra essi il maggiore, proprio delle regioni calde. (Tommaseo, 1865)
albinismo s.m. (bot) [D. Pont] Stato anormale di una pianta in cui cessano di svilupparsi i materiali che la colorano in verde o detto altrimenti clorosi. (Tommaseo, 1865)
albino sost. masc. ed anche add. Uomo che ha la pelle bianca, quasi bianchi i capelli ed i peli, gli occhi rossici, e mal tolleranti la piena luce del giorno. (Crusca, 1746)
almadia "C'è un'altra sorte de barchette piccoline chiamate almadia e sonno pur tutte di un pezzo." (Vart., 1991:338)
alqueire "Questa quantità, calcolando 90 alqueires (13 litri) ciò che da noi da ogni uomo occupato nell' agricoltura, dimostra che sono necessari 616 mila uomini per i diversi compiti del campo." (Vand.,1991:66)
amaranto m., legno industriale brasiliano. Probabilmente da Amarante, città dello st. Pianhy, luogo di provenienza. (DEI, 1950)
[2]**amazzone** (St N) uccello del genere dell'ortolano – il quale si trova a Surinam ed in grossezza paragonasi alla nostra cingallegra. 2 giallo uccello dei generi dei pappagalli il quale ha tutto il corpo e la testa di un bellissimo giallo. (Mortara,1845)
amok (...)"sono obrigati ad ire a morire a volontà del loro signore: e chiamonsi questi tali già destinati alla morte amocchi, e quel re che più ne tiene è più possente (...)." (Sass.1991:909)
ananas "ma sopra tutti gli altri di qualunque contrada sono eccellentissimi "l'annanasse", il "conde" e la "guaianea", per altro è cosa verisimile che su la cima de' scogli l'aria sia amenissima e che vi si godano deliziose frescure. " (Cav.,1976:534). "dove pigliassimo gran fresco di galline, batate, pigne molto dolci (frutti invero più gentil che sia), carne de anta come vaca(…)." (Pigaff.1999:169)

[101] Nota: "è il bradipo"

andiroba "essendo la stagione delle alluvioni, buona parte delle foreste era sommersa, non sopravanzando qua e colà che le cime degli alberi, la più parte palmizi assacù, bacabà, miriti, patava, cravo o canella silvestre ed andiroba[102]." (Osc., 1854:242)
ani (zool.) specie di uccello della grossezza di un merlo ha per la sua gran coda una forma molto allungata. (Mortara,1845)
animiformi
aninga (zool) s.f. genere di uccelli palmipedi che hanno il collo sottile ed assai lungo (...) (Mortara,1845)
ara "gli ululi lamentevole delle scimmie (chrotos) e le strida delle Araras erano gli unici suoni che turbassero il silenzio di quelle maestose foreste." (Osc.1854:167)
araça "Questo arbusto cresce spontaneo nei campi e luoghi alpestri delle vicinanze di Rio-Janeiro, ove vien distinto col nome di Aracá do campo, e dove, anche coltivato, non perviene mai all'altezza del precedente" (Raddi,1976:97).
aracanga (zool) s.f. varietà dell'arara rossa – riguardata come una specie sotto il nome di psittacus aracanga (Mortara, 1845)
aracari (zool) s.m. genere d'uccelli formato con un divisione del genere tucano (...) se ne conoscono quattro specie che abitano l'America Meridionale.(Mortara,1845)
arapaima "Il pirarucù o Sudis gigas si trova nel rio delle Amazzoni e nell' Japurà; giunge alla lunghezza di 7 a 8 piedi; i naturali ne conservano la lingua che è rugosa, di cui si servono per grattare il guaranà." (Osc., 1854:219)
araponga
araribá "Dalla corteccia dell' albero arariba del Parà e Maranhão si ottiene un buon colore incarnato." (Vand.,1991:80)
ararauna "due coppie di splendidi grandi pappagalli rossi, dalla lunga coda azzurra[103], traversarono l'aria sopra di noi gridando il loro a-ra-ra, a-ra-rà ben marcato, dal quale prendono col nome; ed andarono a posarsi in un vicino boschetto". (Bogg.1895:64)
araroba polvere irritantissima che si ricava da una leguminosa brasiliana usata in medicina contro le malattia della pelle. andira araroba . (DEI, 1950)
areca "(...) mangiano con esse un certo frutto el quale se chiama coffolo, e l'arboro de ditto coffolo si chiama arecha[104], e si è fatto a modo di un pede de dattalo." (Vart., 1991:336)
arirai
auto [2] voce introdotta nel XV- XVI sec. da Gil Vicente. (DEI, 1950)
avocado
autodafé esecuzione di una sentenza del tribunale dell' inquisizione. (Petrocchi, 1887)
babaçu
bada (..) "per essere cosi bruttissimo e contrafatto, e più galante é la bada [105] un pezzo." (Sass.,1991:902)
bahiano
baia "Sabato, a sei septembre 1522, intrassimo nela baia[106] di San Lucar, sen disdoto omini e la magior parte infermi. (...). Dal tempo che partissimo de questa *baia* fin al giorno presente avevamo fatto catordici mille e quatrocento e saxanta leghe, il più compiuto circolo del mondo, del levante al ponente." (Pigaf.1999:571)

---

[102] Nota: " l' albero detto andirobeira produce una castagna rassomigliante moltissimo a quella d'Europa dalla quale si estraggono un olio da ardere (…)."
[103] Psittacus araraúna

[104] E il frutto dell'*Areca catechu*, uma palma diffusa in Oriente.

[105] Il rinoceronte, dal port. *abada o bada*, a sua volta derivato dal malese *badak*.

[106] Sono le prime atestazione certe.

bajadera s.f. da quelle donne indiane che rammentano le greche sacerdotesse di venere e il cui ministero è di balli e di garbi, (onde il titolo d'un componimento: Il dio e la bajadera) chiamano così taluni per cel. o per iron. Le cortigiane non delle più triviali. (Tommaseo, 1865)
baion nome di un ballo (1957) (Migl., 1963)
baleniere sost. Masc. Sorta di naviglio, così detto perché pare si adoperasse da prima nel dar caccia alle balene; poi per corseggiare e combattere. Capp. N. Comment. .62 t.(Crusca, 1866)
bambù "Note delle cose mandate ad Andrea Migliorati di Lisbona perché le invii a Fiorenza a ordine dell'Ill.mo Cardinal de'Medici. (...) I stuora di canna di bambù tessuta come panno." (Sass.,1991:919)
bambusaia sec. XX piantagione di bambusa (graminacea orig. della Cina coltivata da noi della metà dell'Ottocento. (DEI, 1950)
bananas "fa una sorte di frutte lunghe lunghe un palmo e altre meno, che chiamano bananas, grosse come un citriolo e da la buccia liscia." (Carl.,1969:70)
bananeto terreno coltivato a banane. (Migl., 1963)
bananicoltura coltura delle banane. (Migl., 1963)
bananiero agg. nave bananiera commercio bananiero. Anche sostantivo. (Migl., 1963); fig. Economicamente dipendente e politicamente degradato. – "una democrazia bananiera, ma niente affatto allegra (...) . Deriva dalla locuzione 'banana repubblic', espressione usata nella pubblicità per indicare un paese economicamente dipendente dall'estero, estratta dai film "Il dittatore dello stato libero di Bananas", di Woody Allen, 1971 e della canzone di De Gregori, "Banana repubblic". (Bencini, 1993
baneano "La maggior parte discendono da' Bramani, "Baniani", Ciarados; e questi sono un ottimo intendimento, docile nell'apprender le scienze, perspicaci, accorti e pronti." (Gemelli,1976:701)
barbatimào dal port. barbatimão (DEI, 1950)
barrigudo
baschina vc inserita nel lemma basco) parte della giacca femminile dalla vita al fianco (1890, M Serao) (sp baschina) (DELI,1978-88)
batea "Disse di piú il cacique che l'oro che si cava di quel fiume non lo ricogliono con bateas, che sono a modo d'uno bacil da barbiere con li manichi, dove lavano l'oro nell'acqua; anzi fanno in questo modo, che mettono la terra cavata della minera in un luogo a modo d'una fossa appresso l'acqua, e con una ruota cavano l'acqua del fiume e la fanno andar in quella fossa, e cosí lavano la terra: la qual lavata levano via l'acqua e ricogliono i grani dell'oro, che sono molti e grandi."(Ram.I, 1550:70) – batea "(...) e gli pongono accanto tutti i suoi attrezzi di caccia e di pesca, non eccettuando la batea, o bacino di legno colla quale lavava l'oro, i piffani ed altri strumenti pei loro balli, e fino i vezzi di piume". (Osc., 1854:114)
beberu albero della Guyana scoperto da Pizzarro nel 1539, usato per costruzioni navali. Bebiru. Século XIX (DEI,1950)
betel "E il re si piglia per devozione di non dormire per un anno con una donna o veramente de non mangiare betole[107]; le quale betole sono come foglie de melangole." (Vart., 1991:336)
boato
bonzo 'ma tutti con nome comune sono chiamati Bonzi, la piu parte nati di chiaro lignaggio.' (Maf., 1589:488)
bordaleira
bossa nova loc. port.in it. Si.f,inv. (mus.)bllo brasiliano derivante dal samba e dal bolero [lett.: tendenza nuova; orig. Bossa' è il bernaccolo'] (Mini,1994)
botoco
Botucudi indiani del Brasile. (Mortara,1845)
brasileiro brasiliano con una sfumatura esotica o folcloristica: "allo stesso modo stupisce l'accoppiata all'immancabile ritmo di lambada tra la sensuale brasileira e l'ultimo prodotto di casa Parmalat e il succo di maracujá Santal"(p.59) (Appare in uno spot pubblicitario su Panorama 6/5/90) (Bencini,1993)
buba "la prima però è il morbo gallico, detto "bobbe"[108]da' Portoghese, e corri fama che dall'America lo portassero. " (Cav.,1976:525)

---

[107] betole: le foglie del Piper betel (dal malayal, *vettila*)

buchero sost. masc. Genere di terra odorosa e colorata, per lo più rossastra, colla quale si formavano vasi nell'India e nel Portogallo, venuti in gran voga anche fra noi nel secolo XVII. Dallo spagn. búcaro – Magal. Operett. Var.243: Buchero italiano, indubitatamente da pucaro Varie operette di Lorenzo Magalotti, con giunta di otto lettere su le terre odorose d'Europa ed America, dette volgarmente buccheri. "Relazioni Varie". (Crusca, 1866); "E il mio labbro profanato si purifichi, s'immerga, si sommerga dentro un peccero indorato colmo in giro di quel vino del vitigno sì benigno che fiammeggia in Sansavino." (Redi,1940:161)
burraco
caapi
caatinga
caboclos "Le genti che abitavano questo paese sono detti "Tapuij" o "cabocoli", non in mori né bianchi, ma di color tané." (Carli,1969:610)
cacatua "Il cacatua è parimente uccello, non indiano, ma orientale e della China, di dove viene trasportato da portoghesi, chiamato da naturali Cachi, che vuol dire prezioso, per in fatti è tale, non solo per le condizioni proprie, che sono singolare, ma ancora per la rarità, trovandosene pochissimi." (Murc., 1678:425)
cacciu " (…) altre mercanzie, e drogherie di Cambaia, tra i quali vi è una drogha che noi altri non la conosciamo, che essi chiamano Pouchou e ven'è un'altra detta Cachou e l' altra Magican, che son agalas, che si portano da Levante in Cambaia per via della Mecca." (Ram. I, 1550:317); "Vi sono molti alberi ricchi di balsami, resine o gomme che gemono dalle incisioni; abbondante è l'albero del caoutchiuh, il quale da la gomma elastica, non che quello della copaiba, e il cacao silvestre." (Osc.,1854:201)
cachaça "Venne festeggiato il mio arrivo con un bancchetto che si potrassi fino all'alba, nel quali si fecero abbondanti libazioni di casciassa (acquavite del paese). (Osc.,1854:233)
cachoeira
cafusi (geog) popolo del Brasile (Mortara, 1845)
caingang
cainca s.f. (bot) é conosciuta sotto questo nome al Brasile la radice di una specie di Chiacocca (Chiacocca anguifufa, Mart), creduta efficace contro la morsicatura di un serpente detto Cahinca, Kahinca. É grossa quanto un dito, un po' rugosa, di color bruno gialliccio (...) Possiede proprietà emetiche e diuretiche piuttosto energiche, per cui venne introdotta nelle officine farmaceutiche d'Europa. (Tommaseo, 1865)
caipirinha s.f. port.bras. tipico liquore brasiliano composto da distillato di canna da zucchero (chiamato cachaza), con aggiuntura di zucchero e limone tipo lime e/o scorza di esso. (Mini, 1994)
caipiroska
calao (zoo) lo stesso che bucero. (Mortara, 1845) calao prima dignità dell' impero cinese. T. Zool. Uccelli delle regioni calde distinti per mole considerevole e becco molto grosso. (Petrocchi, 1887)
calerna
calumba con questo nome è distinta nelle officine una radice che viene in commercio – tagliata a pezzi rotondati (...) buon rimedio nelle dissenterie (Mortara, 1845)
camará pianta esotica del Brasile che si coltiva per ornamento. (Mortara, 1845)
campos
canada
canga
cangaceiro
cantiga
cão de agua
capibara "Si videro molti capibari (cavia cabibara), che pascolavano a torme nelle isolette; appena ci scorgevano, subito correvano a tuffarsi nell'acqua, nella quale nuotano a meraviglia, potendo ritenere a lungo la respirazione." (Osc., 1854:195)

---

[108] la sifilide, detta comunemente mal francese

capoeira s.f. bras. In it. plurale regolare capoeire. Danza raffigurante un combattimento, che viene eseguita, al suono di una musica di origine africana, dai discendenti brasiliani degli schiavi neri. (Mini, 1994)
caracara "Intorno alla loro origine quest'Indiani raccontavano che quando gli uomini furono creati e che le ricchezze furono divise fra essi, un caracara si lamentò di non vedere alcun Guaycuru sulla terra"(Bogg.,1895:27)
caragia
caragiura
caraipa
carambola Quasi tutte le conditioni, che sopra descrissi nella pianta del Bilimbo, potrei qui trascrivere per notitia di quella della Carambola, essendo la pianta non solo nell' apparenzan similicissima, ma ancora nella maggior parte dell' altre qualità la medesima.' (Murc., 1678:376)
caranda
carapo
carapa albero della Guiana (Petrocchi, 1887)
caravella Con felice augurio dunque allo 13 di Maggio 1501 per comandamento del re ci partimmo da Lisbona con tre caravelle armate e andammo a cercare il mondo nuovo e faccendo il viaggio verso ostro, navigamo venti mesi. (Ram.I, 1550:130)
caraya "Vi sono similmente numero infinito di quelle bertuccie che noi chiamiamo gatti mammoni, che hanno le code lunghe, nominate in quel paese dalli Portughesi "bugios", alle quali insegnano ballare ed a fare molti altri giochi." (Carl., 1969:71)
carbonado 'varietà nera durissima di diamante" (1892, Garollo) (Zolli, 1995)
carioca anche tipo di reggioetti. In Emilia, vecchia automobile trasformata in traino agricolo; vecchio autocarro che serve solo per traino di rimorchio; anche (Bologna, 1945), velocipede con la ruota anteriore di piccolo diametro, con portapacchi per il trasporto di piccole merci, Da carioca, nome di un ballo di moda (v), raccostato scherzosamente a carro. (Migl.,1963)
carnauba (bot) specie di piante della famiglia delle palme, poco conosciuta dai botanici. Siccome somministra della cera, così è a presumersi che sia la stessa che il cerosillo di Humbolt. (Mortara,1845)
caroba s.f. (bot) d. Ponto] Lo stesso che Caruba, Carruba, Carubbio, nome volgare della Ceratonia siliqua. (Tommaseo, 1865)
carrasco
cascalho
casta "le donne eleggono il marito, non il marito la mogli. Volendosi alcuna di loro casta maritare, si presenta con l'oblazione alla porta del tempio, chiedendo alli brahmani, che consultino l' oracolo, qual uomo più li convegni, per haver fortuna. (Murc.,1678:277)
catamarano "il qual circuito lo chiamano catamar, e non sanno far miglior cosa per star sicuri la notte; e che avevano incommodità grande d'acqua, perch'ella era fuori del circuito, e non bastava lor l'animo di menare a beverar li cavalli e mule senza gran compagnia di genti (Ram. I 116)
cauri "chiamanle qua caurim, in Portogalo buzio." (Sass.,1991:928)
cavia frequentemente come apposizione: "un pilota cavia', 'una classe cavia', per indicare le persone assoggettate ad esperimenti vari. (Migl.,1963);
ceara
centavo
cerrado
chapada
china
churrascaria
churrasco "Secondo le notizie pervenuteci consisteva in un rancho – una piccola abitazione per la povera gente di campagna – costrutto da Malheiros, il ricco fazendeiro di Corumbá per ripararvi la sua gente di passaggio da quelle parti con le mandrie di buoi o di cavalli." (Bogg. 1895:4)
ciaccota s.f. (Mus) [Ross] Aria di un'antica danza portoghese. Don. 9.259 Lasciano le ciaccone, le saravande, i passacagli, le ciacotte portoghesi e tante altre arie straniere. (Tommaseo, 1865)
claves

caragiura "In localita di Balsemão alla Cascata dei Pamos nel Rio Madeira, dalle foglie dell' albero, chiamato curagiru si estrae una tinta quasi come quella del carminio." (Vand.,1991:79)
coati "tatu, tamandua aggiugi le lepri (lepus brasiliensins), i coati che si pascono le formiche, la mucura, l'armadillo o tatou, il tamandua o formichiere e tanti altri animali dei quali sarebbe troppo lunga l'enumerazione." (Osc., 1854:248)
cobra voce portoghese nome dato dai naturalisti ad alcune serpenti. Cobra che viene dal Brasile (Mortara, 1845)
cocco "Caricano risi, cocchi, cioè noci d'India, olio di cocchi e cotali mercanzie di poco stoffo (...)." (Sass.,1991:929)
coguaro "Fra i quadrupedi si usa adoperare le pelli di giaguari, tigri, lontre, aguti, e paca e poco uso si fa de quelle piu morbide del tapeti e del porcellino d'India." (Vand.1991:76)
commando reparto di pochi soldati, incaricato di missioni speciali e di sorpresa durante la guerra boera" .vc inglesa (1942) dal port. Commando 'comando. (DEI,1950)
concelhos
copaibe "Di alcune piante ancora, che chiamano Copaibe, intagliando di state la corteccia, esce a guisa di balsamo un liquore d'odore soavissimo, il quale dicono che ha meravigliosa virtù, oltre agli usi umani , di risanare le ferite e di tor via le margini." (Maf.,1589:61)
copra "Di questa medesima copra si fa ne'torchi l'oglio, sì come noi lo facciamo delle oliue, & se ne fa assai quantità" (Acosta,1585:80)
copraolo
cornac da como cornaccià ant. (XVII sec, gemelli), domatori di elefanti dal port. Cornaca e questo forse dal singalese kurawa. (DEI, 1950)
cruzeiro numism. Unita monetaroia brasiliana 1942 v. Port. Da cruz "croce" dcfr. Crociato. (DEI, 1950)
dido/dodo XVI sec. Ornit. Grosso piccione dell'isola Maurizio scomparso dalla fine del XVII sec. Scoperto nel 1507, port. Doudo, semplicione. (DEI, 1950)
eira sec. XIX zool. Dal tupi erara non dice che è port. (DEI, 1950)
escudo "questo caso ha dato gran travaglio a' coloni dell' India perciocché hanno perduto il valsente di quattrocento mila scudi, e molte persone e sono perciò rimaste molte donne vedove, e povere.(Maf., 1589:876)
fado canzone popolare portoghese (Migl., 1963)
fanga
favas pietra del fondo marino, che ha la forma ed il colore di una fava nera' *truouasti pedras chomo faua e seride* (Pietro de Versi, 1544, p.246)
favela (port) baraccopoli delle metropoli brasiliane (1964). Un territorio di case povere, non ancora una favela: la favela è più in là (U. Eco, Sette anni di desiderio. Milano Bompianti,1983, p. 22) (Lurati, 1990)
favelados abitanti di una favela. C'erano tutti i favelados e c'erano i generali. (Pa 27.08.1984) Il candidato a governatore di San Paolo Maluf proponeva lager per i detenuti e l'eliminazione fisica dei "favelados" (Pa. 23.08.1987). (p. 75) (Lurati, 1990)
fazenda (port) s.f. grande tenuta agricola dell'America Latina. "Proprietario di una fazenda nel Cile".M. Venturoli, Lo spreccadonne. (Vaccaro, 1966)
fazendeiro "Secondo le notizie pervenuteci consisteva in un rancho – una piccola abitazione per la povera gente di campagna – costrutto da Malheiros, il ricco fazendeiro di Corumbá per ripararvi la sua gente di passaggio da quelle parti con le mandrie di buoi o di cavalli." (Bogg.,1895:4)
feijoa
feticcio "Siccome quanto più si andava innanzi, tanto più il luogo si popolava di tali creduti abituri e simulava un villaggio abbandonato, ne interrogava i negri, che non sapeano risponder altro che fetisc, senore, fetisc". (Osc.1854:137)
fluminense di Rio de Janeiro, abitante di Rio. Voce dotta; Il nome popolare è carioca. (v) (Migl., 1963)
gallego "Era con lui quella fanciulla, quella che ritrovò ne la selvaggia grotta, del re galego la figlia Issabela, in poter già de' malandrin condotta." (Ariosto, canto 23:54)
ganta Ramusio XVI sec misura di capacità in uso nelle isole Filippine, dal portoghese ganta di origine malese. (DEI,1950);

garimpeiro
garopera
garoupa
geral "La maggior parte però di coloro che frequentano i villaggi, conosce la lingua geral (general) che è la più usata lungo il corso delle Amazzoni, oltre alla lingua portoghese che si parla in ogni villaggio del Brasile dagli indiani convertiti al cristianesimo." (Osc., 1854:220)
giangadas "Questi giangadas sono uomini Gentili li quali compromettendo per poca merce la propria vita , e di tutti i suoi congiunti, per sicurezza dei passaggi eri, li fanno scorta da un luogo all' altro, con rigorosa osservanza di fede." (Murc., 1678:135) ; "La mattina dei 22, alla distanza di miglia 30 circa dalla costa, trovai alcune giancade che pescavano, il che mi accertò l'approssimazione di Pernambuco, mi diressi su la terra, ed allo spuntar del sole scopersi il capo S. Agostino." (C.Albini, in Isenburg, 1989: 110)
giunca "Questa nazione, fra tutte le altre, solamente può venire nella Cina con vascelli, quali sono molto grandi e chiamanli "giunchi", né quali portano le loro mercanzie per vendere a' Cinesi." (Carl.,1969:212)
guara
guaranà "il guaranà è un composto di frutta silvestre preparato massime col sorbillum brasiliensis (specie di cilegio). Quest'arboscello cresce in abbondanza alle sponde del Tapayos, da un frutto posso dissimile dal nocciolo." (Osc., 1854:263)
guarani
guaranina
guinare
iaborandi "Jaborandi trigynia (Vand., 1788:3)
iaborina XIX sec. Alcaloide. (DEI, 1950)
iacamar XIX sec. Ornit genere di passeracei levirostri galbulidi dell'America tropicale. V. brasiliana. Lat. Sc. Galbula. (DEI, 1950)
iacanide = jacana (zool.) uccello del Brasile (Mortara, 1845)
iacarandà XIX sec. Bot. Genere di bignoniacee a legno pregiato, usata contro la sifilide e l'uretrite. V. brasiliana. (DEI, 1950)
iacarandina XIX sec. Chim. Materia tintoria tratta la 'iacarandà'. (DEI, 1950)
igapo geogr. Formazione particolare di bosco nel bacino del fiume delle Amazzoni, in cui i tronchi per tre o quattro mesi dell' anno stanno sommersi nell' acqua. V. americana. (DEI, 1950)
igname " (...) danno loro a mangiare del medesimo che vivono nella terra loro, che sono certe barbe come quelle del ghiaggiuolo[109], che crude o cotto, chi non lo sapesse le giudicherebbe castagne." (Sass.,1991: 887)
imbarazzamento sost. masc. L'atto e l'effetto dell'imbarazzare; ed atresí cio che imbarazza, impedisce; impedimento. Machiav. Leg.comm. 4,262: sarà possibile per questa via e con questi imbarazzamenti defendere la Marca. (Crusca:1866)
imbarazzante part. Pres. Di imbarazzare, che imbarazza. § in forma d'add. che da *imbarazzato* part. pass. di imbarazzare. (Crusca:1866)
imbarazzo sost. masc. L'imbarazzare, e più spesso ciò che imbarazza, impaccio parlandosi di cosa che si porti addosso. Spagn. embarazo, franc. embarras, che è dalla particella en e da barre. (Crusca:1866)
imbarazzare "Il governatore fece lasciare libere tutte le pecore, che erano gran quantità e imbarazzavano il campo: ordinò che i Christiani ogni giorno n' ammazzassero quanto loro ne bisognavano." (Ram. III,1550:389)
inambu "dopo breve tempo essi tornarono con una discreta preda, oltre ad una dozzina d'uova dell' inanbu, gallinacceo non dissimile dal pollo, le cui uova sono di un bel colore azzurro." (Osc., 1854:259)
inga corteccia d'una pianta del Brasile (T) (Petrocchi, 1887)

---

[109] Probabilmente la radice chiamata dai negri si San Thomé *igname* e la piantano come cosa principale del suo vivere.

ipecacuana "Ipecacuanha etiamnum quoad genus ignota est, licet Medicis frequentissima." (Vand.,1788:84)
ipecacuanico
jabiru Iabirù [1827 Vanzon] ornit. generi di trampoliere americano dallo spagnolo (1643). (DEI,1950)
jararaca a. 1850 zool. Serpente velenoso del Brasile, dall'identico nome tupi e guaranì.
jararacuçu
kraal "passammo il retiro che è formato d'un corral e di pochi ranchos assai miserabili, i quali danno un'idea abbastanza luminosa della tircheria di questo grande fra i grandi fazendeiros del Brasile che possiede tanto numeroso bestiame da non poterlo contare"(Bogg.,1895:212) ; "(…) in una corte tutta murata e serrata fortemente, la qual corte ha una porta sola: e quivi serrano le vacche loro, dalle quali cavano il latte e butiro, e così gli animali minuti, come pecore, muli, asini. E oltra che tengono la porta serrata tutta la notte, fanno ancora fuochi alla porta e mettonvi uomini che fanno la guardia, per paura delle fiere che vanno attorno le loro abitazioni." (Ram.I,1550:317)
labrador s.m.port.-ingl. In it. inv. 1. Razza di cane da caccia originaria del Labrador, regione nord-orientale dl Canada. 2. Qualità di baccalà proveniente dal Labrador. (Mini, 1994)
lambada il movimentato ballo diventa nel linguaggio sportivo sinonimo di "gioco vivace, frizzante: "il Brasile si qualifica nelle ottavi, la lambada potrebbe diventare più travolgente"(la Nazione, 17/06/90) o nel linguaggio politico "(...) e allora comincia la lambada di Montecitorio". Prima dei giornalisti sono stati i politici ad usare il termine, collegandolo all'immagine del giro di valzer (improvviso cambio di alleanze). Altra associazione, simbolo di fenomeno di moda, quindi efemero, "le è mai sorto il dubbio che il suo "Pendolo" sia passato come un fenomeno di moda una specie di lambada letteraria che nessuno ha potuto ignorare perché non si fischiava altro?" (Bencini, 1993)
lisbonese add. Pron. Com. Di Lisbona (Mortara, 1845)
lambadero ballerino di lambada (Giornale 30-4-90) (Bencini, 1993)
Lusiadi poema di Camões che canta il viaggio di Vasco da Gama. (Petrocchi, 1887)
lisbonese add. Pron. Com. Di Lisbona. (Mortara,1845)
lisbonina moneta d'oro di Portogallo. (Mortara,1845)
lori specie di papagallo. (Mortara,1845) NO CORPUS =E MACACO Petrocchi papagallo; lori 'piccola proscimmia indiana con tronco esile, capo piccolo e tondeggiante e grandissimi occhi rossi luminescente' (1803, d"alb.) fr. loris che sarebbe il nome dato dal Buffon a queste proscimmie, ricorrendo al neerl ant. Oeris ' buffone, clown'(DELI, 1978-88)
lusiade poema di Camões che canta il viaggio di Vasco da Gama. (Petrocchi, 1887)
macacco sorta di scimmia o bertuccione, di mediocre statura , di corpo grosso e tozzo, e con corta coda; ed è il Macacus cynomolgus dei Naturalisti. § dicesi volgamente per ingiuria a persona brutta e goffa.(Crusca, 1866)
macao 'parrocchetto' (1875, Lessona; di origine indostana) (Zolli, 1995)
machete
macumba festa religiosa, cerimonia publica (in Brasile, Cile, ecc; anche stregoneria, riunione di magia nera) – voce di origine africana passata nello spagnolo e nel portoghese d'America), forse legata al nome che sida nel.Congo agli ombelichi (makumba, plurale di kumba). (Cortelazzo, 1986)
macuta
manachin piccolo e bello uccello dell'America. (Mortara,1845)
mandarino "Ma le persone litterate parlano una lingua che si chiama manderina, cioè delli uomini litterati, che tanto suona "manderino." (Carl.,1969:199).
mangabeira = mangaiba (mangabeira) XIX sec. Bot. Genere di apocinee brasiliane. Lat. Sc. Hancornia speciosa; tupi e guarani mangahiba venuto per tramite del francese mangaibe mentre le altre lingue hanno accolto il portoghese mangaba che continua la variante guarani mangaba. (DEI, 1950)
mangelino "(...) uno che vi portò in Goa un ambasciatore del suddetto re di Mogor, in forma di piramide, che pesava centosessanta "mangelini", che vengono a essere duecento carati, essendo che il mangelino risponde a cinque de' nostri grani (...)." (Carl.,1969:229); ant. (XVI sec. Carletti) piccolo peso per diamanti usato nell'India, di gr. 0,372; portoghese mangelin, passato al fr. Mangelin. (DEI, 1950)
mangostano "Vi sono ancora in Malacca diverse altre frutte, come li mangostani, proporzionatissime per levare la sete, ed inoltre di gusto e sapore similmente mirabile." (Carl.,1969:218)

mango "Se trova quivi ancora un altro frutto che si chiama amba, el pede suo si chiama manga[110]. (Vart., 1991:342)
mangusta (zool) sf. Specie di mammifero ossia quadrupede assi domestico in Egitto (...)(Mortara,1845)
manioca "Insino a questi tempi non hanno mai avuto né vino né grano, e vivono d´una radice che seminano e ne fanno farina, la quale nomano Mandioca, e sotto il medesimo tetto (...)." (Maf., 1589:107)
marabut sacerdote maomettano custode di una moschea. (Tommaseo, 1865)
maraca "al sonaglio – itanmaraca." (Pigaf.,1999:175)
maracaia [a.1787, Molina] zool. Specie di gatto selvatico delle pampa. Port. maracajá (a. 1587). (DEI, 1950)
maracuja "Tali sono per esempio l'anannasso, il caffè, la canna da zucchero (Saccharum oficinarum L.), il Giambro, (Eugenia Jambos), la murucuja, o maracuja (Passiflora alata) (Raddi,1984:375)
margosa XIX sec. Bot. Albero della famiglia delle meliacee originario dell' india da cui semi si ricavba un olio usato come combustibile e in medicina. Lat.sc, melia azedarach, port. amargosa. (DEI, 1950)
margosico
marmellata "Que' mori di Barbesia hanno poi loro dimostrato, che bisogna altro che pappare una buona marmellata... a farsi ridottare." (Sass., 1991:138)
marupa
mascavato "nasce ancora gran quantità di zucchero, ma non lo fanno ben cuocere né purgare, perciò il detto zucchero è di color nero, onde a questa città vengono molti mercanti di Fez, di Marocco e dal paese de' negri a comprarne." (Ram.I, 1550:15)
matamata [a. 1780, zool. Piccola tartaruga dekk' America del Sud. Lat.sc. chelus matamata] tupi matamatá, port. (DEI, 1950)
milreis XIX sec. Numism. Antica unita monetaria del Portogallo e del Brasile, ora sostituita dallo scudo. Cfr. reis (che è il plur.di real). (DEI, 1950)
moco
monesia a. 1875, Lessona] saponina estratta dalla m. albero originario del Brasile, la cui corteccia è usata come tonico ed astringente. Dal brasiliano monesia. (DEI, 1950)
mordescino "ancorché per detto male hanno un'erba ad esso, che chiamano dell'istesso nome mordescin." (Carl.,1969:223)
morna
mulatto "La quarta parte quasi de'cittadini sarà di "mulati" cioè nati di nera e di bianco." (Gemelli,1976:701)
mussurana XX sec. Zool. Serpente domestico del Brasile, port. mussurana, propriam. Corda colla quale gli indigini del Brasile legavano i prigionieri. Probabilmente voce india. (DEI, 1950)
nandiroba a. 1831 , bot. Dal tupi andiroba, per la nasale iniziale cfr. lo spagn. Inhanduruba. (DEI, 1950)
nambi-uvu
nandu (v. Struzzo) Vocabolario dell' idioma caduveo (Bogg.1895)
ocuba
orraca "di modo che pigliamo li detti 2 giunchi venivano carichi di pesce salato, riso, urrache[111], cioè, vino di palma, cochi e pani di palma." (Emp.1991:415)
paca "Fra i quadrupedi si usa adoperare le pelli di giaguari, tigri, lontre, aguti, e paca e poco uso si fa de quelle più morbide del tapeti e del porcellino d'India." (Vand.1991:76-76)

---

[110] In realtà il termine manga è di origine tamil *(mànkay)* mentre am o amba, próprio dell'India Setentrionale deriva dal sânscrito.

[111] "urrache...palme: dall' arabo 'araq' (traspirazione), é un termine che si applica a vari tipi di bevande alcoliche in Oriente.

palanchino "Le donne non si vedono mai andare a piede per le strade, eccetto quel poco di spazio che fanno per entrare nelle chiese, scese dal palanchino, il quale è un bel mezzano per andare dove loro piace." (Carl.,1969:237)
pagode "Hanno certe loro chiese con idoli, che chiamavano pagodi, dove vanno a farsi schiavi dell'abisso."(Sass.,1991:902). "Li cavalli pagano di nolo la meta e a uscire di qui 40 *pagodes* d'oro cuniato, che sono tanti scudi d'oro in oro." (Sass. 1932:134)
paranco "alcuni navilii piccoli si chimanno parao e sono legni di rosso de 10 passi." (Vart., 1991:338) ; t. mar. ogni sorta di carrucole, di più dimensioni(Petrocchi, 1887)
patacco moneta vile e talora si prende generalmente per danaro (da patac – nome di una moneta di Avignone che valeva due tanari tornesi. (Mortara,1845)
peroba a.1927 Piccioli] bot. Alber brasiliano de cui si usa il legno. Lat. Sc. Tecoma peroba; port. peroba albero delle bignonacee, dal tupi peroba. (DEI, 1950)
piassava "uno fra i tanti prodotti meritevoli di speciale menzione si è quello che gli indiani cavano dalla piassaba." (Osc., 1854:247)
pichurim a. 1813] bot. Pianta delle laureacee da cui deriva l'acido pichurico; v. tupi passata alle lingue di cultura. (DEI, 1950)
piragna "Alcuni vocaboli de questi popoli del Verzín: (...) alla forbice – pirame[112] (Pigaf.,1999:175)
pitanga a 1927] Piccioli] bot. Genere di mirtacce americane lat sc. Eugenia mitchelii port. pitanga, dal tupi pitanga. (DEI, 1950)
porto[4] vino liquoroso portoghese, di colore brillante e dal sottile aroma' (av. 1889, Cusmano)dalla località portoghese di Oporto (DELI,1978-88)
reale/reis "essendo che il "reale" de otto reali, che in Portogallo vale trentoventi "reis", in India vale quattrocentottanta e quattrocentottantaquattro reis." (Carl.,1969:243)
sago/sagu "L'usano quasi solo per portare in maree lo chiamano saghu." (Pigaf.1999:294)
samba ballo tipico brasiliano (1945). La parola in Italia è usata al femm., ma in portoghese è maschile (Migl., 1963)
sambaquì XIX sec. Ammassi conchiliferi del Brasile; v. port. dal tupi samba qui, senambi tambaki.v. passata nella terminologia scientifica. (DEI, 1950)
sambuco "El nome delli soi navilii: alcuni si chiamano sambuchi, e questi sonno piani di sotto." (Vart., 1991:338)
saudade voce portoghese, intraducibile (etimologicamente, è il lat. sòlitas, -atis = solitudine). Rimpianto di una cosa che non è più, unita con il vago desiderio di riaverla. Può essere nostalgia della gioventù. D'una foresta diboscata, d'un molino scomparso, di un bambino morto. (Migl., 1963)
sariga sorta di mammiferi marsupiali americani. (Petrocchi, 1887)
Setubal XIX sec.; vino di lusso portoghese, dall'omonima città. In Portogallo . (DEI, 1950).
tael "(...) e dieci maes fanno un "tael", che risponde a peso il valore di undici reali di Spagna." (Carl.,1969:56).
tamandua "É di meraviglia ancora la maniera di quelle bestie, che chiamano Tamendoe che sono alte quanto un castratto, di color bruno col muso molto lungo e sottile, il quale non é aperto fino alle gote, ma tagliato a basso mezzanamente." (Maf.,1589:62); aggiugi le lepri (lepus brasiliensins), i coati che si pascono le formiche, la mucura, l'armadillo o tatou, il tamandua o formichiere e tanti altri animali dei quali sarebbe troppo lunga l'enumerazione." (Osc.1854:248)
tanagra 1 a. 1831 ornit XIX sec. Ornit. Genere di uccelli esotici, latin sc. Tanagra. Port. tangara, a. 1590-1560. (DEI, 1950)
tanga "tanga (drappo muliebre)" Vocabolario dell'idioma caduveo (Bogg.1854); "sono come un pezzo d'argento lungo e addoppiato, battuto da ogni banda con stampa di persia, e queste si chiamano tanghe." (Caraci, 1991:503)

---

[112] *pirame*: en tupi *piraña* , nome de voraz e bem conhecido peixe, que passou a indicar 'tesoura', depois que os índios tiveram contato com este utensílio. Lemos Barbosa no seu Pequeno vocabulário registra como "neologismo semântico". (Nota crítica).

Gonçalves Dias no *seu Dicionário de Tupi* (1970) inclui os dois significados: tesoura e peixe. (obs. nossa)

tapioca "(...) ove gli gettano a piene mani farina bianca o tapioca negli occhi e nella bocca, sulla testa e persino entro gli abiti da ridurre il meschino in uno stato di cecità e di soffocamento." (Osc., 1854:251)
tapiro "Ma ben più vivo fu il mio dolore allor che m'accorse d'essere scomparso il tapiro." (Osc.,1854:90)
Tapuia "Le genti che abitavano questo paese sono detti "Tapuij" o "cabocoli", non in mori né bianchi, ma di color tané. (Carli,1969:610)
tarefa antica misura di superficie usata in Brasile. (DEI, 1950)
tatu "ma le "tatuse", di vista insolita, di grandezza come porcelletti, hanno nella pelle alcune scaglie a somiglianza delle barde de' cavalli armati, e cavano fuori di essa solo il capo, come le testuggine, e tengono i piè rannicchiati, e si stanno per terre, come i conigli, e queste ancora hanno carni gratissime al gusto." (Maf.,1589:62)
tek\teak 'verbenacea arborea dell'Asia Tropicale a foglie intere e verticillate, coltivata per il legno (1813, Stratico) dal suo n. malese tekka, trasmesso in Europa dai portoghesi (sec. XVI: teca) (DELI,1978-88)
telenovela s.f. teleromanzo a carattere popolare di origine latino-americana: veniva trasmesso in centinaia di puntate e poteva durare anche dieci anni mantenendo più o meno intatto il suo pubblico, composto soprattutto di casalinghe, pensionati, ragazzi in età scolare, ecc. In Italia, le più famose telenovelas dei banali anni ottanta furono Dallas, Dinasty e Capitol, la cui fine viene così annunciata da un giornale: "Termina Capitol, 584 puntate e non è mai successo niente". Ma era appunto questo il motivo per cui le telenovelas piacevano, perché riproducevano in modo patinato la banalità della Storia e della vita: dove succede assolutamente tutto, non cambia mai nulla e tutto si ripete; una solfa che dura da migliaia di anni e chissà per quanto ancora durerà, se le previsioni dei catastrofisti si riveleranno sbagliate. (Vassali, 1989)
telenovellare ver.trans. muoversi tra le intricate vicende delle telenovelas: **telenovellando** (titolo di una rubrica del Radiocorriere TV 17/23-3-91, con riassunti dei principali serial televisivi della settimana) (Bencini, 1993)
tifone "per dare fine a questo ragionamento, dico di più che in questo mare alcuni anno regnano nel tempo della state certi venti, che li Portoghesi chiamano "tuffoni", i quali sono una rabbia di venti che (...)." (Carl.,1969:211)
tolda lett. La coperta della nave. (Petrocchi, 1887)
tucano "rallegrati dal canto d' inumerevoli uccelli a colori vivacissimi, fra i quali si notavano molte specie di toucani (raphastus dicolorus), oltre a sciami d'insetti a tinte brillanti." (Osc., 1854:28)
tupinambi "Tupinambi monitor: é comunissimo questo sauro nelle vicinanze di Rio de Janeiro, dove è conosciuto sotto la volgare denominazione di Lagarto Grande." (Raddi, 1976:125)
veranda una specie di verone a vetri o in forma di casa rustica aggiunta a qualche edificio. (Petrocchi, 1887)
viado travestito di origine brasiliana dedito alla prostituzione. Non perde colpi la voga dei viados. (...) In Brasile viado viene usato alternativamente come bicha- cioè animalino, non un emblema di coraggio maschile – e indica anche, gli omosessuali in generale. Per analogia con l'altro termine, qualcuno fa discendere viado dalla parola veado, che indica un cervo dalle piccole corna (Eu 28.07.1989) (Lurati,1990)
zebra "Le zebre di angola forse in questo regno so potrebbero addomesticare, come già si è cominciato per il uso del letame e per fare un ramo più in commercio. (Vand., 1991:76)